This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
LIBRARIES
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
ARTES · SCIENTIA · VERITAS
1817

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XXXVI)

CHRONICA

D'EL-REI D. SEBASTIÃO

POR

FR. BERNARDO DA CRUZ

VOLUME I

ESCRIPTORIO
147 = RUA DOS RETROZEIROS = 147
LISBOA

1903

DP
612
.C92
1963
v.1-2

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XXXVI)

CHRONICA

D'EL-REI D. SEBASTIÃO

POR

FR. BERNARDO DA CRUZ

VOLUME I

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

1903

CoL
CoL
V. Beethoven
11-5-70
853684-190
add vol.

PROLOGO

As memorias que nos restam da vida de Fr. Bernardo da Cruz são extremamente escassas. O primeiro escriptor que d'elle fallou foi o illustre Cenaculo; e o auctor da Bibliotheca Lusitana nem sequer suspeitou a sua existencia. Das *Memorias Historicas dos Progressos e Restabelecimento das Letras*, livro eruditissimo do Bispo de Beja (então Geral da Terceira Ordem da Penitencia), e das duas obras de Fr. Vicente Salgado: — *Compendio Historico* e *Origem e Progresso das Linguas Orientaes*, — tirámos a breve noticia que d'elle podemos dar.

Fr. Bernardo da Cruz, frade da Terceira Ordem, viveu na segunda metade do seculo deseseis: parece ter sido conspicuo pelo seu saber, e que por esse motivo occupou varios empregos monasticos. Antes d'elle não se encontra o cargo de Capellão-mór da armada; e assim é tido pelo primeiro, a quem se conferiu este titulo. Como tal embarcou-se na frota que transportou á Africa El-Rei D. Sebastião e o seu exercito, para a fatal jornada de Alcacer-quibir. De lá, ou porque escapasse da batalha, ou porque tivesse ficado a bordo da armada, voltou a Portugal, onde escreveu a

Historia do reinado de D. Sebastião e de parte do governo do Cardeal D. Henrique. O logar e o anno do seu nascimento, e a epocha da sua morte, não o podémos saber: mas é certo que elle ainda vivia no tempo da usurpação de Philippe II.

Como historiador Fr. Bernardo da Cruz tem meritos e defeitos, quanto nos é licito julgar pelas copias que da sua obra nos restam. Em nosso entender o plano do livro foi bem traçado. O reinado de D. Sebastião é notavel por um facto unico — a perda em Africa — á roda do qual só apparecem mesquinhos enredos de côrte, traições de conselheiros vendidos, e loucuras de mancebos. A duas nações pertence aquelle tremendo facto, que influiu, quasi exclusivamente, na futura sorte de Africa e de Portugal. Era pois para o esclarecer, para o mostrar a todas as luzes possiveis, que se deviam reunir noticias, e o historiador o alcançou, fazendo caminhar os annaes de Berberia a par dos annaes portuguezes. Para aquelles precisava de consultar as historias berberescas, e d'aqui podemos inferir que era versado no arabe; mas d'essa leitura, que necessariamente teve, nasceu talvez o seu maior defeito — o luxo demasiado do estilo, e as repetições ociosas, em que quasi sempre abunda.

A Academia Real das Sciencias já em 1825 havia promettido imprimir a Chronica por nós agora publicada; porém esta promessa nunca se verificou. Em 1829 annunciou-se entre as Memorias communicadas á Academia, uma escripta por Fr. Matheus da Assumpção, sobre os codices das Chronicas de D. Sebastião por Fr. Bernardo da Cruz, e por Antonio Vaena. Apesar de termos consultado para a nossa edição seis differentes manuscriptos, julgámos que deviamos examinar o trabalho, que a este respeito fizera aquelle erudito benedictino, e que suppunhamos versaria so-

bre os exemplares de que a Academia pretendia servir-se para a sua edição. A' bondade e amor das letras de S. Ex.ª o Bispo Reservatario de Coimbra devemos a indagação feita a semelhante respeito nos archivos d'aquella Sociedade: nada podemos, porém, alcançar por este lado, que ajudasse o nosso intento, como se verá dos seguintes paragraphos de uma carta de S. Ex.ª, a qual acompanhava uma nota do sr. secretario da Academia, em que dizia já não existir na secretaria a Memoria de que se tratava.

«Suspeito que a Memoria de Fr. Matheus se redu-«ziria a fazer juizo de um manuscripto, que eu mesmo «offereci á Academia, e que na verdade estava tão «cheio de erros (como eu tinha notado) que de ma-«neira nenhuma se podia assim imprimir, e apenas se «poderia aproveitar pera conferir com algum outro.

«Este manuscripto... continha a historia de D. Se-«bastião por Fr. Bernardo da Cruz, e tinha na pri-«meira folha por letra do sr. Cenaculo esta nota = «Conferi este Ms. com o de Mr. Gama, e está confor-«me — Cenaculo = Esta nota me enganou por pouco «tempo; porque logo á simples leitura do manuscri-«pto vi que estava miseravelmente deturpado.»

Eis o que podémos saber ácerca do que na materia havia na Academia; e aqui pozemos termo, por este lado, ás nossas indagações. Daremos agora noticia dos codices que alcançámos vêr.

Na bibliotheca do convento de Nossa Senhora de Jesus, hoje incorporada na da Academia, existem dois codices que tem igualmente aquella nota do Bispo de Beja; n'um escripta pela letra do proprio Cenaculo, n'outra pela de Fr. Vicente Salgado, que copiou o livro. Estes dois codices são perfeitamente semelhantes a um terceiro, que ha na riquissima colleção de Manuscriptos da Bibliotheca Publica do Porto,

no qual tambam se lê a mesma nota, traçada pela propria mão de quem quer que tirou aquella copia.

Já se vê que estes tres codices, transcriptos uns dos outros, não se podem considerar senão como um unico. Provavelmente o que offereceu á Academia o illustre Bispo de Coimbra seria outro semelhante aos tres que mencionámos. Entre os manuscriptos da Bibliotheca Publica de Lisboa encontrámos tambem uma copia moderna da obra de Fr. Bernardo da Cruz, mais abundante e correcta do que as quatro precedentes, comtudo bastante differente da que principalmente nos serviu de texto.

Esta existe na Bibliotheca do Porto; e na *Noticia* que vae junta a este prologo, (publicada já por nós nos n.os 18 e 19 do *Repositorio* da Sociedade Litteraria d'aquella Cidade) démos cabal informação d'ella: resta-nos fallar de outro codice que completa o numero de seis, que dissémos havermos consultado.

E' o manuscripto de letra dos fins do seculo XVII e seria talvez o melhor, se não estivesse desgraçadamente truncado, faltando-lhe desde o capitulo 7.°, inclusive, até o fim do 14.°, e desde o capitulo 80.° em diante até a conclusão da Chronica. Vê-se que este traslado foi tirado de um codice mais correcto do que nenhum dos que vimos, quer o fosse do original, quer de alguma copia, mas que já estava truncado, como n'esse traslado se diz, no fim do capitulo 6.°; o que prova não ser tirado do que deu materia á *Noticia* já mencionada, o qual está inteiro, e todo por letra dos fins do XVI seculo. Serviu-nos este codice para rectificar muitas cousas do mais antigo e completo, que seguimos n'esta edição. Apesar de todo o nosso cuidado para evitar os erros, não o podemos inteiramente alcançar. Ha logares que cremos alterados em todos os seis manuscriptos, os quaes podia-

mos muitas vezes melhorar por conjecturas, e até, quanto aos factos, por outros escriptores, se entendessemos dever fazel-o. Não escrevendo uma historia, mas publicando um inedito, assentámos que nos cumpria dar o que achámos, do melhor modo possivel. Os eruditos avaliarão se andámos bem em seguir tal systema.

Quanto á orthographia procurámos a principio seguir a do codice antigo á risca; mas vimos que era extremamente irregular, o que nos obrigou a fazer leves mudanças, para a tornar um pouco mais constante e regular: entretanto não ficou, ainda assim, tão bem ordenada como nós desejariamos.

NOTICIA

Manuscriptos da Bibliotheca Publica do Porto

Chronica d'el-rei D. Sebastião [1]

É este um codice em folio, contendo 201 folhas. Está a obra dividida em 113 capitulos: começa seu auctor descrevendo o estado de Portugal no tempo de D. João III: d'ahi passa ao nascimento e infancia de D. Sebastião, e regencias da Rainha D. Catharina e do Cardeal D. Henrique, durante a qual epocha passou el-Rei pela primeira vez á Africa: refere a sua ida a Tangere, e como de lá voltou para o reino: conta as discordias que houve entre o infante D. Duarte e el-Rei, e os aggravos que este fez

[1] D'esta Noticia aproveitamos só o que nos era necessario aqui: rectificando e augmentando o que vimos d'isso carecer por observações posteriores á sua publicação.

á Rainha sua avó: segue por diante com uma narração mui miuda das guerras civis d'Africa, até o final triumpho que alcançou Abdelmaleq (Maluco) de Abdallah: descreve os apparatos de el-Rei de Portugal para a jornada que intentava, a sua partida, viagem, chegada a Tangere, e a batalha, em que se perdeu com a flôr da nação: dedica finalmente os ultimos trinta capitulos á historia do resgate dos captivos, e á dos enredos e dissenções, que houve durante o curto reinado de D. Henrique, no meio do qual o chronista deixou, ao que parece, a sua obra incompleta.

O manuscripto vê-se claramente ser copiado da obra de Fr. Bernardo da Cruz (quanto se póde conhecer do caracter da letra) quasi pelos tempos em que elle a escreveu: além d'isso, constando dos capitulos 42 e 54 haver sido o livro escripto em Lisboa, de uma nota que vem no capitulo 50 (p. 205) se colhe que este antigo traslado foi tirado em Alcobaça, por pessoa contemporanea do Cardeal Rei; o que prova não ser o codice original, porém quasi tão antigo, como se na verdade o fosse.

Este manuscripto pertencia ao mosteiro benedictino do Couto, d'onde passou para o de Tibães, em 1787, e pela extincção das ordens monasticas para a Bibliotheca do Porto, em 1834. Uma nota de letra recente, posta talvez por quem mui de leve examinou o codice, attribue esta obra ao chronista D. Manoel de Menezes. Porém, afóra a opinião geral, que lhe dá por auctor Fr. Bernardo da Cruz, ha muitas outras provas, que, posto que negativas, vem corroborar essa opinião commum.

Fr. Manoel dos Santos na Historia Sebastica cita varias vezes a chronica de Menezes, que existia em Alcobaça, e até transcreve pedaços d'ella no corpo

da historia, como a paginas 58, e em outros logares; mas nenhum d'estes pedaços se encontra no manuscripto; e nem ha sombras de semelhança entre a ordem dos capitulos, a disposição ou narração das passagens citadas, e os capitulos e logares, que n'este manuscripto lhes poderiam corresponder.

Accresce, que, havendo sido D. Manoel de Menezes nomeado chronista em 1618, e tendo antes d'essa epocha vivido vida vagabunda e inquieta, é mais que provavel, que só depois d'aquella nomeação (tempo em que teve algum repouso) se houvesse de dar a um trabalho, a que o seu cargo então o obrigava. Ora, vendo-se, pelo capitulo 86 d'esta obra, que foi escripta por 1586, deduz-se d'ahi não ser ella a chronica de Menezes.

Fazemos estas reflexões, apezar de se haver publicado em 1730 uma chronica, em cujo rosto apparece o nome d'aquelle chronista, e parecer que bastaria confronta-la com o manuscripto para mostrar que não eram identicas obras, porque os eruditos sabem que é mui duvidosa a genuinidade d'essa chronica. Barbosa a diz suppositicia e escripta pelo P. Bayão [1]: comtudo, posto que de muito peso seja a opinião d'este illustre bibliographo, não ousamos decidir a questão; e antes acreditariamos que Baião a alterasse em grande parte, do que nos persuadiriamos que inteiramente a fizesse para a attribuir a D. Manoel de Menezes. Mudou elle muita cousa na chronica de D. Pedro I que publicou [2]: mudal-o-hia n'esta, como elle proprio o confessa [3]; mas isso procedia de estar convencido de que era necessario ou conveniente o apurar com melhores no-

[1] Bibliothec. Lusit. T. 3 p. 312.
[2] V. Ineditos de Hist. Portug. T. 4. Pref. p. 36.
[3] Prologo á Chron. de Menezes.

ticias as antigas historias, alterando os escriptores. Era isto, em nosso entender, um gravissimo erro; mas o forjar uma chronica inteira, e attribui-la a outrem, fôra um crime litterario, de que não queremos culpar Bayão sem claras e irrefragaveis provas, até porque o mesmo Barbosa elogia a sua virtude e probidade.

Parece-nos esta opinião do Abbade de Sever ser fundada só em não apparecerem os pedaços da chronica de Menezes, transcriptos por Santos na Historia Sebastica, na que imprimiu Bayão. No anno de 1736 ainda Barbosa não seguia o parecer que depois deu na Bibliotheca Lusitana [1]: e, se compararmos as datas da publicação da Chronica, da Historia Sebastica, das Memorias, e da Bibliotheca [2], não se julgará desarrazoado o attribuirmos a essa falta tão severa censura, não obstando, para assim o crermos, o não se fazer elle cargo nas Memorias da referida falta; porque estas deviam estar já na imprensa, quando saiu á luz a Historia Sebastica. Mas bastaria isso para dar por inteiramente espuria a Chronica attribuida a Menezes pelo P. Bayão?

Entretanto, havendo-se perdido o original de Menezes, o qual existia em Alcobaça, segundo o testemunho de Santos, será difficil assentar em que, ou até que ponto Bayão estropiou a Chronica publicada debaixo do nome d'elle; mas o que é certo é não haver semelhança alguma entre o manuscripto da Bibliotheca do Porto e essa chronica, seja quem fôr seu auctor. Para tirar, porém, todos os escrupulos, accrescentaremos mais um facto: o celebre D. Francisco Manoel de Mello, que pessoalmente conheceu D. Ma-

[1] Mem. de D. Seb. T. 1. Prol.
[2] 1730, 35, 36, 41.

noel de Menezes, e até o ajudou nos seus trabalhos litterarios, affirma que elle só deixára escripta uma parte da chronica de D. Sebastião, [1] o que destroe inteiramente a possibilidade de ser essa Chronica o manuscripto de que tratamos, cuja materia encerra todo o reinado d'aquelle infeliz monarcha, e ainda entra pelo do Cardeal D. Henrique. Passemos agora a vêr se o devemos attribuir a outro escriptor, dos que se diz escreveram ácerca d'El-Rei D. Sebastião.

Dois d'estes são o P. Affonso Guerreiro e João Baptista Lavanha: foi morto o primeiro em 1581: tratava o segundo de escrever a historia d'aquelle principe por 1618. Estas duas epochas desdizem ambas da data de 1586, em que, como já notámos, se escrevia a chronica de que vamos dando noticia.

Escreveu tambem Antonio de Vaena uma Chronica de D. Sebastião. Este, pelo tempo e circumstancias em que se achou, poder-se-hia crêr auctor do manuscripto [2]: mas cumpre fazer algumas reflexões sobre o que Barbosa traz acerca d'elle na Bibliotheca Lusitana. Nesta obra affirma que Vaena escrevera uma Chronica de que elle possuia a copia, tirada do original que se conservava na livraria do Conde do Vimieiro: ora o Conde da Ericeira, que, em diversas sessões da Academia de Historia Portugueza, deu conta dos manuscriptos mais importantes d'aquella livraria, falla sómente de uma historia do cerco de Mazagão, a que vinham appensas algumas relações dos acontecimentos do reino por aquelle tempo, a qual obra era escripta por Antonio de Vaena [3], e nada mais diz

[1] Epanaphoras, p. 263.

[2] Barbosa nada nos diz da vida d'este escriptor: é o Conde da Ericeira quem refere ter elle sido contemporaneo d'El-Rei D. Sebastião, e ter assistido no cerco de Mazagão.

[3] Mem. da Acad. de Hist. Portug. T. 4, n.º 26, p. 8.

d'este auctor: assim podemos ter por averiguado que esta era a obra que possuia o Abbade de Sever. E dado que assim seja, é certo que a obra de Vaena não se contem no manuscripto do Porto; porque n'este não se trata do cerco de Mazagão.

Da Relação da vida d'El-Rei D. Sebastião pelo P. Amador Rebello vimos nós uma copia, que tambem existe na Bibliotheca do Porto. E' obra mui succinta, como diz Barbosa; e por nossos proprios olhos nos certificámos de que nada tinha com o manuscripto de Fr. Bernardo da Cruz.

Fr. Manoel dos Santos cita muitas vezes na Historia Sebastica certa Memoria ou Relação coétanea, de que transcreve pedaços inteiros: estes pedaços são exactamente tirados da Chronica inedita que existe na Bibliotheca do Porto [1]. Era esta uma das mais poderosas razões que tinhamos para crêr o manuscripto de auctor differente dos já apontados; porque, a ser de algum d'elles, te-lo-hia dito aquelle erudito cisterciense, ou pelo menos formado acerca d'isso algumas conjecturas: as reflexões que acima fazemos nos confirmaram inteiramente nesta opinião.

Parece que foi fado avesso de Fr. Bernardo da Cruz o servirem aos outros suas lucubrações, sem que d'elle ninguem faça menção, e conservando-se o seu nome até os fins do seculo passado em total esquecimento. Não foi sómente Santos que se aproveitou do que elle escreveo; tambem Faria e Sousa o copiou, sem d'elle dizer uma unica palavra. Esta anecdota trouxe-a a lume o Bispo de Beja [2], e nós conferindo-a achámos que era verdadeira [3].

---

[1] Hist. Sebast. p. 341, 342, 343, 345, 349, 413, 475 — no manuscripto vem nos cap. 37, 39, 40, 48, 66, 71.

[2] Mem. Historicas, p. 303.

[3] Europa portug. T. 3, p. 10 e seg.

Notaremos em ultimo logar, que havendo apontado Faria, no principio da sua Asia, as fontes d'onde tirara o que escreveu, traz entre outros manuscriptos, notado um, que tratava d'El-Rei D. Sebastião, o qual diz lhe communicára o Abbade João Salgado de Araujo, e que se attribuia a Pedro de Mariz. Foi por este *ut aiunt*, que Barbosa ajuntou á lista dos escriptos de Mariz uma Chronica de D. Sebastião. Ora, não apparecendo no Apparato de Faria outro algum escriptor duvidoso, pertencente a essa epocha, pode-se colligir sem temeridade, que era a obra de Fr. Bernardo da Cruz, a que viu Faria e Sousa, e que por ventura não existe a que se attribue a Mariz.

ALEXANDRE HERCULANO.

CHRONICA

D'EL-REI D. SEBASTIÃO

CAPITULO I

Da prosperidade dos reinos de Portugal em tempos d'El-Rei D. João terceiro

Não está a Divina Providencia tão atada aos juizos humanos, nem limitada aos discursos de seus entendimentos, que necessariamente páre nos termos desejados dos homens, nem nos successos que elles cuidam; pois nem nas maiores adversidades lhe faltam remedios de melhorar os tempos, nem nas prosperidades, occasiões de grandes caídas. E parece que tem a natureza taxados certos limites até onde podem chegar as felicidades humanas e não passar, e d'ahi decrepitar pouco e pouco, com mostras de pouca constancia, até tornar a seus primeiros principios. D'esta variedade dos tempos estão assás cheias as historias antigas de exemplos, que nos ensinam não esperar do mundo cousa fixa nem perpetua; pois de grandes reinos e monarchias passadas não enxergamos já senão umas gastadas ruinas, e de poderosos monarchas ouvimos inda frescos infortunios.

Tinha o reino de Portugal (com felices successos e heroicas virtudes dos bemaventurados reis seus antepassados, em tempo d'El-Rei D. João o terceiro) chegado ao cume da prosperidade em grandeza de muitos Principes e opulencia de riquezas, com multidão de esclarecidos capitães, os quaes com victoria tinham Africa cheia de temores e Azia posta em espanto, pondo muitos Reis e reinos debaixo do imperio dos seus Reis, com gloriosa noticia do nome português conhecido até os fins do mundo. E o que mais claro o fazia era a quietação e paz da republica temporal, com administração de temporal justiça, e na espiritual a solemnidade do culto divino com exemplos de grande sanctidade, e obras de muito merecimento de vida, pela honra de Deos e gloria das almas. D'estes exercicios era extremadamente amigo o bemaventurado Rei D. João, o qual com amor e mercês obrigava a seus vassallos a viverem de maneira que entre uns não houvesse offensas, nem em outros queixumes, com que se escusava a severidade da justiça para execução de males; antes, como outro Numa Pompilio, occupado na instrucção dos sanctos costumes, solemnidade do culto divino, frequentação dos sacramentos, reformação das religiões monasticas, e na promulgação do Evangelho sagrado entre a gentilidade cega das Indias Orientaes, nunca faltou com favores e ajudas aos que elle para estes ministerios com muita prudencia e maduro conselho elegia, com aceso fervor de dilatar a fé catholica entre os barbaros moradores debaixo do seu cetro. Mas por occultos juizos de Deos, a que a razão humana não póde dar causa, permittiu elle como esta felicidade começasse a descer por degráos, até de todo vir a perder o resplandor de sua gloria com a corôa e nome dos Reis de Portugal, e a falta de descendentes de linha direita, a

quem por legitima herança succedeo o catholico Rei D. Philipe, segundo das Espanhas e primeiro de Portugal d'este nome; mas posto que nesta troca, feita á vontade da Divina Providencia, o nome português fique honrado e ditoso com o emparo de tão insigne Rei e monarcha, em o qual, além de grande poder, concorrem todas as virtudes companheiras de um Principe tão catholico, temos licença os portugueses para mostrar sentimento e saudade dos Reis de Portugal, com os quaes nos criamos, e nos termos por orphãos dos paes que perdemos, dos quaes queriamos antes ser chamados filhos pouco favorecidos, que agora criados muito honrados. E esta inclinação é tão propria nos homens de todas as nações e estados, que a maiores effeitos de dôr se movem da privança dos costumes em que se criaram, que de contentamento nas mercês recebidas. Nem este sentimento, reputado por enfermidade do humano, tira o conhecimento aos prudentes dos bens que alcançam, nem os louvores devidos a quem lhos dá: nem eu com muita magoa da perda que choro, deixo com alegria de cantar o bem commum, nem de agradecer a Deos a mercê feita a estes reinos de Portugal, pois dando-lhe castigo que o magoassse pouco tempo, lhe deu Rei catholico e benigno por emparo, o qual com amor manifesto o consolasse pera sempre, e com animo mais confiado os portugueses esperassem maiores mercês, e alcançarem maior gloria. D'esta consideração não está o povo português esquecido, pois uns com zêlo do bem commum, no principio das alterações, tocados dos juisos das consciencias e ensinados dos claros indicios da justiça fundados na verdade e rezão, e o vulgo a quem a fraqueza de entendimento não deixava subir a estas acertadas considerações, vieram em fim geralmente a entender com alegria a

mercê que Deus lhe fizera em a successão d'estes reinos orphãos vir por legitima herança a Sua Magestade, com cujo governo tão suave, e beneficios tão liberaes todo o povo está quieto e a republica honrada com assás de arrependimento das alterações movidas, com receio de não acharem o repouso presente e a liberalidade que possuem: porque como o engenho humano não tenha vigor de alcançar o futuro, tanta desculpa tem duvidar do que não vê, como temeridade affirmar o que não sabe.

CAPITULO II

Do nascimento de El-Rei D. Sebastião

Era casado El-Rei D. João o terceiro, filho de El-Rei D. Manoel de gloriosa memoria, com a Rainha D. Caterina filha d'El-Rei D. Philippe de Castella e archiduque de Austria, primeiro d'este nome, e da Rainha D. Joanna, dos quaes como prole de benção naceram os filhos seguintes: s. a Infante D. Maria, que foi Princesa de Castella e mulher d'El-Rei D. Philippe o segundo nosso senhor: o Principe D. Manoel: o Principe D. Philippe: o Principe D. Affonso: o Infante D. Antonio: a Infante D. Isabel: a Infante D. Britis: a Infante D. Maria, e o Principe D. João pae d'El-Rei D. Sebastião: além dos quaes El-Rei houve mais o senhor D. Duarte filho não legitimo. Mas como Deus tinha ordenado virem os reinos de Portugal por herança a El-Rei de Castella, prouve a Elle por sua divina providencia que todos os filhos d'El-Rei D. João morressem meninos de pouca idade, não ficando vivos senão o principe D. João, o

qual Deos lhe deixou pera bordão de sua velhice, onde estribassem suas esperanças, com alivio das desconsolações da morte de tantos filhos, e de quem ficassem successores do reino de Portugal; de cujas mortes El-Rei e a Rainha soffriam as magoas e perdas com animo real e igual consideração, e louvavam ao Senhor pelos secretos juizos de assi o ordenar, conformando-se elles muito em tudo com sua santa vontade, a quem sempre nos trabalhos e prosperidades pretendiam agradar e servir, como se vio em todo o processo de sua vida. Mas a herança dos reinos dependia sómente de uma esperança da vida do principe D. João, unico filho de pais já esteriles por idade madura. Temerosos El-Rei e os povos de esta se acabar em florescente idade, como já o tinham visto em seus irmãos, ordenáram de o casar como chegou a idade de dezaseis annos; pera que havendo filhos ficassem os reinos mais providos de herdeiros e se evitassem os recêos que cada ora os salteavam; por tanto se tratou o casamento em Castella com a Princesa D. Joanna, filha de Carlos quinto, Imperader e Rei das Espanhas, a qual trasida a estes reinos com a pompa e festas reaes, veio a Lisboa metropolitana do reino, onde em face de igreja foram recebidos com vinculo de matrimonio na Sé d'esta cidade.

O Principe D. João como amasse muito a Princesa sua mulher com uma brandura de coração, e ella lhe respondesse com igual amor, assi pelo chegado parentesco entre ambos, como affeição marital, a qual na florescente idade e nos tenros corações mais se imprime, veiu a Princesa em breve tempo a dar mostras de ser prenhe, de cujos signaes todo o povo se encheu de alegres esperanças, pelas consolações dos Reis e proveito do reino: mas como os gostos da presente vida não tenham firmes raizes, nem possam

substentar abalos das penalidades herdadas da mão do peccado, não puderam estes contentamentos muito tempo permanecer nos corações dos homens, nem os Principes pódem nelles ter algum direito ou posse; por tanto poucos dias antes do parto da Princesa, sobrevindo ao Principe D. João uma enfermidade mortal, não permittindo Deos que a virtude dos remedios aproveitasse, nem o mal mitigasse com ella, acabou a dois de Janeiro de mil e quinhentos e cincoenta e quatro, desoito dias antes da Princesa parir; mas como já pela morte do Principe o emparo dos reinos de Portugal e a successão d'elles ficasse posto nas esperanças do parto da Princesa, porque o sobresalto de tão intempestiva tormenta, com perigo da criança não abalasse as entranhas da viuva pouco ditosa, privada dos estados e felicidades humanas que já começava a possuir, e do marido que muito amava, trabalharam El-Rei e a Rainha encobrirem-lhe a morte do Principe até que parisse, os quaes com prudencia mais que humana com mostra de grandesa de animos reaes, dissimulando a propria dôr, a visitavam a meudo com semblantes alegres, para encobrir a tristesa penetrante da alma, dando com isto aviso ao povo, que affastados donde a Princesa pudesse ouvir, ou sentir alguma torvação, fizessem seus prantos e sentimentos de lagrimas e tristesas, que a dôr intensa em nenhuma maneira podia temperar. Entretida a Princesa (e não de todo enganada por alguns indicios que como discreta sentia, e respostas que não lhe agradavam ás perguntas que fazia do Principe) com animo prudente e temperado, mettida entre duvidas e sobresaltos lhe déram as dôres de parto á meia noite a vinte de Janeiro de mil e quinhentos e cincoenta e quatro, dia do martyr S. Sebastião.

Sabida esta nova da genta da cidade, dando aviso

á cleresia, religiosos e mais pessoas devotas pedissem a Deus, com orações secretas e publicas, prospero parto da Princesa, como unico remedio de todo o povo portuguez, logo de noite se ordenou uma devota procissão de toda a cleresia e religiões, da Sé a S. Domingos, levando n'ella o braço do martyr S. Sebastião, o qual foi trasido a este reino de Portugal do saco de Roma, em tempo de Clemente septimo; além d'isto não ficou dona nem donzella, por nobres e virtuosas que fossem, as quaes com muitas lagrimas não sahissem fóra de sua casa, e andassem pelas egrejas pedindo ao Senhor o remedio tão desejado, concorrendo com isto infinita gente de todos os estados ao Terreiro do Paço, que com os olhos fixados nas varandas e janellas, e com os sentidos suspensos, desejavam ouvir a nova do que a Princesa paria, os quaes postos em grande silencio, sem se ouvir rumor de tão grande multidão, pela attenção de sua esperança, sendo já de dia, como uma voz cahida do ceo, appareceram nas janellas do paço fidalgos e donas, os quaes com palavras mal pronunciadas, interrompidas da alegria, denunciaram ao povo como tinham Principe.

Tal foi o alvoroço e rumor de contentamento subitamente nascido em toda aquella multidão, antes emmudecida pela prompta attenção, que rompendo com lagrimas d'alegria o silencio forçado, não cessavam dar louvores ao Senhor por tão grande mercê.

Desfeita d'improviso aquella companhia, antes unida em um só cuidado, discorria cada um pelas ruas da cidade a dar novas aos absentes, e mandar cartas e correios por todo o reino, com que alevantassem os animos caídos do povo com o contentamento do novo Principe e herdeiro do reino de Portugal. A este tempo tornando a procissão pera a Sé cantando as ladainhas, na rua dos Escudeiros se publicou ser, o

Principe nascido, onde logo mudando o tom e letra alevantaram *Te-Deum Laudamus* com muita alegria e com corações soltos da incerteza do successo em que todos iam suspensos.

Os principes e mais senhores que na côrte a este tempo estavam, perdida a gravidade de suas pessoas, como homens livres de profunda tristeza e com esperança de saude, correndo sem procissão alguma se foram ao paço saber a certeza da nova, e com notorio alvoroço foram beijar a mão a El-Rei e á Rainha, os quaes consolados em grande maneira em Deus lhe restituir benina e liberalmente em um só neto a perda de muitos filhos, não podiam encobrir o contentamento que d'isso sentiam, com suave temperança da fresca dôr do Principe D. João, poucos dias antes morto.

Chegado o oitavo dia do nascimento do Principe foi baptisado, e lhe pozeram nome D. Sebastião, e foi o primeiro d'este nome, por nascer no dia de S. Sebastião, a que o povo portuguez era mui obrigado por devoção, por Deus haver levantado a cruel e frequente peste d'estes reinos com a vinda do seu braço.

CAPITULO III

Da criação d'El-Rei D. Sebastião e dos mestres que o ensinaram

A Rainha D. Caterina e o Cardeal D. Henrique irmão d'El-Rei D. João, sobre os quaes ficava estribando o peso do governo e criação d'El-Rei, menino e orphão, ao qual elles com igual zêlo e amor procuravam todo o bem de seus reinos, prin-

cipalmente as virtudes pera merecimento da alma, e bons constumes pera ornamento e honra da pessoa e real dignidade, ambos com conselho dos principaes senhores de costumes limpos, com intentos sãos sem estímulos e apaixonadas afeições, ordenaram quatro semilheres a El-Rei: s. D. Pedro de Menezes, D. Fernão Alvares de Noronha, D. Duarte d'Almeida, Felix Moniz, e aio D. Aleixo de Menezes, por serem velhos e sufficientes pera o instruir em toda a boa criação politica e tratamento de seus vassallos, e a cortesia que havia de usar com os Reis e Principes de estrangeiros reinos. E porque o mestre dos costumes da alma correspondesse aos da doutrina da pessoa, ordenáram no mesmo tempo dar-lhe mestre que o ensinasse a lêr e escrever e latim com outros bons custumes, e o confessar ao padre Luiz Gonçalves da Camara, religioso da Companhia de Jesu, o qual neste tempo estava em Roma, e foi chamado por ser nobre e virtuoso, docto das historias e antiguidades humanas, e mui lido nos annaes dos antigos Reis, de que podia tirar exemplos de muita doctrina, para ensinar e afeiçoar a El-Rei a emprezas de animo real e apartado das tiranias e outros males, que muitos Principes executaram, com perda das almas e dos estados, e infamia da real dignidade e pessoa.

Tinha o mestre d'El-Rei por companheiro Amador Rebelo, e Mauricio (ambos da mesma religião) e este foi assinado mestre dos moços fidalgos, o qual algumas vezes por indisposições do mestre Luiz Gonçalvez da Camara, dava lições a El-Rei; mas como El-Rei D. João foi amador da paz, commutando o estrepito da guerra em o repouso do culto divino, e as milicias começaram a afrouxar e ser pouco favorecidas, e elle ter largado aos mouros as fortalezas que os Reis seus antepassados tinham em Africa, as quaes

eram Çafim, Azamor, Alcacere-Cerguer e Arzila, e perdido á força das armas o Cabo de Gué, o que os povos e nobreza estranhavam e murmuravam, determinaram o mestre e Mauricio ensinarem El-Rei D. Sebastião em outro estremo, fazendo-o bellicoso e inclinado a guerra.

Sendo El-Rei menino, não sómente com palavras o exercitavam e davam exemplos de Reis bellicosos que houveram insignes victorias e conquistaram grandes reinos, mas nas materias de escrever livros, onde lhe davam lição, o persuadiam ao exercicio militar e altas empresas de guerra. O menino, de sua natural condição esforçado e magnanimo de coração e espiritos altivos, de tal maneira bebia estas doctrinas, que logo começou a dar mostras de animo invencivel e sem temor em todos e quaesquer perigos; mas como a conquista d'este reino, a qual com direito d'armas e zêlo da religião se pode emprender, assi para alargar os limites d'elle, como para ampliar a fé catholica, seja Africa, vizinha e inimiga, assi por odio antiguo, como disparidade do culto, a principal guerra que os mestres mostravam a El-Rei com o dedo era esta; contra a qual provincia o moço de sobeja ousadia, desejoso de immortal gloria com esforçados feitos, tinha já concebido capital odio, e cada hora desejava vêr o dia de a cometer com armas e executar nella a ferocidade de animo criado com assaz zêlo de exaltação da fé catholica e augmento dos seus reinos.

Tão orgulhoso se mostrava El-Rei no que a doctrina dos mestres e sua inclinação o convidavam, que todo seu exercicio e gosto era fallar na arte militar, dando-se a todo o genero de cavallaria, em se pôr bem a cavallo, correr touros, montear porcos, correr canas, fazer justas e torneios, em os quaes exer-

cicios era mui destro e manhoso, e nenhum dos fidalgos e senhores da sua côrte lhe era igual em destreza, forças e esforço e bom ar, os quaes todos sem nenhuma lisonja o conheciam por avantajado.

Com este orgulho de animo em que El-Rei meditava, e ufania em que se exercitava nas forças e destresas corporaes, ajuntou tambem o gosto de todo o genero de cassa e montaria, no qual se occupava e gastava a mór parte do tempo nas suas coutadas de Almeirim e Salvaterra em inverno, e Cintra no verão, nas quaes era tão curioso e fragueiro, que commummente se lhe reputava por vicio tão continua occupação, e assim pela falta que fazia aos negocios publicos, como os evidentes perigos a que punha sua pessoa, e em traser os fidalgos e officiaes do serviço de sua casa mui cansados e inquietos sem nenhum repouso, e inda em tempos mui asperos e intractaveis de chuvas, frios e calmas; nos quaes exercicios El-Rei se mostrava mui soffredor de muitos trabalhos, e despresador das delicias de homens mimosos, e não havia genero de aspereza que elle não tentasse, nem injurias de tempos que não esperasse com rosto alegre, ou quasi insensivel aos máos tractamentos, mostrando-se vencedor d'elles, e não sómente fazia os taes exercicios nos asperos lugares da terra, mas muito mais pretendia assignalar-se nas difficuldades do mar, em as soffrer como passatempo, e vencer com animo ousado todos os perigos que os mareantes bem versados nelles tinham por temeridade esperar: ao qual muitas vezes aconteceu ir em galés pelo mar em tempo de tempestades mui furiosas, que entrando as ondas nas estancias onde os fidalgos jaziam enjoados, e os mareantes acovardados dos perigos representados, então El-Rei, acodindo aos lugares das galés mais arr' cados, com riso e zombaria dos em que enxer

medo, mostrava não temer perigo algum dos presentes, com cujas forças de corpo e grandeza de animo parecia ameaçar todos os inimigos, e convidar todos os esforçados a se espertarem a grandes emprezas.

Na verdade não só era temido dos seus vassallos, mas de todos onde chegava a noticia de seu nome e grandeza de animo; porque pelas partes que elle tinha, e os exercicios que usava parecia todas as forças se lhe renderem, sem esperança da resistencia, e de tal maneira era sua condição que uns o julgavam por difficultoso nas ferocidades que mostrava, e outros por bemaventurado nos feitos que promettia: com esta diversidade de opiniões todos concordavam em o temerem e reverenciarem com um acatamento digno de um grande monarcha.

CAPITULO IV

Como depois da morte d'El-Rei D. João, a Rainha governou os reinos de Portugal, a qual depois deixou o governo ao Cardeal

No tempo da morte d'El-Rei D. João, que foi no mez de Junho de mil e quinhentos e cincoenta e sete, vendo quão orphãos ficavam os reinos de Portugal com um só herdeiro menino, o Principe D. Sebastião, deixou declarado em seu testamento, e á Rainha sua mulher rogado, tomasse em seu cargo a criação de seu neto (o qual foi alevantado por Rei de Portugal aos deseseis de Junho da mesma era, depois de feitas as cerimonias funeraes de seu avô, com os escudos quebrados e bandeira arrastada) e o go-

verno do reino, por a experiencia sabida de sua prudencia e amor com que que tratava os Portuguezes e virtude em louvar o divino e pacificar o humano.

A Rainha, acceitado o governo, mais pela necessidade do povo que por interesse ou gosto (entre tantas magoas como tinha sentido nas mortes dos filhos, que pouco tempo havia que lhe estallaram diante dos seus olhos no principio de sua felicidade) convocados assim todos os senhores do reino, de cujo conselho se podesse ajudar, começou com muita suavidade a tratar os negocios sem faltar ponto, assi na administração da justiça, como nos apparatos de Africa e Indias Orientaes, o que fazia com tanta prudencia e esforço de animo, que fez vantagem a muitos Principes desejosos de alcançar famosos nomes, e não se mostrando avára nas mercês dos vassallos, nunca se descuidou de galardoar os serviços e merecimentos dignos de premio. Mas como a Rainha estivesse cansada dos negocios publicos e enfastiada dos tumultos da côrte, e por sua larga idade desejasse o repouso da alma, e dar a Deus com quietação os derradeiros tempos empregados em seu serviço, tratando com os povos seu intento, dando-lhe em descarga sua idade e a quietação que pretendia, se desobrigou do governo dos reinos voluntariamente: mas porque El-Rei D. Sebastião seu neto era de mui pouca idade pera tomar o septro, pedio ella ao Cardeal Infante D. Henrique, irmão d'Elrei D. João seu marido (por obrigação que tinha ajudar os reinos assi por amor d'El-Rei D. Sebastião seu sobrinho, como não haver outro Principe de mais auctoridade e experiencia) quizesse aceptar o reino.

O Cardeal, como fosse grande zelador do bem commum e de todo o genero de virtude, não engeitou os rogos da Rainha, nem despresou a necessidade do povo, com zêlo de cumprir com a obrigação d'El-Rei

seu sobrinho menino, a quem desejava servir, e muito mais com a de Deus, a quem nisso entendia agradar. Tão resoluto era o Cardeal em todos os negocios publicos, e tão contino nos despachos, com um animo soffredor de todos os trabalhos, que não perdendo ponto de acudir a todas as cousas notorias do reino, tambem governava o Arcebispado d'Evora, onde era prelado, e attendia com muita deligencia á justiça e graças da legacia, que a elle como Nuncio era encarregada, e não menos ao essencial da quietação d'estes reinos como inquisidor-mór, ajuntando a isso os negocios da abbadia dè Alcobaça, que tambem tinha, e com estes cargos occupado todo em conservar a paz da republica temporal com administração da inteira justiça, alimpar a espiritual das zizanias, judaismo, heresias e máos costumes com grande zêlo da fé catholica, a cousa em que mais se empregava com acceso fervor era no provimento dos religiosos e pregadores que enviava ás Indias Orientais, semear a doctrina evangelica entre as barbaras nações dos gentios, onde o nome de Christo fosse conhecido.

Nestes exercicios era o Cardeal tão contino e zeloso, que nenhum outro cuidado nem recreação buscava senão no serviço de Deos, e entender em seu governo: mas porque em tudo pudesse acertar (além d'elle ser um retrato de todas as virtudes) consultava com Deos os arduos negocios, e pera com mais ajudas o poder obrigar, nenhuns homens chegava a si, senão os de que tinha muita confiança e provada experiencia de virtude: entre os quaes tinha muita auctoridade diante d'elle o padre frei Luiz de Granada da ordem dos pregadores, a quem era affeiçoado por sua muita virtude acompanhada de rara prudencia e muitas letras. Sobre todos era o Cardeal afeiçoado aos padres da companhia de Jesu, que neste tempo flore-

ciam em todo o genero de virtudes, religião e aceso zêlo da salvação das almas, com exemplo assás digno de louvores; mas posto que geralmente a todos os padres d'esta religião tivesse grande respeito, e alcançassem com elle grande graça e auctoridade, e em tudo se inclinar a seus conselhos e rogos, a quem com mais particular devoção se communicava era a Leão Anriques, o qual era fidalgo de geração, pequeno de corpo, mas muito grande nas letras e virtude adornada com uma pureza de espirito no qual Deos quiz mondar toda a zizania das más inclinações, que a natureza corrupta costuma brotar nos corações humanos.

Acabados seis annos que o Cardeal governou com muita inteireza da justiça e zêlo do culto divino, com assás murmuração de escandalosos, de ante quem as virtudes são havidas por imigas, sendo já El-Rei D. Sebastião de idade de quatorze annos, e cujo entendimento estava amadurado com prudencia pera reger seus reinos e com exercicios de virtude pera se não temer d'elle cousas indignas de um Rei de considerado conselho, lhe entregou o governo e ceptro publicamente, sendo a estes actos chamados todos os senhores e prelados, na qual entrega o Cardeal, em escripto e por palavra, se descargou de todas as cousas do governo, e dos serviços que fizera a El-Rei e a Deos: não que esperasse interesses ou louvores humanos, mas pera com isso edificar o povo com a boa administração, e dar exemplo a El-Rei (ainda que moço e sem experiencia) a o imitar na guarda da justiça e zêlo da religião e emparo da paz da republica.

CAPITULO V

Dos ministros mais chegados que El-Rei D. Sebastião teve no tempo que governou seus reinos

A persuasão que El-Rei tinha concebido da guerra d'Africa andava enlevado neste pensamento, e a nenhuma outra cousa attendia com maior calor que ao modo de a poder efeituar, e em quanto esperava opportunidade e forças de a começar, parecia-lhe ser ensaio quasi verdadeiro occupar-se no exercicio da cassa e cavallaria, como atraz fica dito; mas porque El-Rei se divertia muito com as inquietações de cassas, e algumas vezes discorria diversas partes do reino, e se descuidava muito dos negocios publicos depois de aceptar o ceptro, pareceu ao Cardeal não o desemparar, mas antes lhe servir de um freio que o fizesse parar nas obrigações de seu estado com conselho, e El-Rei como fôra criado na vontade, e nunca teve jugo de pai, nem de rei (pois o foi antes de ter uso de rezão) não acodia muito aos avisos do Cardeal nem da Rainha sua avó, principalmente no que tocava a o tirarem da cassa e o inclinarem a se ocupar no governo da republica.

O Cardeal como era muito devoto dos padres da companhia, a quem El-Rei tinha muito respeito, por seu mestre Luiz Gonçalves e Mauricio seu confessor serem da mesma religião, tratou com elles e outros padres de muita auctoridade, como acudissem á necessidade do governo e provessem á falta d'El-Rei aos despachos, os quaes ordenaram metter nos negocios da fazenda a D. Martinho Pereira, fidalgo muito virtuoso, o qual por conservar a limpeza da castidade nunca casou, ajuntando a esta excellente virtude to-

das as mais com um ornamento de acesa devoção das cousas divinas, ao qual El-Rei deo comprido poder pera dispor em tudo como lhe parecesse, pela confiança de sua consciencia e honra, e a Martim Gonçalves da Camara doctor em theologia e sacerdote de familia e casa nobre, irmão de Luiz Gonçalves mestre d'El-Rei, encarregaram de todas as cousas tocantes ao escrivão da puridade e presidente da meza da consciencia dos desembargadores do paço, com suprema juridição na administração da justiça.

De tal maneira cresceu a authoridade de Martim Gonçalves ante El-Rei, e o povo, pelo muito zêlo da justiça que mostrava e deligencia com que respondia aos despachos das partes, que veio quasi em tudo a descargar os cuidados nelle e ficar mais livre em seus honestos passatempos.

Martim Gonçalves como entendia o amor d'El-Rei e suas inclinações, acostando-se ao mestre seu irmão e a Mauricio, seu confessor, com animo mui são e zeloso do serviço d'El-Rei e de Deus acudia a todos os negocios com muita igualdade, sem se enxergar nelle aceptação de pessoas nem favor de parentes, senão d'aquellas pessoas que tinham partes pera lhes encarregar officios, e merecimentos pera lhes fazer mercês.

Com esta confiança que El-Rei d'elle tinha se dava por melhor servido, e o seu reino por melhor ordenado que se elle administrasse por sua pessoa: mas com todos os descuidos, ou pera melhor dizer, confianças d'El-Rei em Martim Gonçalves ácerca do governo do reino, e ocupações de seus continos exercicios corporaes, nunca perdeu o pensamento da guerra d'Africa, a qual trasia maginada; antes cada dia a praticava e gostava d'aquelles que mais lha louvavam e davam esperanças de a poder efectuar.

Alguns homens zelosos do bem commum, vendo quão ocasionado a desastres era o intento d'El-Rei nesta jornada pelo perigo de sua pessoa e descredito da dignidade real e por as poucas forças de dinheiro e menos destresa da gente militar, receavam muito os máos successos, e secretamente divertiam seu intento, por não ousarem contradizer-lhe claramente uma opinião tão arreigada na fantasia. Outros menos considerados no devido, e pouco zelosos do bem da republica, por se fazerem gratos a El-Rei por meio de seus intentos e lisongerias perjudiciaes, lhe promettiam grandes victorias e faziam grandes gabos de suas empresas, cujas palavras por serem conformes á sua opinião e se imprimirem nelle, como moço e desejoso de gloria, cada vez se encendia mais em seus começados desejos, e descobrindo mais seu peito começou mandar ensaiar seus vassalos na arte militar, fazendo resenhas ensinadas por alguns soldados praticos, provendo de armas em todas as partes do reino como principio do apparato de guerra, persuadindo-se ser obrigação de seu estado augmentar e dilatar os limites de seu imperio, principalmente na provincia de Africa, que lhe era devida por direito de armas, da qual conquista presumia receber muito proveito a seus vassalos, pelos commercios que poderiam ter e provimento de mantimentos de que o reino carece, e gloria a Deus na promulgação do sagrado evangelho, o qual naquella barbara gente e infiel se podia fazer, com outras rezões que não faltavam, e que a seu desejo eram sobejamente bastantes de o fervorar em seu começado proposito, pera cujo effeito se procurava por todas as vias limitar os gastos, poupar dinheiro, exercitar as gentes, ajuntar armas, e chamar homens de diversas partes exercitados e ensinados na arte da milicia, e geralmente se praticava e pedia conselho no

modo e processo da guerra, e se tomavam informações publicas e secretas dos homens praticos das terras de Africa, trazendo a El-Rei descripções das cidades, montes, rios, e fontes, por onde podiam marchar os exercitos, não advertindo El-Rei nem os favorecedores de sua opinião as poucas forças do reino em guerra tão grande, nem as difficuldades de sujeitar uma provincia tão espaçosa, esteril de muitas cousas necessarias, e fertil de muita gente poderosa em resistir ás forças portuguezas e defender sua propria patria, com pouco perigo das pessoas e menos despesa de guerra: quanto mais, inda que fôra vencida com armas dos Portuguezes ou vontade dos Africanos, em nenhuma maneira se poderia conservar em meio de gente de pouca fé e lealdade, estando tão alongada do soccorro, assim de munições e mantimentos, como as forças portuguezas não terem mais vigor e espaço que té ás praias, as quaes as agoas do mar oceano banham, que são os limites da potencia de seu largo imperio. Com estes propositos dissimulavam seu mestre Luiz Gonçalves e Martim Gonçalves, parecendo-lhes que o tempo lhe apagaria aquelle fervor, ou ao menos mandaria fazer aquella guerra por seus capitães.

CAPITULO VI

Dos disfavores que El-Rei fazia á Rainha e ás mais pessoas que estranhavam seus desejos de guerra

A tanto chegou o calor que El-Rei D. Sebastião trazia em seu peito de levar adiante o proposito da guerra africana, que em certa maneira aborrecia as pessoas que lhe não aprovavam seus desenhos e altos pensamentos da gloria juvenil. A Rai-

nha sua avó, como lhe desejava todos os bens, e por experiencia entendia quanto elle andava traz seu damno, e caminhava pera um fim mortal, já no principio cheio de occasiões de perigos e males, nunca lhe louvou seus conselhos, antes os julgava por errados e mal considerados, e pouco zelosos do bem d'El-Rei os que nisto o mettiam com enganosas doçuras: a qual, quando via que com palavras cheias de amor não podia persuadir a El-Rei o que tanto lhe relevava, ao menos com lagrimas e orações pedia a Deos remedio dos males ameaçadores de severo castigo em empreza tão duvidosa, a qual muitas vezes se tinha praticado em muitos conselhos sem lhe acharem entrada, inda em tempo que o reino estava prospero de riquezas e florescia com victorias e abundancia de capitães velhos e experimentados, e a gente africana tinha menos uso d'armas.

El-Rei, ou fosse por algumas pessoas o perverterem, ou de sua propria vontade (que é mais de crêr) veio a enfastiar-se muito da Rainha, e ter por imigos seus conselhos e lagrimas, pagando-lhe os merecimentos de entranhavel amor com premio de aborrecimento e signaes de escandalo, e notoriamente andava a desviar-se d'ella, quasi fugindo de estar em Lisboa, onde ella tinha o seu assento nos paços d'Enxobregas: e se algumas vezes vinha á cidade, pousava nos de Santos-o-Velho na outra parte da cidade, afugentando-se da sua conversação quasi divina, ornada de sanctidade e prudencia, com pregão de supremo louvor entre todos os Principes. Além d'isto andava mui inquieto, e todo o seu passatempo era estar em Almeirim e Cintra por razão da cassa das coutadas, e andar por outras partes do reino mui distrahido, sem fazer morada vagarosa em algum lugar.

A Rainha sentia muito absentar-se El-Rei tanto

d'ella, com um ingrato desconhecimento de seu amor e negação de sua vista, na qual ella se recreava como em um retrato representador de todos seus filhos, com que esquecia as saudades d'elles todos mortos, e trocava a magoa com um suave gosto da presença d'este só neto, e parecendo-lhe nacer isto de Martim Gonçalves e do mestre, mostrando-se escandalisada d'elles, sem poder remediar nos principios os infelices fins prognosticados da gente de prudencia experimentada, determinou ir-se pera Castella, pera ao menos não ser testemunha das lamentaveis profecias que se haviam de cumprir com tanta dôr sua, e lá morar e morrer, e mais em tempos quando os mancebos e lisonjeiros tinham voto e primeiro lugar ante um Rei moço, já começado a precipitar com conselhos mal afortunados.

O povo portuguez e toda a nobresa, entendida muito bem a razão dos queixumes da Rainha, e o emparo das cousas divinas e humanas com sua presença, tomavam muito mal ser ella escandalisada d'El-Rei seu neto, e sentiam muito sua absencia do reino; assim todos os prelados, senhores, cidades, e outras pessoas religiosas lhe pediram e rogaram com muita instancia e lagrimas quizesse desistir de sua determinação, tão pouco merecida por amor que todo o povo lhe tinha, e de um castigo tão publico do bem commum, e da vingança de si mesma, em deixar um só neto desmerecedor de sua vista e conselhos, em mão de seu proprio erro, accrescentado com persuasões de máos zêlos; antes entendesse Sua Alteza ser essa a maior desconsolação que podia dar a Portugal, entregue em mãos de um Rei moço e tão distrahido em pensamentos damnosos a seu estado e republica, cujo arrependimento se esperava cêdo, e certo, com o qual ella então veria as satisfações d'El-Rei com amor,

e lhe ajudaria a celebrar uns vergonhosos sentimentos com emenda, pera grandes gostos seus e proveito de toda a republica, e com sua presença, quando não em todo, ao menos em parte, El-Rei teria algum freio em sua condição, e com sua absencia os homens que traziam tomada posse de sua liberdade, e o meneavam com conselhos desusados em entendimentos maduros, e apparentes a uma idade tenra de um moço exalçado em grandeza de animo, e favoreciam suas vontades mal medidas pela rezão, ficariam então com maior dominio pera irem ávante no que ella tanto estranhava e chorava, e á sua prudencia e christandade convinha em tempos tão turbulentos ter mão em tudo o que sentia necessario, posto que fosse com muita magoa sua; pois como avó e mãe d'El-Rei, e já não havia outra reliquia de todos seus filhos senão este, tinha obrigação de tomar á sua conta todos os desgostos por o não deixar ir por caminhos em cujos cabos poderia parar mal; quanto mais que como christã, e que com tanto exemplo de virtude tinha cheia a christandade, escandalisaria o mundo se em sua velhice se désse por aggravada das cousas de um Rei moço seu neto, cujos erros ella devia com toda a diligencia e trabalho procurar de emendar, e quando não pudesse traze-lo aos bens que lhe desejava, ao menos lhe atalhasse os males que lhe temia.

Com todas estas rezões e outras propostas á Rainha, e as lagrimas que abriam as portas dos intimos secretos do verdadeiro amor, que ellas significavam, as quaes a persuadiam mais que palavras, quanto devia conceder com seus rogos tão justos e amorosos, não havia abalarem-na de seu constante proposito, antes com toda a diligencia mandava aplicar as cousas necessarias ao caminho até não faltar cousa alguma.

Vendo El-Rei a constancia da Rainha sua avó, e ca-

hindo na conta de elle ser a causa d'esta desconsolação de todo o povo, em querer aggravar uma Rainha de tantos merecimentos, e zelosa dos seus bens, e dos seus reinos, e elle com pouca consideração trazia toda a republica atormentada com as inquietações de sua pessoa, e os desenhos de seus intentos, houve conselho de amimar a Rainha, e dissuadil-a de sua ida, fazendo-lhe com isso algumas caricias, com as quaes a santa velha, havendo que ganhava mais em achar-se enganada em sua velhice com branduras, que desconfiar do amor da mocidade de seu neto, com um peito cheio de respeitos reaes, e os olhos de lagrimas, se abrandou de maneira como quem não pretendia mais que todos os bens a um neto que criára pera alivio das mortes de tantos filhos, e gosto com cuja vista passasse a vida sem lembranças de magoas.

Tão isento de condição era El-Rei, que tambem o Cardeal teve algumas vezes semelhantes aggravos, os quaes como velho e sisudo bem dissimulava. Tambem o senhor D. Duarte, filho do Infante D. Duarte, era muito desfavorecido d'El-Rei; o qual, por ser muito manso de condição, e cheio de religiosas virtudes, mostrou-se sempre mui soffrido a tudo, ainda que o sentia tanto, que se crê dos desgostos dos disfavores d'El-Rei se lhe haver gerado a enfermidade de que morreu em Evora, onde depois da primeira vinda de Africa se recolhera.

O senhor D. Antonio, filho natural do Infante D. Luiz, posto que tivesse menos aggravos d'El-Rei, alguns formou do Cardeal seu tio, com muitos queixumes mais apaixonados que justos, por tomar mal os avisos e reprehensões de alguns vicios companheiros de mancebos, mas contrarios a Principes, com desejo de reformação de bons costumes, e taes quaes elle ensinava, pera ornamento e exemplo de prelado do ar-

cebispado de Evora, e do cardealado por sua morte, pera o que o tinha já ordenado de ordens sacras. O senhor D. Antonio, aconselhado de alguns mancebos a que as virtudes não eram saborosas, nem os conselhos justos estimados, o inquietaram e descordaram de maneira com o Cardeal seu tio, que o fizeram romper em queixumes publicos e ir-se de sua conversação e casa, onde o criava como filho, a Castella á côrte d'El-Rei D. Philippe, o qual achando em sua magestade as honras e gasalhados que de tão alto Principe e tão chegado em parentesco se esperavam, esteve alguns dias na côrte, até que ou por mandado d'El-Rei D. Sebastião, ou por assi lhe parecer bem, se foi a Tangere, lugar fronteiro de Africa, onde esteve muios dias, em os quaes Cide Murça, homem de muita auctoridade e reputação entre os mouros, por temor do Xarife Mulei Hamet se veio a Tangere fugido com mulheres e filhos, pôr-se debaixo de seu emparo, o qual d'ahi mandou a Portugal.

O senhor D. Antonio, como andava já de todo desavindo com o Cardeal seu tio, querendo-se desherdar dos beneficios que esperava, e fazer-se desmerecedor de seu amor, ou Deus assim o permittir, impetrou do Summo Pontifice o dispensasse das ordens sacras e de suas obrigações, e pudesse andar em habito secular, como de feito alcançou, o qual tanto que veio ao reino foi bem recebido d'El-Rei; e por ter muitas dividas e vêr que El-Rei não cessava do intento de passar á Africa, e de força se havia de aviar, pera o acompanhar, foi-se assentar em Almada, onde poupava algumas das muitas despezas que costumava fazer.

CAPITULO VII

Como trataram de casar a El-Rei

Não dispõem os fados os successos humanos subalternados ao livre alvedrio, como alguns gentios cuidavam, mas á Divina Providencia, por que são governadas todas as cousas inferiores, principalmente os corações dos Reis, com os quaes Deus tem particular conta, pela dependencia que todo o povo tem de seu governo; por tanto a esta causa e vontade divina se deve reduzir não terem effeito os casamentos nomeados a El-Rei D. Sebastião, pois elle tinha na sua eterna mente dado outra traça alevantada e escondida ao humano engenho. Depois que morreu a rainha D. Maria, a francesa, filha d'El-Rei D. Henrique de França, o qual morreu em umas justas, e mulher d'El-Rei D. Philippe de Castella, mandou El-Rei de França, seu irmão, embaixador ao mesmo rei de Castella, pedindo-lhe que por se tornar a soldar o parentesco e amizade, interrompida na morte da Rainha D. Maria sua irmã, quizesse ajuntar-se em matrimonio com outra sua irmã Margarida. El-Rei D. Philippe, como muito catholico e virtuoso pareceu-lhe não convir á sua grande honestidade e exemplo casar com a irmã de sua mulher de que tinha filhos, posto que a Sé apostolica os pudesse dispensar, e as republicas de Castella e França interessassem paz e amizade com outros bens temporaes, não veio nisto.

El-Rei de França desejoso de casar a irmã, posta debaixo de seu emparo como pai, quando vio que se não podia effectuar o casamento em Castella, tentou tratal-o com El-Rei D. Sebastião de Portugal. Martim Gonçalves da Camara, e o mestre seu irmão Luis

Gonçalves da Camara, a cujos conselhos e disposição El-Rei estava entregue, pareceo-lhes convir muito ao reino de Portugal ter liança de parentesco com França, pera ser mais provido dos mantimentos de que muito carece, principalmente de pão.

Com estas e outras considerações estava o negocio de acordo de se aceptar e dado esperanças de se concluir. El-Rei D. Fhilippe de Castella, por ser tio de El-Rei D. Sebastião, e que zelava todo o seu bem e honra, lhe mandou pedir e á Rainha e cardeal houvessem por bem que elle não aceptasse o casamento de França, nem desse palavra resolutoria sem elle o saber e intervir nisso. El-Rei de Portugal e as pessoas assim nomeadas, que entrevinham nestes negocios, vendo o zêlo d'El-Rei de Castella ser muito justo, e desejando comprazel-o em tudo, lhe responderam que assim o fariam e elles mettiam o negocio do casamento d'El-Rei na sua mão, e aceptaria por mulher a que elle lhe parecesse bem.

El-Rei de Castella como tambem era tio das filhas do Imperador Maximiliano, lançando contas mais proveitosas á christandade e ás republicas temporais, assentou que El-Rei de França cazasse com D. Anna filha mais velha do Imperador, e El-Rei de Portugal com a filha segunda.

Dada esta conta a El-Rei de Portugal e á Rainha sua avó e ao cardeal seu tio, pareceo-lhes bem, e assim ao mestre d'El-Rei e a Martim Gonçalves.

Depois d'esta resolução El-Rei D. Philippe de Castella, mudando o parecer juntamente com a mudança dos tempos, tomou outro acordo differente do assentado, o qual foi que o mesmo rei de Castella casasse com D. Anna sua sobrinha, filha mais velha do Imperador, e el-Rei de França com a segunda, como de feito ambos casaram, e El-Rei de Portugal com a ir-

mã d'El-Rei de França, com que antes estava concertado, e El-Rei de Castella havia pedido se não effectuasse; e mandado o recado a El-Rei de Portugal da mudança e assento, e como elle havia de casar com a irmã d'El-Rei de França, algum tanto secretamente se aggravou El-Rei de Portugal, por agora novamente lhe querer fazer aceptar a mulher que antes lhe impedira: por esta causa, por conselho de Martim Gonçalves e do mestre, não respondeu El-Rei ao recado de Castella ao primeiro correio, nem ao segundo, nem terceiro, até o quarto, nos quaes se mandava pedir procuração pera se fazer o contrato em dia já pera isso aprasado, a qual não sómente não mandaram, mas resposta cheia de queixumes em querer tanto abusar de sua liberdade sometida a conselhos pouco proveitosos e menos honrosos, variados por voltas que viessem a fazer assento onde tinham começado; do qual El-Rei de Castella se mostrou tão aggravado em lhe quebrarem a palavra, que esteve em termos de quebrar com El-Rei de Portugal; mas como El-Rei de Castella entendia todas estas alterações nacerem de Martim Gonçalves, o qual tinha suprema valia com El-Rei, mostrando-se mui sentido de uma tão altiva insolencia como pouco acatamento de sua dignidade real, mandou pelo seu embaixador D. João da Silva (que na côrte d'El-Rei de Portugal andava) pedir a El-Rei D. Sebastião Martim Gonçalves da Camara não entendesse em seus negocios, porque elle era suspeito. De maneira que pelo acima dito não houve effeito o casamento d'El-Rei de Portugal.

CAPITULO VIII

Como El-Rei mandou o senhor D. Antonio a Tangere

Parecendo a El-Rei D. Sebastião ter já commodidade de commeter a conquista de Africa, em que trazia postos os intentos, e a memoria cada dia refrescada com suas lembranças e desejos, começou dar ordem a principios como se fizesse : o qual mandou chamar D. Diogo de Sousa, fidalgo velho e prudente, que morava em Evora, e o fez governador do reino do Algarve, onde o mandou residir com certo regimento, mas o principal era para d'alli dar ordem á embarcação da gente que o havia de seguir, conforme a sua determinação. D. Diogo, posto que como velho e experimentado não aprovasse os desenhos d'El-Rei, por serem mais fundados em esforço que rezão, estribados sómente nos esforços de mancebo ajudados de máos conselhos, não ousou dizer-lhe seu parecer, mas com temor e obediencia foi fazer o que lhe elle mandava.

El-Rei querendo solidar mais o intento, no qual já declarava de passar á Africa contra parecer do seu conselho, mandou o senhor D. Antonio prior do Crato (o qual já então andava em habito secular) se fosse diante per Tangere; mas como elle não havia sido doctrinado na arte militar, nem tinha experiencia dos meneios de guerra, por haver gastado a mocidade nas letras humanas e sagrada theologia, deo-lhe por conselheiros D. Duarte de Menezes, e D. João de Menezes, e D. Alvaro Coutinho, e D. Fernão de Mascarenhas e D. Gastão Coutinho, todos fidalgos muito nobres e praticos na milicia, principalmente na de Africa, onde alguns d'elles haviam sido capitães, e outros

fronteiros; além dos quaes levou muitos fidalgos, assi criados seus, como outros mancebos desejosos de ganhar honra de ir servir a El-Rei nesta jornada, e mais indo em companhia do senhor D. Antonio, Principe benino e liberal em mercês e cortesias, com que obrigava a vontade de muitos, e levava traz si os olhos e amor de todos, com o qual tambem obrigava as vontades. Com elle tambem foram muitos homens honrados e alguns cavalleiros de Africa, que andavam na côrte em requerimentos, aos quaes El-Rei mandou dar cavallos, que com os de Tangere se fizeram oitocentas lanças.

Partido o senhor D. Antonio de Lisboa em agosto de sessenta e quatro, com uma armada de galés e galeões, chegou a Tangere, onde foi recebido de todos os fronteiros e soldados com incrivel contentamento pelo conhecimento de suas grandesas e affabilidade, assi do reino como do tempo que lá estivera, como atraz fica dito. Posta a gente em ordem segundo regimento que levava d'El-Rei, algumas vezes lhe correram os mouros até ás tranqueiras como commummente costumavam, aos quaes rebates o senhor D. Antonio sahia com a gente de pé e cavallo, mostrando estremado esforço no commetter, e singular prudencia no mandar; mas como D. Duarte de Menezes tinha pretenção na capitania de Tangere, por haver sido de seu pai e avós, e lá não haver de presente capitão, em todas as sahidas dos rebates o senhor D. Antonio, usando da sua beninidade e confiança de Principe, com palavras de muita cortezia e brandura, lhe dizia que mandasse a gente e a ordenasse, que elle não era alli senão seu soldado.

D'esta maneira estava o senhor D. Antonio em Tangere sem passar seu regimento, esperando cada dia que El-Rei chegasse com o resto do exercito e mais

frota. O Xarife Mulei Hamet, tendo já noticia dos intentos d'El-Rei passar á Africa, quando soube que o senhor D. Antonio estava em Tangere, entendeu claramente ser elle o denunciador da guerra esperada, a quem El-Rei havia de seguir nas costas, ao qual os mouros deram facil credito ensinados de um espantoso medo, já de muito tempo arreceado á custa das rotas que cada dia recebiam dos portuguezes fronteiros, com perdas das vidas e fazendas: e quando viram este aparelho, o temeram muito mais; pela qual causa o Xarife começou a fazer grande gente e as mais munições, fortificando-se com maior cuidado; e tanto foi o temor dos mouros de entenderem que El-Rei não tardaria muitos dias, que presumindo que entraria pela terra dentro (como na verdade determinava) como o senhor D. Antonio chegou a Tangere, logo os Alarves começaram a recolher seus aduares, e metter-se pela terra dentro com a gente e gados.

CAPITULO IX

Como El Rei passou á Africa

QUANDO Luiz Gonçalves da Camara, mestre d'El-Rei, e Martim Gonçalves, seu irmão, entenderam quão determinado El-Rei estava de passar á Africa, sem defferir aos conselhos e persuasões que lhe tinham dado, e quão pouco poder e aparato tinha pera poder sahir com empresa de louvor, antes temendo o discredito da honra em não levar ao cabo o que começava, e o perigo de sua pessoa se nisso persistisse, como homens muito validos com elle, procuravam com todas as forças dissuadi-lo da

jornada: mas como El-Rei estava influido neste fatal parecer, e obstinado em uma vontade tão errada, nem bastaram conselhos do mestre, nem rogos de Martim Gonçalves pera o fazer desandar de sua obstinada tenção.

O mestre d'El-Rei, ou porque quando era menino o tinha metido nesta maginação, ou nos principios o não tirou d'ella, agonisado em o vêr tomar caminho sem sahida, e temer grandes desastres, andava mui descontente, chorando mil lagrimas de sentimento; o qual não sómente não se abalava a fazer mudança alguma de sua opinião, mas com acceso fervor desejava já pôr-se ao caminho, e pera que o pudesse fazer meio escondido de todo o povo, o qual geralmente clamava e condemnava um desenho tão cheio de perigos, e tão mal acertado sem fundamento, ordenado por seu parecer sem experiencia da milicia, e com engenho inquieto e desejoso de alcançar fama per cavallarias maginadas com fervor juvenil, determinava ir-se aquelle verão a Cintra, e com isso dissimular a ida, e tirar o povo de seus temores; mas como elle tomava isto por meio de melhor poder effectuar sua jornada sem lh'a estorvarem, mandou aviso a D. Fernão d'Alvares de Noronha, capitão mór das gallés, estivesse prestes no porto de Cascaes, lançando fama que queria ir ao Algarve sómente.

Os fidalgos e gente prudente, entendendo como as cousas eram já inclinadas com ruinas de errados conselhos, ameaçando grande precipicio, não se asseguraram com a fama publicada, entendendo este negocio, debaixo do qual facilmente se enxergava outro mais dos desenhos errados d'El-Rei, e medindo estes movimentos do apetite de um só mancebo sem experiencia pela rezão de muitos velhos e experimentados, vendo em como El-Rei não mandava fazer pres-

tes gente, nem munições, nem outras machinas de guerra, confusos com o furor que lhe temiam e o descuido dos aparatos essenciaes, estavam preplexos em extremos tão contrarios, com que não se determinavam, entendendo os avisados bem como nenhuma providencia humana não pudesse anticipar a conselhos contingentes, e fóra de ordem, andavam suspensos vigiando com mais prudencia onde os negocios caminhavam, e esperavam o fim d'elles quasi a caso, com temor de outro mais certo de males.

Sabendo pois El-Rei como as galés estavam em Cascaes (duas legoas de Cintra) se foi lá, e sem mais provimento nem aparelhos embarcou n'ellas, que eram tres, nas quaes iam por capitães D. Fernão d'Alvares de Noronha general d'ellas, Jorge d'Albuquerque Coelho, Bernardim Ribeiro, e mandou a Simão da Veiga, que andava guardando a costa com um galeão e cinco caravellas, o seguisse, sem mais outra frota nem aparato.

O senhor D. Duarte, o duque d'Aveiro, o conde do Vimioso, com os mais fidalgos que o acompanharam, admirados da subita determinação e conselho tão temerario e alheio de rezão, em querer alcançar fins sem os meios, e victorias mui honrosas de grandes povos e espaçosas provincias de gente bellicosa e de antigo odio, sem armas nem forças, sem terem recado nem tempo de se proverem sobmente pera o caminho, se embarcaram da mesma maneira e com os vestidos de côrte, sem mais provisão. Alguns que ainda cuidavam aquelle abalo ser sómente ao Algarve, não se determinaram no que haviam de fazer, esperando onde a determinação parava.

Chegado El-Rei ao cabo de S. Vicente esteve ahi alguns dias, e logo por correios despedio cartas pelo reino ás cidades e villas, e senhores fidalgos e outros

homens de nome, como elle passava a fazer guerra á Africa, e lhes rogava o seguissem, cada um segundo sua possibilidade, as quaes cartas já iam feitas de Cintra, e se affirma serem oito mil, parecendo a El-Rei que com esta manha sahia com seu intento, fazendo os homens as despesas á sua custa propria; pois o impedimento que punham de a não começar era a falta de dinheiro, de que o reino carecia.

Os fidalgos e mais gente a que as cartas foram dadas, como se desenganaram do caminho d'El-Rei, fazendo-se cada um prestes com a mais pressa possivel por o acompanhar e achar-se presentes com elle, mais pera lhe serem companheiros no perigo que por tirarem proveito da jornada, começaram por mar e terra a segui-lo, deixando atraz os provimentos necessarios, os quaes com as presenças de suas pessoas cumprissem com a obrigação de obediencia, e com irem offerecidos aos perigos que a jornada promettia se mostrassem leaes vassallos, e dando nisto a ordem do governo inferior mostra de quanta força tem a vontade dos Principes, ainda que cega e sem resão, pera aballar tantas gentes a empresas notoriamente conhecidas por damnosas e prejudiciaes, sem poderem resistir aos principios dos males que forçadamente vão buscar.

CAPITULO X

De como o Cardeal ficou governando o reino emquanto El-Rei esteve em Africa

Tanta era a privança de Martim Gonçalves com El-Rei D. Sebastião, e auctoridade que tinha alcançado no povo, que cuidou ou tratou ficar governando o reino em absencia d'El-Rei; mas porque era devido fazer se primeiro este offerecimento de governo ao Cardeal D. Henrique, não teve effeito o intento de Martim Gonçalves por o Cardeal aceptar o cargo, condoendo-se do desamparado povo, quasi metido em um mortal perigo; o qual aposentado em Lisboa nas casas de D. Martinho de Castel-Branco, junto ao Limoeiro, começou a entender nos negocios e despachos publicos, com todos os officiaes assim da justiça como dos mais tribunaes, dando audiencia a todas as partes com maravilhosa prudencia e inteireza de justiça, enchendo aquelle lugar com grandezas e virtudes reaes.

Martim Gonçalves, segundo se entendeu, tomado do Cardeal se atravessar na sua pretenção, ou por sua auctoridade, parecendo-lhe ser menos estima da sua honra sujeitar-se a elle, estando custumado mandar com imperio absoluto e com liberdade quasi real, absentou-se da cidade e foi-se aposentar no mosteiro de Bemfica da ordem dos prégadores, meia legua de Lisboa.

O Cardeal, sentindo muito o intento de Martin Gonçalves e altivos pensamentos com que media e queria igualar a diversidade das pessoas tão distinctas nas dignidades e qualidades, dissimulou com animo grave e prudente, e lá no interior concebeu tal desprazer d'elle que nunca mais o gostou, assim, emquanto El-

Rei D. Sebastião viveu, como depois que elle reinou; o que claramente se vio, que nunca o occupou em cousa alguma emquanto foi Rei, nem lhe mostrou algum signal de contentamento, nem esperanças de se servir d'elle.

Neste tempo, quando El-Rei estava em Africa, e do principio de sua partida, vendo o Cardeal e todo o povo quão metidas estavam todas as cousas publicas em umas esperanças cheias de males, postos em grande agonia e tribulação, foi nos pulpitos encommendado aos religiosos e mais povo se convertessem a Deus com lagrimas, e lhe pedissem remedio dos males que ameaçavam o reino por tão inconsiderada determinação d'El-Rei, e inspirasse em seu coração e lhe alumiasse o entendimento pera tornar atraz do seu caminho mal começado, com temor de ter peor fim. E logo foi ordenado pelo Cardeal e D. Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa, de dia e de noite estivesse o Santissimo Sacramento fóra do Sacrario, alternadamente em todos os mosteiros e igrejas da cidade, onde os devotos concorressem a pedir-lhe favor, pera que vendo a tribulação de um povo afligido e arriscado a graves perigos por os appetites de um rei moço, se apiedasse d'elles, fazendo-lhe além d'isto muitas preces e ladainhas com tanta devoção, quanta era a necessidade presente em pedir do ceo remedio, que humanamente se não esperava.

A Rainha D. Caterina, a quem sempre pareceu mais prejudicial esta jornada, e mais temerario o conselho d'El-Rei, com o coração partido em differentes pensamentos, não tinha repouso na alma, como aquella a quem cabia maior parte d'estes sobresaltos e temores, pondo os olhos em Deus, lhe pedia pozesse em sua guarda e debaixo de seu emparo um Rei moço enganado na obra, mas não no zêlo e vontade de o servir.

Com estas e outras considerações revolvia em seu peito muitos cuidados, uns dos perigos d'El-Rei, outros da desconsolação do povo, e sobre tudo se humilhava diante de Deus, pedindo-lhe seus peccados não fossem verdugo do neto innocente, nem do povo que o não merecêra, rogando-lhe que não desse ousadia nem esforço aos barbaros africanos pera com abatimento da fé catholica, executarem seu furor no exercito christão, quasi perdido e descaminhado como gado sem pastor; pois tão prejudicial governo seria motivo pera os esquadrões, sem resistencia, cruzarem as mãos e estenderem os pescoços aos golpes do inimigo.

Nestas e outras tristes considerações gastava a santa velha os dias e noites, sentindo mil sobresaltos cada hora em seu coração, que lhe tiravam o repouso e somno, com grandes perturbações do entendimento e inquietações d'alma.

CAPITULO XI

De como El-Rei tornou a Tangere, e foi aconselhado se tornasse pera Portugal

O zêlo d'El-Rei D. Sebastião em passar á Africa como não era fundado em rezão que tivesse meios nem fins proveitosos, senão em um apetite de mancebo, profetisado com mal afortunado sucesso, o qual não se podia enfrear com conselhos sãos, então os senhores e fidalgos velhos de seu conselho o acompanhavam com maior cuidado, ao menos pera lhe poderem atalhar os males que suas desordens promettiam.

Chegado El-Rei a Tangere e os Principes do reino,

uns que logo se embarcaram com elle nas galés, outros que com grande pressa o seguiram, não tratavam de guerra, de que se esperava manifesto damno, senão em impedir por todas as vias os principios d'ella: d'esta maneira, em conselho todos juntos muitas vezes pediram a El-Rei que se quizesse tornar a Portugal, porque a sua ida fôra sem ordem não podia tirar d'ella fruito, antes muita quebra da sua honra e notorios damnos de seus vassallos, os quaes como zelavam mais a honra de sua pessoa real que as proprias vidas, tinham obrigação de o avisar como a guerra emprendida levava os principios errados, com manifestos indicios de mal afortunados fins, e não davam outra maior prova de Sua Alteza crêr o que lhe aconselhavam com amor, senão vêr que com tanta mais vontade todos o seguiam, quanto mais entendiam arriscarem as vidas em seu serviço.

El-Rei, a quem todos estes avisos pareciam covardias de quem os dava, zombava d'elles como de rezões frivolas pera desmanchar seu acertado intento, e por se mostrar mais desprezador dos perigos tantas vezes pintados, algumas vezes sahio ao campo montear, duas legoas da cidade, com tanta segurança como se andasse nas coutadas d'Almeirim.

Posto que a gente de pouco entendimento ornasse com muitos louvores estes esforços d'El-Rei, em se fazer desprezador dos imigos, e passar com animo ousado por suas terras, sem haver quem lho impedisse, e cuidassem serem estas cousas já uns principios da posse d'aquellas espaçosas provincias, os velhos todavia, que com prudencia e maduro juizo viam aquellas temeridades tão cheias de perigos, então choravam mais os infortunios de que viam andar cercado o mancebo enganado com vãs fantesias, os quaes quanto mais sentiam o perigo, tanto mais instavam

em seu requerimento, assim em secreto como em publico, té os pregadores o dizerem nos pulpitos: mas quiz Deos que a experiencia désse a El-Rei o desengano, a quem as resões não persuadiam; por que mandando o Xarife correr-lhe a Tangere, com muita gente a cavallo, o alcaide Cid-Hamu-Benanza, viso-rei de Mequinês, esforçado e destro capitão, quando El-Rei vio este rebate, afervorado em desejo de pelejar, mais guiado de um fervor juvenil que de valor de capitão experimentado, se sahio ao campo com toda a gente da cidade, parecendo-lhe que já a sua boa dita lhe trazia meter os imigos nas mãos, e fazer offerta das victorias que tão meditadas trazia no apetite, sem ficar lugar á resão de tomar parte d'ellas.

Sahindo pois El-Rei fóra no rebelim, e vendo como a cantidade dos mouros excedia no numero aos cristãos, e cometiam com esforço denodado diante de sua pessoa, com maiores algasarras que feridas, onde houve alguns recontros de pouco momento, mandando fazer resenha de sua gente, achou novecentos e quinze cavallos d'armas e ligeiros; o qual desenganado quão pouco tempo tinha já do verão (que era em outubro) pera poder fazer guerra, e quanto vagar haviam mister em a gente chegar de Portugal, por estar tão desapercebida, por o tempo quando lhe foi dado o aviso ser muito tarde e a jornada muito comprida, começou então dar entrada ás resões alegadas, o que parece Deos nelle obrou pelas muitas orações feitas em Portugal, que o alumiasse em seus conselhos. Com isto vendo-se atalhado em suas pretenções, enxergando outro caminho mais seguro e certo, determinou tornar-se em Portugal: mas parecendo-lhe poder cobrir o erro já publicado por todo o mundo, tornou a rescrever ás pessoas a que tinha escripto, se entretivessem e não passassem á Africa, porque seu

intento não fôra mais que visitar Tangere e Ceita, e tornar-se, como de feito já estava de caminho. Com esta determinação foi El-Rei nas galés a Ceita, onde estava por capitão o marquez de Villa Real, e vendo-a se tornou a Tangere pera d'ahi se embarcar pera Portugal, como fez.

CAPITULO XII

Como El-Rei D. Sebastião se tornou de Africa pera Portugal

Com esta determinação d'El-Rei, mais cheia de proveito que honra, se alegraram todos os portuguezes presentes, tendo por bem empregadas as despezas já feitas, havendo que alcançavam maior victoria d'este apetite cego que dos imigos, ficando preservados dos evidentes perigos e damnos, com temor de mór abatimento do nome portuguez, muito antes temido entre todas as barbaras nações, pois com uma sisuda desculpa do entendimento d'El-Rei moço, e de espiritos altivos em cometer empresas arduas, com desejo de igualar sua fama e gloria com a dos mais esclarecidos capitães, ficava este errado acometimento perdoado dos prudentes e velhos capitães, e antes louvados, assi El-Rei em mostrar tanta grandesa de animo, como seus vassalos em o seguirem nos perigos e lhos atalharem com conselhos; porque quanto mais a juvenil idade se anticipa com animo esforçado, tanto mais merece ser louvada; e maior esperança dá d'immortal gloria; e em não ser guiada por rezão não perde o resplendor nem os premios dos louvores; pois o tempo nem a experien-

cia costumam informar os engenhos humanos senão quando estão maduros de dias, e cheios de largos discursos.

Juntas pois em Tangere as galés e galeões e outras muitas embarcações, que já a este tempo eram chegadas, deram ordem pera se embarcar, com assás trabalho e confusão, por não haver embarcação para tanta gente, fato e cavallos. E faltando a muitos embarcação pera virem por mar, se passaram a Cales e a Gibraltar, e d'ahi se vieram por terra atravessando Andaluzia. El-Rei se embarcou em um galeão muito formoso, em cuja companhia vinha o duque d'Aveiro e outros muitos senhores, e o senhor D. Duarte vinha em outro, onde tambem o acompanhavam muitos fidalgos, como coube á sorte ou foi vontade de cada um: o senhor D. Antonio se veiu por terra com sua gente. Com esta ordem pouco concertada se partio El-Rei de Tangere no mez de Outubro de sessenta e quatro.

Dando toda a armada á vela, seguindo o farol de El-Rei, como foram empegados no mar alto, sobreveio uma tormenta de nordeste, tão grande que espalhou toda a frota, correndo toda a embarcação como os ventos e os mares lhe davam lugar, perdendo todos em pouco tempo o galeão d'El-Rei de vista, sem haver mais cuidado em cada um que em salvar as proprias vidas da impetuosa furia das agoas, contra as quaes não havia força nem rezão, pera ao menos serem companheiros a El-Rei na sorte e perigo.

O galeão do senhor D. Duarte succedeu-lhe melhor viagem: veiu ter ao porto de Cascaes, cinco legoas de Lisboa, onde achando não haver novas do galeão d'El-Rei, como Principe prudente, e a que não faltava consideração devida, tendo muito pezar com

sobresaltos de lhe acontecer algum desastre, não se quiz desembarcar nem sahir em terra até elle não vir. O galeão d'El-Rei constrangido dos temporais, (por assim ser necessario), o piloto e mareantes se meteram em o mar largo, e se foram na altura da ilha da Madeira, a qual cidade de Lisboa está cento e cincoenta legoas, e d'ahi, amainando a tormenta e abonançando os mares, começaram a fazer viagem pera o reino com tempo mais socegado.

El-Rei como de sua condição era soffredor de trabalhos, e quasi espreitador de perigos em os buscar, nunca em este temporal, com assás perigo de sua pessoa, mostrou sentimento de medo, antes parecia achar nisto todo o contentamento, porque lhe parecia que era obrigação de seu esforço vencer todos os trabalhos cheios de perigos, e em tal tempo lhe parecia que satisfaria a si mesmo a empreza da guerra que lhe o tempo e fortuna tiraram, onde dezejava empregar a virtude de seu animo e força do braço. A Rainha, Cardeal e toda a cidade, postos em grande cuidado e confusão por não haver nova d'El-Rei, e saberem quão arriscado elle andava, e quão pouco receava os perigos, pois os buscava, não achando remedio humano onde se acolhessem, buscaram-no mais certo, que foi o divino, abraçando-se com Deos com lagrimas e orações, pedindo-lhe provesse onde as forças humanas não podiam, e o que as necessidades do povo pediam.

Estando todos, como fica dito, nesta agonia d'alma acrescentando-se a tristeza com a tardança das novas d'El-Rei, tudo estava cheio de esperanças das novas de cada momento, com assás confusão. Nisto aprouve a Nosso Senhor de improviso vir nova como El-Rei era chegado ao cabo de S. Vicente, com a qual se tirou uma nuvem dos corações dos homens, occupa-

dos com um profundo nojo e quebrantados de golpes de sobresaltos e receios, e deram logo muitas graças a Nosso Senhor com publica alegria, mandando repicar os sinos, em signal da mercê que Deos fazia a todo o reino, nos males grangeados por sua vontade ou pecados do povo.

Como o galeão foi surto e lançaram ancora debaixo da fortaleza de Sagres, se sahio El-Rei em terra, e mudando-se de um perigo a outro, se embarcou nas galés que ali eram chegadas, e com tempo sudueste (que n'aquella costa é mais furioso de todos os ventos, e faz empolar o mar com toda a braveza de altas e profundas ondas) por meio d'aquelles montes e concavidades marinhas deo á vela, sem receio seu, e com incrivel medo de todos que o seguiam; mas posto que o vento fosse em popa pera Lisboa, e a viagem se fizesse com grande velocidade em um dia e uma noite, foi tão importuno o furor do mar, que parecia sorver as galés, porque levantando-as umas vezes, e outras abaixando-as aos abysmos, as enchia a miudo d'agoa, com ameaças de as sobverter, de maneira que todas vinham alagadas.

Tanto eram estas viagens da arte d'El-Rei, que aquella tormenta era a frescura que o refrescava, e os mares agoas cheirosas com que os mimosos se borrifavam. Tanto este esforço e perda de todo o medo punha espanto geralmente em todos os homens com admiração de sua grandeza de animo, tanto mais era tido por temerario dos prudentes, e chorado dos amigos, com receio dos males que depois lhe succederam; porque não é de animo ousado desviar-se da rezão nas cousas onde não vale esforço, nem é prudente ser prodigo da vida, principalmente quando o perigo não é forçado, ou com elle não se esperam evitar grandes males.

O senhor D. Duarte, que ainda estava no mar em Cascaes, quando vio El-Rei vir nas galés em tempo tão trabalhoso, não temendo perigo algum (o qual como esclarecido Principe amava) se foi logo a elle, e se meteu na sua galé, e com tormenta e chuva que os seguia entrou El-Rei á vella pelos cachoupos, a dois de Novembro de setenta e quatro, e d'ahi passando defronte da cidade, com assás concurso de gente que na praia e janellas sahia a vêr, como cousa dada por Deus e resgate de infelizes successos, passou adiante e foi desembarcar a Enxobregas, onde a Rainha sua avó pousava e onde aquelle jantou, a qual então e todo o povo o receberam com lagrimas d'alegria, conferindo este dia com o do seu nacimento, não julgado um por mais ditoso que outro, nem de desigual obrigação de louvar a Deus em o dar pera amparo do povo, ou o tirar do fatal apetite de se entregar a um immortal e infeliz perigo.

CAPITULO XIII

Como o senhor D. Duarte se foi pera Evora aggravado d'El-Rei, onde morreu

Como a improvisa partida d'El-Rei pera Africa tomasse todos os homens que se embarcaram com elle despercebidos das cousas necessarias, e outros logo nas suas costas partiram, por se mostrarem zelosos nas cousas de seu serviço, e comprirem com as leis de primor e lealdade, em negocio onde cada um mais se movia a ir salvar a vida d'El-Rei que tratar de lhe alcançar victorias, e não tiveram tempo de se prover, passaram em Tangere mui-

tas necessidades, assi de mantimentos, como de dinheiro, antes que os provimentos de cada um chegassem.

O senhor D. Duarte, que por seus ministros teve melhor providencia, com muita diligencia foi soccorrido a Tangere de todas as cousas em muita abastança como convinha á sua grandeza; o qual vendo como muitos fidalgos não tinham ainda recado dos seus provimentos, parece que se alegrava em vêr occasião em que pudesse empregar sua magnificencia e liberalidade; por que dando meza geralmente a todos os fidalgos que a queriam aceptar, e acudindo com dinheiro a todos os que haviam mister, e com vestidos e mantimentos a homens honrados, não se enxergava nelle pezo em fazer tão grandes despezas, senão pezar dos que as não iam receber; além d'isto, pera mostrar sua condição real (até então não mostrada em publico) fazia evidentes demonstrações de amor a todo o homem, com muita afabilidade e cortesia, e dava de si estar offerecido a todos os favores d'elle esperados, e com a beninidade de seu aspeito estava convidando a todos, e chamando-os a receberem d'elle mercês, e com agradecimento lhe pagarem o gosto que tinha em amar a todos e ser amado de muitos. Com esta brandura, que o senhor D. Duarte usava por serviço d'El-Rei, em parte cobrir algumas faltas notorias no mais provimento da jornada, acquirio a si os animos e vontades dos homens, com admiração da grandeza divina de amor, e louvor de Principe esclarecido, pera ornamento das mais virtudes crecidas com sua idade, do que cuido se fez troca do senhor D. Duarte com o senhor D. Antonio, que sendo antes muito amado por sua affabilidade, e nas mercês e cortesias mui liberal, nesta jornada perdeu muito do louvor antigo, e em certa maneira declinou em ser

aborrecido, assi por algum aspero tratamento de palavras que fazia aos homens, como por alguns descuidos que no tal tempo teve de não usar da sua antiga liberalidade.

Com os excessivos gastos que o senhor D. Duarte fez nesta jornada, ficando muito individado, e nunca em El-Rei achar favor nem mercê, e vir pouco sabroso d'elle, de o não tratar com as cortezias devidas á sua pessoa nem iguaes a seus merecimentos, ajuntando novos aggravos aos já passados, dissimulando uns e outros com encoberto sentimento, fingindo ir visitar a D. Izabel sua mãe, que estava em Villa Viçosa, se partiu da côrte com licença d'El-Rei, assim pera fugir aos maus tratamentos que lhe elle fazia, como pera se desindividar das despezas que tinha feitas. O Cardeal seu tio (que então era arcebispo de Evora, e o havia sido outra vez da mesma cidade antes de o renunciar em D. João de Mello, por acceptar o de Lisboa quando governava o reino, o qual depois renunciou em D. Jorge de Almeida, e tambem o havia sido de Braga sendo ainda mancebo) vendo o desgosto do senhor D. Duarte e sua necessidade, o recolheu a si como pae, com muito amor e amizade, recreando-se em sua vista, e alegrando-se com as muitas virtudes que nelle havia, a quem acudia com muito dinheiro pera os gastos de sua pessoa e casa, tendo mui a meude com elle muitas praticas e frequente conversação, alliviando-o da dôr que lhe faziam as lembranças das semrezões d'El-Rei.

Estando pois o senhor D. Duarte quasi de assento em Evora, sem intenção de tornar á côrte, veio a enfermar de terçãs, com relaxamento e intensas dôres de estamago, e crescendo o mal pouco a pouco, cahio em cama com enfermidade mortal, da qual acabou com claros protestos da fé e da devoção dos sacra-

mentos, que recebeu, mostrando com inflammado peito o desprezo da vida mortal e entranhavel saudade da gloria, fazendo infinitos colloquios com Deus lhe perdoasse suas culpas, e não temendo o espantoso aspecto da morte corporal, não pedia a Deus senão a presença da sua pessoa em seu juizo benino e de misericordia. Finalmente com todos os signaes manifestos da predestinação da sua alma, o qual exemplo edificava a todos a bem viver, e com doctrina a bem morrer, falleceu o senhor D. Duarte em Evora, nas casas do marquez de Ferreira, aos seis dias do mez de Octubro de mil e quinhentos e setenta e cinco; e por que o Cardeal fez em Evora um sumptuoso mosteiro dos frades da companhia, onde fundou universidade de humanidades, artes e theologia, fez em elle uma fermosa igreja, onde pôz sua sepultura.

O senhor D. Duarte, desejando não se apartar na morte do Cardeal seu tio, que tanto o amou na vida, deixou em seu testamento pedido com muitos rogos o enterrassem ao pé da sua sepultura, como se fez: mas como o Cardeal, depois da morte d'El-Rei D. Sebastião, sucedeu nos reinos com o titulo de Rei, mudando com a fortuna a sepultura ao convento de Belem, onde está o jazigo dos Reis de Portugal, mandou que o senhor D. Duarte fosse tresladado á sepultura, a qual elle antes tinha feito pera si, na qual agora jaz o esclarecido Principe D. Duarte, filho do Infante D. Duarte, claro em o sangue dos Reis de Portugal, e muito mais pelas virtudes, com as quaes fez sua alma moradora da eterna gloria, e deixou no mundo fama de Principe illustre, e exemplo de vida honesta e religiosa, com assás magua do povo portuguez por sua morte e saudade de sua vida.

CAPITULO XIV

Como em Africa se alevantaram os Xarifes, e que homens eram

Pera mais clara noticia das guerras civis, nacidas em Berberia no anno de setenta e cinco, entre Mulei-Maluco e Mulei-Hamet, Xarifes, d'onde D. Sebastião, Rei de Portugal, tomou ocasião de passar segunda vez á Africa com mal afortunado successo, é necessario tocar a historia mais de atraz, e saber de raiz a sua origem.

Depois que o imperio dos Reis de Berberia foi quebrado de suas antigas forças pelas armas christãs, o qual d'antes comprehendia os reinos de Argel, Tunes, Carthago, excepto os que ora possue, e se estendia até Espanha, vieram alguns senhores a apoderar-se das principaes provincias, a que puzeram nome reinos, e elles se chamaram Reis; as quaes como eram pequenas, e inda em cada uma d'ellas havia outros alcaides proprietarios de certas cidades e campos, com rezão se podiam chamar regulos pequenos, e não Reis poderosos: os quaes como todos eram mouros imitadores da septa de Mafamede, e costumasse cada um usar mais de poder e força que da equidade da justiça, nunca entre elles houve paz firme, nem se contentava cada um estar recolhido dentro dos termos de seus senhorios, mas trabalhava por todas as vias ocupar as terras de seus visinhos, talhando os campos, roubando os gados, e finalmente fazendo-se continuas guerras. Como estes costumes eram tão usados entre estes Reis, nem os moradores viviam seguros dos assaltos dos vesinhos, nem as cidades dos golpes

da fortuna, a qual cada dia se inclinava de uma parte á outra, fazendo mil mudanças com os tempos.

Com estas alterações viviam estes Reis pouco pacificos e menos seguros, mais ao modo de tyranos que queriam antes seus proveitos particulares, que como Reis antepôr o bem commum: mas como nesse tempo e ocasiões se levantaram os Xarifes em Berberia em grande poder e estado, com fama de valerosos e bem afortunados successos, primeiramente nomearei os Reis e reinos que elles puzeram debaixo de seu ceptro, que trate da origem de suas pessoas e fortunas, os quaes foram seis: s. o reino de Fés, cujo Rei se chamava Hamet Almerini, o de Marrocos, o qual possuia Mahomet Bocenchut, o de Tafilet, de que era Rei Araarben-Abdelmelecht, o de Tremecem, de que o era Beroeren; havia mais os reinos de Sus e Dara, os quaes no tempo dos Xarifes eram occupados e partidos em senhorios particulares de alcaides Alarves, que viviam sem obediencia de Reis como senhores livres, dominando cada um em seus aduares e cabildas, com pouco poder de vassalos e menos de riquezas que lhes dessem nome de grandes.

Houve neste tempo dois mancebos irmãos naturais do reino de Dara, nacidos de pobre geração, e depois não conhecidos por feitos de guerra ou ornados de riquezas, inda que traziam sua origem de Mafamede, de cuja nobreza se prezavam: o mais velho se chamava Mulei-Hamet Xarife, manco de uma perna, e o segundo Mulei-Mahomet Xeque: estes irmãos como fossem pobres dos bens temporais, e dotados de altos espiritos e agudos engenhos, vieram á cidade de Fés, onde em uma universidade que ahi ha se deram ás letras humanas, e ás tocantes á sua septa que expõem o alcorão, os quaes com muita curiosidade aproveitaram nellas notoriamente, e com grande habili-

dade e engenho vieram em breve tempo a ser havídos por doctos e virtuosos, com observancia da lei de Mafamede, e guarda das tradições de seu alcorão. Com este zêlo e habilidade se deram os dois irmãos a conhecer por homens de muita conta, e alcançando reputação no povo, chegou seu nome ao Rei de Fez Hamet Almerini, o qual ouvida a fama de suas letras, e suficiencia de suas pessoas, juntamente com o zêlo do alcorão, não os desprezava por serem pobres, antes os estimava como homens dignos de honrosos premios.

Os Xarifes, como além das habilidades que d'elles eram conhecidas em publico, tivessem no interior escondidos altos espiritos pera commetterem grandes feitos e esforço pera os executar, não deixavam de revolver em seu peito o que as occasiões a seus animos lhes promettiam, e vendo os tempos prenhados de quaesquer novidades, e os Principes descuidados dos damnos que estavam pendendo sobre suas cabeças, e das minas de seus thronos, tiveram maneira e valias em alcançar d'El-Rei uma bandeira e tambor (modo que em Berberia se costuma de alevantar capitão) e com gente que os seguisse fossem ao reino de Sus (que confinava com o reino de Dara sua patria) onde podessem prégar a lei de Mafamede, reformar os pouco honestos costumes, castigar os insultos, e pôr em ordem e todo o bom governo as cousas da republica temporal, juntamente com as da sua septa.

Com esta doctrina e poder vieram os Xarifes, que andavam ambos juntos, a crecer em grande auctoridade e reputação com o povo, e serem muito temidos por seu poder e forças, e acquirindo a si muitos povos, uns atemorisados por ameaças, outros convidados com mercês, que são as forças com que os animos inconstantes do vulgo sem difficuldade se do-

bram, vieram ambos de um parecer e commum consentimento a levantar-se com o reino de Sus, o qual El-Rei lhes mandou reformar na era de mil e quinhentos e dez.

El-Rei de Fez vendo-se enganado das primeiras palavras dos Xarifes vestidas de zêlo da sua septa, commutadas em tyranicas rebelliões, com alevantamento do reino de Sus, e por se temer de irem em maior crecimeeto suas fortunas e receber maior perda, começou queixar-se d'elles como tredores, e com publica desavença da-los por imigos do bem commum, com animo e ameaças de os castigar. Os Xarifes, que inda estavam unidos nas vontades e forças, parecendo-lhes o tempo benino a seus intentos, e mui dispostos a se aproveitarem das boas ocasiões para crecerem em maiores estados, pera que pudessem conservar os que com seu esforço e animo forte tinham ganhado (que já eram grandes) cometeram immediatamente o reino de Dara, visinho do de Sus, e d'onde elles eram naturaes, e o reino de Tafilet, os quaes logo se lhe renderam com pouca resistencia, assim pelo muito poder que levavam e esforço com que eram conhecidos e temidos, como per serem naturaes da terra, onde tinham muitos de sua voz e parcialidade, os quaes de uma parte os ajudavam a pôr em execução sua empreza, e da outra, com divisão, quebravam as forças dos que queriam defender sua entrada.

Com estes tres reinos e dobradas armas, mais esclarecidos com victorias que tingidos com sangue, começaram os Xarifes a pôr espanto em todos os reinos e Reis de Africa, tirando-lhes as esperanças de se poderem defender de seus acometimentos, segundo viam os Xarifes pôr os olhos em toda a Berberia, com desejo de a occupar e animo de a cometer, nem tinham

outros conselhos senão de sobresaltos e temores, sem nelles acharem alguma porta de segurança; com o que uns aparelhavam modo de resistir, e outros cuidavam nos caminhos por onde haviam de fugir; por que na determinação que viam em homens alevantados da fortuna em breve tempo de infimo estado a grande poder, não tinham que confiar em respeitos de equidade, senão em tyrannia impetuosa de mais dilatar os limites de seus estados, com accesa ambição.

Com estas novas e alterações tão violentas tudo estava cheio de temor e espanto, com penosos cuidados de achar algum remedio menos custoso do que os animos profetisavam, ensinados nos exemplos de seus visinhos, uns derribados de seus antigos assentos com jugo de captiveiro, e outros de todo consumidos com mais infelice sorte de mortal fado.

CAPITULO XV

De como os Xarifes tomaram o reino de Marrocos e o Rei de Fez os foi cercar

A este tempo Enchecha era Rei de Marrocos, grande em imperio e poderoso em riquezas, e vendo os inimigos tão visinhos crescer muito com os reinos alheios, não se dava por seguro nem isento de semelhantes assaltos. Os Xarifes, que tinham já postos os olhos em Marrocos, com animo de o occupar, não encobriram em muito tempo seu proposito, antes, publicada sua tenção, alçaram bandeira, e lançaram pregão, denunciando guerra contra Marrocos e dirigindo pera lá seus exercitos. Os filhos de Auram, postos em suas terras (nos caminhos por onde os Xa-

rifes haviam de passar) não tendo sua sorte por mais segura que a de seus visinhos, e sendo amigos de Enchecha Rei de Marrocos, quizeram provar sua fortuna em um ponto de batalha, em pôr a risco suas pessoas, antes que com vergonhosa fugida largar suas terras aos tyrannos, o que não podiam fazer sem grande perda das fazendas e abatimento das honras. Ajuntando pois elles todas suas forças, unidas com justo queixume e commum odio dos perturbadores da paz e roubadores do alheio, se puzeram ao encontro dos Xarifes, e lhes representaram guerra e batalha, com animos determinados e obstinada constancia de morrer ou vencer, na qual foram vencidos os filhos de Anram.

Vendo os Xarifes como as cousas lhes succediam prosperamente, e iam mettendo todas as provincias debaixo de sua obediencia, com animos mais confiados determinaram de commetter todas as emprezas que a fortuna lhes offerecesse, passando adiante com seu exercito vencedor contra Marrocos.

Quando El-Rei Enchecha se viu muito inferior nas forças e na fortuna, não se atrevendo a resistir ao poder dos Xarifes, já temidos por esforçados e venturosos, fugiu e deixou a cidade, a qual rendida e com as portas abertas, entregaram os moradores d'ella as chaves e as vontades aos Xarifes, lançando as armas a seus pés, e com animos pacificos, humilhados os receberam sem contradicção, antes com signaes de alegria receberam seu triumfo. Mas como já neste tempo os Xarifes estivessem tanto avante no poder, e os estados tivessem necessidade de ser conservados, e com as presenças de suas pessoas se quietarem alterações tão novas e improvisas, com parecer e conformidade de ambos os irmãos, foi assentado que Mulei-Hamet, Xarife mais velho, ficasse em Marrocos com titulo de Rei e dos mais reinos ganhados, e o

outro irmão fosse viso-rei de Sus, com titulo de Principe herdeiro e successor nos reinos por morte do Xarife seu irmão.

Com esta ordem e conformidade que os irmãos guardavam entre si, sem desconfiança um do outro, governavam, e pacificaram brevemente os estados que por sua força tinham ganhados. Hamet-Almerini Rei de Fez, cheio de furor e inveja, e juntamente de medo do poder dos dois irmãos ir em tanto crecimento, determinou aventurar a pessoa e reino, com determinação de os ir cercar a Marrocos, com esperança de o povo, pouco antes trazido por força a senhorio alheio, fazer alguns movimentos que pudessem enfraquecer as armas e as auctoridades dos Xarifes, os quaes, como devagar e com prudencia procediam em seus negocios, não vendo tempo de se aproveitar da guerra que lhes fazia o Rei de Fez, defendendo-se dos muros a dentro, sem arriscarem suas pessoas e exercitos em batalhas campaes, o quebrantaram em maneira, que enfadado do cerco, ou desesperado de seu trabalho e esperança ter efecto, se tornou a seu reino; o qual parecendo-lhe que encerrarem-se os Xarifes dos muros de Marrocos a dentro, sem acceitarem a batalha que elle lhes apresentava nas portas da sua cidade, procedia de medo que d'elle tivessem, tomando mais animo que conselho, com desprezo de seu poder, se armou o anno seguinte contra Marrocos a dar batalha aos Xarifes, os quaes alegres com a occasião, e confiados na esperança da victoria, o vieram esperar ao caminho.

Postos os campos á vista um do outro no rio Oadalabir (que quer dizer rio negro) deram batalha em um valle chamado Boagebar, em o qual foi desbaratado e fogido o Rei de Fez, e os Xarifes ficaram senhores do campo. Mas posto que fosse muita gente de cada par-

te, houve muito poucos mortos, por que esta guerra mais se fazia com grita que com armas, e mais estrondo que sangue; por que naquelle tempo eram os mouros pouco exercitados na arte militar, e careciam tanto de armas, que nem tinham instrumentos pera muitas mortes, nem esforço pera se arriscarem a ellas.

Com a victoria dos Xarifes nesta batalha ficáram elles com tanto nome em Berberia, e auctoridade entre os mouros, que já todas as provincias principais, cheias de medo sem esperanças de defensão, se lhes vinham render com partido de paz, antes que elles as fossem cometer com aparatos de guerra. D'esta maneira creceo a reputação e poder, com muita concordia que os irmãos entre si tinham, subjectando-se o mais moço ao mais velho, sem entre elles haver cousa que em igual imperio os podesse dividir, nem meter receios, nem presumpção de suspeitosas traições, as quais em duas cabeças de um corpo são mui certas, e as fazem não permanecer na fé e lealdade, com ambição de um não sofrer igual. Recolhido o despojo, e quietos os Xarifes da insolencia do Rei de Fez, se tornaram o Xarife a Marrocos, e o Xeque a Sus, onde tinham suas côrtes.

CAPITULO XVI

De como os irmãos Xarifes se desavieram e da batalha que tiveram

Muley-Hamet Xeque, viso-rei de Sus e irmão do Xarife de Marrocos, como fosse esforçado, e desejoso de alcançar maior gloria, com que fizesse seu nome mais celebrado no mundo por seus feitos particulares, apartado do commum louvor de seu irmão e seu companheiro do imperio e victorias, e com igual fortuna, não receou commetter o cabo de Guè, fortaleza fronteira dos Reis de Portugal, na qual estava por capitão D. Guterres de Monroi.

O Xeque ajuntando suas forças, e provendo-se de munições e petrechos necessarios pera o cerco do cabo de Guè, marchando para lá com grande multidão de gente de pé e de cavallo, se alujou ao longo dos muros da cidade, e com igual constancia começou de a bater por todas as partes, dando-lhe assaltos por muitos dias.

O capitão D. Guterres, vendo no principio do cerco menos perigo do que depois enxergou, mandou avisar a El-Rei de Portugal não curasse mandar soccorro, porque elle estava prompto de munições e gente bastante para se defender dos barbaros, mais confiados em seus successos que esforço; mas depois experimentando o valor do Xeque e a constancia em seus combates (posto que lhe tivesse morta muita gente) vendo como não se podia defender de tamanho poder, o qual cada dia se refazia de qualquer damno recebido, tendo elle já muito pouco, e o perigo em que estava muito grande, mandou ao reino a El-Rei D. João terceiro, com muita pressa o soccorresse com gente e munições, e não dilatasse este fervor, porque as armas dos

inimigos e continuo trabalho dos cercados, com mortes de cada dia, lhe consumiam as forças, tendo já muito pouco emparo nos muros arrasados em muitas partes; e pois a saude dos cercados e a defensão da cidade não tinha outra resistencia senão uns animos leaes e determinados a morrer com os peitos postos em barreira dos barbaros, apressasse o soccorro com mais frescas forças que alevantasse os cercados postos em um mortal perigo; por que, segundo o imigo dava pressa aos combates, e minas que fazia sem cessar, com um animo obstinado em vencer, e muito mais com indinação do estrago que cada dia via nos seus, não soffria o negocio vagar.

O Xeque, como capitão experto, sabendo como na boa diligencia estava a occasião de fazer o effeito a que vinha, e se viesse soccorro lhe ficaria em vão, ou por ventura em damno, seu trabalho, tanto apertou com o cerco por todas as vias, que entrou a cidade, e meteu á espada muita gente e a saqueou de grande despojo, onde o capitão foi captivo com outros muitos fidalgos, e uma sua filha muito formosa, chamada D. Micia, a qual o Xeque tomou por mulher, e um filho moço chamado Luiz Guterres. Com esta victoria de tanto louvor e riqueza havida do Xeque, e tão bem recebida dos mouros, por ser com perda dos christãos, creceu sua reputação em toda a Berberia, com nome de esforçado capitão.

O Xarife seu irmão Rei de Marrocos, estimulado com a inveja d'este bom successo, e por um grande não soffrer outro igual, nem um Rei companheiro em o dominio, dando entrada ao mal que faz estes abalos, começou a gerar odio no coração contra seu irmão, ajuntando-se a isto as mulheres e filhos, começaram-se a picar uns com os outros com desavenças e odios particulares e communs, uns dos bons succes-

sos do Xeque, e outros com os desejos de reinar. Com esta emulação entre duas cabeças em uma republica, as quaes não podem muito tempo ser conformes, começaram os dois irmãos ter receios um do outro, com perda de conformidade fraternal e união até aquelle tempo conservada; de maneira que tanto vieram a crecer as desavenças, que sendo com publico odio trazidos a manifesta inimizade, começaram cada um a fazer gente e pregoar guerra.

Ajuntados os campos d'ambas as partes, pretendendo cada um ser universal senhor e Rei dos reinos, que ambos igualmente ganharam e repartidamente possuiram, se vieram um contra o outro, até juntarem suas bendeiras inimigas nos Montes-Claros, entre Marrocos e Sus; e postos seus exercitos em ordem de cometer (onde o Rei de Marrocos trazia deseseis mil de cavallo, e o Xeque quatro mil) deram batalha em um lugar chamado Mozerotam, onde pelejavam com mortal odio das invejas, e muito mais pela honra da victoria e premio do imperio, em o qual foi desbaratado o Xarife Rei de Marrocos, e elle preso.

O Xeque, alegre do seu feliz successo e captiveiro do Xarife seu irmão, se tornou a Sus vencedor, com o despojo e gloria da victoria, e com solemne triumpho de suas boas andanças entrou em Trudante metropole do reino e assento de sua côrte, onde teve prezo o Xarife sete mezes. O Xarife, vendo-se com afronta do captiveiro, derrubado de sua prosperidade, e sem esperanças de liberdade nem clemencia em seu irmão, determinou pôr sua pessoa em resgate, e commutar a infelicidade presente com a parte dos estados prosperamente ganhados; e vindo a concerto, concluiram o Xarife de Marrocos largasse os reinos de Dara e Tafilet, com os quaes já o Xeque ficava mui poderoso juntamente com o de Sus.

O Rei de Marrocos como deu os dois reinos desmembrados da corôa de seu imperio, e posto em desejo da liberdade, se toruou á cidade de Marrocos, onde com grande abatimento de honra e reputação, e com sua antiga gloria escurecida, entrou envergonhado e estimulado da consciencia de seus males, com cuja lembrança se achava merecedor do presente infortunio, e temia outro maior e mais severo, soffrendo com animo constante as inconstancias da fortuna e mudanças das infelicidades humanas, companheiras principalmente dos Reis, os quaes não são isentos de sua jurisdição, nem estão seguros dos golpes com que derrubam uns, e incertos da força com que levantam outros.

CAPITULO XVII

Como o Xeque houve o reino de Marrocos e o de Tremecem

NÃo repousava o animo do Xarife, nem podia pacificar as discordias de suas paixões, que lhe batiam o espirito, pouco antes alevantado em pensamentos reaes, e mais altos que o engenho humano bem podia alcançar, quando se via em um vil e infame discredito de vencido, preso e abatido da honra, gloria, estado e riqueza: o qual revolvendo em seu peito estas considerações fortes, a que não podia resistir, levado do odio de seu irmão e inveja de suas felicidades, então se encendia em maior desejo de vingança, sentindo por maior mal viver em esta magoa da gloria alheia, que soffrer a morte propria: e assi depois de elle ser resgatado do captiveiro de seu irmão o Xeque, como atraz fica dito, indignado

de seu desastre e desejoso de vingar sua injuria e perda, determinou de tornar a tentar a fortuna, varia de sua condição, com fazer guerra a seu irmão, e refazendo-se de gente e armas em Tafilet, junto de Marrocos, com impeto furioso e quasi alheio da razão, indo-se traz seu damno dar fim ás molestias do coração, que o affligiam com vergonhosos cuidados, ou com morte torpe, ou premio de todo o imperio e gloria, se foi buscar o irmão para lhe dar batalha.

O Xeque que não era nada covarde de animo, nem descuidado da disciplina da guerra, provendo-se do necessario para sustentar os encontros do inimigo desejoso de vingança, não esperou que o Xarife o viesse buscar, nem o achasse desapercebido; mas sahindo-lhe ao caminho, com igual ferocidade e tenção, se ajuntaram os exercitos inflamados com cruel odio, uns em vingar a injuria dada pelo vencedor, outros em vingar a rebellião cometida dos vencidos, e a escaramuça com bandeiras despregadas veio crescer até batalha formada, na qual, como o Xarife já andasse descahido com a volta da roda fatal, não podendo prevalecer contra seus revezes, foi aqui segundariamente desbaratado de seu irmão o Xeque, e deixando o campo e victoria ao vencedor, se salvou com vergonhosa fugida, não levando comsigo senão algumas reliquias de seu destroço pera testemunhas de sua abatida sorte e accusadores de sua obstinada porfia; e assim andou algum tempo absente e escondido com temor, até o Xeque o chamar com segurança de o não offender, antes de que usaria com elle de toda a clemencia.

O Xerife vindo diante do Xeque seu irmão, com a humildade de que os vencidos se vestem quando estão desesperados de outro remedio feroz, elle o tratou com muita benignidade e brandura, e pera o quietar lhe deu o reino de Tafilet, onde morasse com suas mu-

lheres e filhos, e com elle sustentasse a dignidade real já abatida de sua antiga pompa, assim por usar com elle de equidade fraternal, como por temer de se ajuntar com o Rei de Fez, se andasse seguido e escandalisado.

O Xarife respeitando as mudanças do tempo e a pouca firmeza das prosperidades humanas, contentou-se com a mercê que o Xeque seu irmão lhe fazia, pondo de traz das costas seus infortunios, com os odios particulares, e dando sepultura ás esperanças da vingança, com esquecimento d'outro tempo mais favoravel. D'esta maneira o Xarife se foi pera o reino de Tafilet, e o Xeque entrou em Marrocos e tomou posse d'elle; com cuja prosperidade cresceram as invejas de El-Rei de Fez, procurando por todas as vias abater o Xeque de suas felicidades, e ajuntando muita gente armada veio demandar o Xeque com grande impeto e furia.

Juntos os exercitos no rio Morbe, que quer dizer pae de herva, deram batalha no valle d'Ermam, na qual Hamet Almerini Rei de Fez foi vencido e preso. Como em Fez se soube o desbarate e prisão d'El-Rei, logo com muita pressa alevantaram por Rei seu filho Mahameth Alcari.

O Xeque alegre com a prisão do Rei seu inimigo, e parecendo-lhe com elle, como isca, pescaria o reino de Féz, começou a marchar com campo vencedor pera lá, e posto á vista e fala dos muros, lhe mostrava o Rei se o quizessem vivo lhe entregassem a cidade e o reino. Alcari, filho do preso, que estava em Fez, teve tal constancia na retenção do reino, que mostrou não ser parte a compaixão de seu pae nem o temor do povo batido de sobresaltos de adversos successos, pera o largar ao tyranno. O Xeque desenganado de seu desenho, e como nem com ameaços nem bravosidades

podia dobrar o animo do Rei, se tornou a Sus com o Rei de Fez, o qual por elle pertendia. Depois de alguns dias tornando-se a tratar do resgate do Rei de Fez, respeitando o filho as obrigações paternaes, com sentimento do affrontoso e aspero captiveiro de seu pae, se inclinou ao tirar, por o qual deu ao Xeque a cidade e provincia de Mequinez, que é doze legoas de Fez.

O Rei Xeque que já se não quietava senão com ter toda Berberia debaixo do seu septro, e elle levantar seu imperio com dominio de todos os Reis d'ella, e fazer seu throno crecer e igualar-se com os grandes monarchas, o anno seguinte mandou dois filhos seus (dos quaes um se chamava Arram e outro Abducader) a conquistar o reino de Fez, os quaes começando a guerra pelos confins do reino, com felices agouros e esperanças de mais felices fins, tomaram Alcacere-Quibir, Tetuam, e outros muitos lugares, até porém cerco em Fez.

Atemorisado já o Rei do poder do Xeque e da furia de seus filhos mancebos, os quaes com desejos de gloria juvenil, não haviam de affrouxar dos combates até não arrasar os muros, e por força ou partido render a cidade, já enferma na resistencia e muito mais na lealdade, não tendo forças pera vencer os inimigos tão poderosos e vencedores, os quaes já lhe tinham occupado o resto do reino, tratou dar a cidade a partido das vidas.

Os filhos do Xeque, contentando-se com o successo, cheio de proveito e honra, não duvidaram guardar a fé dada aos vencidos, e dando conta a seu pae da sua prospera fortuna, mandou Hamet-Almerini fosse levado a Marrocos, onde esteve preso em quanto viveu, e o filho Mahamet Alcari a Sus, onde morreu.

A estes dons e ditosos premios da fortuna do Xe-

que, alcançados por força d'armas, lhe succedeu largar-lhe El-Rei D. João terceiro de Portugal, por vontade, Azamor, Çafim, Alcacere-Ceguer e Arzila.

O Xeque vendo a fortuna armada pera lhe haver as victorias, e metel-o pela mão de posse de todos os reinos de Berberia, não quiz engeitar seus favores emquanto a via benina, e antes que virasse o rosto a outras partes, como outras vezes de improviso costuma fazer com sua inconstancia, sem haver cousa que a isso a mova, e por não perder tempo, mandou outra vez os dois filhos (os quaes eram já homens) e com elles o quarto, Abdalá, que era muito moço, pera que nestas empresas começasse a exercitar o animo, o esforço e o corpo na destresa das armas, e nellas se criar capitão experimentado, pera ajuda do emparo de seus estados: os quaes entrando com muita gente de pé e de cavallo no reino de Tremecem, com bandeiras tyranas e injustas, contra o direito das armas e leis da milicia, e ameaçadoras de occupar o alheio, não podendo El-Rei Benaseim com os naturaes resistir, uns por não confiarem nas forças, outros com medo ou traição se fazerem parciaes do Xeque, como commummente acontece em todas as guerras dos reinos visinhos, houveram os filhos do Xeque de entrar pacificamente e occupar todo o reino, tomando posse d'elle.

CAPITULO XVIII

De como os turcos tomaram ao Xeque o reino de Tremecem

Com esta victoria celebrada de contentamento dos vencedores, e dos vencidos com lastimosas lagrimas, dissimulando sua dôr verdadeira, e sendo-lhes forçado trocal-a com alegria fingida no triumpho dos Principes estrangeiros, se humilhavam a seus mandados, obedecendo á fortuna que de presente lhes apertava os nós de um certo captiveiro; mas com encobertas esperanças esperavam outro tempo mais benino que lhes soltasse a liberdade posta em prisões.

Depois que o Xeque, por meio de seus filhos, rendeu o reino de Tremecem, e o pacificou de algumas alterações nacidas em semelhantes guerras, e posto em ordem o governo, mandou que ficasse por governador d'elle Abdalá seu quarto filho, o qual por ser moço, a rezão não tinha tanto vigor de lhe enfrear os appetites, quanto poderosos são os estimulos que os de semelhante idade fazem desviar pelos caminhos mal acertados, sendo mais affeiçoados aos pareceres proprios que aos conselhos dos velhos, começou a brotar fruitos pestilenciaes e pouco proveitosos á sua pessoa, e muito damnosos á republica, e levando os negocios contra pêllo, dando indulgencias por castigo e rigores pela misericordia, de tal maneira errava a junta a todas as cousas necessarias, que em tudo faltava prudencia e sobejava escandalo: com isto andava o povo assas inquieto pelas insolencias de Abdalá; o qual posto lhe desculpasse em parte as paixões da idade desacompanhadas de maduro juiso, não

soffria bem a malicia de alguns velhos, executada com o poder e força do mancebo.

Os mouros naturaes do reino, tendo por grave o jugo d'esta sujeição em que estavam ao Rei tyranno e estrangeiro, com dominio do imperio conservado dos seus antepassados, fazia-lho mais pesados serem governados de um mancebo sem prudencia, prodigo da auctoridade real em vicios, com a liberdade entregue a alguns executoros de males; os quaes queixando-se publicamente das offensas recebidas sem serem ouvidos, começaram secretamente em os animos molestados procurar o remedio do jugo pesado, com vehemente rebellião e acceso odio de vingança contra os perturbadores de sua liberdade; e com todo o segredo mandaram ao Rei de Argel (visinho do Rei de Tremecem, cujos limites confrontam) manifestar as insolencias de Abdalá, e os maus tratamentos que os naturaes padeciam e prejudicial governo da Republica, com muitas affrontas feitas a particulares, e com isto não podendo soffrer jugo tão pezado, lhe pediam o viesse tirar, com a obrigação de se sujeitarem ao ceptro e obedecerem ás leis do grão Turco, cujo vassalo o Rei de Argel era.

O Rei de Argel, parte compadecendo-se dos mouros de Tremecem em tão grave affliccão, parte por se aproveitar da occasião presente e offerecimento do reino, não engeitou a offerta, antes lhes mandou tres mil turcos, os quaes juntos com os cincoenta mil dos naturaes de Tremecem, se rebellaram contra o Xeque, e cercaram Abdalá seu filho e governador, a quem tinham capital odio.

O mancebo animoso nos perigos e ousado em esperar os encontros da fortuna, com animo assás forte se aparelhou pera o cerco, e esperar os derradeiros fins d'elle, ou de honrosa victoria ou cruel morte; mas

vendo que sem soccorro de seu pae não podia perseverar na defensão da cidade, cercada de imigos de fóra, que a batiam, e mui arriscada dos moradores de dentro, que a entregariam com traição, mandou com muita pressa a Marrocos dar conta ao Xeque seu pae do estado presente, e receio mortal de infamia, se logo o não soccorresse. O pae posto em cuidado pelo perigo do filho, e indignação do povo rebelde offerecido a outro senhorio, com toda a diligencia mandou ajuntar gente e munições, e fazendo capitão d'ella a seu filho Abducader, o mandou soccorrer Abdalá.

Os turcos cercadores, sabendo como Abducader se vinha com grande pressa chegando com seu exercito embraveçido com justas causas de vingança, temendo ficar cercados em meio de dois valorosos irmãos, havido conselho, alevantaram o cerco e se retiraram a Argel sem effeito algum, corridos do pouco esforço que tiveram em cometer e muito medo em fugir.

Acambei, natural de Argel, homem dotado de auctoridade e esforço, afrontando-se do nenhum effeito dos turcos em Tremecem, onde haviam diminuida muita da reputação ottomana, escurecendo-lhe o seu nome temido em todas as partes do mundo com illustres victorias, ajuntou tres mil turcos pera tornar novamente á empresa que os turcos vergonhosamente deixaram pera restituir esta quebra, e aventurar-se a haver o reino de Tremecem, que estava com as portas abertas; o qual entrando pelo reino com favor de muitos dos naturaes, fazendo corpo de grande exercito, foi dar batalha a Abducader e Abdalá, filhos de El-Rei Xeque, a qual foi tão perfiada pelo valor dos capitães e odio commum e particular dos soldados, que houve de ambas as partes um mortal estrago de corpos, com assas esparzimento de sangue, onde tambem foi morto Abducader, e sua cabeça levada a Ar-

gel. Abdalá encommendando a saude de sua pessoa á ligeireza do seu cavallo, com alguns poucos que o seguiram até Fez, escapou fugindo, e o seu campo ficou desbaratado, a victoria nas mãos dos turcos e de seu capitão Acambei.

Com esta rota dos filhos do Rei Xeque, e com a morte de Abducader esforçado capitão, tomaram os turcos posse do reino de Tremecem, d'onde nunca mais foram lançados, o qual até hoje pacificamente possuem.

O Xeque sentindo muito a perda do reino e muito mais a perda do filho, em cujo esforço sómente havia esperanças de o recuperar, acabou de todo de perdelas de o tentar, sobrevindo a morte do outro filho Arram, o qual d'ahi a quatro mezes morreu de enfermidade natural, e a confiança de sua vida, antes posta em tres filhos que a defendiam, ficou sómente em Abdalá inda mancebo, por os mais filhos serem meninos.

CAPITULO XIX

Como Boachum senhor de Beles foi metido de posse do reino de Fez, e o Xeque desapossado d'elle

Porque o Xeque, como tomou o reino de Fez, desterrou o Rei pera Marrocos e o filho pera Sus, onde acabaram com infame morte de captiveiro, como atraz fica dito, e cortou a cabeça a alguns alcaides por aquietar as alterações alevantadas, Boachum senhor da cidade de Beles (o qual impropriamente se nomeou Rei d'ella, por ser parente e da casa do Rei de Fez) temendo que a tyrannia que o Xeque tinha usado com os outros, a experimentaria tambem nelle, com muita brevidade fugindo se passou

a Espanha, e sabendo como o Imperador Carlos quinto, a cujo emparo se acolhia, estava em Allemanha, se foi a elle pedir-lhe ajuda e favor pera lançar o Xeque fóra do reino de Fez, que o havia tomado por força contra o direito das armas, o qual elle pertendia por ser parente mais chegado dos Reis de Fez. O Imperador como naquelle tempo andava occupado com guerra dos Luteranos, e estava á vista da dos turcos, com assas afflicção das republicas, temporal e espiritual, com a incerteza do successo das armas dos imigos, não lhe deu esperança alguma de sua pertenção.

El-Rei de Beles, vendo-se desenganado do Imperador com tão justa rezão, parecendo-lhe que em Portugal acharia o remedio desejado, veio-se com a mesma petição a El-Rei D. João o terceiro; e depois de lhe dar extensa conta dos negocios de Africa e poder do Xeque, como ia alevantando-se sobre todos os reinos de Berberia, e segundo crecia na prosperidade com felice successo das armas, se esperava de cêdo render toda a Africa, e depois alevantar a cabeça sobre Espanha, começando pelas fortalezas fronteiras de Portugal, cujas forças aos Reis d'elle igualmente relevava abater, por tanto lhe pedia favor pera sua empreza, por ser a necessidade commum a ambos.

El-Rei advertindo a tão ardua empresa, como era tirar o reino de Fez ao Xeque, já tão poderoso e sobre tudo venturoso, escusou-se do principal, mas não em todo; e parecendo-lhe ser decente á dignidade real dar o favor possivel aos estrangeiros, que se vinham pôr debaixo do seu emparo, e não o negar ainda aos barbaros, em outras guerras imigos, mandou armar alguns navios que o levassem á sua cidade de Beles.

Boachum (o qual era torto de um olho) como tivesse muita ambição em desejar maiores estados, e animo esforçado em os cometter, como esteve em Be-

les foi a Argel, na era de 1553, tentar o Rei d'elle com offerecimentos de grande copia de dinheiro e ventagem das pagas dos soldados, se o ajudasse a metter de posse do reino de Fez, que lhe era devido por direito de herança.

Sale-Arraiz Rei de Argel (o qual havia sido criado de Barbaroxa, o mais velho, que primeiro foi Rei de Argel) movido com o interesse que Boachum lhe promettia, e por o caso esperado, se tivesse victoria, de os naturaes do reino de Fez lho pedirem, deu palavra e contractou com Boachum de o ir ajudar e metter de posse. E fazendo logo a gente necessaria a esta empresa, posto em campo começou elle mesmo em pessoa a marchar pera Fez, levando em sua companhia El-Rei de Beles.

O Xeque que nunca consentiu buscarem-no em sua casa, por não deixar entrar os turcos dentro nos reinos de Fez, onde os naturaes lhe podiam fazer alguma traição, os veio esperar aos confins do reino, onde se vinham chegando. Os quaes pondo-se com seus exercitos armados uns á vista dos outros, junto da cidade de Teça, despregadas as bandeiras e tocados os tambores, não querendo cada um dilatar a gloria da victoria esperada do imigo, remetteram os exercitos com altas gritas, e travando-se a batalha com igual odio e cruel estrago de ambas as partes, houve a victoria de inclinar-se á parte dos turcos, e o campo do Xeque ficar desbaratado e elle fugido.

O Xeque ou Xarife (como d'aqui em diante lhe quizerem chamar, por o Xarife seu irmão estar abatido de sua dignidade) não tendo outro remedio mais accommodado á sua saude, metteu-se na cidade de Fez, aonde se fez forte, com a segurança da pessoa, e com grande brevidade e grandeza de animo se refez de gente e armas, pera tornar a dar batalha aos tur-

cos, que vinham em seu alcance e já estavam ás portas da cidade. O Xarife como com os encontros das adversidades presentes (quasi companheiras dos grandes Reis) não perdeu ponto de extremado capitão, como teve a gente em ordem logo sahiu da cidade, e com animo ousado, inflammado de desejo de vingança commetteu os turcos victoriosos ás portas d'ella.

Travada a batalha e ferida de ambas as partes com egual ardor e pertinacia, durou algum espaço sem se conhecer ventagem de alguma parte, até que os mouros naturaes de Fez (os quaes aborreciam o Xarife como tyranno, e amavam a Boachum como natural) descobriram a traição secreta, e se passaram publicamente á parte dos turcos. O Xarife, vendo-se com esta mudança inferior nas forças com accrecentamento das do inimigo, não podendo soffrer o peso da batalha, deixou o campo, e fugindo com o filho Abdalá se retirou a Marrocos.

Os turcos, ficando com a victoria e despojo, houveram á mão o thesouro do Xarife (que era um conto e meio de ouro) com outra muita riqueza que no campo ficára. E como todos os homens sejam inclinados a seguir novidades, e principalmente os africanos sejam menos constantes em guardar fé e lealdade, e facilmente se dobrem a tentar novas fortunas, logo alevantaram a Boachum, e lhe deram obediencia, como a Rei natural, e aos turcos se pagou o dinheiro promettido, com outras muitas dadivas dos naturaes, por não saquearem a cidade; com o qual carregados de riquezas se tornaram a Argel, deixando a Boachum Rei em posse e entregue do reino.

CAPITULO XX

Como o Xarife velho rebellou, e o Xarife seu irmão o reduziu, e tornou a tomar o reino de Fez

Emquanto estas cousas se inovavam em Berberia, com assás esperanças de novas mudanças, nas quaes a fortuna tinha supremo poder pera abater ou alevantar a parte a que se inclinasse, sem seguir a ordem da razão ou justiça, estava o Xarife velho de palanque, vendo e esperando o successo das cousas, experimentadas ás custos alheas, e medindo suas infelicidades com a constancia do tempo; e tanto que viu o Xarife seu irmão desbaratado na batalha de Fez, e lançado fóra do reino por Boachum com ajuda dos Turcos, e ja quebrado das forças e com outro novo imigo, parecendo-lhe tempo de descobrir o odio e inveja recosida em seu peito, determinou invocar a fortuna com rebellião, e nella tentar algum favor que o tirasse das trevas, onde sua antiga prosperidade jazia sepultada e escurecida, e alevantando-se com o reino de Tafilet, o qual seu irmão lhe havia dado com piedade e clemencia, como atraz fica dito, não sómente o não quiz reconhecer com obediencia mas tomar-lhes com armas os outros que possuia.

O Xarife Xeque não desanimado com as adversidades do tempo (que nas batalhas é mais bandeiro, e facilmente se torna a reconciliar em uma hora com o primeiro amigo) como prudente capitão determinou não deixar crecer as forças dos imigos, mas com brevidade cauterisar-lhas; o qual ousadamente, como homem sem medo, que não houvesse perdido ponto de sua prosperidade e forças, ordenou logo dois campos, um d'elles entregou a seu filho Abdalá, com re-

gimento de ir sobre Fez reconhecer os desenhos do Rei, e dividir as opiniões dos vassallos; com animos duvidosos e suspensos nos successos das cousas, e não cometesse a batalha, antes a andasse entretendo e differindo, até elle lhe dar aviso e mais forças. O mesmo Xarife se foi com outro exercito castigar a rebellião do Xarife seu irmão, que estava alevantado com o reino de Tafilet, e entrando pelo reino com seu exercito ameaçador de vingança, não se atrevendo o imigo a esperal-o em campo, fez-se forte dentro na cidade, parecendo-lhe poder-se ali defender com o amparo dos muros.

O Xarife Xeque cheio de animo esforçado, como sempre foi, e de indinação da injusta rebellião de seu irmão, cercando a cidade lhe deu muitos assaltos, pelejando em os muros com muitos encontros de igual sorte por um mez inteiro, até entrar a cidade á espada, com saco geral e prisão do Rei Xarife, o qual comsigo trouxe preso posto em estado mui baixo e vergonhoso, com que acabou seu imperio e gloria, emprestado por pouco tempo da mão da fortuna, a qual a modo de figura d'auto o vestio em pompa real, e lhe mostrou o cume das bemaventuranças humanas, pera com maior escarneo o despojar dos bens sem titulo, e o derrubar a mais baixo logar que antes o alevantára, dando com esta inconstancia e zombaria exemplo e documento ao mundo quão pouca firmeza tem suas prosperidades, e quão pouco se hão-de estimar suas glorias, por as quaes os engenhos mais sublimados (não sei porque fados enganados e escurecidos) mais se disvelam e com inconstancia buscam, com comutação dos bens do ceu, dos quaes facilmente se esquecem com lembrança e cuidado d'estes tão enganosos, não temendo soffrer trabalhos, nem passar perigos do corpo, nem maculas da alma por os alcan-

çar: e assi foi levado a Marrocos onde depois foi degolado com seus netos, do alcaide Ali-Ben-Bucar, como abaixo se dirá.

Abdalá indo com a ordem do Xarife seu pae correr a Fez, ou por passar seus mandamentos com temeridade de moço, ou por não fugir á sagacidade do Rei velho, vieram a batalha, em a qual Abdalá foi desbaratado e se recolheu em Marrocos, e Boachum com victoria em Fez.

Abdalá, mais acompanhado de esforço que venturoso nas armas, tornou a reformar seu campo em Marrocos, e com muita presteza se foi ajuntar com o Xerife seu pae. Juntos o pae e o filho com os dois exercitos, vendo-se com bastantes forças pera pelejar com o Rei de Fez, e evitarem as traições domesticas dos naturaes, lhe vieram talhar os campos, roubar os gados, queimar os pães, até o provocar a batalha, o qual como não era pusillanimo, não se espantava com a bravosidade do Xarife, nem do furor de suas vinganças, antes tendo-o em pouco pelas victorias alcançadas d'elle e do filho, alevantado em confiança e soberba de ir pelejar com dois capitães, que tinham assombrado Africa com armas e ambos vencidos d'elle em differentes batalhas, não dilatando tempo, com animo feroz os cometteu.

Começada a batalha com animos obstinados de morrer ou vencer, lidando cada um pela vida e honra e reino, esforçavam aos seus soldados ora com palavras cheias de esperanças de victoria, ora com exemplos de esforço pera os animar a não affrouxarem, e ferindo-se com odio capital, veio a victoria a inclinar-se pouco a pouco ao Xarife, ficando senhor do campo com desbarate do exercito e morte do Rei de Fez, o qual acabou sete mezes depois de ser alevantado Rei.

O Xarife contente com a victoria, com a qual ga-

nhára um reino tão opulento e honrado, e matára um imigo tão forte, com que ficava pacifico e livre de temores, assim d'imigos estrangeiros, como dos insultos dos naturaes, entrou na cidade, mandando degolar alguns sediciosos e outros, que lhe haviam feito traição na batalha, que antes tivera com o Rei de Fez, quietou as alterações e deixou seu filho Abdalá por governador e jurado Principe herdeiro dos reinos de Berberia, e o Xarife se foi a Marrocos.

CAPITULO XXI

De como o Xarife foi morto pelos turcos

Taes são as leis da fortuna, que não se obrigando por alguma a ter amizade com os estados, nem guardar lealdade ás pessoas, mas com inconstancia e variedades quasi a caso favorecer uns e perseguir outros, e a um mesmo homem em differentes tempos mostrar-lhe umas vezes rosto benino e outras imigo, faz todas as suas prosperidades e glorias mudaveis, sem firmeza alguma, com infamia de caducas; porque favorecendo commummente ao Xeque, pera de leves principios chegar a grande imperio do senhorio de Berberia, ganhada com valor d'armas e esclarecidas victorias, e alcançando nome de famoso monarca, vir a ser senhor de grandes reinos, e pôr debaixo de seu ceptro sogigada toda Berberia, á força de armas e insignes victorias, como o pôz no cume da prosperidade humana, envejosa de sua bemaventurança lhe deu dé mão com risonho escarneo, e o fez cahir no profundo das miserias, com mortal fado, não se correndo de sua pouca verdade. Urdindo pois ella

a infelice morte do Xarife, a ordenou por este modo:

Estando o Xarife na cidade de Marrocos, prospero com as suas boas andanças, e pacifico com as victorias havidas de seus imigos, repousando dos trabalhos e gosando da gloria que possuia, sendo seu nome celebrado pelas grandezas de animo liberal, fazendo mercês a muitos com magnificencia real, movido d'esta fama Alcaidacem, arrenegado que estava em Tremecem por capitão de uma bandeira de soldados turcos, se foi com elles a Marrocos a servir ao Xarife. O Rei sabendo de sua vinda e determinação, e como vinham convidados de sua fama e grandeza, os recebeu alegremente com muitas mercês e dadivas, assentando-lhe o soldo avantejado, servindo-se d'elles de sua guarda: outros turcos derramados por differentes partes de Berberia, informados do honroso tratamento e favor que o Xarife fazia aos que se foram a elle, ajuntando-se com Alcaidacem chegáram a fazer numero de oitocentos; mas como d'esta valia dos turcos nacesse grande inveja aos mouros naturais, por se verem preferidos nas honras e mercês dos estrangeiros, dando pouco a pouco entrada a este prejudicial veneno, foram em breve tempo corrompidos de mortal odio, procurando semear zisanias de desconfianças entre elles, com que seus animos fossem divididos e a valia dos turcos affloxasse, e finalmente fechassem as portas a suas valias confiadas; e procurando fazer estas discordias por todas as vias, esperavam tempo conveniente e occasião arresoada como inimistassem o Rei com os turcos, ou os turcos com o Rei. Neste tempo, quando a inveja e odio andavam mais accesos entre uns e outros barbaros, succedeo ir o Xarife visitar o reino de Sus, e com sua presença alimpar a republica de alguns insultos particulares, se os houvesse, e dar leis publicas de bom go-

verno, e indo acompanhado de dez mil mouros de cavallo, juntamente levava os turcos comsigo, aos quais era entregue como d'antes a guarda da pessoa real, com os favores e mercês acostumadas. Os mouros vendo o tempo aparelhado pera pôrem em effeito o que traziam meditado em seus peitos, lançaram manhosamente fama (sem darem auctor d'ella) que o Xarife levava os turcos a Sua pera lá, com quebra de sua fé, os mandar matar por se temer d'elles, e por os assegurar com enganos os andava entretendo com caricias e honras, com animo sagaz e fingido; da qual novidade achando-se os turcos confuzos, por a consciencia de sua lealdade, sem acharem em si merecimento de tal traição, não desprezando estes avisos, e discorrendo a fama em differentes partes, vendo algumas apparencias de poder ser pelo odio que os mouros lhes tinham, temerosos de esta voz ser presagio de seu damno, todavia começáram dar credito ás suspeitas, que com a fama creciam. Os quais, avisando-se uns aos outros com animos duvidosos, como não deviam ter em pouco negocio de cujo remedio dependia a sua saude e vida, houveram conselho do modo que teriam em se assegurar do perigo a que estavam arriscados, e não achando outro com que pudessem escapar, postos dentro no coração de Berberia, donde a fugida era impossivel, nem a verdade poderia em tais rumores ser sabida, determinaram commutar suas vidas com a do Rei e dos mouros, pera o que assentaram de improviso saltear o Xarife e mata-lo, e logo dar nos mouros descuidados da traição, e pôl-os em desbarate; os quais espiando occasião e tempo, estando o Xarife mui alheio da tenção que a falsa fama publicava, e descuidado da traição por os turcos urdida, indo caminhando pelo reino de Sus, alojou-se um dia de

grande calma em o campo junto de Alchera (lugar antes de pouco nome, e agora pela morte do Xarife de nome mui famoso) estando elle pela sésta recolhido na sua tenda repousando, com os turcos que lhe tinham ordenado a morte em sua guarda, e os mouros dormindo em differentes partes pelo campo, alheios do castigo da sua malicia, com os cavallos uns desenfreados, outros pascendo despeiados das armas, foi dado aviso entre os turcos como então era o tempo que promettia o effeito da sua barbara tenção, e tendo já entre si tratado do commettimento, ordenaram dois soldados uma briga fingida, com queixumes publicos um contra o outro dignos de castigo, e fingindo iremse queixar ao Xarife, que com authoridade determinasse a discordia entre os querelosos, caminháram pera a sua tenda com as espadas desembainhadas: os mouros tendo já costume de vêr entrar e sahir os turcos facilmente na tenda do Xarife, pelos favores costumados, e sua pessoa estar commettida na guarda d'elles, não houveram por novidade aquella maneira de entrada, nem se advertiram na traição. Os turcos como iam já apostados e conformes ao effeito que determinavam, em entrando pela porta sem pessoa alguma lho contradizer, com o impeto que levavam, sem darem lugar a desculpas nem resistencia, de improviso lhe deram cruel morte e lhe cortaram a cabeça, e levantando-a na ponta de uma espada por signal dado aos outros turcos, já postos em armas e determinados á mesma sorte, com subita grita e pressa não cuidada se derramaram pelo alojamento dos mouros, bem descuidados do perigo e traição, e começaram a ferir e matar cruelmente, com tanto furor, que não havendo nos mouros acôrdo de se defender, nem aparelho, fizeram cruel estrago nelles com salvação de poucos, e logo com a mesma presteza com que mataram o Xa-

rife e mouros, começaram marchar a Trudante, principal cidade do reino de Sus, e muito rica e forte, e chegados elles primeiro que a fama, foram recolhidos dos naturais com animo pacifico e amigo, tendo lhes a ignorancia do caso incoberto o seu perigo, e com o mesmo furor barbaro, e as espadas tingidas do fresco sangue, renováram outro cruel estrago, pondo a cidade a espada e saco até fartarem o acceso furor da vingança, já mais como meio de salvar as proprias vidas, que com odio de tomar as alheias.

CAPITULO XXII

Como Abdalá foi alevantado Rei de Berberia por morte do Xarife seu pae, e os turcos que o haviam morto foram desbaratados.

Com estes novos tumultos e caso não cuidado, estendendo a fama suas veloces azas, e alevantando o som de suas sonorosas vozes, foi ouvida de improviso dos lugares mais visinhos, e accrecentando-a mais com seus vôos, em breve tempo encheu toda a redondeza da terra, com grande espanto do espectaculo que atraz deixava e ia denunciando: por onde Abdalá, que já estava jurado Principe de Berberia, e era governador do reino de Fez, sendo informado da infelice morte do Xarife seu pai, logo foi alevantado Rei de Berberia, e tomou posse do imperio com a mesma grandeza e estados que herdou. O qual como assocegou a republica, e pôz ordem no governo que não houvesse alguma alteração, se foi a Marrocos, para com sua presença quietar os povos e tomar posse do reino, recebendo tambem a devida obediencia, a qual

lhe foi dada sem contradicção. E porque o Xarife teve oito filhos, o primeiro Mahamet-Arram, o segundo Abharranca, que falleceram de enfermidade natural, o terceiro Abducader, que foi morto em Tremecem na batalha dos turcos, como atraz fica dito: estes tres morrêram em vida do Xarife seu pae: o quarto foi Abdalá, o quinto Agximen, o sexto Abdelmumim, o septimo Mulei-Malùco, que deu batalha a El-Rei D. Sebastião, o octavo Mulei-Hamet, que reina hoje em Africa e que succedeu a Mulei-Maluco seu irmão: e como Abdalá era filho mais velho dos que eram vivos, foi alevantado Rei na era de 1556, o qual tomou por alcunha Xarife, assim elle como todos os Reis seus antecessores, por rezão de seu tio e pai serem os primeiros Reis de Berberia, e procederem por linha direita da parte dos Xarifes netos de Mafamede, do qual não ficou mais que Fatima sua filha, que casou com Alí primo-com-irmão do mesmo Mafamede, dos quais nascêram Acem e Ocem que se chamaram Xarifes, como vemos os Imperadores romanos chamarem-se Cesares por Julio Cesar seu primeiro Imperador, e os Reis turcos ottomanos, por descenderem de Ottomano primeiro Rei d'elles.

Tanto que Abdalá foi alevantado por Rei e obedecido dos povos, depois de enxugar as frescas lagrimas da infelice morte de seu pai, incendido com grande furor da ira, não guardando pera outro tempo a vingança d'ella, determinou logo de a mandar executar, e por elle estar occupado nos primeiros fundamentos de seu imperio, e por sua pessoa se não macular com o espargimento de sangue, inda que culpado, mandou seu irmão Agximen, que estava por senhor de Tudella, e a Alí-Ben-Bucar, mordomo-mór do Xarife seu pai, que fizessem gente e juntos em um corpo fossem a toda a pressa cercar os turcos homicidas, que esta-

vam fortes em Trudante, e com cruel furia e mortal estrago lhes dessem o castigo do atrevimento e crime de Lesa-Magestade. Agximen, a quem tambem cabia igual magoa d'aquelle successo, não o soffrendo com animo são, mas estimulado d'apettite de vingança, applicou os exercitos com muita pressa, e entrando no reino de Sus, guiados a Trudante, onde os turcos se tinham feito fortes, em chegando logo cercaram a cidade batendo-a por muitas partes, ora com assaltos dos soldados escalando os muros, ora assestando nelles artilharia, e usando das mais maquinas, pera effeito da entrada e executar a furia com que iam.

Os turcos defendendo-se valerosamente, sem terem outra esperança de vida senão as armas e peitos, quando os muros lhes faltassem, resistiram ao poder e odio dos mouros todo o possivel, apostados a venderem suas vidas por morte de muitos: mas em fim, ou por não poderem soffrer os combates continuos, ou quererem antes provar a sorte em campo, que encerrados na cidade serem tomados ás mãos, sem se poderem ajudar de seus esforços e obstinação, sahiram fóra das portas, onde se travou uma cruel e mortal batalha, com igual esforço, ajudado da furia de cada parte, porque os mouros accesos do furor da vingança da morte do Xarife e seus parentes, e os turcos desesperados d'outro remedio com que pudessem salvar as vidas, cada um sem temor do perigo punha a salvação na victoria; pela qual causa a batalha foi grandemente perfiada, com cruel estrago de mortos: mas como os mouros tinham maiores forças sem comparação, a quem ajudava a justa causa da vingança, e a dôr de seus pais e filhos e principalmente de seu Rei, apertando com os turcos, fôram carregando sobre elles com furioso impeto, até a victoria se começar a inclinar á parte dos mouros.

çar: e assi foi levado a Marrocos onde depois foi degolado com seus netos, do alcaide Ali-Ben-Bucar, como abaixo se dirá.

Abdalá indo com a ordem do Xarife seu pae correr a Fez, ou por passar seus mandamentos com temeridade de moço, ou por não fugir á sagacidade do Rei velho, vieram a batalha, em a qual Abdalá foi desbaratado e se recolheu em Marrocos, e Boachum com victoria em Fez.

Abdalá, mais acompanhado de esforço que venturoso nas armas, tornou a reformar seu campo em Marrocos, e com muita presteza se foi ajuntar com o Xerife seu pae. Juntos o pae e o filho com os dois exercitos, vendo-se com bastantes forças pera pelejar com o Rei de Fez, e evitarem as traições domesticas dos naturaes, lhe vieram talhar os campos, roubar os gados, queimar os pães, até o provocar a batalha, o qual como não era pusillanimo, não se espantava com a bravosidade do Xarife, nem do furor de suas vinganças, antes tendo-o em pouco pelas victorias alcançadas d'elle e do filho, alevantado em confiança e soberba de ir pelejar com dois capitães, que tinham assombrado Africa com armas e ambos vencidos d'elle em differentes batalhas, não dilatando tempo, com animo feroz os cometteu.

Começada a batalha com animos obstinados de morrer ou vencer, lidando cada um pela vida e honra e reino, esforçavam aos seus soldados ora com palavras cheias de esperanças de victoria, ora com exemplos de esforço pera os animar a não affrouxarem, e ferindo-se com odio capital, veio a victoria a inclinar-se pouco a pouco ao Xarife, ficando senhor do campo com desbarate do exercito e morte do Rei de Fez, o qual acabou sete mezes depois de ser alevantado Rei.

O Xarife contente com a victoria, com a qual ga-

nhára um reino tão opulento e honrado, e matára um imigo tão forte, com que ficava pacifico e livre de temores, assim d'imigos estrangeiros, como dos insultos dos naturaes, entrou na cidade, mandando degolar alguns sediciosos e outros, que lhe haviam feito traição na batalha, que antes tivera com o Rei de Fez, quietou as alterações e deixou seu filho Abdalá por governador e jurado Principe herdeiro dos reinos de Berberia, e o Xarife se foi a Marrocos.

CAPITULO XXI

De como o Xarife foi morto pelos turcos

Taes são as leis da fortuna, que não se obrigando por alguma a ter amizade com os estados, nem guardar lealdade ás pessoas, mas com inconstancia e variedades quasi a caso favorecer uns e perseguir outros, e a um mesmo homem em differentes tempos mostrar-lhe umas vezes rosto benino e outras imigo, faz todas as suas prosperidades e glorias mudaveis, sem firmeza alguma, com infamia de caducas; porque favorecendo commummente ao Xeque, pera de leves principios chegar a grande imperio do senhorio de Berberia, ganhada com valor d'armas e esclarecidas victorias, e alcançando nome de famoso monarca, vir a ser senhor de grandes reinos, e pôr debaixo de seu ceptro sogigada toda Berberia, á força de armas e insignes victorias, como o pôz no cume da prosperidade humana, envejosa de sua bemaventurança lhe deu dé mão com risonho escarneo, e o fez cahir no profundo das miserias, com mortal fado, não se correndo de sua pouca verdade. Urdindo pois ella

çar: e assi foi levado a Marrocos onde depois foi degolado com seus netos, do alcaide Ali-Ben-Bucar, como abaixo se dirá.

Abdalá indo com a ordem do Xarife seu pae correr a Fez, ou por passar seus mandamentos com temeridade de moço, ou por não fugir á sagacidade do Rei velho, vieram a batalha, em a qual Abdalá foi desbaratado e se recolheu em Marrocos, e Boachum com victoria em Fez.

Abdalá, mais acompanhado de esforço que venturoso nas armas, tornou a reformar seu campo em Marrocos, e com muita presteza se foi ajuntar com o Xerife seu pae. Juntos o pae e o filho com os dois exercitos, vendo-se com bastantes forças pera pelejar com o Rei de Fez, e evitarem as traições domesticas dos naturaes, lhe vieram talhar os campos, roubar os gados, queimar os pães, até o provocar a batalha, o qual como não era pusillanimo, não se espantava com a bravosidade do Xarife, nem do furor de suas vinganças, antes tendo-o em pouco pelas victorias alcançadas d'elle e do filho, alevantado em confiança e soberba de ir pelejar com dois capitães, que tinham assombrado Africa com armas e ambos vencidos d'elle em differentes batalhas, não dilatando tempo, com animo feroz os cometteu.

Começada a batalha com animos obstinados de morrer ou vencer, lidando cada um pela vida e honra e reino, esforçavam aos seus soldados ora com palavras cheias de esperanças de victoria, ora com exemplos de esforço pera os animar a não affrouxarem, e ferindo-se com odio capital, veio a victoria a inclinar-se pouco a pouco ao Xarife, ficando senhor do campo com desbarate do exercito e morte do Rei de Fez, o qual acabou sete mezes depois de ser alevantado Rei.

O Xarife contente com a victoria, com a qual ga-

nhára um reino tão opulento e honrado, e matára um imigo tão forte, com que ficava pacifico e livre de temores, assim d'imigos estrangeiros, como dos insultos dos naturaes, entrou na cidade, mandando degolar alguns sediciosos e outros, que lhe haviam feito traição na batalha, que antes tivera com o Rei de Fez, quietou as alterações e deixou seu filho Abdalá por governador e jurado Principe herdeiro dos reinos de Berberia, e o Xarife se foi a Marrocos.

CAPITULO XXI

De como o Xarife foi morto pelos turcos

Taes são as leis da fortuna, que não se obrigando por alguma a ter amizade com os estados, nem guardar lealdade ás pessoas, mas com inconstancia e variedades quasi a caso favorecer uns e perseguir outros, e a um mesmo homem em differentes tempos mostrar-lhe umas vezes rosto benino e outras imigo, faz todas as suas prosperidades e glorias mudaveis, sem firmeza alguma, com infamia de caducas; porque favorecendo commummente ao Xeque, pera de leves principios chegar a grande imperio do senhorio de Berberia, ganhada com valor d'armas e esclarecidas victorias, e alcançando nome de famoso monarca, vir a ser senhor de grandes reinos, e pôr debaixo de seu ceptro sogigada toda Berberia, á força de armas e insignes victorias, como o pôz no cume da prosperidade humana, envejosa de sua bemaventurança lhe deu dé mão com risonho escarneo, e o fez cahir no profundo das miserias, com mortal fado, não se correndo de sua pouca verdade. Urdindo pois ella

a infelice morte do Xarife, a ordenou por este modo:

Estando o Xarife na cidade de Marrocos, prospero com as suas boas andanças, e pacifico com as victorias havidas de seus imigos, repousando dos trabalhos e gosando da gloria que possuia, sendo seu nome celebrado pelas grandezas de animo liberal, fazendo mercês a muitos com magnificencia real, movido d'esta fama Alcaidacem, arrenegado que estava em Tremecem por capitão de uma bandeira de soldados turcos, se foi com elles a Marrocos a servir ao Xarife. O Rei sabendo de sua vinda e determinação, e como vinham convidados de sua fama e grandeza, os recebeu alegremente com muitas mercês e dadivas, assentando-lhe o soldo avantejado, servindo-se d'elles de sua guarda: outros turcos derramados por differentes partes de Berberia, informados do honroso tratamento e favor que o Xarife fazia aos que se foram a elle, ajuntando-se com Alcaidacem chegáram a fazer numero de oitocentos; mas como d'esta valia dos turcos nacesse grande inveja aos mouros naturais, por se verem preferidos nas honras e mercês dos estrangeiros, dando pouco a pouco entrada a este prejudicial veneno, foram em breve tempo corrompidos de mortal odio, procurando semear zisanias de desconfianças entre elles, com que seus animos fossem divididos e a valia dos turcos affloxasse, e finalmente fechassem as portas a suas valias confiadas; e procurando fazer estas discordias por todas as vias, esperavam tempo conveniente e occasião arresoada como inimistassem o Rei com os turcos, ou os turcos com o Rei. Neste tempo, quando a inveja e odio andavam mais accesos entre uns e outros barbaros, succedeo ir o Xarife visitar o reino de Sus, e com sua presença alimpar a republica de alguns insultos particulares, se os houvesse, e dar leis publicas de bom go-

verno, e indo acompanhado de dez mil mouros de cavallo, juntamente levava os turcos comsigo, aos quais era entregue como d'antes a guarda da pessoa real, com os favores e mercês acostumadas. Os mouros vendo o tempo aparelhado pera pôrem em effeito o que traziam meditado em seus peitos, lançaram manhosamente fama (sem darem auctor d'ella) que o Xarife levava os turcos a Sua pera lá, com quebra de sua fé, os mandar matar por se temer d'elles, e por os assegurar com enganos os andava entretendo com caricias e honras, com animo sagaz e fingido; da qual novidade achando-se os turcos confuzos, por a consciencia de sua lealdade, sem acharem em si merecimeeto de tal traição, não desprezando estes avisos, e discorrendo a fama em differentes partes, vendo algumas apparencias de poder ser pelo odio que os mouros lhes tinham, temerosos de esta voz ser presagio de seu damno, todavia começáram dar credito ás suspeitas, que com a fama creciam. Os quais, avisando-se uns aos outros com animos duvidosos, como não deviam ter em pouco negocio de cujo remedio dependia a sua saude e vida, houveram conselho do modo que teriam em se assegurar do perigo a que estavam arriscados, e não achando outro com que pudessem escapar, postos dentro no coração de Berberia, donde a fugida era impossivel, nem a verdade poderia em tais rumores ser sabida, determinaram commutar suas vidas com a do Rei e dos mouros, pera o que assentaram de improviso saltear o Xarife e mata-lo, e logo dar nos mouros descuidados da traição, e pôl-os em desbarate; os quais espiando occasião e tempo, estando o Xarife mui alheio da tenção que a falsa fama publicava, e descuidado da traição por os turcos urdida, indo caminhando pelo reino de Sus, alojou-se um dia de

grande calma em o campo junto de Alchera (lugar antes de pouco nome, e agora pela morte do Xarife de nome mui famoso) estando elle pela sésta recolhido na sua tenda repousando, com os turcos que lhe tinham ordenado a morte em sua guarda, e os mouros dormindo em differentes partes pelo campo, alheios do castigo da sua malicia, com os cavallos uns desenfreados, outros pascendo despeiados das armas, foi dado aviso entre os turcos como então era o tempo que promettia o effeito da sua barbara tenção, e tendo já entre si tratado do commettimento, ordenaram dois soldados uma briga fingida, com queixumes publicos um contra o outro dignos de castigo, e fingindo iremse queixar ao Xarife, que com authoridade determinasse a discordia entre os querelosos, caminháram pera a sua tenda com as espadas desembainhadas: os mouros tendo já costume de vêr entrar e sahir os turcos facilmente na tenda do Xarife, pelos favores costumados, e sua pessoa estar commettida na guarda d'elles, não houveram por novidade aquella maneira de entrada, nem se advertiram na traição. Os turcos como iam já apostados e conformes ao effeito que determinavam, em entrando pela porta sem pessoa alguma lho contradizer, com o impeto que levavam, sem darem lugar a desculpas nem resistencia, de improviso lhe deram cruel morte e lhe cortaram a cabeça, e levantando-a na ponta de uma espada por signal dado aos outros turcos, já postos em armas e determinados á mesma sorte, com subita grita e pressa não cuidada se derramaram pelo alojamento dos mouros, bem descuidados do perigo e traição, e começaram a ferir e matar cruelmente, com tanto furor, que não havendo nos mouros acôrdo de se defender, nem aparelho, fizeram cruel estrago nelles com salvação de poucos, e logo com a mesma presteza com que mataram o Xa-

rife e mouros, começaram marchar a Trudante, principal cidade do reino de Sus, e muito rica e forte, e chegados elles primeiro que a fama, foram recolhidos dos naturais com animo pacifico e amigo, tendo lhes a ignorancia do caso incoberto o seu perigo, e com o mesmo furor barbaro, e as espadas tingidas do fresco sangue, renováram outro cruel estrago, pondo a cidade a espada e saco até fartarem o acceso furor da vingança, já mais como meio de salvar as proprias vidas, que com odio de tomar as alheias.

CAPITULO XXII

Como Abdalá foi alevantado Rei de Berberia por morte do Xarife seu pae, e os turcos que o haviam morto foram desbaratados.

Com estes novos tumultos e caso não cuidado, estendendo a fama suas veloces azas, e alevantando o som de suas sonorosas vozes, foi ouvida de improviso dos lugares mais visinhos, e accrecentando-a mais com seus vôos, em breve tempo encheu toda a redondeza da terra, com grande espanto do espectaculo que atraz deixava e ia denunciando: por onde Abdalá, que já estava jurado Principe de Berberia, e era governador do reino de Fez, sendo informado da infelice morte do Xarife seu pai, logo foi alevantado Rei de Berberia, e tomou posse do imperio com a mesma grandeza e estados que herdou. O qual como assocegou a republica, e pôz ordem no governo que não houvesse alguma alteração, se foi a Marrocos, para com sua presença quietar os povos e tomar posse do reino, recebendo tambem a devida obediencia, a qual

promptos na jornada, e sollicitando os mandados do Ottomano, e espertando o viso-rei, pedia com instancia accelerasse a viagem, e escolhesse e assignasse os soldados pera sua entrada em Africa.

Na mesma jornada vinha tambem Chaiá, alcaide andaluz, que fôra por embaixador dos mouros de Granada, quando se alevantáram, a pedir socorro ao grão Turco: mas por que, no tempo que Chaiá andava em Constantinopla em seu requerimento, teve nova de os mouros serem entrados e rendidos, com morte e captiveiro geral, havendo por escusado seu requerimento e não ousando tornar a Granada, teve estreita amizade com Mulei-Maluco, e o seguio na jornada por seu mordomo-mór, em cujo officio parmaneceu em quanto Mulei-Maluco viveo.

CAPITULO XXV

Como o viso-rei de Argel veio com o Maluco a o metter de posse de Berberia

NÃo se occupava Mulei-Maluco em Argel em outro negocio mais que em applicar a gente e armas que esperava levar a Africa, e com todo o calor e diligencia grangeava este favor, em que tinha todas suas esperanças: por tanto Abrandan Rei de Argel, tanto que lhe foram dadas as provisões de Amurate Ottomano, obedecendo a ellas sem contradicção e com boa negociação do Mulei-Maluco, mandou tocar caixa e alevantar bandeira, e com muita diligencia ajuntou um exercito de cinco mil genisaros, com os quais e as munições necessarias e alguns tiros de campo, se foi marchando direito a Fez, em

cuja companhia ia o Maluco, em cujo serviço aquelle exercito ia.

Sabendo Mulei-Hamet Xarife a determinação dos turcos, e pretenção do Mulei-Maluco, ajuntando outro exercito maior em numero de gente, se pôz em campo, esperando os imigos, a lhe impedir o caminho e conselho com lhe dar batalha: e antes que partisse de Marrocos deixou por guarda e viso-rei d'ella o alcaide Zecherim, homem de muita confiança pera conservar a cidade em paz e guerra.

A ordem que o Xarife teve na sua gente foi fazer dois campos, um de quinze mil de cavallo da gente de Marrocos, onde elle vinha, outro, em que o Xeque seu filho, menino de seis annos, ia, com trinta e cinco mil de cavallo do reino de Fez, os quais por ser gente de muita opinião, não soffrem ser capitaneados se não de pessoa real.

Com o Xeque filho d'El-Rei Cidabdelcherim, filho de Bentude, com tres mil e quinhentos de cavallo, Xeque Maluco com tres mil e quinhentos, Abdelcherim, filho de Abdelum, com tres mil e quinhentos, Elmerhem com tres mil e quinhentos, Alimoxecra com tres mil e quinhentos, todos estes eram de cavallo, vassalos dos mesmos capitães: além d'estes havia doze mil soldados de pé, todos espingardeiros e soldados velhos, entre os quais tambem estava Cidhamubenanza viso-rei de Mequinez: de todo este campo era general Alimoxecra sogro de Cidabdelcherim, filho de Bentude, por ser capitão esforçado e homem de muita authoridade em Berberia, por sua prudencia, edade e estado, o qual cargo o Xarife lhe deo, e poz a Mulei-Xeque seu filho debaixo de seu emparo e bandeira, por ser menino, a quem as forças e edade não soffriam tão importante cargo.

Com esta gente assentou Alimoxecra seu campo

diante dos turcos. O Xarife ficou atraz um quarto de legoa com os quinze mil de cavallo de Marrocos, que o acompanhavam, por não aventurar sua pessoa na batalha, e esperar o sucesso d'ella.

Com os turcos vinham cinco mil Alarves de cavallo pera saquear o campo, como tem por costume, e ordenados seus esquadrões assentáram seu campo. E como os turcos eram todos de infanteria e haviam de pelejar a pé, deram os cavallos em que caminhavam a seus criados. Tocadas as trombetas e pifaros de ambas as partes e despregadas as bandeiras, puzéram seus exercitos á vista um do outro, em som de dar batalha, e animando cada capitão seus soldados, o viso-rei de Argel começou assi:

«Agora cuido, valerosos companheiros, que a fortuna se lembra de nos honrar, pois nos offerece occasião de tão ditosa empresa, de gente tão lusida, como vedes no campo dos imigos, pera que nossa victoria fique mais clara e o despojo mais rico. Não posso deixar de me mostrar alegre e acelarado no rompimento d'esta batalha, em que vejo em vós os mesmos effeitos, com mais certa confiança da victoria. Pera outros soldados, menos animosos e alvoroçados em dar a batalha, usára eu de prudente conselho se lhes persuadisse quão fraca gente é a que vedes, e com quão pouco animo hão-de esperar a furia turquesca, tão temida no mundo; mas cuido que vos accendo mais o furor em vol-os louvar por esforçados, pera que com mais impeto vos acheis dignos de os commetter, pera que os premios dos louvores sejam mais claros. Em os vencer pouco se ganha; mas no serviço de Amurate, faz a nossas honras plantarmos suas bandeiras no reino de Fez, e dar a conhecer o seu nome, e restituirmos um Principe aggravado em seus reinos, por mandado do nosso Rei, que

são as magnificencias que acrecentam a gloria dos grandes Principes. Este é o effeito da victoria que pretendemos, e o merecimento de nosso valor; pois o vencer outros mais fortes exercitos do que vêdes, com menos gente do que somos, é isso já ordinario nas armadas dos turcos; mas já que estes mouros temerariamente vem impedir nossos intentos, em nenhuma cousa nos fazem injuria digna de castigo, senão no pouco respeito com que aceitaram os mandados de Amurate, e em fim obedecem a um Rei entronisado contra o direito das leis: e pera que no principio achem o desengano da sua ousadia, e ao diante fiquem avisados de seus commettimentos, firamos e matemos nelles sem piedade, pera que, ensinados de seu damno, venham com humildade buscar nossa clemencia, com o recônhecimento do nome de Amurate, debaixo de cujo emparo aqui trazemos Mulei-Maluco. Quanto mais, que cuido que elles não serão tão prodigos de suas vidas, que quererão experimentar nossa furia, mas que se vem metter debaixo de nossas bandeiras, uns por temor de nossas armas, outros com obediencia de Mulei-Maluco, cujos naturaes são, e vassallos querem ser, com lembrança que é filho do Xarife, a quem serviram e obedeceram com amor paternal; por as quais razões comettei confiados, pois o nosso esforço, o nome, as armas, e sobretudo a justiça de Mulei-Maluco, nos favorecem pera mais confiadamente seguirmos a empresa.»

Feita esta pratica, começou Abrandan a pôr os soldados em ordem de cometter, e tocar as trombetas e tambores, com que a gente estivesse mais prompta e prestes pera acometter ao primeiro signal. Alimochecra, não se mostrando menos esforçado e pratico na arte militar, tendo sua gente posta a pique, se voltou a elles, dizendo-lhes:

«Não vos quero, esforçados cavalleiros, fazer outra lembrança pera cumprirdes com a obrigação de leaes vassallos, senão mostrar-vos com o dedo este menino, que aqui está antes nós, Principe dos reinos de Berberia e filho do Xarife, que tendes nas costas, em vosso soccorro, de traz d'aquelles outeiros: e isto sómente bastava pera vos accender os corações com zêlo de honra, e sem temor de todos os perigos, perder a vida por vosso Rei e por vossa patria; quanto mais que tendes justa causa de indignação em castigardes aquelle exercito de tyrannos, que presentes vedes, cujo intento não é outro mais que como ladrões virem saltear nossas terras e fazendas, com inquietação da republica. Já tendes experiencia dos insultos dos turcos, de outra vez que nós mesmos os chamámos em nossa ajuda, pangando-lhes seus soldos, e fizemos outros tratamentos dignos de amor, tal foi sua insolencia, que nos pagáram estes beneficios com as injurias publicas e secretas, de que todos sois testemunhas e estais lembrados; pois ainda que de sua entrada nestes reinos não houvesse outro inçonveniente, mais que os que vos tenho dito, não sei que cousa mais nos possa obrigar a arriscar as vidas, qne defender o bem commum das profanidades d'estes barbaros, e o particular de muitas injurias. Tão salteado tenho o caração com estimulos de vingança, que estas palavras com que vos persuado me são penosas por me dilatarem o tempo da execução de seu castigo: por tanto não espereis vos persuada mais com palavras, senão com obras, pois haveis de vêr a minha lança, primeiro que nenhum de vós, derramar o sangue d'estes tyranos, os quais sei mui de certo não esperarão nosso furor com a vergonha de seu atrevimento, antes volverão as costas, como homens sem primor, que não vem fazer guerra pera ganhar

honra, senão saltear como ladrões. Aqui os temos concluidos em meio de nossa terra, espantados de vêr este exercito tão guerreiro, e em já de tão perto enxergarem a ferocidade com que estais determinados pera offender seus esquadrões, e defender vosso Rei, filhos, e mulheres. Na vossa mão está a justiça, e na sua a culpa: alçada tendes, por direito das armas, de executar nelles a morte com o despojo das armas, já que não tem fazenda que perder, pois vem a ganhar as vossas, e tão mercedores de rigoroso castigo de seu atrevimento, que enxergo essas pedras alevantarem-se pera elles, e aquelles montes inclinados pera os soverter, e a terra pera os engulir; e tomando elles alli onde estão experiencia do vosso valor, os tem penetrado o medo, com assás arrependimento de sua culpa; mas nem este nos deve mover á clemencia, porque em semelhantes casos a justiça não quer largar seu direito, nem dar logar á misericordia, pera exemplo de outros; portanto tendes authoridade publica, e o direito das armas, pera com mortal estrago destruirdes aquelles esquadrões, pera segurança de nossas casas e vidas.»

CAPITULO XXVI

Como se deu batalha entre os do Xarife, e os do Rei de Argel

Estando os campos dos turcos e mouros arrostrados um com o outro, postos em ordenança, com grande resplandor das armas, fazendo com ellas meneios ameaçadores de morte, batendo as armas nos escudos com uma grande bravosidade d'espirito, em Ourrochum, sete legoas de Fez, dado signal em

ambas as partes, remettêram todos denodadamente com egual animo e esforço. Começou-se a batalha muito tarde já sol posto, e dorou até duas horas de noite, e animando os capitães seus soldados, se começaram a ferir como mortais imigos, havendo a cada passo montes de corpos mortos, ficando a terra humida com sangue que se derramava; o qual estrago quanto mais crecia, tanto iam mingoando as forças do corpo, mas os espiritos não affrouxavam ponto do odio e furor, com desejo de victoria e vingança.

Dogali, mourisco de Granada, em quem o Xarife muito confiava, sendo capitão de mil e quinhentos infantes, tendo já tratada a treição, como vio a briga travada, se passou com toda sua gente á parte dos turcos, com a qual mudança os mouros não ficaram quebrados nem alterados, e como se não acontecêra, continuaram com a batalha, a quai andando envolta com egual sorte por um grande espaço, sem fazer declaração a alguma das partes, se perfiava com egual desejo d'alcançar victoria. Todavia instando Alimoxecra, general do campo, e animando os mouros, lhes deu muito alento a carregarem sobre os turcos dizendo:

«Ah! cavalleiros africanos, estas empresas tão honrosas, e victoria tão esclarecida vos sei eu metter nas mãos: minha é a grangearia, e vosso é o valor: não se vos vá da mão a ditosa occasião, nem vo-la escondam as trevas da noite: conclui, conclui a victoria, que já rendem as armas e os espiritos, e põem sua salvação na fugida, e na sorte da noite.»

Com isto carregaram sobre os turcos com mais continuos e pesados golpes, sem lhes darem alento a se defenderem: os quais como viram a determinação dos mouros, com mais forte resistencia e mais impetuoso commettimento, do que esperavam, começáram a

affrouxar de sua bizarria e furor, e com isto começáram a retirar-se.

Como os Alarves viram pender a victoria á parte dos mouros, e a fortuna virar as costas aos turcos, sem mais esperarem o successo da victoria, se pozeram em fugida, e apoz elles os criados dos turcos, que estavam com os cavallos dos senhores; os quais, com o medo com que iam fugindo, entraram em Tremecem, lançando fama como os turcos eram desbaratados.

O viso-rei de Argel, como valeroso capitão, não perdendo o animo no meio d'aquelle perigo, acudindo a todas as partes, onde via necessidade soccorria com maravilhosa destreza, e pondo-se diante dos que fugiam, lhes disse:

«Que vergonha é esta soldados? Que costume tão desusado, que fugis da victoria e dos vencidos? Ou tornai a traz, ou deixae-me morto diante de vós, por não terdes vivo um tão severo acusador de vossa cobardia. Não sois vós os genisaros espanto do mundo: não sois vós os vingadores das offensas publicas; pois ides assombrados das immundices de Berberia, com vergonhosa fugida. Restaurai, com esses espiritos antigos, e com esses corpos feitos pedaços, a reputação humana, e não deis materia de riso a estes fracos imigos.»

Mas os turcos, tendo mais conta com a fugida que com a vergonha dos mouros, que carregavam muito sobre elles, não puderam al fazer senão largar e perder a bagagem e as bestas de carga, e por ser já muito de noite, e os mouros estarem muito cançados, não seguindo a victoria, que se lhes começava a metter nas mãos, tiveram os turcos tempo de tomar conselho, com o qual se resolveram se fizessem fortes com trincheiras, a que tambem as trevas da noite ajudavam

a defender, até pela manhã ou se renderem, ou cometterem algum honesto partido, por terem perdido a esperança da saude.

Os mouros, como homens que tinham quebrado as azas dos imigos, os quaes lhes não podiam fugir do meio, como em guarda d'elles, os tiveram toda a noite cercados, até a luz da manhã lhes mostrar a fermosura da victoria, que estava encoberta com as trevas da noite.

Neste tempo, quando os mouros estavam mais contentes de seu bom sucesso, com a presa quasi nas unhas, correo nova, com azas de pennas falsas, e com muita ligeireza chegou ao Xarife, em que lhe significava em como o campo estava pelos turcos, por rezão da treição, que Dogali, e os outros muitos mouros de nome, fizeram em se passar ao Rei de Argel; entre os quais, lhe affirmaram ser um d'elles Alimoxecra, general do campo, e com esta mudança os turcos tinham victoria.

O Xarife, como era de espiritos fracos, espantado com esta nova, dando credito á falsa fama, sem nenhuma consideração, nem esperar outra informação, ou remedio de recuperar o que fingidamente lhe persuadiam ser perdido, com affronta e quebra da real pessoa, se poz em fugida com quinze mil de cavallo, que foi principio de sua perdição.

Os mouros, que tinham cercado os turcos, como fica dito, ao tempo de concluir a victoria, lhes veio nova como o Xarife era fugido, com a qual desanimados, e os turcos quasi ressuscitados da morte a uma esperança de vida, nem uns cometteram, nem outros resistiram; mas suspensos ambos os exercitos, se estavam contemplando uns aos outros, postos em igual fortuna.

Alimoxecra, quando lhe deram a nova do Xarife

ser fugido, com persuasão que elle fôra o autor da treição, com animo assocegado, mas confuso e magoado, disse:

«Fez o Xarife nisso como quem é: basta ser filho de negra.»

Com isto desfazendo-se o campo dos mouros, cada uns se derramavam por diversas partes, como gado sem pastor.

Quando Alimoxecra vio que a victoria lhe fugia tão sem causa das mãos, onde elle tinha a maior parte da honra, e, sem culpa sua, tinha cobrado com o Xarife nome de tredor, em o ter por autor da treição não verdadeira, como desesperado de tal opinião, não quiz entrar em Fez; mas deixando as suas mulheres, filhos e fazenda, foi seguindo o Xarife, dizendo:

«Quero-lhe mostrar quão leal sou a ir morrer com elle.»

Os turcos como viram o diurnal progresso, ordenado por sua saude e felicidade de Mulei-Maluco, de que estavam já desesperados, não querendo mais tentar a fortuna, se foram direitos a Fez, onde acharam as portas abertas, e os animos dos mouros carregados de medo, suspensos com a variedade dos successos, e sem contradicção alguma metteram dentro da cidade ao Maluco, com titulo e ceptro de Rei, e sendo obedecido de todos, uns com amor, outros com medo, facilmente esqueciam outros respeitos, senão a presente fortuna do vencedor.

Isto feito, como o viso-rei de Argel fosse homem de engenho quieto e condição imiga de insolencias, por tirar as occasiões aos genisaros de fazerem aggravo aos mouros, com que os excandalisassem e elles fossem aborrecidos, alojou-se no campo fóra dos muros, onde esteve tres mezes, e alli lhe mandava Mulei-Maluco os mantimentos necessarios cada dia, e

lhes fez outras muitas mercês, com que ficaram bem hospedados, não sómente d'elle, mas dos mouros naturaes, os quais, conhecendo quão domesticamente haviam usado com elles aquelles dias, lhes fizeram alguns serviços, com que os turcos a cabo de trez mezes, na era de 1575, se foram alegres por o effeito de sua vinda, e contentes com os beneficios recebidos.

CAPITULO XXVII

De como o Maluco fez viso-rei de Sus a seu irmão Mulei-Hamet

Em meio de alterações tão novas e feridas tão frescas, importava muito a pressa no provimento, e a confiança nas pessoas, a quem se haviam de entregar os magistrados e governo: por tanto, como Mulei-Maluco foi alevantado Rei de Fez, e começou a pacificar a republica, acquirio com brandura de prudente capitão aos quietos, e espantando com temor do castigo aos sediciosos, em breve tempo foi geralmente obedecido. Mas porque o reino de Sus é de moradores Alarves, gente de grande opinião de nobreza e primor de discrição, fundados em toda a pontualidade de honra, mandou a seu irmão Mulei-Hamet por viso-rei d'aquelle reino, pera que com a presença da pessoa real os Alarves se quietassem, e não houvesse entre elles alguma alteração em tempo tão turbulento, e quando a discordia dos dois Xarifes estava tão fresca.

Neste logar me pareceu dar uma breve relação verdadeira, e contraria á commum opinião do vulgo [illegible] barbaros

e de pouco entendimento. Onde é necessario saber, que em Berberia ha dois generos de nações, cujos custumes é viverem nos campos, sem cidade, nem policia de republica ordenada com leis, nem de homens deliciosos no comer e vestidos, com outras pompas, que o mundo chama ornamentos: uns são os barbaros que moram commummente nas serras dos Montes Claros, os quais, posto que morem em casas particulares, todavia não chegam a juntar-se em cidade em forma de policia. Estes como vivem apartados da côrte e comunicação da gente politica, tem pouco primor no seu tratamento das pessoas, e tambem nos entendimentos carecem das artes e discrição, que põem autoridade nos homens, e assim são havidos por agrestes e de pouco saber. Os Alarves, que tambem fazem sua habitação no campo, não usam de casas fixas, senão de tendas levadiças, pera se mudarem, cada vez que se lhe offerece, com suas fazendas e gados; tanto é seu custume morarem nos campos, que, além de não edificarem cidades, destruem as já feitas nas provincias onde habitam. Temos exemplo nos que occuparam o reino de Sus antes dos Xarifes; porque, sendo Trudante cidade populosa, com edificios sumptuosos, cercada de muros torreados com ameias, cabeça metropole do reino, a destruiram e arruinaram, como cousa desnessaria a sua habitação.

São os Alarves gente de mui delicados engenhos pera tratarem todos os negocios de entendimento, eloquentes em palavras, sentenciosos em seus dictos, e muito lidos em todas as historias arabicas, fazendo delicadissimos versos e de mui elegante suavidade, com que fazem vantagem a todos os mouros africanos, e todos os cortezãos lha reconhecem mui notavel.

São tidos os Alarves por toda a Africa por a gente

diante dos turcos. O Xarife ficou atraz um quarto de legoa com os quinze mil de cavallo de Marrocos, que o acompanhavam, por não aventurar sua pessoa na batalha, e esperar o sucesso d'ella.

Com os turcos vinham cinco mil Alarves de cavallo pera saquear o campo, como tem por costume, e ordenados seus esquadrões assentáram seu campo. E como os turcos eram todos de infanteria e haviam de pelejar a pé, deram os cavallos em que caminhavam a seus criados. Tocadas as trombetas e pifaros de ambas as partes e despregadas as bandeiras, puzéram seus exercitos á vista um do outro, em som de dar batalha, e animando cada capitão seus soldados, o viso-rei de Argel começou assi:

«Agora cuido, valerosos companheiros, que a fortuna se lembra de nos honrar, pois nos offerece occasião de tão ditosa empresa, de gente tão lusida, como vedes no campo dos imigos, pera que nossa victoria fique mais clara e o despojo mais rico. Não posso deixar de me mostrar alegre e acelarado no rompimento d'esta batalha, em que vejo em vós os mesmos effeitos, com mais certa confiança da victoria. Pera outros soldados, menos animosos e alvoroçados em dar a batalha, usára eu de prudente conselho se lhes persuadisse quão fraca gente é a que vedes, e com quão pouco animo hão-de esperar a furia turquesca, tão temida no mundo; mas cuido que vos accendo mais o furor em vol-os louvar por esforçados, pera que com mais impeto vos acheis dignos de os commetter, pera que os premios dos louvores sejam mais claros. Em os vencer pouco se ganha; mas no serviço de Amurate, faz a nossas honras plantarmos suas bandeiras no reino de Fez, e dar a conhecer o seu nome, e restituirmos um Principe aggravado em seus reinos, por mandado do nosso Rei, que

são as magnificencias que acrecentam a gloria dos grandes Principes. Este é o effeito da victoria que pretendemos, e o merecimento de nosso valor; pois o vencer outros mais fortes exercitos do que vêdes, com menos gente do que somos, é isso já ordinario nas armadas dos turcos; mas já que estes mouros temerariamente vem impedir nossos intentos, em nenhuma cousa nos fazem injuria digna de castigo, senão no pouco respeito com que aceitaram os mandados de Amurate, e em fim obedecem a um Rei entronisado contra o direito das leis: e pera que no principio achem o desengano da sua ousadia, e ao diante fiquem avisados de seus commettimentos, firamos e matemos nelles sem piedade, pera que, ensinados de seu damno, venham com humildade buscar nossa clemencia, com o recônhecimento do nome de Amurate, debaixo de cujo emparo aqui trazemos Mulei-Maluco. Quanto mais, que cuido que elles não serão tão prodigos de suas vidas, que quererão experimentar nossa furia, mas que se vem metter debaixo de nossas bandeiras, uns por temor de nossas armas, outros com obediencia de Mulei-Maluco, cujos naturaes são, e vassallos querem ser, com lembrança que é filho do Xarife, a quem serviram e obedeceram com amor paternal; por as quais razões comettei confiados, pois o nosso esforço, o nome, as armas, e sobretudo a justiça de Mulei-Maluco, nos favorecem pera mais confiadamente seguirmos a empresa.»

Feita esta pratica, começou Abrandan a pôr os soldados em ordem de cometter, e tocar as trombetas e tambores, com que a gente estivesse mais prompta e prestes pera acometter ao primeiro signal. Alimochecra, não se mostrando menos esforçado e pratico na arte militar, tendo sua gente posta a pique, se voltou a elles, dizendo-lhes:

rar, por os turcos serem já idos pera Argel, e os mouros não estarem inda com elle bem vindos em amor. E pera que Marrocos ficasse seguro de algumas alterações, deixou nelle por viso-rei o alcaide Cid-Hamu-Benanza, homem de muito esforço e prudencia.

Mulei-Maluco, como erâ mui experto capitão, cheio de espiritos altos e animo valeroso, não se acovardando a tanto aparato do Xarife, em meio das alterações, em as quais podia arrecear algumas treições, com ousadia, confiado em suas forças, não mostrando desconfiança nos mouros que sentia duvidosos na lealdade, se armou com a maior diligencia possivel, pera o que chamou seu irmão, viso-rei de Sus, e fez seu campo, no qual ajuntou vinte mil de cavallo, e cinco mil infantes, a quem elle, com muito ar e arte militar, capitaneava.

Estando o reino d'esta maneira diviso em duas cabeças (indicio de sua destruição) com as forças repartidas, cada um com esperanças de ajuntar todas a uma só corôa, começáram a marchar um contra o outro, e pondo-se os campos á vista da cidade de Cele, começou cada um dar ordem á gente e animál-a naquella batalha tão duvidosa, onde se promettia todo o imperio de Berberia ao vencedor, e grande infelicidade ao vencido; e quanto mais isto importava, tanto cada um mais trabalhava esforçar os seus soldados, e solidal-os na amizade e lealdade, que são as cousas mais necessarias nas guerras civís; e assi o Mulei-Maluco se poz em parte onde fosse visto de sua gente, e com a eloquencia e discrição, que nelle eram companheiras de seu esforço, disse:

«Nobres cavalleiros, se esta batalha, pera que estais armados, com as vidas offerecidas a todo o risco, fôra contra christãos, ou contra outros estrangeiros, corrêra-me muito usar do antigo costume, que todos

os capitães tem de exercitar e persuadir seus soldados a esforço pera pelejar, porque o esforço que vos enxergo nesses rostos confiados e cheios de furor, e nesses ameaçadores braços, me fizéra parecer desconfiado da victoria; mas por que esta guerra, em que estamos embaraçados, é civil, como sabeis, travada dentro dos limites dos reinos, entre os Reis e soldados parentes e liados em consanguinidade e affinidade, me pareceo avisar-vos (como todos sabeis) que não venho tyranicamente conquistar os reinos alheios, nem os de Mulei-Hamet, meu sobrinho, mas venho a possuir os de meu pai, a mim devidos por direito de herança; e nesta entrada que me vistes fazer no reino de Fez com ajuda dos turcos, e em que vós, como leais vassallos, me recolhestes com amor de irmãos e naturais, nunca me desviei da equidade natural, nem da obrigação de parentesco, que devo ter com Mulei-Hamet meu sobrinho, que diante de vós vedes armado contra mim, com aspecto fero de vingança. Eu sempre quiz, e hoje quererei acomodar-me á razão de o agasalhar honradamente com algum estado da Berberia, e pesa-me tanto, contra direito natural e das gentes, e contra justiça das armas, elle querer tentar força, que sei Deos e os homens lhe extranham, que deve ser pera sua total perdição; e assi tendo em vossos peitos esta minha justificação por honesta, não pertendo outra honra, outra victoria, outros reinos, senão ser Rei de vossos corações cheios de amor, com obediencia de vossas vontades; e quando eu fosse tão mofino, que vos não pudesse defender d'este tyrano, o qual no meio da paz de seu imperio e vossa obediencia, não pudestes soffrer sua crueldade, estou mui certo dar-lhe Deus o castigo de sua temeridade, pois não deixa pacificar Berberia: por tanto vos rogo ponhais diante dos olhos agora mais o bem

ambas as partes, remettêram todos denodadamente com egual animo e esforço. Começou-se a batalha muito tarde já sol posto, e dorou até duas horas de noite, e animando os capitães seus soldados, se começaram a ferir como mortais imigos, havendo a cada passo montes de corpos mortos, ficando a terra humida com sangue que se derramava; o qual estrago quanto mais crecia, tanto iam mingoando as forças do corpo, mas os espiritos não affrouxavam ponto do odio e furor, com desejo de victoria e vingança.

Dogali, mourisco de Granada, em quem o Xarife muito confiava, sendo capitão de mil e quinhentos infantes, tendo já tratada a treição, como vio a briga travada, se passou com toda sua gente á parte dos turcos, com a qual mudança os mouros não ficaram quebrados nem alterados, e como se não acontecêra, continuaram com a batalha, a qual andando envolta com egual sórte por um grande espaço, sem fazer declaração a alguma das partes, se perfiava com egual desejo d'alcançar victoria. Todavia instando Alimoxecra, general do campo, e animando os mouros, lhes deu muito alento a carregarem sobre os turcos dizendo:

«Ah! cavalleiros africanos, estas empresas tão honrosas, e victoria tão esclarecida vos sei eu metter nas mãos: minha é a grangearia, e vosso é o valor: não se vos vá da mão a ditosa occasião, nem vo-la escondam as trevas da noite: conclui, conclui a victoria, que já rendem as armas e os espiritos, e põem sua salvação na fugida, e na sorte da noite.»

Com isto carregaram sobre os turcos com mais continuos e pesados golpes, sem lhes darem alento a se defenderem: os quais como viram a determinação dos mouros, com mais forte resistencia e mais impetuoso commettimento, do que esperavam, começáram a

affrouxar de sua bizarria e furor, e com isto começáram a retirar-se.

Como os Alarves viram pender a victoria á parte dos mouros, e a fortuna virar as costas aos turcos, sem mais esperarem o successo da victoria, se pozeram em fugida, e apoz elles os criados dos turcos, que estavam com os cavallos dos senhores; os quais, com o medo com que iam fugindo, entraram em Tremecem, lançando fama como os turcos eram desbaratados.

O viso-rei de Argel, como valeroso capitão, não perdendo o animo no meio d'aquelle perigo, acudindo a todas as partes, onde via necessidade soccorria com maravilhosa destreza, e pondo-se diante dos que fugiam, lhes disse:

«Que vergonha é esta soldados? Que costume tão desusado, que fugis da victoria e dos vencidos? Ou tornai a traz, ou deixae-me morto diante de vós, por não terdes vivo um tão severo acusador de vossa cobardia. Não sois vós os genisaros espanto do mundo: não sois vós os vingadores das offensas publicas; pois ides assombrados das immundices de Berberia, com vergonhosa fugida. Restaurai, com esses espiritos antigos, e com esses corpos feitos pedaços, a reputação humana, e não deis materia de riso a estes fracos imigos.»

Mas os turcos, tendo mais conta com a fugida que com a vergonha dos mouros, que carregavam muito sobre elles, não puderam al fazer senão largar e perder a bagagem e as bestas de carga, e por ser já muito de noite, e os mouros estarem muito cançados, não seguindo a victoria, que se lhes começava a metter nas mãos, tiveram os turcos tempo de tomar conselho, com o qual se resolveram se fizessem fortes com trincheiras, a que tambem as trevas da noite ajudavam

a defender, até pela manhã ou se renderem, ou cometterem algum honesto partido, por terem perdido a esperança da saude.

Os mouros, como homens que tinham quebrado as azas dos imigos, os quaes lhes não podiam fugir do meio, como em guarda d'elles, os tiveram toda a noite cercados, até a luz da manhã lhes mostrar a fermosura da victoria, que estava encoberta com as trevas da noite.

Neste tempo, quando os mouros estavam mais contentes de seu bom sucesso, com a presa quasi nas unhas, correo nova, com azas de pennas falsas, e com muita ligeireza chegou ao Xarife, em que lhe significava em como o campo estava pelos turcos, por rezão da treição, que Dogali, e os outros muitos mouros de nome, fizeram em se passar ao Rei de Argel; entre os quais, lhe affirmaram ser um d'elles Alimoxecra, general do campo, e com esta mudança os turcos tinham victoria.

O Xarife, como era de espiritos fracos, espantado com esta nova, dando credito á falsa fama, sem nenhuma consideração, nem esperar outra informação, ou remedio de recuperar o que fingidamente lhe persuadiam ser perdido, com affronta e quebra da real pessoa, se poz em fugida com quinze mil de cavallo, que foi principio de sua perdição.

Os mouros, que tinham cercado os turcos, como fica dito, ao tempo de concluir a victoria, lhes veio nova como o Xarife era fugido, com a qual desanimados, e os turcos quasi ressuscitados da morte a uma esperança de vida, nem uns cometteram, nem outros resistiram; mas suspensos ambos os exercitos, se estavam contemplando uns aos outros, postos em igual fortuna.

Alimoxecra, quando lhe deram a nova do Xarife

ser fugido, com persuasão que elle fôra o autor da treição, com animo assocegado, mas confuso e magoado, disse:

«Fez o Xarife nisso como quem é: basta ser filho de negra.»

Com isto desfazendo-se o campo dos mouros, cada uns se derramavam por diversas partes, como gado sem pastor.

Quando Alimoxecra vio que a victoria lhe fugia tão sem causa das mãos, onde elle tinha a maior parte da honra, e, sem culpa sua, tinha cobrado com o Xarife nome de tredor, em o ter por autor da treição não verdadeira, como desesperado de tal opinião, não quiz entrar em Fez; mas deixando as suas mulheres, filhos e fazenda, foi seguindo o Xarife, dizendo:

«Quero-lhe mostrar quão leal sou a ir morrer com elle.»

Os turcos como viram o diurnal progresso, ordenado por sua saude e felicidade de Mulei-Maluco, de que estavam já desesperados, não querendo mais tentar a fortuna, se foram direitos a Fez, onde acharam as portas abertas, e os animos dos mouros carregados de medo, suspensos com a variedade dos successos, e sem contradicção alguma metteram dentro da cidade ao Maluco, com titulo e ceptro de Rei, e sendo obedecido de todos, uns com amor, outros com medo, facilmente esqueciam outros respeitos, senão a presente fortuna do vencedor.

Isto feito, como o viso-rei de Argel fosse homem de engenho quieto e condição imiga de insolencias, por tirar as occasiões aos genisaros de fazerem aggravo aos mouros, com que os excandalisassem e elles fossem aborrecidos, alojou-se no campo fóra dos muros, onde esteve tres mezes, e alli lhe mandava Mulei-Maluco os mantimentos necessarios cada dia, e

ambas as partes, remettêram todos denodadamente com egual animo e esforço. Começou-se a batalha muito tarde já sol posto, e dorou até duas horas de noite, e animando os capitães seus soldados, se começaram a ferir como mortais imigos, havendo a cada passo montes de corpos mortos, ficando a terra humida com sangue que se derramava; o qual estrago quanto mais crecia, tanto iam mingoando as forças do corpo, mas os espiritos não affrouxavam ponto do odio e furor, com desejo de victoria e vingança.

Dogali, mourisco de Granada, em quem o Xarife muito confiava, sendo capitão de mil e quinhentos infantes, tendo já tratada a treição, como vio a briga travada, se passou com toda sua gente á parte dos turcos, com a qual mudança os mouros não ficaram quebrados nem alterados, e como se não acontecêra, continuaram com a batalha, a quai andando envolta com egual sórte por um grande espaço, sem fazer declaração a alguma das partes, se perfiava com egual desejo d'alcançar victoria. Todavia instando Alimoxecra, general do campo, e animando os mouros, lhes deu muito alento a carregarem sobre os turcos dizendo:

«Ah! cavalleiros africanos, estas empresas tão honrosas, e victoria tão esclarecida vos sei eu metter nas mãos: minha é a grangearia, e vosso é o valor: não se vos vá da mão a ditosa occasião, nem vo-la escondam as trevas da noite: conclui, conclui a victoria, que já rendem as armas e os espiritos, e põem sua salvação na fugida, e na sorte da noite.»

Com isto carregaram sobre os turcos com mais continuos e pesados golpes, sem lhes darem alento a se defenderem: os quais como viram a determinação dos mouros, com mais forte resistencia e mais impetuoso comettimento, do que esperavam, começáram a

affrouxar de sua bizarria e furor, e com isto começáram a retirar-se.

Como os Alarves viram pender a victoria á parte dos mouros, e a fortuna virar as costas aos turcos, sem mais esperarem o successo da victoria, se pozeram em fugida, e apoz elles os criados dos turcos, que estavam com os cavallos dos senhores; os quais, com o medo com que iam fugindo, entraram em Tremecem, lançando fama como os turcos eram desbaratados.

O viso-rei de Argel, como valeroso capitão, não perdendo o animo no meio d'aquelle perigo, acudindo a todas as partes, onde via necessidade soccorria com maravilhosa destreza, e pondo-se diante dos que fugiam, lhes disse:

«Que vergonha é esta soldados? Que costume tão desusado, que fugis da victoria e dos vencidos? Ou tornai a traz, ou deixae-me morto diante de vós, por não terdes vivo um tão severo acusador de vossa cobardia. Não sois vós os genisaros espanto do mundo: não sois vós os vingadores das offensas publicas; pois ides assombrados das immundices de Berberia, com vergonhosa fugida. Restaurai, com esses espiritos antigos, e com esses corpos feitos pedaços, a reputação humana, e não deis materia de riso a estes fracos imigos.»

Mas os turcos, tendo mais conta com a fugida que com a vergonha dos mouros, que carregavam muito sobre elles, não puderam al fazer senão largar e perder a bagagem e as bestas de carga, e por ser já muito de noite, e os mouros estarem muito cançados, não seguindo a victoria, que se lhes começava a metter nas mãos, tiveram os turcos tempo de tomar conselho, com o qual se resolveram se fizessem fortes com trincheiras, a que tambem as trevas da noite ajudavam

a defender, até pela manhã ou se renderem, ou cometterem algum honesto partido, por terem perdido a esperança da saude.

Os mouros, como homens que tinham quebrado as azas dos imigos, os quaes lhes não podiam fugir do meio, como em guarda d'elles, os tiveram toda a noite cercados, até a luz da manhã lhes mostrar a fermosura da victoria, que estava encoberta com as trevas da noite.

Neste tempo, quando os mouros estavam mais contentes de seu bom sucesso, com a presa quasi nas unhas, correo nova, com azas de pennas falsas, e com muita ligeireza chegou ao Xarife, em que lhe significava em como o campo estava pelos turcos, por rezão da treição, que Dogali, e os outros muitos mouros de nome, fizeram em se passar ao Rei de Argel; entre os quais, lhe affirmaram ser um d'elles Alimoxecra, general do campo, e com esta mudança os turcos tinham victoria.

O Xarife, como era de espiritos fracos, espantado com esta nova, dando credito á falsa fama, sem nenhuma consideração, nem esperar outra informação, ou remedio de recuperar o que fingidamente lhe persuadiam ser perdido, com affronta e quebra da real pessoa, se poz em fugida com quinze mil de cavallo, que foi principio de sua perdição.

Os mouros, que tinham cercado os turcos, como fica dito, ao tempo de concluir a victoria, lhes veio nova como o Xarife era fugido, com a qual desanimados, e os turcos quasi ressuscitados da morte a uma esperança de vida, nem uns cometteram, nem outros resistiram; mas suspensos ambos os exercitos, se estavam contemplando uns aos outros, postos em igual fortuna.

Alimoxecra, quando lhe deram a nova do Xarife

ser fugido, com persuasão que elle fôra o autor da treição, com animo assocegado, mas confuso e magoado, disse:

«Fez o Xarife nisso como quem é: basta ser filho de negra.»

Com isto desfazendo-se o campo dos mouros, cada uns se derramavam por diversas partes, como gado sem pastor.

Quando Alimoxecra vio que a victoria lhe fugia tão sem causa das mãos, onde elle tinha a maior parte da honra, e, sem culpa sua, tinha cobrado com o Xarife nome de tredor, em o ter por autor da treição não verdadeira, como desesperado de tal opinião, não quiz entrar em Fez; mas deixando as suas mulheres, filhos e fazenda, foi seguindo o Xarife, dizendo:

«Quero-lhe mostrar quão leal sou a ir morrer com elle.»

Os turcos como viram o diurnal progresso, ordenado por sua saude e felicidade de Mulei-Maluco, de que estavam já desesperados, não querendo mais tentar a fortuna, se foram direitos a Fez, onde acharam as portas abertas, e os animos dos mouros carregados de medo, suspensos com a variedade dos successos, e sem contradicção alguma metteram dentro da cidade ao Maluco, com titulo e ceptro de Rei, e sendo obedecido de todos, uns com amor, outros com medo, facilmente esqueciam outros respeitos, senão a presente fortuna do vencedor.

Isto feito, como o viso-rei de Argel fosse homem de engenho quieto e condição imiga de insolencias, por tirar as occasiões aos genisaros de fazerem aggravo aos mouros, com que os excandalisassem e elles fossem aborrecidos, alojou-se no campo fóra dos muros, onde esteve tres mezes, e alli lhe mandava Mulei-Maluco os mantimentos necessarios cada dia, e

lhes fez outras muitas mercês, com que ficaram bem hospedados, não sómente d'elle, mas dos mouros naturaes, os quais, conhecendo quão domesticamente haviam usado com elles aquelles dias, lhes fizeram alguns serviços, com que os turcos a cabo de trez mezes, na era de 1575, se foram alegres por o effeito de sua vinda, e contentes com os beneficios recebidos.

CAPITULO XXVII

De como o Maluco fez viso-rei de Sus a seu irmão Mulei-Hamet

Em meio de alterações tão novas e feridas tão frescas, importava muito a pressa no provimento, e a confiança nas pessoas, a quem se haviam de entregar os magistrados e governo: por tanto, como Mulei-Maluco foi alevantado Rei de Fez, e começou a pacificar a republica, acquirio com brandura de prudente capitão aos quietos, e espantando com temor do castigo aos sediciosos, em breve tempo foi geralmente obedecido. Mas porque o reino de Sus é de moradores Alarves, gente de grande opinião de nobreza e primor de discrição, fundados em toda a pontualidade de honra, mandou a seu irmão Mulei-Hamet por viso-rei d'aquelle reino, pera que com a presença da pessoa real os Alarves se quietassem, e não houvesse entre elles alguma alteração em tempo tão turbulento, e quando a discordia dos dois Xarifes estava tão fresca.

Neste logar me pareceu dar uma breve relação verdadeira, e contraria á commum opinião do vulgo

[illegible] barbaros

e de pouco entendimento. Onde é necessario saber, que em Berberia ha dois generos de nações, cujos custumes é viverem nos campos, sem cidade, nem policia de republica ordenada com leis, nem de homens deliciosos no comer e vestidos, com outras pompas, que o mundo chama ornamentos: uns são os barbaros que moram commummente nas serras dos Montes Claros, os quais, posto que morem em casas particulares, todavia não chegam a juntar-se em cidade em forma de policia. Estes como vivem apartados da côrte e comunicação da gente politica, tem pouco primor no seu tratamento das pessoas, e tambem nos entendimentos carecem das artes e discrição, que põem autoridade nos homens, e assim são havidos por agrestes e de pouco saber. Os Alarves, que tambem fazem sua habitação no campo, não usam de casas fixas, senão de tendas levadiças, pera se mudarem, cada vez que se lhe offerece, com suas fazendas e gados; tanto é seu custume morarem nos campos, que, além de não edificarem cidades, destruem as já feitas nas provincias onde habitam. Temos exemplo nos que occuparam o reino de Sus antes dos Xarifes; porque, sendo Trudante cidade populosa, com edificios sumptuosos, cercada de muros torreados com ameias, cabeça metropole do reino, a destruiram e arruinaram, como cousa desnessaria a sua habitação.

São os Alarves gente de mui delicados engenhos pera tratarem todos os negocios de entendimento, eloquentes em palavras, sentenciosos em seus dictos, e muito lidos em todas as historias arabicas, fazendo delicadissimos versos e de mui elegante suavidade, com que fazem vantagem a todos os mouros africanos, e todos os cortezãos lha reconhecem mui notavel.

São tidos os Alarves por toda a Africa por a gente

elle muito confiava, e havia sido viso rei de Marroco
sobre a cidade de Trudante; e tivessem cercado o Mu
lei-Hamet, pouco antes chegado, como fica dito. Ma
por que Mulei-Maluco tambem mandou Dogali (alca
de andaluz do reino de Granada, que se havia passa
do do campo do Xarife ao de Mulei-Maluco, na pri
meira batalha) com mil infantes impedir o secorr
do Xarife, e conservar a gente de Sus e Dara, qu
se não levatasse, determinou o Xarife ir pelejar con
elle e desbarata-lo.

Dogali, esforçado e ardilozo capitão, não temend
o poder com que o Xarife o ia demandar, confiand
mais no valor dos seus paucos, que na multidão do
imigos, o esperou: mas como o tempo era já de
Xarife não engeitar algum perigo, lhe presentou bata
lha com assás confiança, aventurando sua sorte a to
dos os lanços, nem se espantou da bravosidade de Do
gali: mas travando com elle escaramuça, toda um
noite pelejaram, sem as trevas descobrirem cuja er
a victoria: pela manhã, tornando-se a refrescar a ba
talha com mais calor de uma parte e da outra, hou
ve o Dogali de romper o Xarife, e desbaratar-lhe
campo, matando-lhe muita gente, entre os quaes fo
ram os alcaides seguintes: Mira-Hamet-Turci, Ali
Benerre, Hamu e Ageroli.

Com este desbarate, recolheo o Xarife sua gente d
melhor modo que pôde, e mandou ao Xeque seu fi
lho, que tinha em Trudante cercado a Mulei-Hamet
se viesse jantar com elle pera formar campo, por re
cear ser comettido, ou por Dogali victorioso, ou po
Mulei-Hamet cercado, com dezejo de pelejar em cam
po raso; com o qual aviso Mulei-Xeque se veio a
pai, e se refez do resto de seu exercito, com que tor
nou a formar campo.

CAPITULO XXXII

Da batalha que tiveram o Xarife e Mulei-Hamet

Com o alevantamento do cerco de Trudante ficou a cidade livre do perigo, e Mulei-Hamet com liberdade de poder dar soccorro ao Dogali, de cujo desbarate temia accrèscentar-se-lhe o perigo, mas quando soube que o Xarife vinha desbaratado d'elle, e o Mulei Xeque se fôra ajuntar com seu pae, determinou ajudar-se do tempo e occasião, e pelejar com elles, antes que se tornassem a refazer; mas entendendo o Xarife que toda a sua perdição estava em fugir ou em o desemparar a sua gente, acabada qualquer rota logo entendia em se refazer, e com animo constante esperar os revezes da fortuna, com esperanças de algum recontro a ter favoravel, e esquecida de seu furor: por tanto, sabendo como o Mulei-Hamet o vinha cometter mais ousadamente, não se espantando já dos infelizes successos, o esperou no campo.

Postos os campos imigos em ordem de pelejar, dentro do reino de Sus, em Buxoleia, despregadas as bandeiras, e fazendo os mais signaes significadores de batalha, cada um dos Prineipes trabalhava animar a sua gente pera com esforço pelejar; e começando o Xarife disse:

«Nenhuma cousa me dá maior confiança de vencer esta batalha, que cuidar que está já cançada a fortuna de me perseguir, e enfastiada dos triumphos imigos; e vós que tendes vistas minhas adversidades, deveis ser boas testemunhas não nacerem meus máos sucessos d'outra parte; pois em mim nunca faltou constancia pera pôr o rosto aos imigos, nem em vós

esforço e lealdade de os cometterdes; mas cuido que até agora tem mais pelejado contra vós minha triste sorte, que sua boa andança, e com estes escarneos, com que me tem a fortuna tão mal tratado, não desespero da victoria, pois ella como é impurtuna a perseguir uns, é inconstante a favorecer outros. Desgraças de vossos vencimentos sentira eu muito, se fôram por alguma cobardia que de vós nacêra ou falta que eu vos fizesse; mas como vos vejo dignos de perpetua fama, pelo esforço com que pelejais, quero-vo-la consumar, com vos mostrar ao mundo, que mais honras ganhais em conservar um Rei vencido tantas vezes, que alcançar prosperas victorias de um capitão venturoso: porque quanto eu e toda a Berberia mais entendemos minha estrella ser sinistra, pera em todas as batalhas ser vencido, tanto mais cresce vossa gloria em me conservardes com lealdade, e defenderdes o exercito com valerozo animo: agora que de vossa confiança e esforço a tenho eu da victoria, e da minha infelicidade temor de a perder, tentai a fortuna com rogos, pera que cance de vos encontrar, pera que vós com ameaços, espanteis aos imigos, que, sem minha infelicidade, não poderiam esperar o rigor de vossas armas.»

Com estas palavras cheias de desconfiança, que o Xarife tinha de sua mofina, não temia dar a batalha, com esperança da victoria por esforço dos soldados. Mulei-Hamet, volvendo-se aos seus, não lhes quiz faltar com outra materia de persuações, dizendo:

«Senhores, já a felicidade de Mulei-Maluco, meu irmão, e a justiça com que Deos castiga a Mulei-Hamet, que alli vedes, vos deve ter persuadido, quão certa tendes a victoria; mas além d'isto, attentai que a experiencia vo-lo mostra muito mais, pois em todas as batalhas, de que já andais enfastiados, vos vedes sem-

pre vencedores, e os exercitos do Xarife fugidos. Não vos dou outra persuação, senão a de vossas armas tingidas no sangue de vossos imigos, que já vos compadeceis de seus máos sucessos; mas pois vedes sua contumacia em serem mais crueis pera si, que vós pera elles, pois, sem conhecimento do seu erro, vos provocam a ira, deveis de converter a piedade em furor, por vos livrardes de tão brutal importunação. Certo que vos confesso de mim, que me espanto da clemencia que tendes usado com aquelles imigos, pois tendes mil vezes de compaixão encolhido a mão de seu sangue: agora vos rogo vos desenganeis, pois, com todos esses beneficios, não querem cessar estes barbaros, até nos não beberem o nosso; por tanto, não me parece tempo de vos persuadir a esforço contra gente tantas vezes vencida, mas aconselhar-vos que não é prudencia perdoar tantas ignorancias com perigo de nossas vidas. Ora pois, com justo furor dai naquelles imigos sem piedade; lançai de vossas cabeças o perigo, que vossa clemencia com elles, e o seu ódio contra vós podem causar.»

Com estas fallas feitas, ambos os exercitos se puzeram em ordem, e arremetendo um ao outro se travou a batalha, ferida cruelmente de cada parte, até que o Xarife começou a declinar nas forças, e o seu exercito derramar-se e pôr-se em fugida.

Mulei-Hamet, usando da victoria no alcance do imigo, com desejo de matar ou prender o Xarife, pera quietação das guerras de Berberia, apertou tanto com elle, que lhe foi forçado fugir até lhe cançar o cavallo, o qual estancando-lhe de todo, se deceo, e a pé se acolheo a uma serra, onde se salvou.

CAPITULO XXXIII

Como o Xarife foi desbaratado em outra batalha por Mulei-Hamet

Com o acontecimento de tão tristes sucessos, lançando o Xarife suas adversidades á conta de sua mofina, soffria com paciencia estes contrastes, e com animo grave confiava que o tempo faria alguma mudança, por onde acaso pudesse ser favorecido, já que por rezão e esforço ia sempre de vencida. Com isto, não desconfiando de todo de suas cousas fazerem algum termo favoravel, com animo constante perseverava com esforço ou a perder a vida n'uma batalha, ou com victoria recuperar a corôa, posta debaixo dos pés de seus imigos: e não vendo no dia em que foi desbaratado (como no capitulo atraz fica dito) remedio de se poder restaurar de suas perdas, se foi a uma Zouguia, cujo morabito se chamava Cid-Hahete, pera alli ou se fazer forte, ou esperar algum remedio, que o tempo podia descobrir.

Cid-Mahamet-Bocaden, que na sua Zouguia o havia agasalhado, dezejoso de o ajudar, ajuntou trinta mil homens, com os quais o vinha socorrer; mas chegou a tempo quando já ia desbaratado. Quando o Xarife vio o socorro, alevantando com elle as esperanças, já mui derrubadas, tornou a se refazer contra Mulei-Hamet, que estava já em Trudante, com quem o Dogali estava tambem: de maneira que, refeitos outra vez os exercitos, o do Xarife com o socorro de Cid-Mahamet-Bocaden, e o de Mulei-Hamet com o do Dogali, se armaram pera outra mais dura batalha, na qual uns haviam de pelejar com

confiança de vencedores, outros com furor de desesperados, o que fazia os recontros de maior perigo.

Tornando pois o Xarife atraz a buscar Mulei-Hamet, e elle sahindo de Trudante a o esperar, se encontráram em parte, onde postos os campos em ordem, e os soldados persuadidos com efficazes fallas, e uns e outros incendidos com dezejos de vingança, mostrando bravosidade nos aspectos, e ameaços nas palavras, com grandes alaridos e estrepito de armas, arremetêram uns aos outros, matando-se e ferindo-se com mortal odio.

Mulei-Hamet e Dogali, que eram superiores ao Xarife na ousadia de vencedores, ajuntando com isto seus esforços, entraram rijamente pelo corpo da batalha, animando os seus, e pondo espanto aos imigos, com confiança da victoria. O exercito do Xarife, havendo já experimentado a ventura dos capitães de Mulei-Maluco e a mofina do seu Rei, a quem seguiam, não podendo soffrer o pezo da batalha, começou a retirar-se, onde se enxergou o rosto da victoria alegre pera Mulei-Hamet e Dogali, os quais, conhecendo-a em seu favor, começaram a apertar mais com os imigos, até os desordenarem de todo, a quem já não ficava mais remedio que o da fugida. E aproveitando-se d'ella pera salvação da vida, sem esperança de honra, se tornou á Zouguia, donde tinha vindo, desbaratado. Mulei-Hamet, pondo-se em seu alcance, com zêlo de tirar aquellas reliquias de Berberia, como semente de corrupção, achou no caminho Mulei-Maluco seu irmão, que vinha de Marrocos a o ajudar, e ambos juntos feitos em um corpo foram queimar a Zouguia, como colheita de reveis, e couto onde o Xarife se refazia, pera exemplo de outros lhe não darem favor nem o recolherem.

CAPITULO XXXIV

Como o Xarife entrou em Marrocos e saqueou a judiaria, e d'ahi se foi ao Pinhão

Vendo-se o Xarife tão quebrado das forças e enganado das esperanças, posto em final desprezo da fortuna, vendo Mulei-Maluco, junto com seu irmão Mulei-Hamet, conspirados em o perseguirem até á morte, desenganou-se que não tinha esperanças de saude andando em Berberia, principalmente estando as suas forças já quasi acabadas, e as do Maluco de todo comsumadas. Mas nunca todas estas adversidades foram bastantes a quebrar-lhe o animo, pera perder quaesquer occasiões de que se pudesse valer, nem as esperanças em que tinha seu remedio. Vendo pois como Mulei-Maluco era fóra de Marrocos, e andava occupado com seu irmão no reino de Sus, passeando pelos campos de suas victorias, recolhendo as reliquias do despojo, quietando todas as cousas alteradas com tantas guerras, furtando-lhe a volta, com gente ligeira se veio metter em Marrocos, com que poz toda a cidade em temores e espantos, com os quais, não havendo em os mouros da cidade conselho em tão subita vinda, andando confusos e divisos em differentes pareceres, não houve quem ousasse resistir-lhe: o qual entrando na cidade com animo ousado, com gente e alcaides que o seguiam, deram logo saco na judiaria, onde houveram um riquissimo thesouro de dinheiro e fato, com que a cidade ficou assás temorisada, e não ousou fazer alteração alguma. E d'alli pondo o Xarife cerco a Alcaceva, a bateu oito dias com muita furia; mas defendeu-a valerosamente o alcaide Ruduão, viso-

rei, arrenegado, que viéra com o Maluco de Argel. Com esta nova, que logo chegou ás orelhas do Maluco, sabendo como o Xarife estava em Marrocos, e os damnos que fazia, apressou o passo por lhe vir socorrer; com cuja vinda o Xarife alevantou o cerco, e não podendo esperar a furia do Maluco, se foi da cidade; e como em campo raso não tinha forças pera se defender, acolheu-se á serra de Dominete, onde não faltaram recontros, alguns de pouco momento, entre os quais e os passados os mouros contam vinte e quatro batalhas, entre o Xarife e Mulei-Maluco e seus capitães.

O Xarife, não tendo já favor humano que esperar de parte alguma, provendo no remedio de sua pessoa e filhos, e mais gente que os seguia, não achou lugar seguro em Berberia, e com isto determinou acolher-se ao Pinhão de Belles, pera se salvar do furor do imigo, disposto a o seguir até á morte: o qual posto em caminho com seu filho Mulei-Xeque, e os alcaides Cid-Hamu-Benanza, Hamet-Benzolet, Mancor-Nabili, Ali, dois filhos do alcaide Zecherim, Cid-Hamet filho do Morabito Bocaden, e Aluiali, arrenegado, se partio pera o Pinhão, e passando por Fez (o que não podia escusar) lhe sahiram ao encontro alguns alcaides, entre os quais houve algumas escaramuças.

Nestes trabalhos e adversidades, em que o Xarife se via tão perseguido da fortuna, nunca perdeu a constancia de um animo real, antes considerando com prudencia quão subjeitos os Reis estão a semelhantes casos, procurava quanto podia vencel-os com rosto alegre, sabendo que todas as cousas da vida estão dependentes d'estas inconstancias, esperando como em toda ella ha lugar de as rodas desandarem pera alevantar os cahidos ao cume mais alto, e derribar os alevantados ao profundo mais baixo. Com isto, mostrando a

todos rosto de alegria, no intimo do espirito não podia, como humano, deixar de sentir o infelice estado em que se via, e fazer lamentações de sua mofina; o qual com dôr de coração soffria vêr o Maluco enthronisado em seus reinos, e elle fugido e perseguido fóra de sua patria, posto no emparo de Reis estrangeiros e imigos.

Com estas e outras considerações chegou o Xarife ao Pinhão, fortaleza subjeita aos estados de Castella, situada no mar, perto de terra, em uma ilheta de pedra viva, a quem a natureza fortificou de maneira, que nem forças, nem machinas bastam para a entrar; e não se dando por seguro de Mulei-Maluco vir sobre elle, mandou pedir a El-Rei D. Filippe de Castella pera se recolher dentro na fortaleza: mas El-Rei, vendo o perigo da pessoa do Xarife posto em campo, a risco de ser salteado do imigo, posto que lhe desejasse dar remedio, não quiz com a segurança alheia aventurar a sua fortaleza, tão importante á christandade; mas dando nisso meio assás justo, mandou dizer ao Xarife, que se poderia recolher na fortaleza com dez homens sómente, porque se fossem muitos estava certo o perigo de se alevantarem com ella.

O Xarife, tendo em sua companhia muitos alcaides e pessoas de estima, aos quais estava muito obrigado pelos serviços que lhe tinham feito, e a lealdade com que o acompanhavam, posto em estado infelice, não quiz apartar-se d'elles, antes ser-lhes companheiro a toda a sorte, accrecentando mais, como elle não trazia já de toda a Berberia mais que aquellas reliquias, em quem confiava, que com ajuda de seu braço e favor que elles grangeariam de seus parentes e amigos, que ficavam com o Maluco, poderiam as cousas tornar-se a perturbar, e elle achar algum refugio; quando mais que elle tinha escripto a El-Rei D. Sebastião,

e nisso postas as esperanças de ser restituido, e por meio dos alcaides presentes inquietaria toda a Africa, trazendo a si uns dos seus parentes e amigos, e outros faria deixar as armas contra elle; e por esta causa não quiz o Xarife recolher-se na fortaleza, porque estava certo logo irem-se os alcaides e mais gente, e deixarem-no só, o que não sómente era ficar privado do soccorro, mas com a ida d'estes alcaides, e bom tratamento que o Maluco por sua prudencia e sagacidade lhes faria, ficavam fechadas as portas de todas suas esperanças, pera não poderem ter effecto.

CAPITULO XXXV

Como El-Rei D. Sebastião mandou Pero de Alcaçova a Castella tratar da guerra, e do casamento com a filha d'El-Rei

Em todo o tempo que Martim Gonçalves mandava o reino absolutamente, por El-Rei descarregar nelle todos seus cuidados, pera ficar mais solto em suas fragueirices, sempre o seguia e se não apartava d'elle; o qual nem o mestre consentiam affeiçoar-se a outra pessoa, que o podesse perturbar da doutrina aprendida; por onde nenhum fidalgo ousava murmurar de Martim Gonçalves diante d'El-Rei, assim por El-Rei o não consentir, e pela muita confiança que nelle tinha, como por temerem a sua muita valia. Mas quando El-Rei passou á Africa a primeira vez, tendo mais liberdade, e mostrando-se mais tratavel com os homens, começáram a privar com elle alguns mancebos fidalgos de sua criação, em differentes tempos; mas os que mais entrada tiveram com

El-Rei, e elle mostrava verdadeira affeição, foram Luis da Silva, e Cristovão de Tavora. Estes como tomaram pé na privança, e acharam a porta aberta a seus intentos, os principaes golpes que tiraram pera permanecer, foram contra Martim Gonçalves, persuadindo a El Rei que não se entregasse tanto a elle, nem se deixasse levar de seu parecer e governo, pois mandava tão imperiosamente, que mais temido era e conhecido que elle mesmo, e já á sua idade não estava bem ser mandado d'elle, nem os nobres do reino o soffriam bem, nem os Principes d'outros reinos o tinham a prudencia.

Com estas e outras resões começou El-Rei de se trastornar, e colher sua liberdade, e querer restringir o poder de Martim Gonçalves, com menos subjeição do que d'antes costumava: e porque Pero d'Alcaçova andava fóra da côrte desfavorecido d'El-Rei, sendo-lhe mandado não viesse a ella desde o tempo que Martim Gonçalves entrou na privança, e lhe servia o seu officio de escrivão da puridade, parecendo a Luiz da Silva e a Cristovão de Tavora, que com meterem e acreditarem Pero d'Acaçova com El-Rei teriam nelle bom terceiro, assim por Martim Gonçalves o ter maltratado, como por elle ser homem de muita descrição, e experimentado nos negocios de que El-Rei se o communicasse havia de gostar, tratáram fazer com El-Rei o mandasse chamar, como de feito chamou, e pera isso ficar mais firme, e elles mais ligados, casou Cristovão de Tavora uma irmã com Luiz da Silva, e outra com Luiz d'Alcaçova, filho morgado de Pero d'Alcaçova.

Isto assi tratado, querendo El-Rei mandar á côrte d'El-Rei de Castella dar-lhe conta como ainda estava em proprosito de tornar á Africa, e effectuar a guerra que tentára e não começara, e juntamente fallar no

casamento com a Infante D. Clara, filha d'El-Rei, posto que lá estivesse por embaixador D. Duarte Castelbranco, meirinho mór, homem de muita descrição e negocio, assentáram fosse Pero d'Alcaçova, por ser muito sufficiente, e mui versado em negocios tão importantes.

Despedido Pero d'Alcaçova d'El-Rei, partio pera Castella no principio do anno de setenta e seis; o qual como chegou a Madrid onde El-Rei estava, havendo tempo e oportunidade, determinou fazer o negocio a que ia; e fazendo fundamense no ponto da guerra de Africa, que El-Rei D. Sebastião queria tornar a repetir, quiz justificar-lhe o intento ácerca d'ella; porque além de Portugal poder ter muitos commercios proveitosos e mantimentos de Africa, e afastar de si uns imigos tão visinhos e continuos, convinha nos principios atalhar os males esperados; e como Mulei-Maluco havia entrado em Berberia com muitos turcos, que lhe deram ajuda e o mettêram de posse dos reinos, temia-se de elle fazer guerra a toda Hespanha, por ser capitão valeroso e de animo ousado e pensamentos altos pera grandes empresas; e quando elle engeitasse a tal conquista, ou por falta de forças, ou por se contentar com o repouso, estava certo nos turcos ocuparem as fortalezas da ourela do mar e principalmente Larache, porto donde, se elles se apossassem, poderiam destruir Portugal e Castella com suas galés. Mas como Pero d'Alcaçova sobre esta justificação queria acarretar a tenção e benevolencia d'El-Rei de Castella pera dar ajuda a esta guerra, e juntamente fazer sinificações de tocar no casamento da Infante, não ousava declarar-se de todo, assim por El-Rei não aprovar a guerra de Africa, como o aggravo que tinha d'El-Rei de Portugal,

Elvas, aonde achou recado e posta que o correio mór D. Reimão de Tarsis, por mandado d'El-Rei, lhe havia trazido.

Entrando pois El-Rei em Badajoz, primeiro lugar de Castella, foi recebido com muita pompa e prazer do povo, e na Sé o Bispo e o cabido com pallio o viéram esperar á porta principal da Sé. Aqui em Badojoz, e em todos os lugares de Castella por onde El-Rei havia de passar, tinha El-Rei D. Philipe mandado prover tão excessivamente de mantimentos, assim pera gente, como pera cavalgaduras, que ordinariamente sobjevam, ainda que era muita mais a gente; os quais eram tantos e em tanta abastança, que a todo o estado de homens se dava graciosamente o que pediam, de qualquer maneira que fossem os mantimentos, com grandes penas aos vendeiros nenhuma cousa dessem por dinheiro a homem portuguez, mas ou fossem tomal-o dos ministros d'El-Rei, ou se lhos dessem, não tomassem dinheiro. Da mesma maneira estavam os lugares providos de pousadas, casas, e estrebarias. Tanta foi a abastança dos mantimentos á ida e vinda, e tão cerrados estavam os portos aos portuguezes poderem gastar um vintem, que mandando Antonio Mourão, comprador d'El-Rei, homens deante a comprar mantimentos, não havia homem que lhos quizesse vender, nem tomar dinheiro. Além d'isto, tinha El-Rei mandado publicar em todos os lugares por onde El-Rei D. Sebastião passasse, que elle pudesse mandar soltar quaisquer presos, abrir cadeias, perdoar delictos, e a todas as justiças lhe obedecessem em tudo que elle mandasse: nas quais cousas El-Rei D. Sebastião teve tal modestia, que de nenhuma quiz usar; mas em casos de seus vassallos se mostrou neste caminho mui liberal, em perdoar muitos crimes de homens que andavam homisiados e estavam presos.

Rei D. Sebastião muito, assi por vêr El-Rei seu tio e tratar pesssoalmente seus negocios, como por vêr Castella por sua curiosidade.

Fazendo-se El-Rei prestes, com os fidalgos que o haviam de acompanhar, tendo todos feito mui custosos vestidos e outros atavios, veio a nova de Maximiliano Imperador, sogro d'El-Rei de Castella, ser morto, com a qual El-Rei se encerrou e tomou dó, e deixados os ornamentos de festa, mandou aos fidalgos que se vestissem de panno preto sem guarnição alguma, a modo de dó. Poucos dias depois de vir a nova do Imperador, e El-Rei de Portugal estar já quasi de caminho, mandou a Cristovão de Tavora (que já privava muito com elle) visitar El-Rei e a Rainha de Castella da morte do Imperador, e que de volta o viesse esperar a Guadalupe.

Não tardou El-Rei muitos dias que não partisss de Lisboa pera Castella, com os senhores seguintes: D. Jorge d'Alencastre, duque d'Aveiro, D. Alvaro da Silva conde de Portalegre e mordomo mór, D. João Mascarenhas, Francisco de Sá, Luiz da Silva, D. Francisco Portugal, D. Vasco Coutinho, Francisco de Tavora, D. Diogo Lopes de Lima, Francisco Barreto de Lima, veador, Miguel de Moura, secretario, Manuel Coresma, Pero d'Alcaçova, e todos os mais officiaes do serviço da pessoa d'El-Rei, excepto infinita gente que ia disfarçada vêr a vista dos Reis afastados diante ou detraz das jornadas d'El-Rei. E porque, se El-Rei fizesse caminho de vagar, e jornadas contadas, era necessario abalar e levar comsigo toda a côrte, com grande pompa e aparato, e com muitas despesas, ordenou elle e os fidalgos nomeados irem pela posta, de maneira que partio de Lisboa a quatro de Dezembro de setenta e seis, e foi nas galés a Aldeia Gallega, a dormir, e d'ahi por suas jornadas chegou a

Elvas, aonde achou recado e posta que o correio mór D. Reimão de Tarsis, por mandado d'El-Rei, lhe havia trazido.

Entrando pois El-Rei em Badajoz, primeiro lugar de Castella, foi recebido com muita pompa e prazer do povo, e na Sé o Bispo e o cabido com pallio o viéram esperar á porta principal da Sé. Aqui em Badojoz, e em todos os lugares de Castella por onde El-Rei havia de passar, tinha El-Rei D. Philipe mandado prover tão excessivamente de mantimentos, assim pera gente, como pera cavalgaduras, que ordinariamente sobjevam, ainda que era muita mais a gente; os quais eram tantos e em tanta abastança, que a todo o estado de homens se dava graciosamente o que pediam, de qualquer maneira que fossem os mantimentos, com grandes penas aos vendeiros nenhuma cousa dessem por dinheiro a homem portuguez, mas ou fossem tomal-o dos ministros d'El-Rei, ou se lhos dessem, não tomassem dinheiro. Da mesma maneira estavam os lugares providos de pousadas, casas, e estrebarias. Tanta foi a abastança dos mantimentos á ida e vinda, e tão cerrados estavam os portos aos portuguezes poderem gastar um vintem, que mandando Antonio Mourão, comprador d'El-Rei, homens deante a comprar mantimentos, não havia homem que lhos quizesse vender, nem tomar dinheiro. Além d'isto, tinha El-Rei mandado publicar em todos os lugares por onde El-Rei D. Sebastião passasse, que elle pudesse mandar soltar quaisquer presos, abrir cadeias, perdoar delictos, e a todas as justiças lhe obedecessem em tudo que elle mandasse: nas quais cousas El-Rei D. Sebastião teve tal modestia, que de nenhuma quiz usar; mas em casos de seus vassallos se mostrou neste caminho mui liberal, em perdoar muitos crimes de homens que andavam homisiados e estavam presos.

CAPITULO XXXVII

De um incendio que houve em Lisboa depois que El-Rei foi pera Castella

AINDA que seja interromper um pouco o fio da historia com materia estrangeira, soffrê-lo-ha o curioso leitor, por a d'este capitulo ser importante e proveitosa, e não ter outro lugar onde melhor, ou menos mal, possa caber.

No tempo que El-Rei partio de Lisboa, aos quatro de Dezembro, como fica dito, pousava elle nos paços de Santos-os-Velhos á Pampulha, junto dos quais, ao longo do mar, havia muitas taracenas, que serviam de se alojar muito pão e todo genero de vitualhas e mercadorias das náos de Alemanha, Frandes, França, e Inglaterra, e outros reinos, pera commercio, sendo escala tão opulenta como é Lisboa: e com haver grande cantidade d'estas casas, todas neste tempo estavam cheias de trigo, centeio, farinha, roupas, enxarcias, breus, e outras cousas semelhantes; entre as quais havia uma casa em que estavam cento e quarenta e seis barris de polvora, que tinham vindo de Frandes pera se venderem em Portugal.

Não se sabe certo como succedeo o caso, mas presume-se que uns meninos acháram aberta a logea dos barris da polvora e puzeram o fogo a um d'elles, cuja simplicidade e innocencia mostra a ignorancia do perigo. Fosse de uma maneira ou d'outra, não nos affirmando na causa, basta que o effecto foi manifesto e espantoso, e nos deo materia de escrever; porque, arrebentando de improviso aquella furia de todos os barris de polvora (em cada um dos quais havia tres quintaes) em um momento foi arruinado com terribel es-

passa, com estemada e deleitosa vista d'elle, o qual neste tempo está feito com mui grão sumptuosidade de edificios, e riqueza de ornamentos e prata pera o culto divino, e bem parecem instrumentos convenientes de louvar a Deos, e dignos das virtudes das religiosas d'elle, as quais além da nobreza das almas, ornadas com privanças e favores do ceo, tambem a tem do mundo, que ellas com assás despreso e escarneo tem engeitado; porque a primeira abbadeça, soror Vicencia, é filha do marquez de Villa Real, com outras de nobre geração: e por morte de Francisco de Sá, conde de Matcsinhos, e camareiro mór de Sua Magestade, se recolheo nelle a condeça D. Caterina, sua mulher moça, que nunca houve filhos, onde hoje está professa, calcando com os pés todos os contentamentos da vida, dando de mão ás delicias do corpo, pisando os gostos da honra, finalmente distribuindo sua fazenda com os pobres, com largas esmolas, e outras obras pias, sem do mundo querer favor algum, pera ficar mais serva de Deos e dicipula de Christo. No qual mosteiro Miguel de Moura, e sua mulher, tem por devoção solemnisar no dia de Santa Luzia sua festa, quando acontceo este desastre da polvora, por a devoção da Santa, e mercê que Deos aquelle dia lhes fizera.

CAPITULO XXXVIII

Como El-Rei D. Sebastião chegon a Guadalupe, onde El-Rei D. Philipe já o esperava

CONTINUANDO El-Rei D. Sebastião seu caminho pela posta, com jornadas já taxadas, El-Rei de Castella tambem se partio de Madrid com o duque d'Alba seu mordomo mór, e outros fidalgos, e chegou a Guadalupe primeiro alguns dias que El-Rei de Portugal: estando pois El-Rei de Castella esperando ao de Portugal, chegou elle um dia antes de vespera de Natal.

El-Rei de Castella, que tinha certos avisos das jornadas d'El-Rei D. Sebastião, sabendo como se vinha acercando a Guadalupe, o foi esperar ao caminho, meia legoa antes, mettido em um coche. El-Rei D. Sebastião, vindo correndo a posta, com a destreza em que era tão versado, como chegou perto do coche d'ElRei Philipe, anbos em um tempo se apeáram; os quais, chegando-se um ao outro com os chapeos na mão, com muita cortezia e amor se abraçaram; em que El-Rei D. Philipe, tio d'Al-Rei D. Sebastião, por signaes e indicios significativos de grande alegria, se recreava em sua vista; o qual pondo os olhos muitas vezes nelle, que era mancebo formoso e muito bem disposto (cujo aspecto era grave, e de grande veneração) parece que se não fartava de o vêr, e estava concebendo em seu peito o muito valôr e merecimento de um Rei, que elle amava como filho.

Com estes cumprimentos se detiveram os Reis algum espaço, até que o Rei de Castella se virou pera o duque d'Aveiro (mancebo e Principe digno de todas as honras, por sua prodencia e gravidade,

passa, com estemada e deleitosa vista d'elle, o qual neste tempo está feito com mui grão sumptuosidade de edificios, e riqueza de ornamentos e prata pera o culto divino, e bem parecem instrumentos convenientes de louvar a Deos, e dignos das virtudes das religiosas d'elle, as quais além da nobreza das almas, ornadas com privanças e favores do ceo, tambem a tem do mundo, que ellas com assás despreso e escarneo tem engeitado; porque a primeira abbadeça, soror Vicencia, é filha do marquez de Villa Real, com outras de nobre geração: e por morte de Francisco de Sá, conde de Matcsinhos, e camareiro mór de Sua Magestade, se recolheo nelle a condeça D. Caterina, sua mulher moça, que nunca houve filhos, onde hoje está professa, calcando com os pés todos os contentamentos da vida, dando de mão ás delicias do corpo, pisando os gostos da honra, finalmente distribuindo sua fazenda com os pobres, com largas esmolas, e outras obras pias, sem do mundo querer favor algum, pera ficar mais serva de Deos e dicipula de Christo. No qual mosteiro Miguel de Moura, e sua mulher, tem por devoção solemnisar no dia de Santa Luzia sua festa, quando acontceo este desastre da polvora, por a devoção da Santa, e mercè que Deos aquelle dia lhes fizera.

Rei D. Sebastião muito, assi por vêr El-Rei seu tio e tratar pesssoalmente seus negocios, como por vêr Castella por sua curiosidade.

Fazendo-se El-Rei prestes, com os fidalgos que o haviam de acompanhar, tendo todos feito mui custosos vestidos e outros atavios, veio a nova de Maximiliano Imperador, sogro d'El-Rei de Castella, ser morto, com a qual El-Rei se encerrou e tomou dó, e deixados os ornamentos de festa, mandou aos fidalgos que se vestissem de panno preto sem guarnição alguma, a modo de dó. Poucos dias depois de vir a nova do Imperador, e El-Rei de Portugal estar já quasi de caminho, mandou a Cristovão de Tavora (que já privava muito com elle) visitar El-Rei e a Rainha de Castella da morte do Imperador, e que de volta o viesse esperar a Guadalupe.

Não tardou El-Rei muitos dias que não partisss de Lisboa pera Castella, com os senhores seguintes: D. Jorge d'Alencastre, duque d'Aveiro, D. Alvaro da Silva conde de Portalegre e mordomo mór, D. João Mascarenhas, Francisco de Sá, Luiz da Silva, D. Francisco Portugal, D. Vasco Coutinho, Francisco de Tavora, D. Diogo Lopes de Lima, Francisco Barreto de Lima, veador, Miguel de Moura, secretario, Manuel Coresma, Pero d'Alcaçova, e todos os mais officiaes do serviço da pessoa d'El-Rei, excepto infinita gente que ia disfarçada vêr a vista dos Reis afastados diante ou detraz das jornadas d'El-Rei. E porque, se El-Rei fizesse caminho de vagar, e jornadas contadas, era necessario abalar e levar comsigo toda a côrte, com grande pompa e aparato, e com muitas despesas, ordenou elle e os fidalgos nomeados irem pela posta, de maneira que partio de Lisboa a quatro de Dezembro de setenta e seis, e foi nas galés a Aldeia Gallega, a dormir, e d'ahi por suas jornadas chegou a

Elvas, aonde achou recado e posta que o correio mór D. Reimão de Tarsis, por mandado d'El-Rei, lhe havia trazido.

Entrando pois El-Rei em Badajoz, primeiro lugar de Castella, foi recebido com muita pompa e prazer do povo, e na Sé o Bispo e o cabido com pallio o viéram esperar á porta principal da Sé. Aqui em Badojoz, e em todos os lugares de Castella por onde El-Rei havia de passar, tinha El-Rei D. Philipe mandado prover tão excessivamente de mantimentos, assim pera gente, como pera cavalgaduras, que ordinariamente sobjevam, ainda que era muita mais a gente; os quais eram tantos e em tanta abastança, que a todo o estado de homens se dava graciosamente o que pediam, de qualquer maneira que fossem os mantimentos, com grandes penas aos vendeiros nenhuma cousa dessem por dinheiro a homem portuguez, mas ou fossem tomal-o dos ministros d'El-Rei, ou se lhos dessem, não tomassem dinheiro. Da mesma maneira estavam os lugares providos de pousadas, casas, e estrebarias. Tanta foi a abastança dos mantimentos á ida e vinda, e tão cerrados estavam os portos aos portuguezes poderem gastar um vintem, que mandando Antonio Mourão, comprador d'El-Rei, homens deante a comprar mantimentos, não havia homem que lhos quizesse vender, nem tomar dinheiro. Além d'isto, tinha El-Rei mandado publicar em todos os lugares por onde El-Rei D. Sebastião passasse, que elle pudesse mandar soltar quaisquer presos, abrir cadeias, perdoar delictos, e a todas as justiças lhe obedecessem em tudo que elle mandasse: nas quais cousas El-Rei D. Sebastião teve tal modestia, que de nenhuma quiz usar; mas em casos de seus vassallos se mostrou neste caminho mui liberal, em perdoar muitos crimes de homens que andavam homisiados e estavam presos.

CAPITULO XXXVII

De um incendio que houve em Lisboa depois que El-Rei foi pera Castella

AINDA que seja interromper um pouco o fio da historia com materia estrangeira, soffrê-lo-ha o curioso leitor, por a d'este capitulo ser importante e proveitosa, e não ter outro lugar onde melhor, ou menos mal, possa caber.

No tempo que El-Rei partio de Lisboa, aos quatro de Dezembro, como fica dito, pousava elle nos paços de Santos-os-Velhos á Pampulha, junto dos quais, ao longo do mar, havia muitas taracenas, que serviam de se alojar muito pão e todo genero de vitualhas e mercadorias das náos de Alemanha, Frandes, França, e Inglaterra, e outros reinos, pera commercio, sendo escala tão opulenta como é Lisboa: e com haver grande cantidade d'estas casas, todas neste tempo estavam cheias de trigo, centeio, farinha, roupas, enxarcias, breus, e outras cousas semelhantes; entre as quais havia uma casa em que estavam cento e quarenta e seis barris de polvora, que tinham vindo de Frandes pera se venderem em Portugal.

Não se sabe certo como succedeo o caso, mas presume-se que uns meninos acháram aberta a logea dos barris da polvora e puzeram o fogo a um d'elles, cuja simplicidade e innocencia mostra a ignorancia do perigo. Fosse de uma maneira ou d'outra, não nos affirmando na causa, basta que o effecto foi manifesto e espantoso, e nos deo materia de escrever; porque, arrebentando de improviso aquella furia de todos os barris de polvora (em cada um dos quais havia tres quintaes) em um momento foi arruinado com terribel es-

trondo todo o lanço das casas, que era de muito comprimento ao longo da praia, e todas as mais do alto, á face da rua que corre pera Alcantara.

Foi este incendio tão impetuoso, na brevidade do tempo que durou, quanta era a cantidade que se acendeo, e a furia d'elle, com a qual primeiramente fez tão grande estrondo, que se ouvio mui claramente em Santarem, que são quatorze leguas, e ainda se sentio em Badajoz, que são trinta e tres. Tal foi o terremoto, que não houve igreja nem edificio grande na cidade, que não fosse grandemente abalado, com que a gente espantada fugia fóra d'elles. No mosteiro da Esperança lançou fóra as trancas e ferrolhos da porta regral, e ficáram abertas: o ferrolho da casa do capitulo muito grosso, com o impeto que deo nas portas ficou todo torcido: no mosteiro da Annunciada lançou fóra de seu lugar as grades do côro, muito fortes, de ferro; finalmente fez outros mil effectos que de tal força se esperavam, e entrando a chama do fogo pelas casas onde El-Rei pousava, quebrou muitas portas e abalou paredes, e a madeira dos telhados foi logo arremeçada pelos ares, até cahir no mar, e em muitas partes da cidade as pedras dos edificios foram semeadas em diversas partes, das quais uma veio matar uma mulher ao marco da Esperança, e outra ferio um homem na calçada do Congro: finalmente ficáram mortos e queimados alguns mercadores e trabalhadores, que andavam nas taracenas.

Miguel de Moura secretario do reino, que ia com El-Rei a Castella, deixou sua mulher Beatriz da Costa aposentada em umas casas de Luiz Cesar, provedor dos armazens, alli perto. Ao tempo do incendio (que foi a treze de Dezembro, dia de Santa Luzia) estava ella ornamentando com vestidos mui curiosos uma imagem de Nossa Senhora com o seu Menino Je-

su, e outra de S. José seu esposo e companheiro, pera o presepio do Natal do mosteiro de Nossa Senhora da Madre de Deos de Lisboa, da ordem de Santa Clara dos capuchos: como o impeto do fogo achou aquellas casas mais em alto, e estavam sobranceiras ao mar, alli fez a força maior abalo, por as tomar em cheio, as quais logo em um instante foram todas arruinadas, fazendo voar os telhados e pedras grandes, e cahindo o sobrado, em que estava Beatriz da Costa em seu santo exercicio, se fundio todo com ella nas logeas debaixo, cahindo sobre ella grande cantidade de madeira, cal, terra, e pedra, levando comsigo as imagens que tinha no estrado por companheiras, ficando logo morta uma sua dona, e feridas muito mal outras duas mulheres.

Passda a fumaça, e estrondo tão temeroso e espantoso a todo o homem, acudindo muita gente a casa de Miguel de Moura, e ao lugar onde estava sua mulher, tirando o entulho (debaixo do qual ficou enterrada) a acháram viva e sã e sem aleijão algum, sem outro damno mais que o fogo lhe levar os toucados e os cabellos da cabeça: nas imagens acima ditas não houve mácula alguma nas pessoas nem vestidos, senão uma quebradura de um pé de S. José, pequena, cousa certo que mostra misterio, em Deus guardar aquella senhora em perigo tão grande (por sua muita virtude, e emparo da Virgem Nossa Senhora) e mais companheiras, pelo zêlo com que então os servia; por a qual causa Miguel de Moura e sua mulher, não tendo filhos, e sendo multo ricos de bens temporais, e muito mais de virtudes, ordenaram fundar um devoto e sumptuoso mosteiro de freiras da ordem das capuchas, em uma sua quinta em Sacavem duas legoas de Lisboa, o qual está posto sobre o rio que corre pelo pé, e defronte do Tejo, que perto

passa, com estemada e deleitosa vista d'elle, o qual neste tempo está feito com mui grão sumptuosidade de edificios, e riqueza de ornamentos e prata pera o culto divino, e bem parecem instrumentos convenientes de louvar a Deos, e dignos das virtudes das religiosas d'elle, as quais além da nobreza das almas, ornadas com privanças e favores do ceo, tambem a tem do mundo, que ellas com assás despreso e escarneo tem engeitado; porque a primeira abbadeça, soror Vicencia, é filha do marquez de Villa Real, com outras de nobre geração: e por morte de Francisco de Sá, conde de Matcsinhos, e camareiro mór de Sua Magestade, se recolheo nelle a condeça D. Caterina, sua mulher moça, que nunca houve filhos, onde hoje está professa, calcando com os pés todos os contentamentos da vida, dando de mão ás delicias do corpo, pisando os gostos da honra, finalmente distribuindo sua fazenda com os pobres, com largas esmolas, e outras obras pias, sem do mundo querer favor algum, pera ficar mais serva de Deos e dicipula de Christo. No qual mosteiro Miguel de Moura, e sua mulher, tem por devoção solemnisar no dia de Santa Luzia sua festa, quando acontceo este desastre da polvora, por a devoção da Santa, e mercê que Deos aquelle dia lhes fizera.

CAPITULO XXXVIII

Como El-Rei D. Sebastião chegon a Guadalupe, onde El-Rei D. Philipe já o esperava

CONTINUANDO El-Rei D. Sebastião seu caminho pela posta, com jornadas já taxadas, El-Rei de Castella tambem se partio de Madrid com o duque d'Alba seu mordomo mór, e outros fidalgos, e chegou a Guadalupe primeiro alguns dias que El-Rei de Portugal: estando pois El-Rei de Castella esperando ao de Portugal, chegou elle um dia antes de vespera de Natal.

El-Rei de Castella, que tinha certos avisos das jornadas d'El-Rei D. Sebastião, sabendo como se vinha acercando a Guadalupe, o foi esperar ao caminho, meia legoa antes, mettido em um coche. El-Rei D. Sebastião, vindo correndo a posta, com a destreza em que era tão versado, como chegou perto do coche d'ElRei Philipe, anbos em um tempo se apeáram; os quais, chegando-se um ao outro com os chapeos na mão, com muita cortezia e amor se abraçaram; em que El-Rei D. Philipe, tio d'Al-Rei D. Sebastião, por signaes e indicios significativos de grande alegria, se recreava em sua vista; o qual pondo os olhos muitas vezes nelle, que era mancebo formoso e muito bem disposto (cujo aspecto era grave, e de grande veneração) parece que se não fartava de o vêr, e estava concebendo em seu peito o muito valôr e merecimento de um Rei, que elle amava como filho.

Com estes cumprimentos se detiveram os Reis algum espaço, até que o Rei de Castella se virou pera o duque d'Aveiro (mancebo e Principe digno de todas as honras, por sua prodencia e gravidade,

e ser amado do mundo, por sua nobreza e brandura de condição, acompanhada de muitas grandezas de animo) e o abraçou com grande respeito; e assim fez muitas cortezias ao conde de Portalegre, mordomo-mór d'El-Rei de Portugal, por ser velho veneravel em sua pessoa, e da mesma maneira a todos os outros fidalgos portuguezes: os quaes cumprimentos acabados, El Rei Philipe com muita cortezia pedia a El-Rei D. Sebastião, que entrasse primeiro no coche, o qual com summa modestia, e acatamento d'El-Rei, seu tio e velho, não acceitando aquella honra, aperfiava com elle entrasse primeiro. Nestas competencias de honra e cortesias, querendo cada um ser o que a desse, e não o que a recebesse, houve El-Rei D. Sebastião de acceitar o que El Rei seu tio lhe offerecia, pois estava nos seus reinos, ao qual estava melhor e mais formoso dar a mão com todas as honras a um Rei seu hospede e sobrinho, a quem naquella breve vista ficava assás afeiçoado, e via nelle acatamento digno de todas as honras. Com isto entrou El-Rei D. Sebastião primeiro no coche, e se assentou á mão direita: e da mesma maneira todo o tempo que esteve em Castella (que foi do dia acima dito até depois do dia da epiphania) sempre El-Rei de Castella lhe deo a mão direita nas igrejas, casas, ruas, e finalmente em todas as vistas, mandando além d'isto a todos os fidalgos, em tudo reconhecessem primeiro a El-Rei D. Sebastião que a elle, e em certa maneira andava buscando todos os modos de venerar e honrar aquelle sobrinho, como cabeça digna de grandes coroas, e ser honrado de uma dignidade acima dos outros Reis, e acata-lo com o acatamento que sua pessoa merecia: sobretudo lhe desejava fazer todos os gasalhados e procurar os gostos, mostrando-lhe entranhas de paternal amor, e magnificencia de animo real, nas grandesas de hon-

ras que lhe fazia, e no tratamento de todos os portuguezes, em todo o tempo que estiveram em Nossa Senhora de Guadalupe. Andavam os ministros d'El-Rei de Castella com estrema abastança de mantimentos, com cargas pelas ruas e portas dos portuguezes, offerecendo a cada um o que havia mister e queria, sem conto nem medida, dando as gallinhas e perdizes e outras cousas a montes, e assim cevada e palha pera cavalgaduras.

Como os Reis se metteram no coche, começáram a caminhar, mesturando-se os fidalgos portuguezes na conversação e pratica dos castelhanos, com as cortesias de côrte, offerecendo-se uns a fazer honras, e outros a não as aceitar, com altercações iguaes, procurando cada um preferir-se ao seu competidor em o servir, e mostrar-lhe maior acatamento, o que tudo eram leis de curial cortesia. Nesta ordem chegáram os Reis ao convento de Nossa Senhora de Guadalupe, que é da ordem de S. Hieronimo, tão nomeado em grandezas de edificios, como em evidencia de milagres, e á porta d'elle se apeáram, e foram fazer oração; a qual acabada, se recolhêram a seus aposentos, e os fidalgos portuguezes foram esplendidamente agasalhados, em casas que El-Rei D. Philippe tinha mandado aparelhar a elles e á sua gente, cançados do largo caminho que traziam.

CAPITULO XXXIX

Como os Reis de Portugal e Castella jantaram ambos juntos duas vezes, e pela mesma maneira outras duas vezes os fidalgos portuguezes e castelhanos

Além do gasalhado, que El-Rei de Castella fazia a El-Rei de Portugal, não soffria seu real animo descuidar-se algum momento de cuidar como lhe daria contentamento, e lhe mostrasse o amor nascido d'alma; pera mostrar o qual, El-Rei de Castella o convidou um dia a jantar em sua casa, e El-Rei de Portugal fez outro dia o mesmo em seu aposento; nas quais comidas, de tanto contentamento de ambos, e representação das pessoas, pareciam inflamados em amor, bebendo um á affeição do outro, transformando-se os corações entre si; o d'El-Rei de Castella com alegria de ter á sua mesa um sobrinho, Rei de tão altos merecimentos, e o de El-Rei de Portugal com summo acatamento de um tio, Rei tão poderoso em estados, e grandioso em magnificencias, a quem venerava como pai, e sentia entranhavel amor: com esta correspondencia não havia entre elles mais que um continuo estudo como se agradariam um ao outro, e se ajudariam a engrandecer os louvores que a ambos eram dados: as quais comidas foram com tantas pompas e apparatos reaes, quanto os discretos poderam entender por a grandeza de taes Principes, e eu a não poderei declarar pela fraqueza de minhas palavras; mas porque os Reis tambem se recreassem na comunicação e amizade de seus vassallos, deu-se ordem como os senhores e fidalgos castelhanos dessem banquete aos senhores e fidalgos portuguezes, em dia de carne, e os portuguezes dessem outro aos cas-

telhanos, em dia de pescado, o qual foi provido de Francisco Barreto veador de El-Rei de Portugal, e por ministerio de Antonio Mourão, comprador, (homem de extrema providencia em semelhantes cousas, e maravilhoso engenho pera qualquer feito cortezão) foram de Portugal levados por postas de recoveiros, com continuas jornadas de dia e noite, toda a maneira de pescados e mariscos que em Portugal ha em grande abundancia, e em Castella carecimento. Deixado já pera isto recado em Portugal, antes que El-Rei partisse, em todos os portos do mar, não cessavam os recoveiros correr suas postas, e terem a jornada, e lugares onde El-Rei havia de pousar, providos de muitos pescados: mas chegado o dia em que se havia de dar o banquete aos senhores castelhanos em Guadalupe, foi tão grande a abundancia do pescado e marisco, e a diversidade d'elles, que não sómente os castelhanos se espantavam da fórma que nunca viram, mas como iam frescos, guisados em maravilhoso modo, com espanto diziam muitos, que os portuguezes traziam comsigo os mares, e os deixavam detraz d'aquelles montes, por em caminho tão comprido, e em distancia tão grande, estarem providos de tantas iguarias de pescados e marisco; as quais, contadas, foram cento e noventa, entre assado, cosido, frito, empadas, e outros escabeches; e porque Portugal tambem tem grande abundancia de conservas, por resão da provincia do Brazil, Ilha da Madeira, S. Thomé, e Cabo Verde terem infinitos assucres, de que Castella algum tanto carece, não foram em menos cantidade as iguarias dos doces, por sua diversidade e delicadeza, que as dos pescados; no qual houve tanta abundancia em extremo, que era dado aviso aos portuguezes que serviam á mesa, nenhum sobejo das iguarias recolhessem á cosinha, nem a casa outra, mas liberalmente as

dessem a quaesquer pessoas castelhanas, que achassem; o que faziam com tanta deligencia, que chegando á porta, onde estava infinita gente, aos que primeiro chegavam despejavam os pratos, assim das iguarias dos pescados, como dos doces.

CAPITULO XL

Como os Reis de Portugal e Castella se resolveram na guerra de Africa e no casamento

A principal causa da vista dos Reis foi pera entre si resolverem os dois pontos de Pero d'Alcaçova, e eram, que El-Rei de Castella désse ajuda a El-Rei de Portugal pera a guerra d'Africa, e elle casasse com a Infante D. Clara sua filha: havendo entre elles algumas vistas e sessões sobre estas materias, El-Rei de Castella houve por bem dar-lhe a filha em casamento, e pela satisfação que d'elle tinha, pouco fôra fazel-o senhor do mundo, enxergando nelle uma grandeza de animo real, digno de uma grande monarchia; porque em todas as cousas era El-Rei D. Sebastião tanto homem e Rei, que nada lhe faltava pera ser temido e reverenciado de todos os grandes Principes, e com o animo e esforço que El-Rei de Castella lhe sentia, não julgava por temeridade de mancebo a jornada que antes tinha feito pera Africa, mas de animo invencivel cheio de todo o valor, e com rezão podia pôr espanto a todos os barbaros imigos do povo christão, sendo a parte que El-Rei de Castella mais nelle estimava, por que como elle era emparo da igreja catolica, e principal defensor d'ella, não tinha no mundo visto cousa que mais o alegrasse

nem satisfizesse, que vêr um Rei mancebo zeloso de todos estes bens, e sobretudo estremado em esforço pera temor dos imigos, e augmento da igreja catholica.

Com estas considerações, e desejos d'El-Rei de Castella em fazer todos os prazeres a El-Rei seu sobrinho e hospede, não houvera no mundo cousa possivel que lhe não concedesse: e tocando no ponto da guerra, a que El-Rei D. Sebastião determinava tornar por recuperar a reputação da primeira jornada, em alguma maneira perdida, por haver sido ordenada com muito esforço, e pouco conselho, quiz justificar a segunda com tomar o parecer de seu tio, Rei tão poderoso e prudente, e cercado de tão illustres capitães e soldados, praticos em todas as cousas da milicia, que approvaria o acertado e reprovaria o mal tentado, principalmente do duque d'Alba, com que El-Rei D. Sebastião praticou seus desenhos, e a quem pedio com muita iustancia quizesse ser seu general, por a fama e experiencia de esclarecido capitão: ao qual El-Rei de Portugal deu as causas que o moviam a atalhar os perigos esperados em toda Hespanha na entrada dos turcos em Berberia; porque se elles tomassem posse d'alguns portos de mar, principalmente o de Larache, colheita antiga e segura de muitas galés, d'alli poderiam fazer inevitaveis saltos, e prejudiciaes damnos na costa do Algarve e Andaluzia, sobretudo cerrariam as portas do Estreito, pera nenhuns navegantes ousarem passar, com temor de serem a cada passo salteados dos barbaros turcos: e o que mais temia El-Rei de Portugal era, que de Larache teriam os turcos mais comodidade pera discorrerem pelo mar oceano, e chegar até á boca da barra de Lisboa, onde forçadamente entram e sahem todas as frotas de sua conquista, e commercio da India, Mina, Brazil, Guiné e mais Ilhas adjacentes, e as do soccorro dos lugares de

trondo todo o lanço das casas, que era de muito comprimento ao longo da praia, e todas as mais do alto, á face da rua que corre pera Alcantara.

Foi este incendio tão impetuoso, na brevidade do tempo que durou, quanta era a cantidade que se acendeo, e a furia d'elle, com a qual primeiramente fez tão grande estrondo, que se ouvio mui claramente em Santarem, que são quatorze leguas, e ainda se sentio em Badajoz, que são trinta e tres. Tal foi o terremoto, que não houve igreja nem edificio grande na cidade, que não fosse grandemente abalado, com que a gente espantada fugia fóra d'elles. No mosteiro da Esperança lançou fóra as trancas e ferrolhos da porta regral, e ficáram abertas: o ferrolho da casa do capitulo muito grosso, com o impeto que deo nas portas ficou todo torcido: no mosteiro da Annunciada lançou fóra de seu lugar as grades do côro, muito fortes, de ferro; finalmente fez outros mil effectos que de tal força se esperavam, e entrando a chama do fogo pelas casas onde El-Rei pousava, quebrou muitas portas e abalou paredes, e a madeira dos telhados foi logo arremeçada pelos ares, até cahir no mar, e em muitas partes da cidade as pedras dos edificios foram semeadas em diversas partes, das quais uma veio matar uma mulher ao marco da Esperança, e outra ferio um homem na calçada do Congro: finalmente ficáram mortos e queimados alguns mercadores e trabalhadores, que andavam nas taracenas.

Miguel de Moura secretario do reino, que ia com El-Rei a Castella, deixou sua mulher Beatriz da Costa aposentada em umas casas de Luiz Cesar, provedor dos armazens, alli perto. Ao tempo do incendio (que foi a treze de Dezembro, dia de Santa Luzia) estava ella ornamentando com vestidos mui curiosos uma imagem de Nossa Senhora com o seu Menino Je-

su, e outra de S. José seu esposo e companheiro, pera o presepio do Natal do mosteiro de Nossa Senhora da Madre de Deos de Lisboa, da ordem de Santa Clara dos capuchos: como o impeto do fogo achou aquellas casas mais em alto, e estavam sobranceiras ao mar, alli fez a força maior abalo, por as tomar em cheio, as quais logo em um instante foram todas arruinadas, fazendo voar os telhados e pedras grandes, e cahindo o sobrado, em que estava Beatriz da Costa em seu santo exercicio, se fundio todo com ella nas logeas debaixo, cahindo sobre ella grande cantidade de madeira, cal, terra, e pedra, levando comsigo as imagens que tinha no estrado por companheiras, ficando logo morta uma sua dona, e feridas muito mal outras duas mulheres.

Passda a fumaça, e estrondo tão temeroso e espantoso a todo o homem, acudindo muita gente a casa de Miguel de Moura, e ao lugar onde estava sua mulher, tirando o entulho (debaixo do qual ficou enterrada) a acháram viva e sã e sem aleijão algum, sem outro damno mais que o fogo lhe levar os toucados e os cabellos da cabeça: nas imagens acima ditas não houve mácula alguma nas pessoas nem vestidos, senão uma quebradura de um pé de S. José, pequena, cousa certo que mostra misterio, em Deus guardar aquella senhora em perigo tão grande (por sua muita virtude, e emparo da Virgem Nossa Senhora) e mais companheiras, pelo zêlo com que então os servia; por a qual causa Miguel de Moura e sua mulher, não tendo filhos, e sendo multo ricos de bens temporais, e muito mais de virtudes, ordenaram fundar um devoto e sumptuoso mosteiro de freiras da ordem das capuchas, em uma sua quinta em Sacavem duas legoas de Lisboa, o qual está posto sobre o rio que corre pelo pé, e defronte do Tejo, que perto

passa, com estemada e deleitosa vista d'elle, o qual neste tempo está feito com mui grão sumptuosidade de edificios, e riqueza de ornamentos e prata pera o culto divino, e bem parecem instrumentos convenientes de louvar a Deos, e dignos das virtudes das religiosas d'elle, as quais além da nobreza das almas, ornadas com privanças e favores do ceo, tambem a tem do mundo, que ellas com assás despreso e escarneo tem engeitado; porque a primeira abbadeça, soror Vicencia, é filha do marquez de Villa Real, com outras de nobre geração: e por morte de Francisco de Sá, conde de Matcsinhos, e camareiro mór de Sua Magestade, se recolheo nelle a condeça D. Caterina, sua mulher moça, que nunca houve filhos, onde hoje está professa, calcando com os pés todos os contentamentos da vida, dando de mão ás delicias do corpo, pisando os gostos da honra, finalmente distribuindo sua fazenda com os pobres, com largas esmolas, e outras obras pias, sem do mundo querer favor algum, pera ficar mais serva de Deos e dicipula de Christo. No qual mosteiro Miguel de Moura, e sua mulher, tem por devoção solemnisar no dia de Santa Luzia sua festa, quando acontceo este desastre da polvora, por a devoção da Santa, e mercê que Deos aquelle dia lhes fizera.

CAPITULO XXXVIII

Como El-Rei D. Sebastião chegon a Guadalupe, onde El-Rei D. Philipe já o esperava

CONTINUANDO El-Rei D. Sebastião seu caminho pela posta, com jornadas já taxadas, El-Rei de Castella tambem se partio de Madrid com o duque d'Alba seu mordomo mór, e outros fidalgos, e chegou a Guadalupe primeiro alguns dias que El-Rei de Portugal: estando pois El-Rei de Castella esperando ao de Portugal, chegou elle um dia antes de vespera de Natal.

El-Rei de Castella, que tinha certos avisos das jornadas d'El-Rei D. Sebastião, sabendo como se vinha acercando a Guadalupe, o foi esperar ao caminho, meia legoa antes, mettido em um coche. El-Rei D. Sebastião, vindo correndo a posta, com a destreza em que era tão versado, como chegou perto do coche d'ElRei Philipe, anbos em um tempo se apeáram; os quais, chegando-se um ao outro com os chapeos na mão, com muita cortezia e amor se abraçaram; em que El-Rei D. Philipe, tio d'Al-Rei D. Sebastião, por signaes e indicios significativos de grande alegria, se recreava em sua vista; o qual pondo os olhos muitas vezes nelle, que era mancebo formoso e muito bem disposto (cujo aspecto era grave, e de grande veneração) parece que se não fartava de o vêr, e estava concebendo em seu peito o muito valôr e merecimento de um Rei, que elle amava como filho.

Com estes cumprimentos se detiveram os Reis algum espaço, até que o Rei de Castella se virou pera o duque d'Aveiro (mancebo e Principe digno de todas as honras, por sua prodencia e gravidade,

e ser amado do mundo, por sua nobreza e brandura de condição, acompanhada de muitas grandezas de animo) e o abraçou com grande respeito; e assim fez muitas cortezias ao conde de Portalegre, mordomo-mór d'El-Rei de Portugal, por ser velho veneravel em sua pessoa, e da mesma maneira a todos os outros fidalgos portuguezes: os quaes cumprimentos acabados, El Rei Philipe com muita cortezia pedia a El-Rei D. Sebastião, que entrasse primeiro no coche, o qual com summa modestia, e acatamento d'El-Rei, seu tio e velho, não acceitando aquella honra, aperfiava com elle entrasse primeiro. Nestas competencias de honra e cortesias, querendo cada um ser o que a desse, e não o que a recebesse, houve El-Rei D. Sebastião de acceitar o que El Rei seu tio lhe offerecia, pois estava nos seus reinos, ao qual estava melhor e mais formoso dar a mão com todas as honras a um Rei seu hospede e sobrinho, a quem naquella breve vista ficava assás afeiçoado, e via nelle acatamento digno de todas as honras. Com isto entrou El-Rei D. Sebastião primeiro no coche, e se assentou á mão direita: e da mesma maneira todo o tempo que esteve em Castella (que foi do dia acima dito até depois do dia da epiphania) sempre El-Rei de Castella lhe deo a mão direita nas igrejas, casas, ruas, e finalmente em todas as vistas, mandando além d'isto a todos os fidalgos, em tudo reconhecessem primeiro a El-Rei D. Sebastião que a elle, e em certa maneira andava buscando todos os modos de venerar e honrar aquelle sobrinho, como cabeça digna de grandes coroas, e ser honrado de uma dignidade acima dos outros Reis, e acata-lo com o acatamento que sua pessoa merecia: sobretudo lhe desejava fazer todos os gasalhados e procurar os gostos, mostrando-lhe entranhas de paternal amor, e magnificencia de animo real, nas grandesas de hon-

ras que lhe fazia, e no tratamento de todos os portuguezes, em todo o tempo que estiveram em Nossa Senhora de Guadalupe. Andavam os ministros d'El-Rei de Castella com estrema abastança de mantimentos, com cargas pelas ruas e portas dos portuguezes, offerecendo a cada um o que havia mister e queria, sem conto nem medida, dando as gallinhas e perdizes e outras cousas a montes, e assim cevada e palha pera cavalgaduras.

Como os Reis se metteram no coche, começáram a caminhar, mesturando-se os fidalgos portuguezes na conversação e pratica dos castelhanos, com as cortesias de côrte, offerecendo-se uns a fazer honras, e outros a não as aceitar, com altercações iguaes, procurando cada um preferir-se ao seu competidor em o servir, e mostrar-lhe maior acatamento, o que tudo eram leis de curial cortesia. Nesta ordem chegáram os Reis ao convento de Nossa Senhora de Guadalupe, que é da ordem de S. Hieronimo, tão nomeado em grandezas de edificios, como em evidencia de milagres, e á porta d'elle se apeáram, e foram fazer oração; a qual acabada, se recolhêram a seus aposentos, e os fidalgos portuguezes foram esplendidamente agasalhados, em casas que El-Rei D. Philippe tinha mandado aparelhar a elles e á sua gente, cançados do largo caminho que traziam.

CAPITULO XXXIX

Como os Reis de Portugal e Castella jantaram ambos juntos duas vezes, e pela mesma maneira outras duas vezes os fidalgos portuguezes e castelhanos

Além do gasalhado, que El-Rei de Castella fazia a El-Rei de Portugal, não soffria seu real animo descuidar-se algum momento de cuidar como lhe daria contentamento, e lhe mostrasse o amor nascido d'alma; pera mostrar o qual, El-Rei de Castella o convidou um dia a jantar em sua casa, e El-Rei de Portugal fez outro dia o mesmo em seu aposento; nas quais comidas, de tanto contentamento de ambos, e representação das pessoas, pareciam inflamados em amor, bebendo um á affeição do outro, transformando-se os corações entre si; o d'El-Rei de Castella com alegria de ter á sua mesa um sobrinho, Rei de tão altos merecimentos, e o de El-Rei de Portugal com summo acatamento de um tio, Rei tão poderoso em estados, e grandioso em magnificencias, a quem venerava como pai, e sentia entranhavel amor: com esta correspondencia não havia entre elles mais que um continuo estudo como se agradariam um ao outro, e se ajudariam a engrandecer os louvores que a ambos eram dados: as quais comidas foram com tantas pompas e apparatos reaes, quanto os discretos poderam entender por a grandeza de taes Principes, e eu a não poderei declarar pela fraqueza de minhas palavras; mas porque os Reis tambem se recreassem na comunicação e amizade de seus vassallos, deu-se ordem como os senhores e fidalgos castelhanos dessem banquete aos senhores e fidalgos portuguezes, em dia de carne, e os portuguezes dessem outro aos cas-

telhanos, em dia de pescado, o qual foi provido de Francisco Barreto veador de El-Rei de Portugal, e por ministerio de Antonio Mourão, comprador, (homem de extrema providencia em semelhantes cousas, e maravilhoso engenho pera qualquer feito cortezão) foram de Portugal levados por postas de recoveiros, com continuas jornadas de dia e noite, toda a maneira de pescados e mariscos que em Portugal ha em grande abundancia, e em Castella carecimento. Deixado já pera isto recado em Portugal, antes que El-Rei partisse, em todos os portos do mar, não cessavam os recoveiros correr suas postas, e terem a jornada, e lugares onde El-Rei havia de pousar, providos de muitos pescados: mas chegado o dia em que se havia de dar o banquete aos senhores castelhanos em Guadalupe, foi tão grande a abundancia do pescado e marisco, e a diversidade d'elles, que não sómente os castelhanos se espantavam da fórma que nunca viram, mas como iam frescos, guisados em maravilhoso modo, com espanto diziam muitos, que os portuguezes traziam comsigo os mares, e os deixavam detraz d'aquelles montes, por em caminho tão comprido, e em distancia tão grande, estarem providos de tantas iguarias de pescados e marisco; as quais, contadas, foram cento e noventa, entre assado, cosido, frito, empadas, e outros escabeches; e porque Portugal tambem tem grande abundancia de conservas, por resão da provincia do Brazil, Ilha da Madeira, S. Thomé, e Cabo Verde terem infinitos assucres, de que Castella algum tanto carece, não foram em menos cantidade as iguarias dos doces, por sua diversidade e delicadeza, que as dos pescados; no qual houve tanta abundancia em extremo, que era dado aviso aos portuguezes que serviam á mesa, nenhum sobejo das iguarias recolhessem á cosinha, nem a casa outra, mas liberalmente as

dessem a quaesquer pessoas castelhanas, que achassem; o que faziam com tanta deligencia, que chegando á porta, onde estava infinita gente, aos que primeiro chegavam despejavam os pratos, assim das iguarias dos pescados, como dos doces.

CAPITULO XL

Como os Reis de Portugal e Castella se resolveram na guerra de Africa e no casamento

A principal causa da vista dos Reis foi pera entre si resolverem os dois pontos de Pero d'Alcaçova, e eram, que El-Rei de Castella désse ajuda a El-Rei de Portugal pera a guerra d'Africa, e elle casasse com a Infante D. Clara sua filha: havendo entre elles algumas vistas e sessões sobre estas materias, El-Rei de Castella houve por bem dar-lhe a filha em casamento, e pela satisfação que d'elle tinha, pouco fôra fazel-o senhor do mundo, enxergando nelle uma grandeza de animo real, digno de uma grande monarchia; porque em todas as cousas era El-Rei D. Sebastião tanto homem e Rei, que nada lhe faltava pera ser temido e reverenciado de todos os grandes Principes, e com o animo e esforço que El-Rei de Castella lhe sentia, não julgava por temeridade de mancebo a jornada que antes tinha feito pera Africa, mas de animo invencivel cheio de todo o valor, e com rezão podia pôr espanto a todos os barbaros imigos do povo christão, sendo a parte que El-Rei de Castella mais nelle estimava, por que como elle era emparo da igreja catolica, e principal defensor d'ella, não tinha no mundo visto cousa que mais o alegrasse

nem satisfizesse, que vêr um Rei mancebo zeloso de todos estes bens, e sobretudo estremado em esforço pera temor dos imigos, e augmento da igreja catholica.

Com estas considerações, e desejos d'El-Rei de Castella em fazer todos os prazeres a El-Rei seu sobrinho e hospede, não houvera no mundo cousa possivel que lhe não concedesse: e tocando no ponto da guerra, a que El-Rei D. Sebastião determinava tornar por recuperar a reputação da primeira jornada, em alguma maneira perdida, por haver sido ordenada com muito esforço, e pouco conselho, quiz justificar a segunda com tomar o parecer de seu tio, Rei tão poderoso e prudente, e cercado de tão illustres capitães e soldados, praticos em todas as cousas da milicia, que approvaria o acertado e reprovaria o mal tentado, principalmente do duque d'Alba, com que El-Rei D. Sebastião praticou seus desenhos, e a quem pedio com muita iustancia quizesse ser seu general, por a fama e experiencia de esclarecido capitão: ao qual El-Rei de Portugal deu as causas que o moviam a atalhar os perigos esperados em toda Hespanha na entrada dos turcos em Berberia; porque se elles tomassem posse d'alguns portos de mar, principalmente o de Larache, colheita antiga e segura de muitas galés, d'alli poderiam fazer inevitaveis saltos, e prejudiciaes damnos na costa do Algarve e Andaluzia, sobretudo cerrariam as portas do Estreito, pera nenhuns navegantes ousarem passar, com temor de serem a cada passo salteados dos barbaros turcos: e o que mais temia El-Rei de Portugal era, que de Larache teriam os turcos mais comodidade pera discorrerem pelo mar oceano, e chegar até á boca da barra de Lisboa, onde forçadamente entram e sahem todas as frotas de sua conquista, e commercio da India, Mina, Brazil, Guiné e mais Ilhas adjacentes, e as do soccorro dos lugares de

Africa, onde as poderiam saltear e roubar: juntamente o mesmo temor poderiam ter os estrangeiros de toda Europa, que navegam da parte do norte, como francezes, framengos, ingrezes, alemães, não virem a Lisboa, escala principal, trazer as mercadorias, de que El-Rei teria grande perda, principalmente na falta de pão e outros mantimentos, de que o reino tem grande necessidade; as quais navegações e commercios se em Portugal faltassem, de todo se perderia: e o mesmo perigo ou maior corriam as frotas de Castella, quando vão ou vem das Indias occidentais, por o mar oceano, e as de levante, que vem pelo mediterraneo demandar o Estreito, por cahirem mais na boca d'estes imigos: que por estas rezões e exaltação da fé catholica, desejava empregar o seu talento e esforço contra tão prejudiciais imigos.

Tanto que El-Rei de Portugal praticou seu intento, zêlo, e causas que o moviam a tentar a guerra de Africa, El-Rei de Castella e seus capitães lhe persuadiam muito a não fizesse por sua pessoa; mas, quando El-Rei de Castella vio o gosto de El-Rei de Portugal, approváram o essencial por lhe apprazer e dar gosto, mas não se resolvêram logo no modo d'ella, por este ser vario, segundo os tempos e occasiões, de que cada hora depende, com mudanças improvisas, que se não podem atalhar; porém deixado este particular a outros tempos e conselhos, pedio El-Rei de Portugal a El-Rei seu tio o quizesse ajudar nella, pois os inconvenientes de a dilatar eram communs a ambos os reinos: ás quais petições El-Rei de Castella por lhe comprazer se inclinou de liberal vontade, e prometteo a El-Rei seu sobrinho ajudal-o no verão de setenta e sete com cincoenta galés e cinco mil homens, com o qual trato e offerecimento El-Rei D. Sebastião ficou mui contente, dando d'isso as graças a El-Rei seu tio:

e passado dia da epiphania se partiu pera Portugal, na qual jornada no caminho achau o mesmo gasalhado, tão provido de todas as cousas necessarias, como quando antes passara.

Nesta jornada, posto que El-Rei de Castella fizesse todos os gastos dos mantimentos de tanta gente, não se escusavam outros muitos grandes d'El-Rei de Portugal, á ida e tornada, de grandes e grossas mercês que fez a muitos fidalgos, e aos officiaes castelhanos que o serviram; assim de joias riquissimas, como de dinheiro de contado, do qual foi thesoureiro Antonio da Costa; o qual com muito applauso sempre em sua casa tinha sacos e mesas cheias de muito dinheiro, com homens que o contavam, pera se dar ás pessoas que El-Rei mandava; cujas liberalidades, além das mais partes ditas, foram mui louvadas a El-Rei, com que acquiria os corações dos homens, ainda estrangeiros, em o desejarem servir, e convertia em si os olhos de todos pera o amarem.

CAPITULO XLI

De como El-Rei mandou Luiz da Silva a Castella applicar a ajuda que El-Rei havia de dar pera a guerra

Os fados que guiavam a El-Rei D. Sebastião pera sua perdição, com total castigo da nobreza e riqueza de Portugal, o estimulavam a applicar os meios da jornada de Africa (tão mal afortunada) com a diligencia possivel. E como nella tinha embebidos seus sentidos, suas ordinarias meditações ahi paravam, e não perdia ponto que não applicasse

todos os meios ao effeito d'ella; porque, como elle cuidava começarem-se os negocios a encaminhar prosperamente com a discordia de Mulei-Maluco com Mulei-Hamet, e Berberia com guerras civís tinha quebradas as forças com batalhas, divisões e escandalos ainda frescos, principalmente por o Xarife Mulei-Hamet, que andava já desbaratado e fugido, lhe pedir soccorro pera o restituir aos reinos occupados de Mulei-Maluco, offerecendo-se tambem ás ajudas possiveis, e com presença de sua pessoa attrahir assim muitos alcaides mouros a seu serviço, e inquietar todo o reino (dividido em dois Reis) quando os corações dos vassallos não podiam permanecer em união em um corpo, determinou mandar applicar a ajuda das cincoenta galés e cinco mil homens, que El-Rei de Castella seu tio lhe havia promettido, ao que mandou lá Luiz da Silva, seu semilher, a quem era muito affeiçoado. Luiz da Silva como entrou na côrte de Castella, poz-se em ordem de negociar, e applicar a El-Rei mandasse vir de Italia as cincoenta galés, que havia de dar pera a jornada de Africa, ao qual e aos do conselho dava toda a pressa que El-Rei D. Sebastião lhe encarregara.

El-Rei D. Philippe, que sabia em Portugal não haver dinheiro, nem munições necessarias pera a guerra de Africa, tão grande e custosa, e entendia bem não se poder effectuar naquelle anno de setenta e sete, andava entretendo a Luiz da Silva com a resposta morosa, sem ultima resolução: mas El-Rei D. Sebastião, ardendo em fervor de passar á Africa, por vêr a guerra entre os mouros ateada, e que cada vez se abriam mais as portas e offereciam novas occasiões de sahir com seu intento, matava a Luiz da Silva com recados apressados, acabasse de concluir com El-Rei o a que fôra mandado. Luiz da Silva, que não

podia fazer mais diligencias pera acabar com El-Rei de mandar vir as galés, fazia suas justificações com El-Rei D. Sebastião, do calor de sua negociação, e frieza com que lhe respondiam, não sabendo o intento d'El-Rei de Castella, fundado em tão discreta consideração.

Quando El-Rei D. Sebastião vio o pouco que Luiz da Silva fazia no negocio, parecendo-lhe que não se accelerar a vinda das galés era descuido seu, ou pouca diligencia, com a sua costumada colera determinou mandar vir Luiz da Silva, e enviar outro fidalgo mais caloroso pera aquelle effeito: e não deixara de ter esta determinação violenta, se Christovão de Tavora, muito privado d'El-Rei D. Sebastião, e cunhado de Luiz da Silva, e Fernão da Silva, seu irmão clerigo, o não dissuadiram de seu proposito, mostrando-lhe como Luiz da Silva não faltava ponto ao negocio que trazia entre mãos, pois solicitava com toda a dilligencia possivel, e como o effeito d'elle dependia da vontade d'El-Rei de Castella e do conselho das seus, não era em sua mão acaba-lo com pressa, senão com suavidade e vontade d'El-Rei.

Instando pois Luiz da Silva em sua petição, e apertando muito a El-Rei de Castella deferisse a ella, vendo-se El-Rei obrigado, se veio a declarar com elle, dizendo-lhe, que elle nunca mudára a vontade nem parecer de cumprir com a ajuda offerecida a El-Rei seu sobrinho, das cincoenta galés e cinco mil homens; mas que tinha sabido claramente não haver em Portugal forças, nem aparelho de gente, nem de munições, pera El-Rei passar aquelle anno a Africa, e esta era a cauza de não mandar vir as galés, nem desamparar as partes da Italia, onde eram necessarias; nem fazia as despezas, que sabia haviam de ficar perdidas e em vão.

Com esta resposta avisou Luiz da Silva a El-Rei de Portugal, de que ficou mui descontente, porque cuidava não ser aquella a causa, parecendo-lhe ter todo o necessario. Este engano d'El-Rei D. Sebastião em não crêr a El-Rei de Castella (que com mais cuidado e zêlo procurava suas cousas) se descobrio em breve tempo ; porque entregando-se Arzila este anno, como abaixo diremos, querendo El-Rei lá mandar provimento de armas e mantimentos (que deviam ser poucos, para lugar tão pequeno) quando o quiz effectuar não achou aviamento, nem ordem, com o que se acabou de desenganar de não passar aquelle anno a Africa, e quão enganado o tinham alguns offciais, por quem estas consas corriam, os quais de proposito e industria impossibilitavam mais os aparatos, pera com isso divertirem a El-Rei de um intento tão mal acertado.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

OBRAS PUBLICADAS

I — Historia do Cerco de Diu, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume ..... 4$
II — Historia do Cerco de Mazagão, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume ..... 4$
III — Ethiopia Oriental, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes ..... 1$5
IV — O Infante D. Pedro, chronica inédita por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes ..... 7$
V — Chronica d'El-Rei D. Pedro I, (o Cru ou Justiceiro) por *Fernão Lopes*, 1 volume ..... 4$
VI — Chronica d'El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, 3 volumes ..... 1$2
VII — Chronica d'El-Rei D. João I, por *Fernão Lopes*, 7 volumes ..... 2$8
VIII — Chronica d'El-Rei D. João I, por *Gomes Eannes d'Azurara*, vol. I, II e III (VIII, IX e X). 1$2
IX — Dois Capitães da India, por *Luciano Cordeiro*, 1 volume ..... 4$
X — Arte da Caça de Altenaria, por *Diogo Fernandes Ferreira*, 2 volumes ..... 8$
XI — Apologos Dialogaes, por *D. Francisco Manuel de Mello*, 3 volumes ..... 1$2
XII — Chronica d'El-Rei D. Duarte, por *Ruy de Pina*, 1 volume ..... 4$
XIII — Chronica d'El-Rei D. Affonso V, por *Ruy de Pina*, 3 volumes ..... 1$2
XIV — Chronica d'El-rei D. João II, por *Garcia de Resende*, 3 volumes ..... 1$5
XV — Vida de D. Paulo de Lima Pereira, por *Diogo do Couto*, 1 volume ..... 5$
XVI — Chronica d'El-Rei D. Sebastião, por *Fr. Bernardo da Cruz*, 2 volumes ..... 1$

EM PUBLICAÇÃO

Chronica do Condestavel.
Cancioneiro Geral, por *Garcia de Resende*.

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XXXVII)

CHRONICA

D'EL-REI D. SEBASTIÃO

POR

FR. BERNARDO DA CRUZ

VOLUME II

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

1903

dessem a quaesquer pessoas castelhanas, que achassem; o que faziam com tanta deligencia, que chegando á porta, onde estava infinita gente, aos que primeiro chegavam despejavam os pratos, assim das iguarias dos pescados, como dos doces.

CAPITULO XL

Como os Reis de Portugal e Castella se resolveram na guerra de Africa e no casamento

A principal causa da vista dos Reis foi pera entre si resolverem os dois pontos de Pero d'Alcaçova, e eram, que El-Rei de Castella désse ajuda a El-Rei de Portugal pera a guerra d'Africa, e elle casasse com a Infante D. Clara sua filha: havendo entre elles algumas vistas e sessões sobre estas materias, El-Rei de Castella houve por bem dar-lhe a filha em casamento, e pela satisfação que d'elle tinha, pouco fôra fazel-o senhor do mundo, enxergando nelle uma grandeza de animo real, digno de uma grande monarchia; porque em todas as cousas era El-Rei D. Sebastião tanto homem e Rei, que nada lhe faltava pera ser temido e reverenciado de todos os grandes Principes, e com o animo e esforço que El-Rei de Castella lhe sentia, não julgava por temeridade de mancebo a jornada que antes tinha feito pera Africa, mas de animo invencivel cheio de todo o valor, e com rezão podia pôr espanto a todos os barbaros imigos do povo christão, sendo a parte que El-Rei de Castella mais nelle estimava, por que como elle era emparo da igreja catolica, e principal defensor d'ella, não tinha no mundo visto cousa que mais o alegrasse

nem satisfizesse, que vêr um Rei mancebo zeloso de todos estes bens, e sobretudo estremado em esforço pera temor dos imigos, e augmento da igreja catholica.

Com estas considerações, e desejos d'El-Rei de Castella em fazer todos os prazeres a El-Rei seu sobrinho e hospede, não houvera no mundo cousa possivel que lhe não concedesse: e tocando no ponto da guerra, a que El-Rei D. Sebastião determinava tornar por recuperar a reputação da primeira jornada, em alguma maneira perdida, por haver sido ordenada com muito esforço, e pouco conselho, quiz justificar a segunda com tomar o parecer de seu tio, Rei tão poderoso e prudente, e cercado de tão illustres capitães e soldados, praticos em todas as cousas da milicia, que approvaria o acertado e reprovaria o mal tentado, principalmente do duque d'Alba, com que El-Rei D. Sebastião praticou seus desenhos, e a quem pedio com muita iustancia quizesse ser seu general, por a fama e experiencia de esclarecido capitão: ao qual El-Rei de Portugal deu as causas que o moviam a atalhar os perigos esperados em toda Hespanha na entrada dos turcos em Berberia; porque se elles tomassem posse d'alguns portos de mar, principalmente o de Larache, colheita antiga e segura de muitas galés, d'alli poderiam fazer inevitaveis saltos, e prejudiciaes damnos na costa do Algarve e Andaluzia, sobretudo cerrariam as portas do Estreito, pera nenhuns navegantes ousarem passar, com temor de serem a cada passo salteados dos barbaros turcos: e o que mais temia El-Rei de Portugal era, que de Larache teriam os turcos mais comodidade pera discorrerem pelo mar oceano, e chegar até á boca da barra de Lisboa, onde forçadamente entram e sahem todas as frotas de sua conquista, e commercio da India, Mina, Brazil, Guiné e mais Ilhas adjacentes, e as do soccorro dos lugares de

Africa, onde as poderiam saltear e roubar: juntamente o mesmo temor poderiam ter os estrangeiros de toda Europa, que navegam da parte do norte, como francezes, framengos, ingrezes, alemães, não virem a Lisboa, escala principal, trazer as mercadorias, de que El-Rei teria grande perda, principalmente na falta de pão e outros mantimentos, de que o reino tem grande necessidade; as quais navegações e commercios se em Portugal faltassem, de todo se perderia: e o mesmo perigo ou maior corriam as frotas de Castella, quando vão ou vem das Indias occidentais, por o mar oceano, e as de levante, que vem pelo mediterraneo demandar o Estreito, por cahirem mais na boca d'estes imigos: que por estas rezões e exaltação da fé catholica, desejava empregar o seu talento e esforço contra tão prejudiciais imigos.

Tanto que El-Rei de Portugal praticou seu intento, zêlo, e causas que o moviam a tentar a guerra de Africa, El-Rei de Castella e seus capitães lhe persuadiam muito a não fizesse por sua pessoa; mas, quando El-Rei de Castella vio o gosto de El-Rei de Portugal, approváram o essencial por lhe apprazer e dar gosto, mas não se resolvêram logo no modo d'ella, por este ser vario, segundo os tempos e occasiões, de que cada hora depende, com mudanças improvisas, que se não podem atalhar; porém deixado este particular a outros tempos e conselhos, pedio El-Rei de Portugal a El-Rei seu tio o quizesse ajudar nella, pois os inconvenientes de a dilatar eram communs a ambos os reinos: ás quais petições El-Rei de Castella por lhe comprazer se inclinou de liberal vontade, e prometteo a El-Rei seu sobrinho ajudal-o no verão de setenta e sete com cincoenta galés e cinco mil homens, com o qual trato e offerecimento El-Rei D. Sebastião ficou mui contente, dando d'isso as graças a El-Rei seu tio:

e passado dia da epiphania se partiu pera Portugal, na qual jornada no caminho achau o mesmo gasalhado, tão provido de todas as cousas necessarias, como quando antes passara.

Nesta jornada, posto que El-Rei de Castella fizesse todos os gastos dos mantimentos de tanta gente, não se escusavam outros muitos grandes d'El-Rei de Portugal, á ida e tornada, de grandes e grossas mercês que fez a muitos fidalgos, e aos officiaes castelhanos que o serviram; assim de joias riquissimas, como de dinheiro de contado, do qual foi thesoureiro Antonio da Costa; o qual com muito applauso sempre em sua casa tinha sacos e mesas cheias de muito dinheiro, com homens que o contavam, pera se dar ás pessoas que El-Rei mandava; cujas liberalidades, além das mais partes ditas, foram mui louvadas a El-Rei, com que acquiria os corações dos homens, ainda estrangeiros, em o desejarem servir, e convertia em si os olhos de todos pera o amarem.

CAPITULO XLI

De como El-Rei mandou Luiz da Silva a Castella applicar a ajuda que El-Rei havia de dar pera a guerra

Os fados que guiavam a El-Rei D. Sebastião pera sua perdição, com total castigo da nobreza e riqueza de Portugal, o estimulavam a applicar os meios da jornada de Africa (tão mal afortunada) com a diligencia possivel. E como nella tinha embebidos seus sentidos, suas ordinarias meditações ahi paravam, e não perdia ponto que não applicasse

aviamento, como atraz fica dito. D. Duarte de Menezes, como tomou posse de Arzila, não se sahiu d'ella, até não ter recado de El-Rei; mas porque Tangere ficava sem capitão na absencia de D. Duarte, ficando lá sua mulher e filhos, mandou El-Rei a Pero da Silva por capitão a Tangere, por ser cunhado de D. Duarte e irmão de D. Leanor da Silva, sua mulher, e como se esperava que o Xarife havia de vir a Tangere, e esperar ahi a El-Rei, mandou elle a D. Duarte se tornasse a Tangere pera agasalhar ao Xarife, e a Pero da Silva por capitão de Arzila.

CAPITULO XLIII

Como o Xarife, do Pinhão, pediu secorro a El-Rei de Portugal, e se veio a Ceita e Tangere

Não podendo o Xarife soffrer os continos recontros de Mulei-Maluco e seus capitães, como atraz fica dito, buscando onde se poderia salvar, e procurar o remedio de que se valessem em suas adversidades, occorreo-lhe o mais acomodado, que foi o Pinhão, onde se poderia acolher, e ser emparado dos Espanhoes, até ter recado de El-Rei de Portugal, de que procurava valer-se; o qual sendo acompanhado de obra de quinhentos mouros, que preservaram com elle na lealdade nos combates da serra, trazendo comsigo D. Antonio da Cunha, portuguez que fôra seu captivo, se veio alojar perto do Pinhão, pera que, se o Maluco mandasse gente sobre elle, se recolhesse debaixo do emparo e artilheria da fortaleza, como atraz fica dito; o qual, como já estava bem informado dos intentos de El-Rei D. Sebastião passar á

Africa, com desejos de lançar de lá os turcos e o Maluco, entendendo que não tinha outro meio de ser restituido a seu reino, senão por elle, lhe enviou por embaixador a D. Antonio da Cunha, o qual com muita vontade aceptou o cargo, assim por se vêr livre do captiveiro, como por grangear nisso os dois Reis, ao Xarife pela necessidade do secorro, e a El-Rei D. Sebastião por a vontade de semelhantes ocasiões.

O recado que D. Antonio trazia do Xarife era que se queria pôr debaixo do emparo d'El-Rei de Portugal, o qual segundo sua grandeza tinha obrigação de primor ajuda-lo em suas adversidades, sem lembrança das antigas inimizades de Portugul com Africa, e lhe pedia, por seus capitães o quizesse mandar metter de posse de Berberia, que o Maluco lhe tinha injustamente ocupado, e elle se poria debaixo de seu tributo, com as condições honestas, e ajudaria a lançar os turcos fóra de Berberia; e ainda que de presente estava quebrado e desbaratado, que, como tivesse ajuda, facilmente recuperaria Berberia, sabendo certo virem-se os mouros a elle, e outros não fazerem resistencia.

El-Rei D, Sebastião, que com estas ocasiões mais se acendia no fervor de seus pensamentos, lhe tornou por resposta, que elle havia de passar á Africa o verão seguinte de setenta e oito, e pera isso o fosse esperar a Tangere, onde havia de desembarcar, e ahi se veriam e tratariam o negocio pessoalmente, e que tivesse largas esperanças de o favorecer em sua pertenção, e essa era sua principal tenção, na jornada que tinha determinado fazer, pera a qual se ficava aparelhando.

Com esta resposta pareceo ao Xarife já a fortuna se começava a apiedar d'elle, e alevantando o coração, ocupado de uma profunda tristeza, quasi cahido em

desesperação, sahindo-se donde estava acolhido debaixo da fortaleza e artilheria do Pinhão, se partio por mar a Ceita, em umas caravelas e bargantins, que o marquez de Villa Real, capitão de Ceita, lhe mandou, e a sua gente foi por terra com seu filho Mulei-Xeque, passando á vista de Tetuam. O marquez, tendo recado da vinda do Xarife, o agasalhou em Castelejo meia legua da cidade; o qual, tendo como Mulei-Maluco mandava gente sobre elle, se recolheo das tranqueiras a dentro, e ficou emparado da artilharia, onde esteve quatro mezes, nos quais o marquez lhe fez tantas visitações, cortesias e mimos, como á pessoa d'El-Rei D. Sebastião, se presente estivera; e um dia deo um banquete ao Xeque seu filho e aos alcaides, dentro na cidade, comendo o Xeque em mesa alta, e os alcaides no chão, como é seu costume: neste banquete fez o marquez tanta cortesia ao Xeque, que, além de não comer com elle, sempre andou á mesa em pé, dando ordem a seu gasalhado. Tantas cortesias e mimos fazia o marquez ordinariamente ao Xarife e ao Xeque seu filho, que foi estranhado de muitos homens: uns quasi tomavam isto como escanda-lo, e outros o attribuiam a baixesa de espiritos: o qual, sendo avisado, pera satisfazer aos que isto lhe estranhavam, lhes mostrou uma carta d'El Rei D. Sebastião, em que lhe pedia e rogava agasalhasse e tratasse o Xarife como a sua propria pessoa.

D'ahi, querendo o Xarife passar a Tangere, mandou o filho com a sua gente por terra, e elle foi em uma caravela da armada, que servia na passagem do estreito, da qual era capitão Manuel Simões. D. Duarte de Menezes, estando já a este tempo em Tangere esperando o Xarife, o agaslhou dentro no rebelim, fóra dos muros, onde esteve alojado com sua gente até El-Rei lá chegar; ao qual D. Duarte fa-

zia muitos serviços, e sua mulher D. Leunor da Silva muitos mimos, mandando-lhe cada dia muitas iguarias, e de noite dar guarda com uma bandeira de soldados. O Xarife estava em uma tenda servido dos seus com aparato real e musica de alaude, violas e ottros musicos instrumentos. Nunca o Xarife em todo este tempo entrou na cidade, mas o Xeque seu filho como era menino foi muitas vezes desenfadar-se em casa do capitão, e com os seus filhos, que tambem eram moços. Neste tempo estava Cid-Abdelcherim em Arzila, e sabendo o Xarife ser chegado, logo se foi pera elle, mostrando muito primor e leadade com engeitar os offerecimentos de Mulei-Maluco, posto no cume da felicidade e obedecido por Rei de toda Berberia, e seguir as partes do Xarife, depois de tão derrubado e lançado fóra de seus reinos, não interessando nisso Cid-Abdelcherim mais que honra, pois a prova d'isto assim ser se mostra em deixar suas terras e estado dos maiores de Berberia, por se fazer companheiro da fortuna do Xarife seu Rei, a quem jurou guardar obediencia.

CAPITULO XLIV

De como El-Rei D. Sebastião se começou fazer prestes pera passar á Africa, ajuntando dinheiro

Já a tempo da era de mil e quinhentos e setenta e oito, quando El-Rei passou a segunda vez a Africa, era morto Luiz Gonçalves da Camara seu mestre, ao qual elle teve mui grande respeito e amor pela doctrina que lhe ensinara, a quem era devedor de igual acatamento de pai, o qual, por o muito sen-

timento que teve de El-Rei passar a primeira vez á Africa, cahio em uma mortal malenconia, e lhe sobrevieram tais enfermidades, com vêr El-Rei ainda inquieto, que se affirma isso lhe haver causado a morte, a qual El-Rei tanto sentio, que, além de em sua vida o ir visitar á cama ao collegio de santo Antão, onde estava, depois da morte foi uma madrugada visita-lo á sua sepultura com muitas lagrimas e mostras de sentimento.

Sendo pois o mestre morto, e Martim Gonçalves fóra de sua prinvança, os quais esfreavam a El-Rei, induzido por Cristovão de Tavora e Luiz da Silva, seus grandes privados, e outros que aprovavam seus desenhos e lhos louvavam, não duvidou esse anno passar a segunda vez a Africa; mas como pera tão grande aparato e despesa era necessario muito dinheiro, como nervo principal da guerra, usou El-Rei de todos os meios como o pudesse ajuntar; o qual como tinha justificado o seu zêlo com o Papa e Principes christãos, com esta guerra querer lançar os turcos de Africa, por ser grande utilidade da igreja, ou pelo menos impedir-lhe uma grande perseguição, impetrou do Summo Pontifice Gregorio treze a bulla da cruzada, com que se tirou grande copia de dinheiro: assim impetrou El-Rei do Papa as terças das igrejas, o qual subsidio como era mui pesado e escandaloso, em tempo de tantas perturbações da igreja, e os prudentes e virtuosos não tinham por sufficiente remedio pera guerras tirar a sustentação dos eclesiasticos e religiosos, tendo exemplos de semelhantes ajudas commummente aproveitarem pouco e damnarem muito, fez El-Rei composição com a igreja, e voluntariamente lhe deram cento e cincoenta mil cruzados: além d'isto tomou El-Rei o trato do sal, e juntamente houve pedidos, lançados pelos povos e mercadores:

aos prelados, e outros seculares ricos, mandava pedir emprestado dinheiro; com as as quais cousas, e outras d'esta maneira, e boas diligencias de arrecadar e empenhar as rendas do reino e contractos, se ajuntou grande cantidade de dinheiro, com o qual El-Rei mandou fazer logo grandes provimentos de mantimentos e munições, com outros petrechos, carros e bois necessarios de larga despeza, por a jornada ser ultramar, onde não tinham nenhuma ajuda, e tudo forçadamente havia de ir do reino, até a palha das cavalgaduras, e a lenha pera fazer de comer: a qual despeza, assim d'El-Rei, como dos fidalgos e outros homens honrados particulares, foi tão excessiva, que bastava pera muitos annos, se em terra fôra a guerra; pera o que toda a gente fidalga e honrada se preveo, á sua custa, de todo o necessario, não esperando algum homem de primor d'El-Rei um vintem, tendo por afronta tomá-lo d'elle; dos quais muitos venderam muitas peças e propriedades, e empenháram rendas e morgados, com muito gosto de o servirem e acompanharem. Tanto póde a vontade de um Rei, que abala uma republica, aprovando os homens muitas vezes com palavras, e outras com obras, cousas que o entendimento condemna, e gastando com liberalidade a fazenda, que com assás trabalho e industria grangearam. Digo isto, porque todo o homem portuguez reprovava o intento d'El-Rei, e profetisavam todos os damnos que se seguiram á republica, e publicamente diziam que os levava a entregar aos mouros, e com tudo isto andavam em competencias, quem mais gente e cavallos havia de levar, e agradar a El-Rei com seus gostos e vontade de o servir. Os veadores da fazenda, que neste tempo meneavam todo o peso dos mantimentos, eram Pero d'Alcaçova, D. Francisco de Portugal, Manuel Quaresma, os quais,

com muito oplauso e diligencia, davam ordem a todas as cousas, com que El-Rei folgava.

CAPITULO XLV

Como El-Rei começou a juntar gente pera a jornada de Africa, e fez coroneis

Pela experiencia, que El-Rei tinha de quão mal provido fôra de gente, da primeira jornada, quando passou á Africa, quiz na segunda emendar com providencia o primeiro erro, e vendo que importava pera se fazer a guerra haver gente de paga e exercitada na arte militar, ordenou com muita diligencia mandá-la fazer no reino e fóra d'elle, e assi mandou Sebastião da Costa, seu escrivão da fazenda, a Alemanha buscar tres mil tudescos, cujo general era Martim de Borgonha, homem principal e esforçado: tambem em Castella mandou tocar caixa, onde se fizeram dois mil soldados, de que foi general D. Alonso d'Aguilar, sargentos D. Luiz Fernandes de Cordova, e o Aldana.

Neste tempo crecendo a guerra dos Lutheranos ingreses contra a Igreja Catolica, Thomaz Estucli, ingrez de nação, que muitos annos havia sido cossairo no mar oceano, alcançando nome de esforçado, com muita reputação dos soldados, que com zêlo da fé catholica e emparo da igreja se apôz a defende-la da pestifera seita que os herejes nella queriam semear, vendo-se com poucas forças pera resistir á furia dos imigos, tão poderosos e que com tanta obstinação se punham a derrubar os muros da igreja, não tendo outras esperanças de remedio, se ocorreo ao Summo Ponti-

fice Gregorio treze (debaixo de cujo emparo aquella ilha está) como pastor das ovelhas que tem o caracter do bautismo, com o pasto da doctrina evangelica e sacramentos, lhe desse socorro de gente em favor desta guerra que fazia. O Papa mostrando-se a estas petições mui propício, inclinado a dar o socorro tão necessario, lhe deo trezentos soldados italianos feitos em Roma, e a elle titulo de marquez de Lenster, os quais embarcados, navegando pelo mar mediterraneo passando o estreito de Gibaltar, demandando a costa de Portugal pera d'ahi demandarem a ilha de Ilhandra, situada na parte do norte, foi-lhes forçado com temporaes entrarem no porto de Lisboa; mas como El-Rei estava com esta empresa nas mãos fazendo gente, vendo os capitães italianos mal avindos com o marquez e por temer-se mais do damno que do proveito de sua viagem, metteo-se de por meio, e assentou que os italianos o ajudassem na guerra de Africa, e ao marquez satisfez com promettimentos e esperanças de á vinda o ajudar, o que todos houveram por bem, indo o marquez por coronel dos italianos: e pera ajuntar a gente do reino, ordenou El-Rei quatro coroneis, fidalgos principaes, os quais foram D. Miguel de Noronha, Francisco de Tavora, Vasco da Silveira, Diogo Lopes de Sequeira, capitão mór das galés, aos quais repartindo as comarcas do reino, por suas pessoas e outros capitães foram a fazer gente de paga, que foram nove mil homens bisonhos e de nenhuma experiencia, e sobretudo mal providos d'armas.

El-Rei mandando chamar todos os fidalgos e gente nobre residentes na côrte, fez uma falla declarando-lhes seu intento, e como se aviava pera passar á Africa, e que lhes agradeceria acompanharem-n'o com a lealdade e vontade, que nelles tinha mui certa: aos

absentes escreveo o mesmo ; mas porque o numero de muitos homens honrados e esforçados crecesse mais, aos quais não convinha a El-Rei, por sua auctoridade, pedir em particular o acompanhassem, nem elles, por honra, se haviam de assentar a soldo, ordenou uma bandeira de aventureiros, onde estes, e muitos fidalgos pobres, escusassem as despesas de cavallos, e se assignalassem na honra, por elles haverem de tomar sobre si todo o peso da batalha : mas como Cristovão de Tavora então privava excessivamente com El-Rei, fêl-o capitão d'elles, parte por affeição que lhe tinha, e lhe dar essa honra, parte porque os homens com muito gosto e zêlo o seguiriam, por o terem propicio, e obrigado pera os ajudar com elle em seus requerimentos. Alferes d'esta bandeira foi Francisco Ferreira de Valdeveso, e sargento Pero Lopes, que havia sido capitão da gente de pé em Tangere.

Não se enganou El-Rei n'este intento ; porque, com muita brevidade se ajuntaram debaixo da bandeira dos aventureiros mil soldados, uns muito fidalgos, outros cavalleiros honrados, e todos homens esforçados e luzidos, dos quais os mais haviam sido capitães e soldados na India e em Africa : de maneira que d'este modo começou El-Rei a ajuntar gente, e se fez número de quatorze mil infantes : havia mais mil e quinhentos de cavallo, assi acubertados, como ligeiros, excepto mil e quinhentos gastadores, e outra gente de serviço, que fez numero mais de vinte e cinco mil homens, que pera jornada tão comprida, onde todas as cousas necessarias haviam de passar por mar, foi grande exercito. Além d'isto, ajuntou El-Rei a esta gente a maior parte da de Ceita e de Tangere, de pé e de cavallo ; mas por que de todo não houvesse estado de gente neste castigo, mandou El-Rei chamar a D. Manuel de Menezes, bispo de Coimbra, pera ir por en-

fermeiro mór, tendo com elle igualmente o mesmo cargo Jorge d'Albuquerque, Aires da Silva, bispo do Porto, D. Antonio de Menezes, daião da capella, com alguns capellães, e Fernão da Silva, e D. Affonso Castel-Branco, fidalgos deputados da mesa da consciencia, pregadores d'El-Rei, e sobre tudo muito seus acceitos: e assim foram muitos religiosos pregadores doctos e famosos, de todas as ordens, assim pera pregar como administrar os sacramentos a tanta gente, dos quais tambem alguns de muita caridade se occupavam de curar os enfermos, e outras obras pias. Foi tambem o padre Mauricio, da companhia de Jesus, confessor d'El-Rei, e D. João da Silva, provincial da ordem dos pregadores, que morreo em Arzila, antes de o campo partir; os quais ajuntaram as riquezas profanas de riquissimos ornamentos, os quais convinham pera ministrar o culto divino entre os pagãos, que, por inimizade e cegueira do entendimento, não tinham noticia da solemnidade, com que os christãos fazem suas ceremonias ensinadas pela summa verdade, e com isto afrontarem e apagarem a profanidade dos barbaros costumes, introduzidos na gente cega pelo demonio; entre os quais tambem levavam grandessissimas reliquias, pera que com os merecimentos dos santos, cujas eram, Deus alumiasse os entendimentos d'aquella cega gente, e com o lume da fé lançasse fóra as trevas de seus erros, e abominação de seus vicios.

Mas, posto que com este aparato todos os fidalgos, da côrte e fóra d'ella, a toda a pressa se fizeram prestes, todavia, considerando El-Rei quanto importava ficarem alguns velhos no reino, pera conservação da gente plebeia, mandou a muitos, que havia mais por seu serviço ficarem no reino, e não seguil-o, como fôram o conde de Tentugal, que mandou a tres filhos com El-Rei, o conde de Sortelha, que mandava dois,

D. João Manuel, D. Philipe de Sousa, Hieronimo Corte-Real, Manuel Corte-Real, Luiz Gonçalves de Taide, Fernão Telles de Santarem, D. Antonio d'Almeida, Lourenço de Brito, e outros muitos.

CAPITULO XLVI

Das causas porque era reprovada a passagem d'El-Rei á Africa

TAL era a necessidade de atalhar os males esperados a Portugal e Castella, e ainda a toda a christandade, da entrada dos turcos em Africa, e apossarem-se dos lugares maritimos, principalmente Larache, porto capaz de muitas galés, que não houve Principe christão, nem pessoa que sentisse bem os inconvenientes, que não entendesse ser esta guerra digna de um Principe catholico a emprender, pondo nisso todas suas forças, com esperanças de ganhar nella muita honra, e fazer nisso muito serviço a Deos; mas a commum e geral reprovação d'esta guerra não era na substancia faltar justa causa, mas no modo não haver ordem. Uma das causas de ella ser mal tomada dos fidalgos velhos, e outros homens prudentes, era vêr quão sem ordem El-Rei a queria commetter, sem ter capitães expertos, nem soldados praticos pera pelejarem em campo, nem sitiarem fortalezas; pois os portuguezes commummente costumam pelejar no mar, e nas poucas da terra, não guardarem a arte da milicia, mas com arremetidas impetuosas, cada um por onde póde, fazem seus accommetimentos, o que, em Africa, se temia lhes causaria toda a perdição, pera a qual ainda lhes faltavam as machinas, carre-

tas e outras cousas necessarias, que difficultosamente se podiam levar por mar, nem ainda em terra havia ordem d'ellas; quanto mais, como El-Rei não tratava claramente seus intentos com homens experimentados na milicia, antes andava a fugir de quem lhe podia dar objeições, fazia todas as cousas duvidosas e cheias de medo. O que ainda mais acrescentava os receios de grandes males era saber a condição de El-Rei ser arriscada a todos os perigos, e entendiam claramente elle os buscaria muito grandes, sem procurar remedio, nem querer aceptar conselhos sãos, que, em negocio tão importante, montam muitas vezes mais que grandes forças; e como elle havia de governar o execito, e nenhum capitão ousava mandar cousa alguma sem seu preceito, viam-se claramente os inconvenientes na cabeça, sem tratar de conservar os membros com conselho, antes aventurar todo o corpo onde os perigos estivessem mais certos; cousa de todo o homem prudente chorada, entendendo não sómente ir um exercito grande falto de todas as cousas necessarias, e sem ministros que o conservassem, mas ir nelle um Rei mancebo sem experiencia nem medo, com dezejo de ganhar fama com a grandeza de esforço, esperava-se pôr todo o exercito a grande perigo; e sobretudo os povos e senhorios do reino com grandes clamores se queixavam de El-Rei ir, em pessoa, tomar uma empreza tão duvidosa, a qual diminuia em alguma maneira a auctoridade real; pois tinha capitães experimentados e de esforço, que podiam fazer a guerra com mais conselho e utilidade; além d'isso, que não tendo El-Rei filho algum, nem havendo outro herdeiro no reino, era cousa alheia de todo o conselho, e digna de ser reprovada, querer elle pôr o reino, e ainda toda a christandade, em um ponto de algum desastre da sua vida.

Com estas desordens, que não tinham resposta, andava em todas as partes um rumor lamentavel, no presagio d'estes males, e com haver este sentimento, se acrecentava mais, ao verem estas cousas sem remedio, não soffrer El-Rei contrariar-lhe pessoa alguma seu intento, e ninguèm ousava de lho dizer. Todas estas cousas e cada uma d'ellas, bem pensadas dos experimentados, como as cousas da guerra corriam, e os perigos da republica se aparelhavam, não cessavam de gemer vêr ir tudo perdido com o parecer de um mancebo, que como Rei não podia ter reprehensão, e por estar persuadido em seus desenhos, não se esperava remedio. Quanta era a desconsolação de de todo o pova, por as razões ditas, tanto maior fôra o gosto de todos de seguir a guerra, se a mandára fazer por seus capitães, e com ordem de se poder esperar algum bom successo: e na verdade, a este fim inclinavam a El-Rei, no principio de sua creação a esta guerra, pera que sendo curioso d'ella, o seguissem os soldados com maior calor, e os imigos mais o temessem, ficando resguardada sua pessoa de perigos, e a dignidade real de alguma quebra de sua grandeza, e na verdade, se assim fôra, os negocios houveram differentes suceessos, e a reputação do nome portuguez não ficára tão quebrada com o erro de um só, que mais força teve para abater os esforços dos portuguezes, que as armas dos imigos.

CAPITULO XLVII

Como El-Rei por muitas vezes foi persuadido que não passasse á Africa

Por as resões atrazditas se tinha a jornada d'El-Rei á Africa por mal acertada, e quanto os receios de algum desastre eram maiores, tanto mais as pessoas que d'isto se doiam trabalhavam por tirar a El-Rri d'este pensamento; porque a Rainha sua avó, em quanto viveo, sempre o dissuadio não comettesse tal empreza, pois essa jornada fôra muitas vezes praticada diante d'ella e d'El-Rei D. João, em muitos conselhos, sem nella se achar mais que inconvenientes dignos de não ser tentada. Depois da morte da Rainha que foi a quatro de Fevereiro de 1578, começou com mais liberdade a aparelhar-se; mas o Cardeal, que tambem o amava muito e lhe temia qualquer damno, trabalhou quanto pôde a impedir-lhe seu intento, estando mal com aquelles que lho favoriciam, e a El-Rei persuadido muitas vezes quizesse mandar fazer aquella guerra por seus capitães, e elle fosse ao Algarve, onde seguindo-o seus vassallos, e muitos estrangeiros, d'ahi porveria com munições os exertcitos, e com tal ajuda seria mui favorecido pera fazer cruel guerra á Africa.

Quando o Cardeal vio não approveitarem suas persuações, com muita magoa se despedio d'El-Rei e se foi aposentar em Evora, d'onde era arcebispo; mas, antes que se fôsse, mandou chamar Fernão de Pina Marrocos, vereador de Lisboa, e lhe disse avisasse aos outros vereadores, seus companheiros, dissessem a El-Rei o perigo a que punha sua pessoa com o reino, e desistisse da ida de Africa. Fernão de Pina, vendo

quão errados eram os desenhos d'El-Rei, e quanta rezão o Cardeal tinha, praticando com os outros ve readores o recado do Cardeal, foi elle a El-Rei, e em nome do povo lhe representou o que sentia do negocio, fundando suas palavras, com grande modestia nó amor de sua pessoa e perigo do reino. El-Rei como era de aspecto grave e temoroso, aceitou tão mal o requerimento de Fernão de Pina, que lhe pôz espanto, ao que Fernão de Pina, com temor, se soltou a dizer como o Cardeal lhe mandára fazer aquellas lembranças, com o qual accendendo-se El-Rei em maior colera, lhe mandou trazer papel e tinta, e fazer um assignado como o Cardeal lho mandára. Dado o assignado, escreveo El-Rei ao Cardeal, com o escripto de Fernão de Pina, queixando-se de elle andar sollicitando o povo pera lhe impedir sua jornada. O Cardeal vendo como já o negocio não tinha remedio, remetteo-o a Deos, com assás desconsolação de sua alma.

Tambem El-Rei D. Philippe de Castella, tio de El-Rei D. Sebastião, tendo o mesmo pesar de elle querer arriscar sua pessoa, sem nenhuma causa, podendo fazer a guerra por seus capitães, com mais honra e menos inconvenientes, o avisou algumas vezes com cartas, como lhe não convinha aquella jornada, e o mesmo fez aos fidagos de seu conselho. Quando El-Rei de Castella vio El-Rei D. Sebastião não acodir a seus conselhos paternaes, que como tio lhe dava, com amor e temor de alguma desgraça, quando o mandou visitar da morte da Rainha D. Caterina sua avó, pelo duque de Medina-Caeli, com mais claras palavras lhe tornou a fazer lembrança de quão mal aceitava passar elle em pessoa á Africa, por resão da dignidade real se pôr a grande perigo, e não ter filho herdeiro e successor; porque, além de o casamento

com sua filha estar já tão proximo de se effeituar, não era rezão elle se fosse fazer guerra antes de o con trahir; além d'isto tinha sabido serem os turcos já fóra de Africa, e o Maluco estava mui fóra de cumprir as condições ao Amurate, antes era imigo de turcos e elle os havia de lançar fóra de Berberia se lá tornassem; mas já que tinha feito os aparatos da guerra, a mandasse embora executar com algum capitão de confiança, e depois de casar, e haver filhos, lhe ficava tempo de empregar o seu esforço e talento em serviço da christandade com os imigos da igreja, ficando seus estados sem perigo de se perderem.

Tão catholica e honradamente se houve El-Rei de Castella nestes conselhos santos, que ainda que sabia, por morte de seu sobrinho, elle ser o legitimo successor de seus reinos, mais dôr lhe dava a suspeita de sua morte, do que o gosto que podia ter com tal herança, o que bem mostrou depois de sua morte; pois sendo o legitimo herdeiro dos reinos de Portugal, claramente se sentio em sua magestade haver antes perdido alguma parte de seus estados proprios, que herdar o de seu sobrinho, com morte tão cruel e lastimosa. Mas porque a El-Rei D. Philippe não ficasse remedio por applicar no mal que temia, tornou a mandar o conde de Andrada, filho do conde Lemos, fazer as mesmas lembranças a El-Rei seu sobrinho, denunciando-lhe já mais claramente quão errado dia, e quão apostado a perigos, e com isto tinha cumprido com a obrigação de Rei catolico, e tio, que se doia de seus máos conselhos e piores sucessos. Mas como Deos tinha ordenado o castigo d'El-Rei e de toda a nobreza de Portugal, permittio El-Rei se obdurasse, como outro Pharaó, pera não enxergar os ameaços de seus males, nem os avisos de seu bem, e com seu conselho impetuoso e violento, com apetites de mancebo,

foi-se por caminhos desconcertados, até se precipitar em fins tão damnosos, como os em que acabou.

CAPITULO XLVIII

Como Mulei Maluco mandou pedir pazes a El-Rei D. Sebastião

A cabo de tantos trabalhos, como o Maluco tinha passado em sua mocidade, e experimentado pobrezas e abatimentos de Principe, cançado já de guerras e peregrinações no serviço dos ottomanos, sc. Solimão, Selim, e Amurate, onde gastou desoito annos, contava-se gozar da paz e das pompas reaes com o imperio de Berberia: vendo porém que El-Rei D. Sebastião o queria inquietar, com dar ajuda ao Xarife Hamet, lhe mandou recado pedindo-lhe pazes; que não entendia que zêlo o movia a se querer fazer juiz entre elle e o Xarife, pois elles ambos eram mouros e sempre foram seus imigos, pera agora se inclinar mais á parte de um que de outro, e se isto era zêlo de justiça, em desaggravar o Xarife por aggravar a elle, que nisto a não seguia, nem tinha esta opinião por christã, e quando elle a houvesse de zelar, que a d'elle Maluco era mais clara, pois era filho do Xarife, que ganhára aquelles reinos por armas, e o Xarife filho de Abdalá, o qual por odio, e deixar os reinos ao filho bastardo, matára seus irmãos Agxímen e Abdelmumim, contra direito divino e natural, e perseguira e desterrára a elle: e além da successão de Mulei-Hamet ser tyranicamente introduzida, como filho bastardo, devia sua Alteza de respeitar com que auctoridade o favorecia, pois o Xarife

era filho de uma negra escrava de seu pai, e com tal nacimento punha labeo no sangue dos Xarifes, o que sua Alteza considerando, não devia favorecer e pessoa de Mulei-Hamet, pera macular a dignidade real dos Xarifes de Berberia; e se se movia a fazer este aggravo, com guerra tão injusta, por se segurar dos turcos, soubesse certo já elles serem fóra de Berberia, e elle os avorrecia, em igual grão com elle e todos os principaes christãos, e lhe affirmava que não havia de cumprir as obrigações, que contractou com Amurate por o mandar metter de posse do reino, mas estava apostado a fazer guerra aos turcos, se tentassem entrar em Berberia; e quanto a este ponto, podia elle ficar seguro do damno que temia e em que se fundava; mas se elle movia guerra pera com isso as suas fortalezas de Africa ficarem mais desapressadas dos damnos dos mouros em seus campos e novidades, e das corridas até os muros, com opressão dos moradores e fronteiros, que elle nesta parte se queria justificar com uma firme paz, com a qual elle daria ás suas fortalezas campos bastantes, onde podessem semear pães e crear gados, e com firmeza de paz ficariam com liberdade pera gozar-se suavemente de seus fruitos, sem temor de algum perigo; mas isto havia de ser nos limites de boa amizade, sem esperanças de por isso lhe dar algum lugar dos que possuia, nem um palmo de terra, nem uma ameia de qualquer fortaleza.

Este recado mandou por André Corso a D. Duarte de Menezes, capitão de Tangere, que o comunicasse com El-Rei: mas D. Duarte respondendo com arrogancia a este recado, e pedindo muitas terras, respondeo o Maluco, que sobre um ladrilho podre de Africa daria duas batalhas a El-Rei de Portugal; o qual, tendo posto o ponto em entronisar o Xarife em

seus reinos, e vendo a confiança do Maluco, em tempo de tantas alterações mostrar grandeza de animo em não se querer render a algum partido de obediencia, não fez caso de seus offerecimentos, nem lhe concedeo a paz que pedia. O Mulei-Maluco, quando vio quão mal El-Rei D. Sebastão se aproveitava dos bons conselhos, e como se inclinava á parte do Xarife, contra rasão, ordenou jutificar-se com El-Rei de Castella, dando-lhe conta do que tinha passado com El-Rei de Portugal, e quão apostado elle estava em não consentir turcos em Berberia, nem a cumprir com a obrigação de Amurate, pelo odio que lhe tinha, e pedia a sua Magestade persuadisse a El-Rei de Portugal não perturbasse os negocios com guerra, pois com paz podiam os Reis ambos de Castella e Portugal tirar mais proveito; porque, como elle não havia de dar aos turcos lugar algum do sertão, nem maritimo, com isto ficavam os seus reinos seguros dos assaltos que temiam, e ainda tiraraim fruito de estar a la-mira, e deixarem-no a elle fazer guerra; porque não sómente pertendia lança-los fóra de Berberia, mas daria muito favor a sua Magestade lançar fóra os de Argel, e o tomaria.

Com estas rezões, que El-Rei de Castella tinha por mui verdadeiras, e sabia os turcos serem fóra de Africa, e ao Maluco relevava impedir-lhes a entrada, se a tentassem, e de elle estar em paz com Hespanha volveria as armas contra elles, pareceo a El-Rei de Castella não convir a El-Rei D. Sebastião seu sobrinho, seguir a empreza que tentava, sem esperanças de mais proveito que ajudar a um Rei mouro e imigo, de cuja amizade não havia segurança de os turcos tornarem sobre elle, e Portugal e Castella ficarem com os mesmos perigos, ou por ventura maiores, e do Maluco se esperava segurança na christandade,

e odio contra os imigos d'ella; pois por não cumprir com as obrigações do tributo, em que ficou com Amurate, como estava capitulado, de força se havia de tratar guerra entre elles, com que pela ventura, os turcos seriam molestados, sendo Maluco esperto capitão e experimentado nas mesmas armas, e em esta involta El-Rei de Castella teria ocasião de fazer algum assalto em Argel, e tirar um visinho tão damnoso e prejudicial a Espanha e Italia; e esta foi a causa de se não effeituar o promettimento das cincoenta galés e cinco mil homens, que El-Rei de Castella tinha promettido a El-Rei D. Sebastião, e mais por ellas estarem em Italia fronteiras ao turco, a quem resestiam em guarda da christandade, e seria perda desemparar aonde ficavam mais acomodadas pera algum effeito de cometter Argel, ou dar nas costas aos turcos, se se travassem com Mulei Maluco: o que tudo Sua Magestade fez com zêlo mui justificado do bem commum, assim da christandade, como do particular temporal de Castella e Portugal.

CAPITULO XLIX

Como El-Rei assentou ir tomar Larache e meter de posse o Xarife em seus reinos, e fez capitão mór do mar, dos navios de alto bordo, a D. Diogo de Sousa

Quando El-Rei D. Sebastião se vio tão combatido com conselhos tão claros de pessoas calificadas e bem entendidas, que o serviam com reprehensões graves, posto que não desistio de seu caminho, quiz em alguma maneira moderar-se, e pôr algum certo limite a seus intentos; porque como estivesse claro serem os turcos já fóra de Berberia, e o

Maluco estava firme em os não recolher, menos havia de remediar em Africa; portanto El-Rei assentou comsigo ir tomar Larache, lugar importante, e fazer uma fortaleza pera guarda do rio, e d'aqui entrar a terra dentro com o Xarife, até lhe acudirem alguns alcaides, em que o Xarife tinha esperanças, e depois de ter gente bastante pera se defender e cometer, deixá-lo. Sabendo o Xarife como em Africa não havia turcos, pera que a ida d'El-Rei lá fosse necessaria, receando-se muito em elle querer passar com tão grande poder, presumindo não o meteria de posse, senão leva-lo comsigo, pera mais seguramente ocupar Africa pera si, por isso instava tambem da sua parte com El-Rei não passasse, que pera um effeito e outro, de tomar Larache e ajudar a elle, bastava um capitão com quatro mil homens.

El-Rei, tendo já passado por outras mais urgentes persuasões e mais efficazes conselhos, sem obedecer a elles, não deo vento aos do Xarife, mais posto em ordem de partir, ordenou fazer capitães do mar, tendo já feito coroneis da terra, como atraz fica dito: e logo fez capitão-mór dos navios de alto bordo a D. Diogo de Sousa, fidalgo velho e de muito conselho e experiencia, segundariamente mandou chamar a D. Luiz de Almeida, irmão do arcebispo de Lisboa, e a Cristovam de Moura, e dava a cada um um galeão de que fossem capitães; os quaes escusando-se em lhes parecer ser menos-preso de seus merecimentos irem debaixo de outra bandeira, que não fosse a d'El-Rei, não quizeram aceitar as capitanias. El-Rei como era determinado e colerico, os mandou prender no castello, sem mais outras desculpas, provendo os mais navios de alto bordo, de capitães e entendeo logo tambem prover as galés, de que era capitão mór Diogo Lopes de Sequeira.

N'este tempo começando-se já a juntar gente em Lisboa, assim estrangeira como natural, era cousa muito fermosa a multidão e diversidade dos soldados, que não cabiam pelas ruas, e o porto cheio de náos, umas d'armada d'El-Rei, outras de fidalgos particulares, que faziam prestes, pera suas pessoas, gente e mantimentos, outra grande cantidade de caravelas e barcos, pera cavallos, palha e lenha, excepto outras muitas embarcações que El-Rei tinha mandado aparelhar aos portos do Algarve, pera passar a gente d'Alemtejo, de que era coronel Francisco de Tavora, com outros muitos fidalgos e homens honrados, que lá mandavam aviar suas embarcações, por d'ali estarem mais acomodadas a seu modo. Da mesma maneira no porto de Aveiro, e outras partes do reino, estavam navios aviando-se com gente e munições, os quaes se haviam de ajuntar em Africa debaixo da bandeira de dom Diogo de Sousa.

Com estes apparatos parecia que ardia todo Portugal em armas, assim por mar como por terra, e em todo elle não se fallar nem tratar mais que no negocio da passagem d'Africa, em a qual jornada os mancebos, que não viam os perigos e se moviam pelos aparatos de fóra, ardiam com fervor da guerra, promettendo-se grandes victorias; mas os velhos, que enxergavam bem o errado caminho d'El-Rei, sem ordem da milicia (e os soldados mais occupados em vestidos e joias que em armas) com gemidos do coração suspiram, pedindo a Deus que o mal que se esperava de tanta desordem, e os perigos promettiam fossem moderados com misericordia e clemencia, e o açoute que viam armado não fosse com total destruição. Com esta confusão tão contraira, ente alvoroços afervorados dos mancebos e gemidos melanconizados dos velhos, não havia conselho certo em uns nem outros.

CAPITULO L

Como El-Rei fez governadores pera ficarem no reino, e D. Francisco da Costa pera o Algarve

Vendo El-Rei como em sua absencia era necessario quem ficasse no reino, assistindo aos negocios publicos, e supprisse suas vezes, determinou prover nisso conforme a necesssidade do prezente; o qual cometendo muitas vezes o cardeal D. Henrique, rogando-o quizesse aceitar o governo do reino, durante sua absencia, nunca o pôde acabar com elle (*), antes o Cardeal como era de contraira opinião da ida d'el-Rei, não somente nunca quiz dar ajuda, e se pudéra posera-lhe todos os impedimentos, mas como vio a instancia com que El-Rei lhe pedia aceitasse o governo, se foi pera Evora, porque não parecesse com sua presença favorecer o que tanto estranhava.

El-Rei quando se desenganou não poder acabar com o Cardeal o que lhe rogava, e entendia o zêlo com que o fazia, foi-lhe necessario buscar outros homens de confiança e experiencia, a que cometesse o governo do reino: mas como, tirando o Cardeal, não havia Principe a que se pudesse deixar este cargo, e a qualquer outro homem o povo mal obedeceria, se ficasse só nelle, e a muitos melhor tomaria, foram

---

(*) O Cardeal me certificou, aqui em Alcobaça, que nunca lhe El-Rei seu Senhor fallára nisto, com as lagrimas nos olhos com sentimento, dizendo-me que o faria por suas indisposições, que eram muitas: e isto me disse aqui em Alcobaça, donde se veio meter, e d'aqui foi levado pera Rei. *Nota do Apographo mais antigo.*

pera isto eleitos D. Jorge d'Almeida arcebispo de Lisboa, Pero d'Alcaçova veador da fazenda, Francisco de Sá, D. João Mascarenhas, e Miguel de Moura, secretario do reino, aos quaes El-Rei como elegeu, encarregou muito a obrigação de justiça, mostrando a confianba de fiar delles negocio tão importante, deixando-lhes largos poderes (ainda que em algumas cousas limitados) assim na execução do castigo, como no fazer das mercês: os quaes, como se El-Rei partio, tomando a seu cargo o negocio dos despachos do reino, se ajuntavam cada dia todos quatro no paço, e a uma mesa, a fazer negocio.

Com esta ordem continuavam os governadores, ficando-lhes todos os officiaes dos tribunaes subjectos, como ao mesmo Rei, com outros da pessoa, como porteiros, que servissem de seus ministros. Além dos negocios do reino, em que os governadores se occupavam, tambem lhes ficava muito a seu cargo prover a El Rei de cá com todo o necessario pera a execução da guerra, assim de gente como de munições. E por que D. Diogo de Sousa, capitão mór da armada d'alto bordo, era governador do reino do Algarve, proveo El-Rei no mesmo lugar a D. Francisco da Costa, estando aviado pera o acompanhar na jornada, por ser fidalgo de muita confiança pera a importancia d'aquelle governo, e principalmente em tempo tão necessario pera provimento da guerra, e assim, como o Algarve era fronteiro da costa de Africa, d'alli com mais facilidade e brevidade se podessem provêr as cousas necessarias, e comunicar os avisos.

CAPITULO LI

Como El-Rei foi benzer a bandeira á Sé e se embarcou na galé real

Dispostas já todas as cousas, e preparados os da partida, ordenou El-Rei, como é costume, ir benzer a bandeira real do exercito, pera que Deos lhe fosse propicio com o favor do ceo, escolhendo o dia mais acomodado aos quatorze de Junho de setenta e oito, ajuntando-se pela manhã toda a côrte no paço, pera acompanhar a El-Rei: onde foi tão grande o concurso de gente de cavallo da nobreza de Portugal, que fez demonstração de um exercito formado.

Sahindo El-Rei do paço se pôz a cavallo, mui ricamente vestido de uma telilha entre parda e azul, com muitos troçais d'ouro, e ia tão fermoso e airoso, que parecia prometer-lhe a fortuna o ceptro de todo o mundo; por que, além de ir com muita graça, como elle tinha muita em todas as representações de sua pessoa, aquelle dia as mostrou todas juntas, e converteo os olhos de todo o povo em si, e se envergava n'elle um aspecto terrivel pera os imigos, e prometedor a seus vassallos de insignes victorias: e com lagrimas, nascidas de alegria, lhe rogava todo o povo a altas vozes prospero succeso, e felice gloria de sua empreza: e a ordem que levava era ir diante d'elle o alferes mor D. Luiz de Menezes, com o guião grande de damasco cramesim enrolado, com Christo crucificado broslado na bandeira, insignia em que El-Rei sempre trazia os olhos fixados, e que tinha por ajuda de seus estados e por honra de sua fé catholica, cujo professor elle era, pera defender com armas

a' santa igreja dos insultos dos barbaros africanos, e augmenta-la nas partes orientais com doutrina evangelica, semeada pelos ministros do evangelho sagrado, que elle a essas partes com muito cuidado mandava; e acompanhado de grande concurso de gente nobre, todos eram em competencia de quem mais gentil, loução e galante apareceria, com mais fermosos ginetes, arreios, custosas roupas e outros atavios de infinito preço: e de verdade, não se pode estimar em tanto as riquezas, vestidos e jaezes d'aquelle dia, e outras peças e joias que tudo não seja verdade, porque como os fidalgos viram El-Rei tão gostoso nesta viagem, e elle se vestia com muitas loçainhas, todo seu cuidado puzeram em cada um fazer em vestidos de sedas, e peças de ouro, e joias de pedras e perolas, mui largas despezas, por o contentarem: tal era o amor de todos de desejarem servir El-Rei, e o gosto de o agradarem, que não havia quem sentisse gastos e custos pera este fim, não sómente nos atavios da pessoa, mas em todo o mais serviço de camas, mezas, e outros ministerios, em que se fizeram excessivos gastos; assim que parece que quiz Deos despojar a Portugal de toda a riqueza de ouro, prata e sedas, e outras ricas peças, e enriquecer a Berberia, como fizeram os egypcios aos hebreos: e bem considerados estes processos, é de crêr permittio Deos o castigo, que os portuguezes mereciam, e elle já não podia dissimular, por seus pecados, fosse tão geral que tocasse nas pessoas e honra e fazendas, com pobreza de Portugal, e grande prosperidade de Berberia.

Deixada esta materia, da qual havia muito que dizer e meditar ácerca dos divinos juizos, e nos pecados dos homens, tornando ao fio da historia, partio El-Rei do paço na maneira dita; o qual, subindo pela Padaria acima, foi á Sé, onde disse missa cantada em

pontifical o arcebispo de Lisboa, e acabada, foi por elle a bandeira benzida com as ceremonias acostumadas. Tornando El-Rei da Sé, com a ordem que levára, e com bandeira despregada diante, logo se foi embarcar á galé, onde jantou; o que fez a fim de aplicar os homens a se negociarem e embarcarem com brevidade, vendo como elle já estava no mar; com o que os fidalgos se expertaram com muita diligencia, havendo grandissimo trafego nas embarcações de tanta gente, munições e outras cousas; e assim de dia nem de noite cessava o rumor da gente, que de uma parte e da outra discorria por todas as partes da cidade, sem cessar. El-Rei, como n'aquelle dia se meteo na galé, nunca d'ella mais se sahio, onde esteve até de todo sahir fóra da barra; o qual alli era visitado commummente dos fidalgos e senhores, onde comia e dormia; mas por mais diligencia que se fazia no embarcar, e El-Rei aplicar com sua estancia no mar, não puderam acabar até dia de S. João, vinte e quatro do mesmo mez.

CAPITULO LII

De umas palavras que o senhor D. Antonio teve com Cristovão de Tavora, e como o duque de Bragança adoeceo, e não foi com El-Rei

Tanta era a privança de Cristovão de Tavora com El-Rei, fazendo-lhe muitas mercês e honras publicas, em que se enxergava quanto o amava, que todo o homem cuidava que alcançava muito em o servir, por as esperanças de bons despachos com seu favor. Aconteceo que tendo o senhor D. Antonio,

prior do Crato e filho do Infante D. Luiz, um criado, que por morte da Infanta D. Maria sua tia (cujo fôra) lhe pedira o tomasse por seu, parecendo-lhe a este homem que servindo Cristovão de Tavora alcançaria mais facilmente remedio de vida e honra, sem dar conta ao senhor D. Antonio, se foi a viver com elle. O senhor D. Antonio, tomado do pouco primor do criado sem sua licença deixar a elle, pera servir a outra pessoa, dissimulando o aggravo de Cristovão de Tavora em o recolher sem ter cumprimento com elle, não se dava por achado de uma cousa nem outra. O criado autor d'esta rapasia, muito contente de lhe ser dissimulada, estando o senhor D. Antonio em Almada, teve tão pouco pejo que lhe foi fallar e tocar na sua mudança, ainda com algumas palavras ingratas. O senhor D. Antonio, não podendo sofrer seu despejo (estando por a sésta deitado em um catre) lançou mão de um páo da varanda d'elle e começou de o espancar, o qual fugindo se lançou de uma janella abaixo, onde se tratou mal.

Divulgada a causa porque o senhor D. Antonio o espancára, e por o homem se queixar, veiu isto ter a Cristovão de Tavora, o qual como andava tão altivo e enlevado em sua privança, determinou mostrar-se queixoso do senhor D. Antonio, e aggraval-o no que se offerecesse em favor d'El-Rei. Vindo pois o senhor D. Antonio visitar a El-Rei á galé, quando entrou todos os fidalgos, como tinham de costume, se levantaram e se desbarretaram, fazendo-lhe a cortezia devida. Cristovão de Tavora, que estava na companhia, não se levantou nem desbarretou: o senhor D. Antonio estranhando aquella novidade, sendo antes muito amigos, lhe disse: «*Cristovão de Tavora porque me não fallais?*» Respondeu: «*Eu não fallo a quem faz o que vossa excellencia fez.*» O senhor

D. Antonio, tomado muito d'este atrevimento e resposta logo se foi á pôpa da galé, onde El-Rei estava, e agastado lhe foi fazer queixume de Cristovão de Tavora. El-Rei como tinha toda a sua afeição posta em Cristovão de Tavora, e não podia ouvir queixume d'elle, antes se creo o favorecia n'este caso, respondeu ao senhor D. Antonio: «*Vós tereis feito cousa por onde elle fizesse isso*.» O senhor D. Antonio achando em El-Rei outro maior aggravo, se sahiu logo mui irado, dizendo palavras de homem agastado, entre as quaes, que era melhor ir servir o turco.

O duque de Aveiro como ahi estava, e era um principe cheio de todo o vigor e magnificencia, quando ouviu o senhor D. Antonio tão queixoso, se foi a elle com muitos offerecimentos, ao tirar da colera que tinha, e se foi com elle á náo, onde já estava embarcado; o qual, como chegou a ella mandou tirar as bandeiras, e despir-se das roupas muito custosas, e vestir-se de preto elle e os seus, mostrando-se em extremo anojado e agravado. O duque de Aveiro, desejando temperar estas discordias, de que esperavam muitos enfadamentos, nunca se apartou do senhor D. Antonio, por o tirar d'este sentimento, e procurar alguma reconciliação com El-Rei.

O Cardeal, que n'aquelles dias viera de Evora despedir-se de El-Rei, foi-se pera Cintra pera o mosteiro de Penha-longa, da ordem dos Hieronimos; o senhor D. Antonio posto que este tempo se não corria com o Cardeal seu tio, todavia no tempo do trabalho e afronta não teve com quem desabafar seus queixumes senão com elle; e saindo da náo, se foi ter com elle dar-lhe conta do sucesso, mostrando-se muito sentido do que El-Rei lhe dissera. O Cardeal, posto que sentio muito aquelle aggravo, assim de Cristovão de Tavora, como d'El-Rei o consentir, feito ao filho do

Infante D. Luiz seu irmão, o consolou e aconselhou como velho santo e prudente, tirando-lhe da magiação o sentimento que d'isso tinha, com resões bastantes pera o aquietar, tomando elle á sua conta seus aggravos e se queixar a El-Rei, pedindo-lhe não fizesse com isso alteração, nem desistisse de acompanhar El-Rei na jornada. O senhor D. Antonio com isto se tornou á náo, a quem o duque de Aveiro tornou a acompanhar.

El-Rei cahindo no erro que fizera, e segundo dizem, persuadido por rogos do mesmo Cristovão de Tavora e sua mãi, e outros parentes, se foi uma tarde a bordo da náo do sr. D. Antonio, e lhe fallou com muita brandura, e mandou tocar as charamelas, e o levou comsigo no bargantim. O senhor D. Antonio como estava tão aggravado, posto que com palavras cortezes e avisadas, encobridoras de seu sentimento, agradecesse a El-Rei a mercê e honra que lhe fazia naquella salva, não foi isto parte de elle fazer alguma mudança do nojo em que estava assentado.

Ao duque de Bragança D. João, que tambem estava na côrte aviado com suas náos, gente de pé e cavallo, pera acompanhar El-Rei, sobreveio-lhe uma grande enfermidade de febres mui grandes, já em vesperas da partida, e El-Rei estar embarcado; o qual como se vio neste estado, com assás desgosto d'esta enfermidade lhe impedir a ida, logo com muita pressa mandou chamar seu filho D. Theodosio, duque de Barcellos, pera ir em seu lugar na companhia d'El-Rei, e por capitão de sua gente: o qual embarcado n'uma náo da carreira da India muito grande, com todos os fidalgos de seu pai, foi com El-Rei, sendo elle muito moço, de idade de doze ou treze annos. D'esta maneira houve Nosso Senhor por bem de livrar o duque de Bragança do perigo a que estava já appa-

relhado, e como depois aconteceo a todos os que lá foram.

CAPITULO LIII

Como El-Rei partiu de Lisboa pera Africa, e esteve alguns dias em Cales

HAVENDO já dez dias que El-Rei D. Sebastião estava embarcado, sollicitando grandemente a cada um fazer o mesmo, sendo já tudo a ponto aviado, se partio de Lisboa a vinte e quatro de Junho de setenta e oito, em uma grossa armada de galés, galeões e náos, entre as quaes iam cinco galés, cujo capitão mór era Diogo Lopes de Sequeira. Nas galés iam os capitães seguintes: da galé real onde El-Rei ia, era Pero Peixoto da Silva, Diogo Lopes de Sequeira, Antonio de Abreu, João Mendes de Menezes, Antonio de Mello do Algarve. Dos navios de alto bordo era capitão mór D. Diogo de Sousa, entre os quais iam seis galeões muito grandes armados. D. Diogo ia no de S. Matheus: nos outros iam, Manuel de Mesquita no de S. Martinho (que ia apparelhado pera El-Rei se passar a elle) e D. Francisco de Sousa, Martim Affonso de Mello, Manuel de Mello da Cunha, o do olho, Luiz Alvares da Cunha: toda a gente ia repartida pelas galés e náos de alto bordo, cada um como lhe cabia a sorte; a qual frota era tão grande, de toda a maneira de vellas, que parecia cobrir o mar, e punha espanto a toda a Africa: porque entre as galés e galeões e náos armadas, e navios mancos de toda a sorte, chegou a frota a numero de oitocentas velas, com as que tambem partiram de outras partes do reino.

O senhor D. Antonio como estava tão aggravado, como fica contado, ficando o duque de Aveiro com elle na sua náo (pera o acompanhar naquelle desgosto, por serem muito amigos) partiram dois dias depois de El-Rei sahir fóra da barra. El-Rei vendo-se no tempo tão dezejado, alegrava-se em extremo vêr o alvoroço de todos em o servir, e o grande poder que levava, e com a multidão das vellas entendia pôr espanto a toda a Africa; o qual foi com tempo prospero ter ao Algarve á cidade de Lagos, e d'ahi a Cales, cidade de Espanha. El-Rei chegando alli com toda a frota a vinte e nove de Junho, se fez surto, por esperarem o resto da gente que não tinha chegado, principalmente Francisco de Tavora, coronel da gente d'Alemtejo, que havia de embarcar nos portos do Algarve com seu terço, e outros muitos fidalgos que tambem alli, e em outros portos, tinham suas embarcações.

Vendo os soldados como El-Rei se não havia de partir de Cales até lhe não chegar o resto da frota que esperava, sahio-se a maior parte da gente em terra, assim fidalgos, como outros de toda a sorte, onde deram vista a Espanha (por de muitas partes virem muitos fidalgos castelhanos a verem-os) da riqueza e ornamento d'aquelle exercito, e vestidos, joias, e outros ornatos de pessoas e serviço, com que fez demonstração da mais luzida gente do mundo; e os que os viram com tanto esforço e ufania, com uma tal confiança, lhes prometiam render-se Africa sem resistencia, ajuntando a isto o muito poder que El-Rei levava, e sobre tudo a grandeza de animo e gravidade da pessoa, que se enxergava n'elle, mancebo esforçado, dotado de todas as boas partes corporaes, e muito mais das virtudes da alma dignas de um grande monarca, em quem resplandecia o zêlo e confiança de libertar a igreja catholica das opressões dos

barbaros imigos, com damno de toda a Africa. O duque de Medina-Sidonia, senhor de grandes estados, e de maiores virtudes e grandezas, por El-Rei D. Sebastião estar alli naquella cidade sua, se veio a visita-lo com muito amor, offerecendo-se-lhe a todos os serviços, e procurando dar-lhe todos os contentamentos; o qual desejando festejar a El-Rei, lhe mandou correr touros, a que todo aquelle exercito se achou presente, posto que El-Rei não fosse a elles (ainda que alguns dizem foi desfarçado) nem sahio em terra mais de uma vez, a ouvir missa a uma ermida fóra da cidade.

Gastando El-Rei n'este porto sete dias, como teve nova que se vinha chegando o resto da gente e a frota, se foi a Tangere, sua cidade fronteira em Africa, de outra parte do Estreito, desoito leguas de distancia. El-Rei chegando á meia noite na sua galé a Tangere, mandou recado a D. Diogo de Sousa, capitão mór da armada de alto bordo, fosse ancorar com toda a frota a Almodrava, porto seguro duas leguas de Arzila, onde esteve surta até El-Rei se fazer á vella pera Arzila, onde toda a frota e gente ajuntou, e desembarcou.

CAPITULOI LIV

Como El-Rei chegou a Tangere, e foi visitado do Xarije e do Xeque seu filho

O Xarife que estava em Tangere, com os olhos e esperanças postas na vinda d'El-Rei D. Sebastião, como auctor de sua honra, e meio de ser restituido á posse de seus reinos, sabendo estar

tão perto em Cales, como em atalaia, esperava cada hora sua vinda. Partindo El-Rei de Cales, nas galés, apartando-se da frota d'alto bordo, chegou a Tangere á meia noite, a seis dias de Julho. O Xarife tendo vigias pera ser avisado da chegada d'El-Rei, logo na mesma hora mandou seu filho Mulei-Xeque visita-lo: El-Rei como soube da vinda do Principe, o foi receber ao meio da galé, tratando-o com cortezia, e o levou á popa, onde recebeo a visitação de Mulei-Xeque em pé, e á despedida o tornou El-Rei a acompanhar até sahir da galé. O Xarife, tanto que amanheceo, tendo aviso estar El-Rei alevantado, o foi visitar, levando comsigo Cid-Abdelcherim e os mais alcaides, e outros mouros honrados, até o numero de quinze.

El-Rei vendo o Xarife chegar á galé, o foi receber á entrada d'ella com o chapeu na mão, e o Xarife com inclinações o beijou no hombro, conforme ao costume dos mouros, e se abraçaram com muitas cortezias e gasalhados, e d'ahi indo-se pera a popa se assentaram ambos, e Cid-Abdelcherim com elles, onde perguntou o Xarife a El-Rei como vinha do caminho, e se estava bem disposto, acrecentando a isso quanto se alegrava com sua vinda, pois com vêr sua pessoa se lhe certificavam as esperanças de por elle ser alevantado da queda que a fortuna lhe tinha dado, e ser restituido á honra e estados que elle tinha perdido. El-Rei lhe respondeu com alegre sembrante, cheio de uma magnificencia real, dizendo que elle tinha por mui bem empregado o trabalho da pessoa e despezas do exercito e vassallos, pera com tudo o favorecer e ajudar a recuperar o perdido, e o não movia outro interesse senão cumprir com a divida, que os Principes christãos tem de ajudar e favorecer os Reis descahidos de suas prosperidades, e ainda os mouros e imigos, quanto mais que tendo-o por amigo esperava

lançar fóra de Berberia os turcos, e fechar-lhes as portas pera nunca mais entrarem nella, por assim convir a seus reinos e estados: com a qual resposta ficou o Xarife tão alegre, como se já tivesse chegado a suas esperanças, e com estas palavras, tão dignas de serem cridas, por a magnificencia e gravidade com que El-Rei as certificava, ficou livre dos temores e desconfianças que havia tido, em El-Rei não pertender com este aparato tanto sua restituição, como no meio das alterações confusas e guerras civis, com divisão dos alcaides, ter menos resistencia pera se fazer senhor de Berberia.

Praticando um pedaço n'estas cousas e outras, se despedio o Xarife, e El-Rei o tornou a acompanhar até á sahida da galé, como á vinda, com todos os senhores e fidalgos que com elle estavam na galé: do qual, por a grandeza de seu animo e aspecto da pessoa, juntamente com a gentileza dos fidalgos, e pompa dos ornamentos, ficaram o Xarife e mais mouros em grande maneira admirados d'aquella magnificencia d'estado; e fallando eu nesta cidade de Lisboa com Cid-Abdelcherim, homem em extremo avisado e grave, me disse que lhe puzera espanto a magestade d'El-Rei, acompanhado de tão bizarra e luzida gente: com a qual vista os mouros conceberam El-Rei ser digno de todos os imigos se sujeitarem a elle, com o reconhecimento de vassalagem.

El-Rei mais de dia desembarcou, e foi apozentar-se na cidade, com grande alvoroço de todo o povo; mas como elle era incançavel em seus exercicios, antes o repouso lhe era prizão, não soffrendo, ao dia seguinte cavalgou, e sahio ao campo acompanhado de muitos senhores, todos com lanças nas mãos (senão o duque de Aveiro com um montante) e com elle o Xarife com obra de trinta mouros de cavallo. El-Rei não

tendo outras meditações mais gostosas que as da guerra, e os ensaios d'ella, mostrou que desejava vêr como os mouros se desenvolviam em suas escaramuças, pera as quaes começando alguns sahir ao campo quiz o Xarife tambem dar gosto a El-Rei e festeja-lo, sahindo de volta com os outros mouros tambem escaramuçar, os quaes El-Rei muito folgou de vêr, e o Xarife ficou mui contente em vêr El-Rei satisfeito d'aquelle bom exercito: isto acabado El-Rei se recolheo á cidade aquelle dia, e depois sahio duas vezes ao campo montear, tendo postas atalaias, que o segurassem de alguma improvisa corrida de mouros, ou ciladas, como elles tem por costume. Com esta confiança e animo com que El Rei D. Sebastião entrava em Africa, com tanto poder, estando ella tão dividida nas forças, e se esperava dividir mais, punha esperanças, assim aos mouros como christãos de prospero sucesso, e mais estando Mulei-Maluco cheio de temores e duvidas de se defender, nem tendo forças pera resistir.

CAPITULO LV

Como Mulei-Maluco foi avisado da vinda d'El-Rei D. Sebastião á Africa e da gente que trouxe

Tendo Mulei-Maluco avisos dos tractos do Xarife com El-Rei D. Sebastião, e espias dos aparatos de guerra que se faziam em Portugal, provendo-se com muito cuidado pera resistir a El-Rei e conservação dos seus estados, mandou fazer gente e atalhar que não houvessem alguns alevantados em favor do Xarife; e porque mais se temia dos imigos domesticos dissimulados que dos portuguezes arma-

dos contra elle, sabendo como o Xarife estava em Ceita, já á sombra d'El-Rei de Portugal, e se começava a espargir a semente da guerra, mandou a seu irmão Mulei-Hamet ao campo de Alcacere recolhesse ahi a gente de Fez e d'aquellas comarcas visinhas, e os tivesse prestes com avisos de acudirem quando fossem chamados, dos quaes ajuntou quinze mil de cavallo, e Achahiac, alcaide granadil seu mordomo, mandou com dois mil infantes espingardeiros á comarca de Tetuan, pela muita confiança que nelle tinha, por amor e conversação com que de Constantinopola se tratavam. Todos estes provimentos de gente nestes lugares eram com prudencia ordenados, ahi pera os crhistãos entenderem ter já o imigo á porta, com que haviam de pelejar, como os mouros que lhe ficassem nas costas se não atreverem a fazerem alguma alteração, ou irem-se ao Xarife a Ceita.

Tendo neste tempo Mulei-Maluco tão bem providas as portas de Berberia, e por pessoas de tanta confiança, ficou-se em Marrocos, provendo de vagar do resto do exercito, e compondo as alterações inda frescas de revoltas passadas, principalmente nos reinos de Sus, Dara e Serras dos Montes Claros, onde o sangue das batalhas civís estava ainda fumegando, com odio e escandalo de uns naturaes e parentes contra outros. Tanto que Mulei-Hamet e Achahiac souberam da chegada d'El-Rei a Tangere, com fama de grande poder, e certa sciencia de seu esforço e animo bellicoso, não se deram por seguros cada um em seu districto: os quaes avisando-se um ao outro com assás temores das cousas dos christãos terem tão prosperos fins como promettiam nos principios, foi-se Achahiac ajuntar com Mulei-Hamet, pera tomarem conselho no que deviam fazer. Com esta nova da chegada d'El-Rei a Tangere, mandou Mulei-Hamet

recado a seu irmão por a posta, dando-lhe conta do estado das cousas, principalmente da poderosa frota de Portugal, que cobria o mar e espantava a Berberia. A este tempo estava Mulei-Maluco na serra, em um lugar chamado Achera, pacificando aquelles povos, a uns com rigor de castigo, a outros com liberaes mercês.

Mulei-Hamet, tomado conselho com Achahiac e outros alcaides, sobre uma novidade de tanto perigo, assentou ir-se a Larache em modo de o defender, sabendo alli haver de ser a força da guerra; o qual sendo avisado como El-Rei havia partido de Tangere pera Arzila, tornou-se do caminho que levava, e mandou Achahiac com quinhentos espingardeiros de cavallo dar socorro a Larache. Chegando perto de Mulei-Maluco, que cada hora esperava recado da vinda d'El-Rei, como foi avisado de seu irmão, se partio a grande presssa pera Marrocos, onde esteve dois dias sómente, e logo se pôz a caminho, com demonstração de defender a Larache, e resistir a El-Rei de Portugal com a gente que tinha feito, mandando recado a todas as partes do reino se apelidassem e o seguissem; mas pera que Marrocos ficasse emparado de quaesquer movimentos de dentro ou de fora, deixou por viso-rei a Reduão, arrenegado portuguez, homem de muito esforço e prudencia nas cousas de guerra, e muito mais ignorancia nas da fé divina.

Marchando o Maluco com o seu campo, e vindo já muito enfermo, cada hora o exercito crescia mais com nova gente, assim de paga, como de serviço, e outra que acudia ao despojo, ajuntando-se de todas as partes. Com esta ordem trazia tambem o Maluco vinte e quatro peças d'artilheria de campo; o qual se ajuntou duas leguas de Alcacere-quibir com seu irmão Mulei-Hamet, sem intento de então dar batalha a El-

Rei, nem defender Larache, por não confiar na sua gente e temer se passasse ao Xarife.

No numero da gente achei varias informações em mouros: uns o punham em trinta mil de cavallo e seis mil infantes, outros acrecentam mais infanteria e diminuem os de cavallo; mas como affirmaram muitos alcaides e outros mouros em Africa, a gente de paga toda assentada eram quarenta e tres mil de cavallo, e quatorze mil de pé, afóra infinidade de outra que seguia o exercito, assim de pé como de cavallo, a que muitos mouros e christãos puzeram o numero de cento e cincoenta mil pessoas, em todas, e é a mais commum opinião: entre os quaes trazia dois mil escopeteiros azuagos, gente de soldo, chamados jurados, os quaes juram não tornar atraz, mas sustentar o peso da batalha até morrer, como os amoucos da India.

O Dogali e o Achahiac, alcaides andaluzes do reino de Granada, vendo o poder e authoridade que já tinham alcançado em Berberia, concebendo em seu peito opinião de reinar, vieram secretamente a urdir um modo de conjuração, que ao meio das revoltas de Africa entre os Xarifes, se alevantassem com os reinos, e partissem a presa, de maneira que o Achahiac ficasse com o reino de Fez, e o Dogali com o de Marrocos. Buscando pois estes dois alcaides occasião, quando mais a seu salvo pudessem pôr em obra seu intento, tiveram muitos mouros por certo, darem elles peçonha a Mulei-Maluco de que adoeceo e morreo; mas quando viram a peçonha não obrar tão depressa como elles queriam, esperaram occasião nos fins das guerras, a que El-Rei de Portugal vinha dar principio, cuidando elles abrir porta, por onde os conjurados pudessem pôr em obra seu damnado proposito. O Dogali que andava no reino de Sus, por mandado de Mulei-Maluco, sujeitando os reveis, como vio a revolta

de Africa tornar-se a acender com a entrada d'El-Rei D. Sebastião, manhosamente se deixou ficar sem vir á batalha, e o Achahiac acompanhou o Maluco, porque se vissem tempo de executar a conjuração, o Dogali estivesse perto de Marrocos, que lhe havia de caber em sorte, e o Achahiac de Fez, que era a sua parte.

CAPITULO LVI

Como El-Rei partio de Tangere pera Arzila, e mandou Martim Corrêa da Silva com Mulei-Xeque a Mazagão

O porto a onde El-Rei trazia posta a proa, pera d'ahi dar principio ao commettimento de Larache, era a fortaleza de Arzila, por estar muito perto d'ella. Estando pois El Rei em Tangere, como vio junta a frota, e Francisco de Tavora vindo com seu terço, embarcou-se logo na sua galé real, e o Xarife na capitaina com Diogo Lopes de Sequeira, e fôram lançar ancora no porto de Arzila: o resto da frota que estava em Almodrava, tendo aviso da partida d'El-Rei, tambem deu á vela, e o Xeque filho do Xarife foi por terra com os seus mouros e gente de cavallo; mas pera que as forças de Africa fossem mais quebradas, com muitas cabeças que as dividissem, mandou El-Rei a Martim Corrêa da Silva (antes que partisse de Lisboa) fosse diante a Tangere, a tratar com o Xarife, como seria acertado mandar com elle o Xeque seu filho a Mazagão, pera ahi recolherem os mouros que se viessem lançar com elle, e tivessem a sua voz.

Chegando El-Rei a Arzila, tendo já assentado com o Xarife fosse Mulei-Xeque com Martim Corrêa, entenderam logo na partida com muita brevidade e diligencia, pera o que foram dados a Martim Corrêa seiscentos soldados, os quais com elle se embarcaram em Arzila, e Mulei-Xeque em sua companhia: o qual como era menino, e o Xarife seu pai sentisse aparta-lo de si, veio a descançar dos cuidados que essa absencia lhe dava, vendo quão encarregado d'elle ia Martim Corrêa da Silva, e o bom tratamento que lhe fazia, e esperava fazer, por ser homem de muita prudencia e brandura; mas como se passou muito pouco tempo da chegada de Martim da Silva a Mazagão, até vir nova do desbarate d'El-Rei, não houve effecto o seu intento, nem lugar aos mouros virem lançar-se com o Xeque: com o qual recado da triste nova da perdição d'El-Rei e do exercito, se veio Martim Corrêa ao reino, com Mulei-Xeque, e os soldados e náos que levara.

O Cardeal, como já era alevantado Rei, quando Martim Corrêa chegou a Lisboa, lhe mandou recolhesse em sua casa a Mulei-Xeque, até ser aposentado com os mouros que com elle vinham, como de feito fez. Martim Corrêa, no caminho e em sua casa, quando via o sentimento de Mulei-Xeque, menino, da morte de seu pai, que morreo na batalha, e se vêr desterrado de seus reinos e naturais, com muito maior amor e mimos o consolava e tratava como filho, tirando-lhe do pensamento as razões de se entristecer; e sua mulher D. Joanna, compadecendo-se com mais brandura do moço orphão estrangeiro, com entranhas de muito amor o tratava, mostrando-lhe com lagrimas de compaixão e obras de mãe, em que o menino tomava alivio da sua infelicidade.

CAPITULO LVII

Como El-Rei tinhá determinado commetter Larache por mar, e depois houve conselho comette-lo por terra

Antes que El-Rei partisse de Portugal tinha assentado em muitos conselhos cometter Larache por mar, porque como elle levava as galés, galeões, e outras náos grossas armadas com muita artilheria, munições, e outros petrechos necessarios pera desembarcar, e redificar a fortalesa, que era muito fraca, pareceo que com entrar a frota pelo rio, e a gente desembarcar em terra, se forrava o trabalho, e carga dos mantimentos e munições necessarias, e fugiam de alguns perigos, que, marchando, lhes podiam succeder em meio dos imigos: e conforme a isto, estava dada ordem do modo que se havia de ter a saltar em terra, e dado regimento a cada capitão do lugar e modo de desembarcar.

Com este aviso divulgado em Tangere, começou cada um a aparelhar-se de embarcação e mais cousas necessarias pera sahir da terra na ordem já dada; mas como as mudanças dos conselhos dependem cummummente da variedade dos tempos, e de se enxergarem proveitos ou inconvenientes contrairos aos d'antes meditados, não sei porque fado se tornou em Tangere a praticar cessasse o commettimento de Larache por mar, e se tentasse por terra, formando-se nisso razões e objeições bastantes em se haver o tal conselho por acertado; porque se considerou que indo o exercito marchando por terra, era mostrar não temerem os mouros, e irem já abrindo caminho ao Xarife pera entrar em seus reinos, e se daria animo a muitos mouros passarem-se a elle, e se quebrariam as forças do

Maluco, e poriam o negocio em maior confusão. Tambem, como a entrada do rio de Larache era tão estreita, que não podiam caber mais de duas galés a par, podia-se temer acontecesse á entrada alguma galé ou navio, com algum tiro, ser mettida no fundo, e com isto impediria a passagem á mais frota que ficasse atraz, e a sahida aos de diante, com o qual caso se podia esperar algum desar, assim de não haver effeito a tomada da fortalesa, como de correr grande perigo a frota, dividida em partes, não se poder ajudar uma da outra, antes ambas as partes serem offendidas com muito damno: além disto, como o porto assignado pera desembarcar, em Castil-Genovezes, era superemimente á praia do rio, não sómente a desembarcação das munições seria trabalhosa e com vagar (o que o tempo não soffria), mas de cima podiam os soldados padecer damno dos imigos que defendessem a desembarcação, pois os tiros e pedras podiam metter as embarcações do rio no fundo, e opprimir a gente que estivesse em terra, com muito damno dos nossos e pouco perigo dos seus: juntamente com isto havia outro maior inconveniente, que como de Castil-Genovezes (onde haviam de desembarcar) era mais de meia legoa a Larache, teriam mui grande trabalho levar a artilharia por terra, e o exercito ia arriscado a ser salteado dos imigos, e principalmente porque toda a gente, cavallos e artilheria não podia desembarcar em um só dia, e d'esta maneira ficava o exercito quebrado, um pedaço em terra e outro no mar, que se não podia ajudar um ao outro.

Com estas considerações, que tinham muitas fallencias, se moveu El-Rei mudar o primeiro conselho, ao qual, se não póde com razão attribuir a desaventura do successo que d'elle nasceu; pois as cousas humanas então são mais desculpadas dos erros, e mais jus-

tificadas com louvor, quando vão medidas pela rezão; mas os nossos peccados, com que Deos estava offendido, o provocaram o furor contra nós, e permittir se cegassem os entendimentos dos que aconselhavam, e não enxergarem os outros maiores inconvenientes (donde procedeu todo o mal), que se tomavam por refugio da saude de todo o exercito: mas como a Deos não se póde pedir conta de seus juizos, nem aos homens dar segurança de seus conselhos, não ha mais que louvar a Deos em assim dispor suas cousas, que com rezão merecem todas ser louvadas; pois Elle faz mercês a uns, e permitte males a outros por secretos de sua divina justiça, que não pode faltar de justa igualdade; cuja causa ainda que não conheçamos, devemos aprovar os effeitos. Com isto mandou El-Rei dar aviso sobreestivessem no modo do desembarcar, até terem o ultimo que se esperava.

CAPITULO LVIII

Como Larache está situado

Por que a perdição dos portuguezes em Africa com El-Rei D. Sebastião, na pertenção da tomada de Larache, o fez famoso no nome, é necessario dar alguma relação d'elle, conforme ao estado em que então estava, e agora está.

Era Larache um logar pequeno, de pouco lustro nos edificios, e menos na fortalesa dos muros: tinha um castello pequeno onde os alcaides moram, com mui fracos muros e nenhuma guarnição, cujos moradores nem tem muitas riquezas, nem muitas forças. Está situado na costa do mar oceano, onde se mette

o rio Lucus, que vem correndo ao longo dos muros de Alcacere-Quibir, e com suas enchentes muitas vezes alaga as casas d'elle, por o qual sobe a maré quatro leguas até um lugar chamado Guildemes, do qual sahe um esteiro pequeno pera dentro do campo. Está Larache cinco leguas de Arzila, da outra parte do rio, ao poente d'ella, em terra muito alta e montuosa: posto que o rio na bocá da barra seja estreito, dentro faz uma enseada capaz de muitas galés, onde seguramente podem invernar, e a todo o tempo recolher-se, cujas partes fazem este porto ser ladroeira e colheita de cossairos mouros e turcos, donde fazem manifesto damno com seus improvisos assaltos, a toda a costa de Andaluzia e Algarve. Mas porque a villa de Larache e seu castello não tinham, antes de El-Rei se perder, senão uns fracos muros de taipa, onde se não podiam defender de dentro, é novamente dos mouros feito um forte grande em a ponta da barra, que é um angulo de rocha de pedra viva, que toma o mar e rio, o qual está agora guarnecido com muita artilheria, que os mouros houveram do desbarate d'El-Rei, com gente de guarnição, em forma de se defender com muita resistencia. Da parte de Arzila corre outro rio de menos nome e agua, que se chama Huadmachacim, e vae metter-se no rio Lucus, onde ambos perdem os nomes que antes tinham, e d'ahi pera baixo se chama o rio de Larache. Sobe a maré pelo rio Huadmachacim obra de duas leguas, e d'ahi pera cima se secca no verão; mas porque no inverno traz muita agua, e os campos são apaúlados, tem este rio uma ponte, que responde ao caminho de Arzila pera Alcacere-Quibir, como tudo constará da descripção seguinte.

CAPITULO LIX

Como El-Rei desembarcou em Arzila, e o exercito se alojou, e dos rebates que houve

QUANDO El-Rei chegou a Arzila, como ainda não tinha de todo assentado, mas sómente praticado commetter Larache por terra, não deu licença a desembarcarem-se mantimentos e armas, nem assentar as tendas; mas como ahi mudou conselho, mandou que a gente se desembarcasse, a qual, logo nos primeiros dias se recolhia na cidade. Começando o campo de se formar e armarem as tendas, em breve tempo se fez fóra dos muros um arraial mui soberbo, em forma de uma populosa cidade, cheio de gente, armas e cavallos, e todas as munições. El-Rei mandou tambem logo armar sua tenda, e se passou a ella, pera alli mais facilmente vigiar e discorrer o arraial, como muitas vezes fazia. O senhor D. Antonio como ia aggravado d'El-Rei, alojou-se no cabo do exercito da parte do facho, para mostrar a El-Rei que para o servir tomava o logar mais perigoso.

Assentado o campo com suas atalaias e sentinellas se vigiava de dia e noite, com menos cuidado do que convinha á boa ordem da milicia, por estar em terra dos inimigos, que em qualquer descuido poderia facilmente ser salteado, e sendo tomado de improviso e não apercebido, temer-se-ia sua total destruição, o que a experiencia bem mostrou por as correrias dos mouros até á vista do arraial; a primeira vez Habraem Sufiani, alcaide de Alcacer-Quibir com dois mil de cavallo, por mandado de Mulei-Hamet irmão do Maluco, ao qual El-Rei com muita presteza acodiu, posto que lhe foi estranhado do seu conselho e todos os

prudentes: o segundo rebate deu Saer-ben-hesi, general de cavallaria do Maluco, com cinco mil de cavallo, que vinha a descobrir o campo. Os mouros de Mulei-Hamet, que acudiram primeiro ao facho, vendo-os, lhes sahíram com impeto inimigo, e travada a escaramuça foram feridos e mortos alguns de cada parte, entre os quaes foram mortos Beheca, irmão de Cid-Hamubenanza, e Chir-ben-mansor genro de Cid-Abdelcherim, alcaides do Xarife Mulei-Hamet, que estava no campo christão. D. Duarte de Menezes, com quem logo se ajuntaram os cavalleiros de Tangere, foi no alcance, o qual por não ter licença d'El-Rei, não se misturou com os mouros, que iam fugindo. El-Rei D. Sebastião, como nestes exercicios o animo de juvenil esforço o fazia esquecer da autoridade real, não o puderam ter que não sahisse tambem ao rebate, e por sahir já mais tarde, nunca pôde alcançar os mouros, que levavam já grandes distancias de ventagem, de maneira que iam tres ordens de nossa gente; os mouros do Xarife dianteiros nas costas dos inimigos, escaramuçando com elles, mas não se travando, por serem muito poucos, e os que fugiam muito mais; atraz ia D. Duarte com os cavalleiros de Tangere; El-Rei que vinha atraz, desejozo de ser o primeiro que os cometesse e pelejasse, sofrego d'esta empresa, nunca consentio que D. Duarte de Menezes travasse d'elles, no qual alcance El-Rei com os mais que o seguiam, e iam diante, fôram tres leguas e meia, não podendo já os cavallos dar passo, assim dos mouros que fugiam, como dos que lhes iam no alcance, onde El-Rei mostrou sobejo atrevimento, mas mal tomado de todo o exercito, em ver tão pouca conta com o respeito e guarda de sua real pessoa, e tendo isto tentado, teve-se por desacertado não dar elle licença a D. Duarte de travar escaramuça com os inimigos;

pois, além do damno que se esperava fazer-lhes, ao menos pudera os entreter até El-Rei os poder alcancar, com cuja presença, junto o corpo de toda a gente de cavallo, que ia em tres esquadrões, se tem por muito certo serem os mouros desbaratados, o qual desbarate, se houvera effeito, era prospero principio á guerra, e quasi te-la concluida, assim em tirar tão grande terço, e a principal força dos imigos, como pelo temor que os mais poderiam receber com o seu máo successo; dos quais El-Rei deixou cahir a victoria das mãos, levado em um apetite pouco ordenado, querendo ser o primeiro que experimentasse o perigo, devendo com rezão ser o derradeiro que o cuidasse: mas Deus que tinha na sua divina mente dado outra ordem, não permittiu que acabasse o instrumento do cruel castigo que depois havia de suceder, antes El-Rei os poupasse pera executores da sua perdição.

Com estas fragueirices d'El Rei no commettimento dos rebates, havia muito descuido nas espias do campo, e nos avisos da vinda do Maluco; pois nunca elle teve aviso certo, senão por via do Xarife e outros mouros e judeos, e não se fiando d'elles, não lhes dava credito, o que foi causa de estar tantos dias em Arzila, nos quaes Mulei-Maluco teve tempo de formar seu campo, e mandar espiar o dos christãos: com cujas desordens, pouco governo, e muitas delicias, riquezas e pompas, em que punham o exercito, se animou o imigo, com desengano quão pouco tinha que temer um exercito grande, cheio de joias e falto de armas, e sobre tudo dependente de um Rei sem experiencia, sobejamente confiado em seu esforço, e descuidado do provimento da arte militar, com que o Maluco teve tempo de chegar, antes que El-Rei estivesse alojado em parte onde se pudesse deffende-

CAPITULO LX

Na forma em que o arraial começou de marchar pera Larache

Posto que já de Portugal fossem nomeados os officiaes e capitães pera menearem o exercito, em Arzila os mandou El-Rei pôr em suas ordenanças, declarando mestre do campo a D. Duarte de Menezes, capitão de Tangere. Com isto, manifestamente se dispozeram os capitães nesta ordem: capitão dos aventureiros era Cristovão de Tavora, em cujo logar ia seu genro Alvaro Pires de Tavora, e João da Silva, que egualmente capitaneavam a gente: os coroneis da infantaria portugueza eram D. Miguel de Noronha, Francisco de Tavora e Vasco da Silveira; mas porque Diogo Lopes de Sequeira adoeceu em Arzila, foi o seu terço entregue a Pero de Sequeira, debaixo da coronelaria de Vasco da Silveira: do terço dos castelhanos era coronel D. Alonso de Aguilar, e sargentos D. Luiz Fernandes de Cordòva, e o Aldana; entre os quaes no dia da batalha houve grande desavença sobre quem havia de sargentar, em fim mandou El-Rei que o Aldana precedesse a D. Luiz Fernandes, com muito aggravo seu: dos tudescos era coronel Martim de Borgonha: dos italianos o marquez Ibernio: capitão da artelharia era Pero de Mesquita, bailio commendador da ordem de S. João, homem velho experimentado na arte militar: dos gastadores era capitão Manuel de Quadros, provedor das vallas das leziras de Santarem, e por adoecer em Arzila, foi em seu lugar Gonçalo Ribeiro Pinto: sargentos móres eram o capitão Gama, o qual já cançado de seguir a milicia, estava recolhido em uma ermida com vida e

habito de ermitão, e frei Estevão Pinheiro, frade do Carmo, até chegar o capitão Aldana castelhano, que o duque de Alba mandou a El-Rei pera ordenar o campo, que serviu tambem de sargento-mór: da cavallaria não havia capitão, por El-Rei ir nella: justiça-mór era o regedor Lourenço da Silva, com o qual iam Belchior do Amaral e Francisco Casado, corregedores da côrte, e Marcos Lopes Carração, alcaide: pera sitiadores do campo iam Philipe Estercio, italiano, e Nicolau de Frias, grandes architectos: provedor mór do campo era Luiz Cesar, provedor dos almazens do reino.

Formado o exercito com estes ministros, mandou El-Rei que a gente se provesse de mantimentos pera cinco dias, porque nestes esperava chegar a Larache, onde tinha mandado esperar a frota, donde o exercito então era provido. Alevantado o arraial a vinte e nove de Julho, dia de Santa Martha, começou a marchar na ordem seguinte: primeiramente ia diante a artilheria, e logo toda a infantaria, alternando-se os terços, uns na vanguarda um dia, na retaguarda outros: a cavallaria ia por os lados, El-Rei com uma parte d'ella, o duque de Aveiro com outra, em que entrava o Xarife e os africanos fronteiros: diante de cada terço dá cavallaria iam dois tiros de campo: a bagãgem e carruagem iam detraz com alguns de cavallo, que a guardavam. N'esta ordem marchava o campo até ás horas de se alojar. Quando se tornava a armar e formar, como de dia, ia com suas vigias e atalaias ordinarias. Não faltaram em todo este caminho importunos assaltos de mouros, que em quadrilhas appareciam ao exercito muitas vezes, chegando-se a elle, alanceando os enfermos e outros que ficavam atraz, com pouco damno e menos perigo do exercito; por que como elles não comettiam senão as

partes desamparadas, eram suas arremetteduras tanto de caminho, que não paravam um ponto. Ao dia seguinte que o exercito partiu de Arzila, chegou o capitão Aldana com mil soldados castelhanos, e o alcançou no caminho, antes da batalha.

CAPITULO LXI

Como El-Rei chegou ao rio Huadmachacim, e o Maluco ao rio Lucus

NA forma acima dita partiu El-Rei de Arzila, e continuou seu caminho direito a Larache, sem ter aviso certo do exercito de Mulei-Maluco, nem dos seus desenhos nem forças, havendo em diligencias damnosas muitos, e nas necessarias todos faltavam, pera que aquelle tão lustroso arraial fosse mais depressa caminhando pera a morte e total destruição. Com esta maneira de descuido caminhou seis dias, até os dois de Agosto chegar ao rio Huadmachacim, indo carregando á mão esquerda tomar a ponte, e d'ahi fazia conta tambem rodear por cima de Guildemes o rio Lucus, onde a maré não chegasse, e passar da outra parte, e tomar Larache pela parte da terra; mas Deus que tinha posto limites ao exercito christão até donde não podia passar, ordenou outra cousa por sua divina providencia, a quem os conselhos humanos estão subalternados.

Chegando pois El-Rei perto do rio Huadmachacim (em um chão de muitas covas, onde se recolhe trigo) antes de o passar teve recado certo que Mulei-Maluco se vinho chegando, e estava perto com um poderoso

compo de gente de pé e cavallo, pera fazer as defensões ou resistencias que o tempo e logar lhe ensinassem, tendo a este tempo tres mil de cavallo a defender a ponte. El-Rei não se torvou de cousa alguma com o espectaculo da muita gente que lhe pintavam, nem da ferocidade dos imigos senhores do campo: todavia pela importancia do negocio o pedir quiz tomar conselho no modo que teriam na defensão ou acomettimento dos inimigos; e chamados a isso capitães e homens praticos na milicia e no sitio da terra (entre os quaes vieram o Xarife e seus alcaides) houve entre os christãos e mouros grandes altercações e pareceres no modo de caminhar; porque uns foram de parecer que o exercito christão não passasse o rio Huadmachacim, e se fosse por elle abaixo, até chegar á borda do mar, á boca do rio Lucus, da outra parte de Larache, onde a frota estava com munições e mantimentos, de que o exercito já ia falto, com cujo favor se fariam fortes, e se a necessidade os obrigasse se embarcariam: outros de contrairo parecer achavam neste caminho muitos inconvenientes; o primeiro era pôr medo no exercito, e se arriscavam a se desordenar com titulo de fugida, e lhes faria maior espanto, principalmente vendo aos imigos nas costas, e aos mouros dariam grande animo com a mui má opinião de fugida, sobretudo se perdia a reputação do esforço portuguez, acompanhado de um Rei já tão temido por grandeza de seu animo: segundariamente, que estava nesta volta certa a perdição; por que, como d'ali pera baixo a terra ao longo do rio é aspera e montuosa, não podia o exercito passar com artilheria e carruagem, sem manifesto damno, cercado de todas as partes de imigo tão poderoso, e tão senhoreado das commodidades dos logares, em fazerem seus assaltos, com pouco perigo seu e muito damno nosso.

Com esta resposta cessou a determinação de se retirarem, e se assentou fossem ávante e passassem o rio, e se alojassam aquella noite entre o rio Huadmachacim, que tinham diante, e o esteiro que sahe do rio Lucus; mas como no caminho que El-Rei levava, o passar por cima de Guildemes, onde a maré não chegava, era ir-se metter na boca dos imigos, houve outro parecer de alli carregarem sobre a mão direita por o rio abaixo, e tomarem um váo do rio Lucus, abaixo de Guildemes, que se chama Malchus, por onde já em outro tempo passára D. Manuel Mascarenhas a saquear Hod. Este conselho, ainda que differia pouco do passado na semelhança de se retirar, todavia mandou El-Rei vêr o váo, e achou-se ter muita lama, e pera tantos cavallos e carruagem se faria atoleiro, que se não pudesse passar, e com este impedimento se ajuntaria o da maré subir a tempo, antes de todo o exercito ser passado, e d'esta maneira cortaria e dividiria as forças, e mais facilmente seria salteado dos imigos, e sem resistencia desbaratado em ambas as partes.

Com estes inconvenientes e conselhos se assentou, com commum consentimento de todos, que não havia outro remedio senão passar pelo passo onde o Maluco estava alojado, assás receoso de dar batalha por a enfermidade que o apertava, e muito mais pela desconfiança dos seus, temendo deixarem-no e passarem-se ao Xarife: ainda se soube certo, que quando o Maluco entendeu que El Rei queria desviar-se d'elle, e arregar abaixo e passar o váo, que não teve intento e lhe atalhar o passo, nem fazer resistencia nem dender Larache; antes disse: «Já Larache não tem redio.» Mas como Deos tinha assentado dar grande stigo ao povo portuguez, com seu Rei e nobreza, spoz as cousas de maneira, com que não pudesse fu-

gir á sua ira. Com o ultimo conselho, em que se resolveu, El-Rei passou o rio, e foi alojar-se aquella noite entre os rios e esteiro acima dito, ficando o exercito alli mais seguro, cercado a maior parte de agua, pera que não fosse salteado de improviso do imigo, tão visinho e poderoso.

CAPITULO LXII

Como os exercitos se aparelharam pera o outro dia dar batalha

Muley-Maluco, estando a-la-mira da determinação do exercito portuguez, e do caminho que levaria, não fazia mais que medir seus conselhos pelos d'El-Rei D. Sebastião; o qual sabendo como elle determinava ir adiante demandar a passagem do rio, e não se desviar a parte alguma (quasi desesperado, por estar encerrado entre os dois rios) e não tinha mais remedio que vencer, sem esperança de outro meio, ordenou esperá-lo em campo, com outros similhantes receios se se retirasse desanimasssem os mouros, e haveria entre elles divisão, e se passariam ao Xarife, o que elle mais temia, e em tempo quando se não podia alevantar de enfermo, e com falta de sua presença os mouros teriam menos pejo de o fazer. Com esta determinação, corroborada com outros respeitos accessorios, mandou o Maluco ao seu exercito passasse o rio Lucus, e se puzesse em ordem de pelejar, apresentando a batalha aos christãos pera o outro dia.

El-Rei D. Sebastião, não engeitando tal offerecimento, começou a dar ordem como o seu campo melhor

se fortificasse, por a multidão dos imigos de que se via cercado, e logo mandou a bagagem, com as carretas e bestas de carga, cingisse ao exercito, a modo de muro, que não fosse salteado pelas costas ou lados, e toda a força achasse diante; mas como o tempo era já breve, e o imigo estava á vista, em som de dar batalha, com as bandeiras despregadas, fazendo grandes alaridos, como tem de costume, e a multidão da gente que parecia diante, detraz, e nos lados, se acrescentava, não houve tempo nem effeito o com que o campo se determinava fortificar.

Posto um exercito á vista do outro, aos quatro de Agosto de setenta e oito, entrou El-Rei em conselho a que tempo daria a batalha, se commetteria, ou esperaria ser cometido: n'este concelho foram o Xarife e seus alcaides de voto mui constante não desse El-Rei aquelle dia a batalha, assim por terem certas esperanças de muitos mouros se lançarem aquella noite da parte do Xarife, como já o dia atraz tinham vindo alguns, e outros fugirem do exercito onde vinham forçados, como tambem por serem avisados que Mulei-Maluco vinha mui enfermo, posto no ultimo da vida, e se esperava morresse aquelle dia (como morreu) com que o campo dos mouros todos se desfaria, e El-Rei alcançaria a victoria sem arrancar espada, e havendo de ter resistencia, seria menor o dia seguinte.

Alguns christãos que foram de parecer se désse a batalha no mesmo dia, se fundáram em o exercito portuguez estar muito falto de mantimentos; porque de Arzilla não partiram com mais que pera cinco dias, e eram já sete, e não tinham os soldados, nem os cavallos que comer, e quanto mais differissem a batalha, tanto mais enfraqueceriam, e cahiriam em desesperação de poder pelejar; e como a fome era um inimigo mais forte que o armado, era necessario ata-

lhá-lo, antes de ligar as forças aos soldados desejosos de pelejar: a esta objeição respondiam os de contrario perecer, dizendo, que posto que assim fosse, que a tal necessidade estivesse em seu vigor, tinha isso facil remedio; pois pera aquelle dia havia muitos bois das carretas, se a fome os obrigasse, e quando estes não bastassem, haviam as bestas de carga, em taes tempos proprias iguarias de gente militar; quanto mais, que não era tanta a necessidade dos mantimentos, que se não soffresse aquelle dia, pois ainda não havia clamor no exercito de fome.

O Xarife e os de parecer se prorogasse a batalha ao dia seguinte, quando se viram vencidos nos votos, e se assentava que no mesmo dia se désse batalha, querendo temperar o rigor da opinião, que elles tinham por errada, disséram, pois assim lhes parecêra bem, a quizessem differir pera a tarde, pois os dias atraz haviam sido de grandissimas e insoffriveis calmas, e o presente mostrava ser maior, e toda a força d'ellas, naquellas partes, era até ao meio dia, que por mais diligencia que se fizesse em pela manhã alevantar o arraial, se não podia dar a batalha senão no maior fervor da calma, que mataria a gente com sede e com cansaço, e como quasi toda a do exercito christão era infantaria a pé, em breve tempo não poderia dar passo de cançada, e a dos imigos a maior parte era de cavallo, que poderiam melhor soffrer a sede e calma, sem nenhum trabalho de cansaço da pessoa, com manifesta ventagem em tudo da infantaria; mas que, dando-se a batalha á tarde, ficavam fóra dos inconvenientes tão manifestos, e com a frescura da viração tomaria a gente alento pera com maiores forças e animo pelejar, e tinham por certo que sobrevindo a noite, muitos mouros com o emparo das trevas haviam de fugir, deixado o campo, e desemparando

as bandeiras, como tem de costume: tambem neste tempo ficava lugar aos christãos aproveitar-se da noite, se lhes não succedesse bem o negocio de dia.

Com estas resões, provaveis a todos, estava El-Rei persuadido a deixar a batalha pera a tarde; mas como Deus, por seus divinos juizos, tinha dado sentença, pera castigo d'aquelle exercito christão, não faltou um instrumento que perturbasse a El-Rei do conselho acertado, e tomasse outro reprovado com tão efficazes rezões, e que foi causa de todo o damno; o qual, estando já descuidado de dar a batalha pela manhã, pelos mouros não aplicarem, nem fazerem movimento de seus alojamentos, sem mostrarem maneira de comettimento, senão de defensão, assás duvidosos do successo em verem o exercito christão ante si tão de, terminado a pelejar, com um Rei já temido d'elles-se chegou á tenda d'El-Rei o capitão Aldana, castelhano, e com efficazes brados lhe dizia, que se perdia se não desse loga a batalha, e o que lhe faltava de rezões pera o persuadir suppria com effeitos de bravosidades, mordendo nas mãos, e dando punhadas nos peitos. El-Rei, que estava já acelerado por se vêr travado com os mouros, com grandes esperanças de victorias, houve-se de mover a dar batalha, que começou ás dez horas da manhã, no principio de todo o fervor de calma.

CAPITULO LXIII

Como os campos foram formados pera dar batalha

Aos quatro de agosto de 1578, em o dia que se deu a batalha, antes de os Reis fazerem a falla a seus capitães, mandou cada um dar ordem aos seus batalhões pera se encontrarem. Dos africanos, que com a sua multidão já tinham cercado o exercito christão por todas as partes, toda a força da gente de peleja se pôz fronteira, a modo de meia lua, lançando uma cinta de toda a infantaria diante dos cavallos, com tres mangas de arcabuzeiros azuágos, sahidos do corpo da batalha pera o campo, trazendo diante de toda a gente vinte e quatro tiros de campo; os quais, como viram o exercito d'El-Rei ir-se chegando, logo começaram a abalar-se das pontas, e fazer lua que cercasse os nossos, não faltando outra muita gente detraz, que os tinham cercados, e os vinham seguindo com alaridas.

El-Rei que via já o campo dos mouros ordenado, e elle cercado em meio d'elles, ordenou seus esquadrões na maneira seguinte: levava a artilharia diante do exercito, em que iam trinta e seis peças, a cuja volta iam os gastadores com Gonçalo Ribeiro Pinto, seu capitão: iam na vanguarda, na primeira ordem, tres batalhões, dos quaes o do meio era dos aventureiros, cujos capitães eram Alvaro Pires de Tavora e João da Silva, e de cada lado levava uma manga de soldados de Tangere: á mão direita d'estes iam o terço dos tudescos, ajuntando os italianos: á mão esquerda dos aventureiros estava em outro batalhão o terço dos castelhanos: na retaguarda dos aventureiros ficou o terço de Diogo Lopes de Sequeira, na dos

tudescos o de Vasco da Silveira, na dos castelhanos ficou uma praça vaga, que Francisco de Tavora e D. Miguel de Noronha houveram de occupar, que por não haver tempo se não ordenaram, mas fizeram outra ordem de batalha, que foi a terceira, em que D. Miguel ficou na retaguarda de Diogo Lopes de Sequeira, e Francisco de Tavora na dos castelhanos, ficando a praça vaga entre uns e outros: detraz de Vasco da Silveira ficou a bagagem: ainda nas costas d'esta terceira ordem se lançaram outras duas mangas de arcabuzeiros: por os soldados d'este corpo dos esquadrões de infantaria foi repartida a gente de cavallo d'esta maneira: na ponta esquerda, ao lado dos castelhanos, na vanguarda, ia El-Rei: detraz d'elle o duque de Barcellos com a sua gente, e outra mais que lhe El-Rei mandou: no corno direito, na vanguarda, ficou o duque de Aveiro com obra de duzentos de cavallo: detraz d'elle D. Duarte de Menezes, mestre do campo, com a cavallaria de Tangere, em cuja rectaguarda ficava o Xarife com os mouros de cavallo: ainda os lados da cavallaria da parte de fora iam cingidos com mangas de arcabuzeiros, que ficavam murando todo o corpo da batalha. Posto que estivesse ordenado, todo o exercito fosse cercado das carretas e bagagem, foi tão pouco o tempo, e tanta a pressa de se dar a batalha, pela virem carregando os mouros pelas costas e lados, que não teve effeito este desenho. Nesta fórma foram formados os exercitos, os quaes mais claramente se verão na seguinte descripção.

CAPITULO LXIV

De uma falla que El-Rei fez aos seus, antes da batalha

No tempo em que os esquadrões se formavam por os sargentos e mais officiaes da milicia, andava El-Rei discorrendo de uma parte á outra, querendo que por sua pessoa fosse governado o exercito, e tão enlevado no desejo de dar batalha (que foi o fim pera que alli trouxera aquelle exercito) que querendo alguns fidalgos comprazel-o e contental-o naquella hora, com demonstrações e vontade de o servir, fez algumas cousas de muito escandalo, dando com a lança a uns, e dizendo palavras más a outros; os quaes como entenderam, que por suas desordens e appetites, eram alli vindos a morrer, mais facilmente davam desculpa d'estas palavras, por vêrem o pouco fundamento que tinham, e elles estarem já tão perto da morte. Mas porque elle disse umas palavras asperas a D. Fernando de Noronha, conde de Linhares, sómente por lhe dizer, «Espero em Deus que hoje havemos de pôr o guião de Vossa Alteza na grimpa da tenda do Maluco:» disse D. Fernando com muito siso, como prudente — «Bonito é isso pera tal tempo: ora prometto de naquelles mouros tomar vingança d'essas palavras»: com isto se pôz no logar dos primeiros que arremettessem.

Antes que El Rei abalasse o seu exercito pera o imigo, (que estava á vista) vestido de ponto em branco, com umas armas azuladas, posto em um cavallo mui fermoso acobertado, com a lança na mão com o conto no chão, e o elmo alevantado, mandou chamar o mestre de campo e os coroneis, aos quaes

e aos senhores e fidalgos, que alli estavam com elle, lhes disse:

«Ainda que eu estou confiado na victoria, que hoje espero em Deus haver d'estes barbaros imigos, assim por nosso esforço o prometter, como o seu medo m'o certificar, não deixo de cuidar estarem os successos da guerra mui sujeitos a mudanças improvisas, com que muitas vezes de pequenos erros nacem mui grandes desastres: eu não sinto agora outro maior, e de que mais me tema, que da multidão de imigos, que com alaridos se querem mostrar feroces, causar algum espanto nesta gente bisonha, e possam desordenar os soldados velhos tão esforçados, como aqui vem, os quaes de semelhantes algasarras se estão rindo: agora vos rogo neste ponto tenhaes muito cuidado em vigiar e conservar a boa ordenança nos esquadrões; porque eu com esta gente de cavallo cometterei os imigos, e espero rompel-os de maneira, que vos abra a porta da victoria, e não seja necessario mais que os soldados velhos concluirem-n'a, com seus acostumados esforços, e os bisonhos seguirem-n'a com o recolhimento dos despojos: tambem vos lembro que estou mui alvoroçado pera vos vêr hoje pelejar, e gosar da opinião que tenho ouvido das vossas façanhas, pelas quaes, mais celebrado é o meu nome no mundo, em ser rei de tão valerosos cavalleiros (que mais se podem chamar esquadrões de capitães, que exercito de soldados) que ser senhor de grandes reinos e estados: e pois estes mouros vos sabem o nome a muitos dos que aqui estaes, pelas victorias que d'elles tendes havido, e os castigos que lhes tendes dado, e sabem os déstes a outros nas partes da India, de cujo valor se tem tantas vezes espantado, agora que sabem eu vos venho vêr pelejar, e folgareis de me agradar, estou mui certo que mui

depressa nos hão de voltar as costas. Bem sabeis a antiga condição dos mouros é não esperar a quem os comette com animo ousado, e seguir com grande impeto a quem se lhes acobarda, por isso tenho entendido que Deus me quer dar a victoria, pois me offereceu esta batalha em tal sitio, onde o rio que nos fica nas costas, e o imigo que temos no rosto, nos ameaçam total perdição, se tornarmos atraz, e nos obrigam ir adiante, pondo toda a esperança da nossa saude na victoria, e sei mui bem, entre muitos indicios que tem pera hoje serem desbaratados, estão mui temerosos de nossa determinação, e por estarmos em parte e em logar, onde, como gente desesperada de poder escapar com fugida, não temos outro remedio senão desbaratal-os, pera segurarmos nossas vidas, e ganharmos suas terras: e porque sei, quão persuadidos estaes dos pregadores e religiosos que entre vós andam, do merecimento da alma, que em empreza da honra de Deus e exaltação da sua santa fé, ganharão os que morrerem n'esta batalha, não vol-o quero eu mais lembrar, senão as mercês que eu espero fazer aos que ficarem vivos, e o gasalhado e favor que acharão em mim os filhos e mulheres dos mortos; pois em empreza onde os mortos tem certa a gloria, e os vivos hão de alcançar eterna fama, tivera-vos eu muita inveja, se nesta hora não fôra vosso companheiro no perigo e na honra, pera prova do qual, nesta forma em que me vêdes armado, espero ser-vos egual na sorte e avantejado na alegria do comettimento: e certifico-vos que se me buscardes, vos hei de apparecer diante de todos os esquadrões, e se me não achardes, entendei que andarei entre os imigos; por isso, tende-me por companheiro fiel, que tanto hei de aventurar minha pessoa na conservação das vossas vidas, como por honra da

victoriá. Se eu morrer nesta batalha, tende-me por ditoso, pelo premio da alma que meu zelo merece, e a fama que espero deixar em mão de barbaros infieis por honra da cruz: uma só cousa podeis sentir de minha morte, que será perderdes um Rei amigo, obrigado a vos fazer mercês e honras por o amor com que me seguistes, e alegria com que estaes offerecidos a morrer por amor de Deus e meu. A Deus peço, com os olhos no ceu, nesta ultima hora de morrer, vos pague a todos esse zelo; porque, se eu vencer, todos no premio das mercês sentireis em mim o muito que vos amo; e pois neste estado vos não posso mostrar a vontade com obras, ao menos com estas palavras vol-o quero significar, porque tenhaes por bem empregados os serviços que me fazeis».

Com isto, mandou El-Rei cada coronel á sua estancia, e discórrendo pelos esquadrões, com o rosto alegre e confiado, dava animo aos soldados. Vendo elle como o campo dos mouros estava a-la-mira, sem fazer movimento pera parte alguma, determinou comettel-os, e dar Santiago; pera o qual mandou marchar o seu campo direito aos mouros, e se metteu em um coche, indo na dianteira do exercito, onde antes de dar a batalha pediu de comer.

CAPITULO LXV

Da falla que o Maluco fez aos seus

Estando Mulei-Maluco muito mal da enfermidade que trazia, deitado em um coche, no qual se enxergavam já alguns signais denunciadores da morte, chegando-se de redor d'elle seu irmão Mulei-

Hamet e os principaes alcaides de seu campo (assás desconsolados de verem o seu Rei em tal estado e em tal tempo, de cuja morte se esperava total perdição do exercito) o começaram a espertar, pedindo-lhe licença pera ordenarem as hostes; porque El-Rei D. Sebastião tinha já tocado á arma, e estava aparelhado pera cometter batalha. Mulei-Maluco, ainda que lhe faltavam os espiritos vitaes, não lhe faltava o esforço, e com voz mui fraca, e palavras mui baixas e interrompidas com um grande suspiro disse:

«Bem entendo que não esperais de mim nesta hora vos dê ordem de entrardes em uma batalha de tão valerosos e duros imigos, como os presentes, pois sabeis tenho entrado no conflicto da morte, na qual me é mais necessario tratar do negocio de minha alma, que da esperança da victoria; mas o que mais me tem magoado, e levo atravessado d'esta vida, é deixar-vos em um perigo tão manifesto das vidas, das fazendas, e ainda da nossa seita, a qual com a victoria dos christãos será profanada, e os mouros, debaixo de seu poder, serão com persuações ou maos tratamentos obrigados a apostatar. Muita parte da injuria de nossa religião entendo que será Mulei-Hamet, o Xarife, pois contra as leis do nosso profeta Mafamede, e preceitcs de seu alcorão, vem em favor dos christãos fazer a guerra aos mouros, á patria, e lei, contra todo o direito divino e humano: por onde deveis ter muita presumpção ser tornado christão, elle e os mais alcaides e soldados que consigo traz, pois com tal odio nos vem a perturbar a republica temporal e espiritual. Ainda que n'esta hora ultima me convem lançar de mim todo o rancor, e dar perdão a todas as injurias de minha pessoa, offensa de meus vassallos, e perda de meus reinos, pera que Deus me perdoe, por o que toca á nossa lei e á honra do nosso profeta, com zelo

mais aceso, do que minhas forças neste tempo podem, vos rogo muito (pois eu não posso) vos animeis pera vingardes tão grande injuria, e apostasia da nossa religião, ao que os verdadeiros mouros devem offerecer a vida, e passar por os fins, até chegar a dar o castigo de um tão grande crime, o qual, creio, Deos não estranhará menos nos mouros que se tornaram christãos, que aos christãos, que nos querem trazer a sua fé, e pôr debaixo de seu ceptro, com jugo de grave tributo, e aspero captiveiro, de que a morte visinha me assegura a liberdade. Pera defensão da nossa seita, folgará agora que Deos me espaçára a vida por um breve tempo, e achára-me por bemaventurado morrer logo mil mortes em tal empreza; pois, com tal zelo, a alma ganhára a gloria que Mafamede nos promette, e a fama ficára eterna na memoria dos homens. Sabei certo, ainda que eu nesta hora tivéra de vós todas as descofianças, ou por nossa fraqueza, ou por meus peccados, sem esperança de vencerdes, como chego a cuidar que vos moveis a esta batalha com zelo da vossa religião, não tenho que duvidar da victoria, onde todos ficardes estendidos no campo, com os corpos banhados em o proprio sangue, e as almas salvadas, com premio conforme a vossa fé. Já a morte me não dá espaço pera alguma d'estas cousas, das quais não sei qual é mais gloriosa, se a victoria de fortes imigos, se a morte com zelo da nossa lei; pois primeiro me ha de acabar esta magoa de vos não acompanhar, que a vós a espada dos imigos; por tanto, meus amigos, vos despedi de mim nesta vida; acudi ao que muito vos importa, e eu vos encommendo, e o nosso profeta favorecerá vossos zelos e vossas forças em guerra tão justa, e em irdes defender as vidas, as fazendas, as honras, os filhos, as mulheres, a patria, e sobretudo vossa seita, prégada e ensinada

ha tantos annos por elle, e seus Cacizes. Lembro-vos não vos espante a grandeza de animo d'aquelle Rei mancebo e esforçado, nem dos seus valorosos soldados; porque, posto que venham com muito animo, trazem pouca ordem, pera se perderem de todo: e tende por certo que a sua muita confiança da victoria será causa de toda a sua perdição; porque nenhuma cousa é mais prejudicial na guerra que o animo acelerado, o qual, quanto mais se acende em pelejar, tanto menos então tem de providencia pera saber evitar os perigos, que de cada parte se alevantam. Seja este o derradeiro conselho que de mim tomeis, e vos peço guardeis, e com animo assocegado espereis o impeto do mancebo enganado com seu valor; porque na confiança de seu comettimento sem ordem, está muito certa a occasião de sua ruina, como em vós houver animo de soffrerdes o primeiro encontro, cuja furia como quebrar, fica-vos então lugar de carregar sobre elle com o peso da batalha e com o corpo da gente, a qual elle mal poderá esperar, por o juvenil furor então o desemparar, com temor do nosso exercito, que começará de refresco a feri-lo e empregar seus tiros, quando o mancebo ousado estiver cançado de fazer acomettimentos em vão, e achar seus esquadrões derramados por sua desordem. Ora, Deos vos guie, e vos favoreça em vossa empreza: e ainda que não posso acompanhar os vivos nesta hora, pelos mortos esperarei, e lhes serei companheiro: d'estes quero ser capitão, e dos vivos serei intercessor com Deos. Vou consolado, que com meu corpo sem alma, haveis de vencer a batalha, pera que entendais que nunca vos desemparei nos perigos, na vida nem na morte.»

Esta falla acabada, os alcaides, com os olhos banhados em lagrimas, se sahiram da presença do Mar-

luco, com muitos soluços dizendo: Já que não póde ser nosso capitão, nós lhe traremos a victoria á cama, com a cabeça do Rei christão, e a do Xarife imigo de sua lei e patria.

Com estas palavras se acendeo todo o exercito em mais ira, com entenderem os alcaides o justo odio do Xarife, lançando fama no exercito que se tornára christão, pera mais exercitar os mouros a odio e vingança, e que El-Rei de Portugal mandára lançar pregão, que se não désse vida a arrenegado algum, pera que assim elles como os mouros pelejassem com mais aceso odio. Com isto dando ordem aos esquadrões, postos em ala, tendo a infantaria repartida em mangas entre a cavallaria, e escopeteiros de cavallo nas pontas das alas, postos os mouros nesta ordem, não fizeram movimento, e constantes esperam, até El-Rei D. Sebastião os cometter.

CAPITULO LXVI

Como se deu a batalha entre El-Rei D. Sebastião e Mulei-Maluco.

O alojamento, que o campo dos christãos tinha tomado o dia antes da batalha, era, como atraz fica dito, entre o rio Huadmachacim e o esteiro que sahe do rio Lucus. O Xarife e seus alcaides, vendo o perigo dos christãos, postos entre tantos imigos, cercados por todas as partes, persuadiam a El-Rei não desemparasse o seu alojamento, e esperasse nelle a batalha; porque, como Mulei-Maluco lhe ficava já superior nas forças, com muita ventagem de gente, havia de ser de força cercado no meio, com evidente perigo, e pera o haver de evitar,

se deixasse estar entre os rios, um de um lado, e o esteiro do outro, e o rio Lucus nas costas, e d'esta maneira não seria salteado por detraz, com a guarda dos rios, e sómente achariam diante a resistencia, pera o que os christãos teriam bastantes forças pera romper com menos perigo. Por este conselho não ter effeito, tomou El-Rei outro com que se levantasse de entre os rios, onde estava entranqueirado de agua, e se sahisse ao campo, que era mui raso, digno de tão insigne batalha.

Os mouros, que estavam á vista do campo christão, sem fazer movimento, como viram que El-Rei abalava pera elles, e ia já perto, começaram a estender as pontas da lua, com que vieram cercando os portuguezes, até lhes ficarem no meio. Os christãos, em cujo esforço e determinação já estava serem os agressores da batalha, quando viram que a dianteira dos mouros se não abalava, se fôram chegando a elles, levando a artilheria diante sem nenhuma guarda de soldados, mais que sómente o capitão Pero de Mesquita, bailio, com os officiaes.

Os mouros, que já tinham entendido a pouca ordem que os christãos levavam em tudo, tendo a sua artelharia em certos postos, ainda que bem apercebida, não se abalavam por estar em guarda d'ella, e pera depois de disparada (com que esperavam desordenar o campo christão) arremeteram por todas as partes, por onde já o tinham cercado, e vendo tempo acomodado pera com sua artelharia fazerem maior damno no nosso campo, começáram a jogar com ella por a frontaria, do lado de um milharal, aonde a tinham escondida, com que fizeram muito danmo. A artelharia dos portuguezes, querendo tambem responder, com a revolta e confusão que se via em todas as partes, não puderam, nem atinaram a lhe pôr o fogo, com que

nenhum effeito fez, antes de todo a desempararam, com a primeira carga de artelharia que os mouros déram.

Acabada a fumaça, ficou El-Rei ainda indeterminado no cometter: Jorge de Albuquerque, que estava na primeira fileira, perto d'El-Rei, começou a altas vozes a dizer-lhe que desse Santiago, antes que os mouros dessem outra carga, o que tambem fez Pero Peixoto, que andava solto, discorrendo pelo campo, dando recados. El-Rei estava no corno esquerdo, diante dos esquadrões de cavallo, com Christovão de Tavora, Luiz da Silva, o conde do Vimioso, e João Gomes Cabral, capitão da guarda, o qual antes de El-Rei dar Santiago, indo entreter uma manga de arcabuzeiros castelhanos, que se começava a retirar de pressa dos mosqueteiros dos mouros, foi o primeiro de cavallo que cahiu morto. El-Rei desejoso de cometter os imigos, com estes avisos se exportou mais, e dizendo Santiago, acometteram com elle o cónde da Vidigueira, D. Francisco Portugal, filho do conde de Vimioso, o Barão de Alvito, D. Fernando Mascarenhas, Fernão da Silva clerigo, Luiz de Brito, Jorge de Albuquerque, e outros que estavam na primeira fileira. O duque de Aveiro, que estava no corno direito, esperando o signal de El-Rei dar Santiago, como o viu abalar, logo arremetteu com a sua gente com muito esforço. Com o impeto que levavam, El-Rei e o duque romperam pelos esquadrões da infantaria dos mouros, e matando nelles, entraram por meio dos esquadrões da cavallaria, os quaes não podendo esperar a furia da nossa, começaram a abrir largas ruas, com grande espanto, recuando uns aos outros, e cahindo aos lados, fazendo caminho á cavallaria. Tanto entraram os de cavallo pelos esquadrões dos mouros, que Antonio Mendes, criado do mestre de campo,

sahiu do meio d'elles com uma bandeira ganhada. Os aventureiros, vendo a batalha travada, e os arcabuzeiros dos mouros disparar com a primeira carga, arremetteram ás fileiras da bandeira por diante, que eram piqueiros, e cerrando com os barbaros, o primeiro que empregou sua alabarda com a morte de um mouro, que vinha pera elle com um arcabuz, foi João de Mendonça Furtado; os quais aventureiros, que se tinham encontrado com os mouros, fazendo e recebendo cruel estrago, levavam tambem os Africanos de vencida á lança e espada: mas porque os imigos todos eram mosqueteiros, que ao perto e ao longe faziam muito damno, os aventureiros o receberam maior; por se metterem muito pelos esquadrões contrairos, cahindo muitos mortos. Os castelhanos, tudescos, e italianos visinhos dos lados dos aventureiros, com os soldados de Tangere, que estavam em mangas, animados com igual esforço, arremetteram juntamente, com espanto dos imigos, em que, com notavel ventagem dos christãos e cruel estrago dos mouros, começaram os africanos a retirar-se, com evidentes signaes de victoria dos christãos.

El-Rei e o duque de Aveiro, que por as suas partes iam mui de vencida, e a quem já os mouros de cavallo começavam de virar as costas, não podendo esperar o peso dos golpes, não sei porque fados, não sabendo seguir a victoria, tornáram a virar, dizendo: volta, volta. Sebastião de Sá, irmão do conde de Matosinhos, ouvindo esta voz tão alheia de tal tempo, disse: o meu cavallo não se sabe voltar: e indo por diante não apareceo mais. Os mouros (como tem de costume) logo voltáram nas costas dos nossos, com sua costumada desenvoltura, e animo cobrado de se verem fóra do aperto e perigo em que estavam. El-Rei e o duque, volvendo segundariamente, aos mou-

ros, tornáram a fazer. outra entrada por elles, não com menos damno dos mouros que a primeira. Neste tempo, em que a infantaria da vanguarda pelejava valerosamente com a gente de pé dos mouros, que resistiam com animo invencivel, indo elles já dando as costas, deu uma bala de um tiro de campo (que vinha em chapeletas) em uma perna a Alvaro Pires de Tavora, capitão dos aventureiros, de que cahio, posto que não morto. Quando Pero Lopes, seu sargento mor, vio o capitão cahido, e os aventureiros das fileiras por diante ir seguindo a victoria com furia mais que humana, começou com altas vozes a dizer: volta, volta.

Esta voz, formada não sei porque espirito, correu de maneira pelas orelhas dos christãos, que parando uns, e tornando atraz outros, começaram os mouros novamente a cobrar animo, e os christães a perdê-lo. Com este movimento tão subito e cego, ficou tudo cheio de confusão e pavor, sem verem a causa que os atrazasse de seu determinado esforço, e se recuperassem as forças dos imigos, que iam já cahidos, Nesta volta que os mouros fizeram sobre os christãos, começaram a desordenar-se os esquadrões com a gente de cavallo, assim dos christães como mouros, que se mettia por elles: a este tempo fez o duque de Aveiro terceira entrada, em que, já ia com uma mão cahida, e depois d'esta entrada o não viram mais sahir, posto que um mouro de Cid-Abdelcherim o conheceo no campo, morto de muitas lançadas, com cujo sangue ficou o campo da batalha enobrecido, pelo esforço com que valerosamente pelejou, e a fama que ficará imortal na memoria dos homens, pela grandeza de seu animo ornado de todas as virtudes, e a honra que neste dia alcançou de insigne cavalleiro; cujo companheiro na vida e na morte foi João de Mendonça, o qual na-

quelle dia por suas mãos fez façanhas, que bem responderam ao nome que elle tinha deixado na India, onde foi governador; porque na primeira entrada que elle, e o duque de Aveiro, fez nos mouros, nos primeiros encontros quebrou a lança, ficando o pedaço no corpo de um mouro, e virando pera os companheiros, e rindo, disse: eu não sou mais obrigado: e tomando outra lança, tornou a seguir a batalha.

El-Rei, que já estava desordenado, não podendo fazer outra entrada pelos imigos de cavallo, dobrando pera a mão direita sobre a infantaria dos azuagos, que se defendiam valerosamente, e já faziam retirar os tudescos, com grande estrago de mortos e feridos, deo nelles com impeto tão denodado, que de dois mil mouros não ficáram mais de desasete. Em todo este tempo o estendarte real apareceo nas mãos do alferes mór, e o guião na de D. Jorge Tello, que com elle na esquerda, e a espada na direita, pelejou com animo ousado, e com destreza mais exercitada do que a sua idade florente não promettia, mostrando aquelle dia espiritos invenciveis e animo sem medo; porque nunca faltou a El-Rei com o guião alvorado no meio dos mais perigosos encontros, antes em todas as entradas elle fixava o guião entre os imigos, muitas vezes mais avante do que El-Rei queria, cujo esforço e animo acordado sempre lhe durou até ao cabo da batalha sem perder o guião da mão, nem a El-Rei de vista, com que deixou immortal fama, e espanto de seus altos espiritos, com esperanças de insigne capitão, se a fortuna invejosa de sua gloria lhe não encurtára os dias com a morte natural em o captiveiro, a quem a furia da batalha não pôde com violencia dobrar; cuja morte foi tanto sentida dos que viram seu valor, quanto sua honra é louvada, com admiração de seu esforço.

A infantaria, que ficava na retaguarda dos aventureiros, castelhanos, italianos, e tudescos, da qual a mór parte era de picaria, por ser gente bisonha e de nenhuma experiencia da guerra, não sómente não seguia á vanguarda, em os encontros que travavam com os imigos, mas desordenando-se com o pavor da artelharia, e o recontro primeiro, alguns deixaram as armas, outros não iam por diante seguindo os principios da victoria, antes por não darem ajuda aos dianteiros que pelejavam, começou a batalha a inclinar-se com ventagem dos mouros; com cuja confusão as cousas começaram a perder a ordem e força dos esquadrões.

El-Rei, que já neste tempo não seguia bandeira, nem procurava metter em ordem a sua gente, cheio de sua costumada ousadia, com quaesquer que o seguiam de pé ou de cavallo, sem fazer differença de poucos ou muitos, se mettia por meio dos imigos, fazendo taes feitos por sua pessoa, á lança, e depois á espada, que se a dignidade real, mettida em tão temeraria empreza, o não condemnára, os feitos d'aquelle dia lhe poderam celebrar o nome, com eterna gloria de um assignalado cavalleiro, por façanhas feitas com seu forte braço: mas estas lembranças que lastimam as almas de quem o vio, e sabe como pelejou, fazem de pouco gosto seus louvores; pois, esquecendo-se do principal cargo de governador, e de animar os seus soldados, sem resguardo de sua pessoa, quiz pôr a perigo todo o seu exercito, com um cego furor de seu esforço, pondo espanto em todos os seus pela falta de sua presença, os quaes não curando de offender aos imigos, nem defender as pessoas proprias, toda a desordem e perdição se seguia em cada um capitão e fidalgo andar buscando pelo campo El-Rei: o qual, andando já no fim da batalha, e o cavallo

muito ferido e cançado, que não podia ir adiante pera continuar o exercicio da peleja, em que mais se occupou aquelle dia, que em dar ordem ao exercito no principio, e animá-lo no fim, encontrou com Jorge de Albuquerque Coelho, muito cheio de feridas, de que ficou depois aleijado em muletas, em um cavallo russo queimado muito poderoso, e lhe disse: «Dai-me esse vosso cavallo, se ainda está bom e são; porque este em que venho já não póde dar passada comigo». Jorge de Albuquerque, vendo a necessidade em que El-Rei estava, lh'o offereceo logo; o qual por se não poder menear das feridas, nem se poder firmar nos estribos, pera se descer, chamou uns soldados que o ajudassem a tirar da sella, o qual como foi no chão, disse a El-Rei:

«Tome Vossa Alteza esse cavallo, que é bom: salve-se nelle, porque eu quero aventurar minha vida pera salvar a de Vossa Alteza; pois na minha se aventura pouco, e na de Vossa Alteza muito».

D'esta maneira ficou Jorge de Albuquerque estendido no campo, sem se poder bolir, passando por cima d'elle muita gente: um padre da companhia com outros soldados o pozeram em uma carreta, aonde lhe arremessaram muitas lanças e muitas arcabusadas, sem lhe acertarem, o qual Deos guardou por obra de tanta christandade e lealdade, como tinha usado com El-Rei.

El-Rei acceitando este offerecimento com mostras de sentimento, em deixar Jorge d'Albuquerque em tal estado, se lançou fóra do cavallo em que vinha, com a espada na mão, e de improviso cavalgou no outro, com tanta desenvoltura, que em pondo o pé no estribo e a mão esquerda no arção, com o braço direito da espada com grande força empuxou o cavallo de que se apeava, e logo se poz na sella do que no-

vamente tomava; o qual sem mais esperar se foi metter entre os imigos, com esforço não de soldado já desbaratado, mas de capitão victorioso em seguimento da victoria, cujas aventuras e façanhas foram causa de toda a perdição da batalha.

O coronel Vasco da Silveira, havendo licença de El-Rei pera aquelle dia pelajar com elle a cavallo, depois de deixar o seu terço provido de capitães de confiança, fez muitas cousas dignas de si mesmo, com assás admiração de quem o vio, com muito esforço e ar, encontrar-se com muitos mouros, os quais mortos deixava estendidos em terra. João da Cunha, cavalleiro de Malta, fazendo entrada pelos mouros com uma lançada por um olho, dizendo-lhe alguns que se recolhesse respondeo: «Nesses imigos quero eu recolher a minha lança»: onde acabou.

CAPITULO LXVII

Prosegue a historia

Como o exercito christão se começou a desordenar, como fica dito, todo o peso dos mouros se esforçou com dobrado animo a carregar sobre elle, de maneira que de cada vez se desordenava mais, e cortavam qualquer esquadrão, que trabalhava formar-se pera se defender. Não sómente os mouros que estavam no campo da batalha iam gosando da victoria, com mortos, captivos, e despojos dos vencidos, mas outros que ficaram a astados pera vêr o successo da batalha, com animo ousado e alaridos que chegavam ao ceo, como de homens vencedores, recreciam cada vez mais: entre os quais desceo ao

campo da batalha grande multidão de barbaros das comarcas de Tetuão e Xexuão e os da serra de Farobo e outras muitas partes, que chegaram aquelle dia, e se pozeram a-la-mira sobre uns montes, em quanto não viram inclinar a victoria.

Com este peso tão innumeravel dos imigos, que cada hora mais crescera com ousadia de vencedores, ficava o exercito christão cada vez mais oprimido, com mortes, e sem ordem de resistir, cercados dos imigos, postos em meio, a quem os mouros, como a touros encerrados em côrro, arremessavam tiros a cada parte com arcabuzaria, que era muita, assim de gente de pé como de cavallo, cuja perigo os christãos não podiam evitar, pela maior parte de sua infantaria ser de picaria, e muito poucos de arcabuzaria, posto que não faltou o esforço nem destreza a muitos esforçados cavalleiros e soldados pera por suas pessoas particulares fazerem neste dia cousas dignas de eterna memoria: mas como o successo foi tão infelice, com perda de tanta nobreza e reputação, pera louvor dos barbaros africanos, com morte de El-Rei, que a todos magoou, não tem nenhum homem por honrosos seus feitios, dignos de imortal gloria, nem eu por justo de os contar entre infortunios de tão severo castigo de Deos; ainda que se não pode calar a formesura de André Gonçalves, alcaide mór de Cintra, que com uma seta pregada no rosto, de que lhe não apparecia mais que as penas, andava como leão bravo estimulado da ferida, fazendo por sua mão grande estrago nos imigos por vingança da morte.

Tornando ao fio da historia, andando a batalha em estado que já mostrava claramente a perdição dos portuguezes, sem haver capitão que podesse ter os soldados, nem terem certesa da pessoa d'El-Rei, por

sempre andar misturado com os barbaros por todas as partes que se offerecia, sem nunca fazer roste atraz, nem ter lembrança de procurar algum remedio de salvação, mais que a ponta da lança, andavam os soldados que se encontravam a caso, perguntando uns aos outros por El-Rei, como gado desgarrado sem pastor, com assás lastima de todos, sentindo mais o damno commum na pessoa d'El-Rei, que os perigos proprios a que andavam offerecidos, não pondo tanto cuidado em suas saudes, como na vida d'El-Rei pera o salvarem, sem esperanças de outro refugio.

Nesta confusão, tão cheia de desconfianças de recuperar o que haviam perdido e com temor de perder o todo, desejosos os membros de se exporem pera salvação da cabeça, mostravam bem os portuguezes, que ainda que a fortuna os tinha oprimido nas forças corporaes, lhes não podia abater os esforços de animo, e a lealdade do Rei, a quem pretendiam salvar em tanto perigo, e a quem com tão alegre rosto até alli haviam seguido, com evidentes indicios do presente successo. Os terços de Diogo Lopes de Sequeira, Vasco da Silveira, D. Miguel de Noronha, que ficavam em a retaguarda dos aventureiros, espanhoes, italianos, e tudescos, quando os viram desbaratados, quasi com total estrago de todos, com mortos e feridos, com pouca resistencia foram facilmente entrados, com similhante sorte dos dianteiros, a quem podéram dar ajuda nas costas. O esquadrão de Francisco de Tavora, vendo os espanhoes, que tinham defronte, pelejar e morrer como valerosos defensores da vida, e offensores dos imigos, cerrando-se com estremada ordem, foi commettido dos barbaros com impeto furioso, como de homens determinados, sem trazer temor, nem acharem resistencia. Francisco de

Tavora, que da gente bisonha tinha a de Alemtejo e Algarve, que são homens de muito esforço, fez com elles rosto e corpo de se defender, o que fez com tanto damno dos imigos, que, quando já o capitão e soldados d'aquelle terço foram rendidos, havia em os mouros que o commetteram pouco que render, se nas costas lhes não viera novo soccorro de grande multidão de imigos descançados; na qual ordem de pelejar, offendendo aos imigos e defendendo a si, nunca póude ser entrado nem rôto, senão depois da morte do capitão, e do campo todo rendido. Com tanto esforço e accordo pelejou Francisco de Tavora aquelle dia, que, além de fazer muito damno aos imigos, vendo um alferes seu, que, com animo vil e cheio de medo tentou buscar a salvação nos imigos, por commutação de um baixo offerecimento da bandeira, que lhes ia entregar, arremettendo o coronel Francisco de Tavora com elle, dando-lhe muitas feridas com a espada que trazia na mão, o deixou estendido no campo, e lhe tomou a bandeira, e a deu a outro soldado, que melhor a defendesse.

Depois do corpo da batalha ser desordenado, ficaram de tal maneira os esquadrões quebrados, e os christãos postos em pequenos magotes, que a cada passo eram cercados dos imigos; os quaes postos neste tempo em defensão das vidas, trabalhavam então com novos espiritos defender-se com valor: e prouvera a Nosso Senhor que tiveram os portuguezes o desengano e animo no principio da batalha, quando os esquadrões estavam inteiros, que tiveram no fim, quando já de todo estavam rotos e desordenados; pois o esforço com que acabaram de ser rendidos, lhes promettia a victoria, se nelle começaram; porque de tal maneira resistiram alguns poucos, quando se viam salteados de muitos, que endurecidos na perti-

nacia da defensão da pessoa, e da vingança dos imigos, faziam façanhas mais que de homens; porque mais duros foram alguns magotes de pouca gente de render, com mortes e captiveiro, do que foi serem desordenados, quando o corpo da batalha estava todo inteiro: mas, posto que logo no começo cahissem muitos mortos de cada parte, quando os mouros cuidavam que tinham concluido a victoria dos poucos christãos vivos, e os muitos mouros que recresciam com seguro de suas vidas, então foi certo o maior estrago dos seus, com a defensão dos nossos. Mas Deus, que tinha já em sua mente divina ordenado este castigo, permittiu o povo christão ser prostrado dos barbaros pagãos, e seus corpos banhados em seu proprio sangue, e o campo coberto de cavalleiros armados, os quaes debaixo das armas em que estavam vestidos, renderam os espiritos a Deus: em cujo estrago, o povo pagão, com odio antigo de nossa fé e insolencia do vencimento dos christãos, não fartava o barbaro peito com o sangue derramado, mas com affrontosas injurias maltratavam aquelles a quem a furia militar havia commutado a liberdade das vidas com a subjeição do captiveiro: os quaes gosando da victoria sem nenhuma maneira de clemencia nem compaixão dos vencidos, então em mais accesa inimizade mostravam as entranhas damnadas, cheias de zêlo de vingança. Com isto apascentando os pagãos o cruel appetite, com a morte de tantos e tão valerosos capitães e esforçados cavalleiros e soldados, ajuntaram o captiveiro do resto do exercito. E com tão grande multidão o tinham de maneira murado no meio d'aquelle tão espantoso e igual campo, que não podiam escapar sem que lhes cahissem nas mãos.

Decrepitando a batalha já de maneira que o campo ia mui de vencida, pelo calor ser mui grande, man-

dou o senhor D. Antonio lhe tirassem as armas, em que se afogava de calma, o qual, tendo já o cavallo muito ferido que se não podia bolir, viu perto de si passar El-Rei, e lhe disse: «Ah! senhor, não estou em estado de poder seguir a Vossa Alteza, que me falta o cavallo». A isto lhe não respondeu El-Rei: então, lhe disse o senhor D. Antonio, mostrando com o dedo uma abertura de poucos mouros e pouco perigo, procurassse de se salvar: d'ahi a muito pouco espaço passou Cristovão de Tavora, o qual quando viu o senhor D. Antonio, a quem em Portugal antes da partida tinha aggravado, se foi a elle com muita cortezia, e inclinando-se muito lhe pediu perdão, e se abraçaram.

CAPITULO LXVIII

Como Luiz de Brito alevantou o estandarte real

ANTES que a victoria fosse de todo alcançada dos barbaros e o campo rendido, julgaudo-se os vivos por de peor sorte que os mortos, pera que acabassem sem infamia com todo o cuidado buscavam occasião em que morressem com bom emprego de seu esforço; mas porque nenhum achavam mais honroso, que os livrasse da magoa que sentiam em seus peitos, senão morrer na defensão da pessoa d'El-Rei, ou ao menos serem-lhe companheiros na sorte, andavam os fidalgos e outros homens honrados com muito cuidado buscando-o pelo campo; mas porque o campo andava já de todo desordenado, nem se viam bandeiras, nem os soldados acudiam a ellas, andava toda a gente errada, sem saber o caminho que havia de seguir, nem a que esquadrão se havia de

acostar, principalmente por o estandarte real não apparecer, por D. Luiz de Menezes, alferes-mór, haver perdido o cavallo, em que o trazia arvorado; mas, posto que cahisse entre muitos imigos, entre os quaes estava cercado, e a que não podia resistir, abraçado com o estandarte, com brados cheios de zêlo da honra das insignias reaes, dizia a altas vozes: «Defendei, senhores, a bandeira d'El-Rei.»

Repetindo muitas vezes estas palavras, Gonçalo Ribeiro Pinto, capitão dos gastadores, que alli se achou, com animo acceso de esforço se poz diante do alferes mór com espada e rodela, a defendel-o valerosamente até ser opprimido dos imigos. Luiz de Brito, que andava buscando El-Rei, passando éste por alli acaso, quando viu o estandarte abatido, e o seu alferes em perigo de o perder com a vida, rompendo com a espada na mão por meio dos imigos, em o quarto cavallo (que, depois dos outros mortos havia cobrado) com desejo de o salvar, bem descuidado de pôr cobro na propria vida, remetteu ao estandarte, e lançando-se fora da sella, o alevantou, e posto logo com muita ligeireza a cavallo, o arvorou, fazendo-lhe logar os barbaros que o pretendiam haver: com isto, atravessando por meio do campo com esta insignia, mais seguido foi dos mouros, afim de lh'o tirarem das mãos, que dos christãos, pera com elle fazerem corpo; pera o que fizeram tanta força pera o tomar, e Luiz de Brito resistencia pera o salvar, que não podendo mais, o enristou debaixo do braço, d'onde os barbaros lhe levaram a hastea. Luiz de Brito, que mais cuidado tinha em salvar a bandeira real que a propria vida, cingindo-a comsigo, enrolando parte d'elle no braço esquerdo, determinou não a largar senão com o corpo espedaçado.

Nesta forma, chegando Luiz de Brito onde El-Rei

estava com poucos de cavallo, perguntou El-Rei: «Trazeis o estandarte?» respondeu elle que trazia, e o mostrou envolto em si. El-Rei, que não punha as esperanças mais que na memoria de sua morte, lhe disse: «Abraçae-vos com elle e morramos sobre elle.» Cristovão de Tavora, que muitas vezes tinha persuadido a El-Rei que sem resistencia se deixasse captivar, nesta hora com muita instancia lh'o tornou a pedir com efficazes rogos e palavras, dizendo que attentasse Sua Alteza que o esforço com que queria tornar a entrar em batalha, se devia ter por suspeito e inimigo do bem commum; pois esse animo invencivel não promettia victoria, antes ameaçava a morte de sua pessoa, sem remedio nem esperança da saude do exercito, que já via prostrado por terra, ficando os imigos senhores do campo; que posto que era heroico feito de um cavalleiro particular morrer antes por mão de seus imigos, que ficar sem liberdade captivo em seu poder, que este louvor não se contava na pessoa dos Reis; porque estes deviam ter mais conta com a saude propria pera proveito commum, que a da gloria particular, ainda que enchesse o mundo com sua fama: que pedia e rogava a Sua Altezs como leal vassallo e particular amigo, por cujos respeitos lh'o pedia, em nome de todo o povo portuguez, quizesse antes deixar-se captivar, que querer assolar tudo com sua morte; pois com sua vida as perdas tinham remedio, e a honra se podia recuperar, com outro rosto mais propicio da fortuna, e os povos, que com sua morte ficavam orphãos, e os captivos sem esperança de liberdade, que com sua vida, ainda que posta em captiveiro, todas as cousas teriam esperança de resuscitar, com mudanças de outro mais prospero tempo: e que além da rezão e o estado isto pedirem, que o exemplo de muitos Reis, a quem

aconteceram similhantes infelicidades, lhe faziam esta lembrança ficar sem infamia, antes como acertado conselho. El-Rei, que estava fóra de seguir este parecer, quasi aggravado de Cristovão de Tavora por o persuadir, lhe virou as costas.

Cristovão de Tavora, que tanto desejava este effeito, ainda que El-Rei se persuadia mal, determinou procural-o por o bem commum; por tanto, vendo que uns elches capeavam pera El-Rei se désse (os quaes por ventura o não conheciam) atou um lenço na ponta da espada, e como bandeira se foi a elles, dizendo: «Sultão, Sultão»: que quer dizer, Rei, Rei, pera com estas palavras os persuadir a captivarem El-Rei, que lhe elle queria mostrar, o qual os mouros recolheram por cuidarem que era El-Rei, ou por lhe não darem credito: do qual se diz, que caminhando pera Fez o vira seu irmão; depois nunca mais foi visto, ainda que houve indicios que morrera em Fez, em uma estrebaria, das feridas.

El-Rei, que não esperou por Cristovão de Tavora, acompanhado de Luiz de Brito, com outros poucos de cavallo, se metteu por um tropel de mouros de cavallo, os quaes arremettendo a El-Rei com grande impeto, o cercaram de todas as partes, e apegaram d'elle e do braço da espada, sem lh'a poderem tirar da mão. Luiz de Brito, que mais desejava que El-Rei se deixasse captivar, que com resistencia ser morto, chegando-se aos imigos, com desejo de ser companheiro da sorte d'El-Rei, metteu a espada na bainha; mas resistindo El-Rei com muita força por se desavir dos barbaros, que o tinham liado, quando Luiz de Brito viu que o mal tratavam, levou da espada, e tirando alguns golpes fez affastar os imigos, e soltar El-Rei de suas mãos: aonde parece que se cumpriu o prognostico, que o mesmo Rei muitas vezes zombando

dizia que tinha, que havia de ser captivo por um breve espaço. El-Rei, tanto que se viu livre das mãos d'aquelles pagãos, deu a andar pera detraz, e se foi sahindo do campo e da batalha. Luiz de Brito, que então ficou preso pelos imigos, sendo cercado de muitos, lhe pegaram do estandarte que trazia cingido, e pera lh'o acabarem de tirar, foi forçado estender o braço em que o levava enrolado: o qual depois foi comprado em Fez pelos portuguezes da mão de um mouro, que o andava vendendo, e veio ter ao thesouro d'El-Rei, onde está. Luiz de Brito voltando os olhos pera o caminho que El-Rei tomara, o viu ir um pedaço desviado, já sem haver mouro algum que o seguisse, nem apparecerem outros diante que tão prestes o pudessem encontrar, pera lhe impedir o caminho que levava, que era mui distante do logar aonde depois diziam que o acharam morto.

CAPITULO LXIX

Como Mulei-Maluco morreu da enfermidade, e o Xarife foi afogado no rio, e El-Rei D. Sebastião foi achado morto

QUANDO a batalha se começou a travar, estando Mulei-Maluco muito mal da enfermidade que trazia, vendo que dos primeiros encontros que os christãos tiveram, com que começaram a romper o exercito dos imigos, os mouros com medo muito grande, uns cahiam prostrados, outros voltavam as costas, não podendo esperar o impeto da gente de cavallo, posto em grande coragem se levantou do coche onde estava e cavalgou em um cavallo, pondo-

se diante dos que se retiravam, com a espada na mão, querendo-os animar que tornassem á batalha, de que falleceram nelle as forças, que não podendo ter-se a cavallo com os accidentes mortaes que o salteavam, cahiu em terra, aonde com a queda e outros encontros que lhe recreceram, da gente que fugia, ficou morto, ainda que alguns dizem que morreu de uma arcabuzada. Hamet-Taba, arrenegado genovez, que se achou perto, vendo o Maluco morto, e que se sua morte fosse divulgada, desanimariam os mouros de maneira, que de improviso ficariam vencidos com total destruição do campo, com muita diligencia e sagacidade o tomou nos braços, e o metteu no coche, coberto com uma colcha, e fingindo que era accidente, quietamente dissimulou sua morte. Meamim, moço de pouca idade, filho do alcaide Alizarcão, arrenegado portuguez, como viu o Maluco cahido, cavalgou no seu cavallo, e com palavras e feitos cheios de esforço, começou a animar a gente que tornasse a voltar aos christãos, parecendo-lhes a todos que era o mesmo Rei.

Não pôde a morte de Maluco tanto occultar-se, que não fosse em breve logo divulgada no campo dos christãos; mas foi a tempo que o exercito ia desordenado, de maneira que com quanto se começou a acclamar a morte de Maluco, não puderam os portuguezes formar os esquadrões. O Xarife com trezentos mouros de cavallo e quatrocentos de pé, de que estava acompanhado, ajudaram da sua parte a pelejar, como homens que, além de defenderem as vidas, pretendiam ser reduzidos á honra e patria, de que andavam desterrados: mas como elles eram membros d'aquelle corpo da batalha, no estrago e desordem foram companheiros, e nos successos eguaes aos christãos. Sendo pois muitos mortos e feridos, quando fo-

ram desesperados do remedio de sua saude, cada um procurava salvar a vida com fugida. O Xarife, que não temia menos cahir nas mãos dos mouros que os christãos, attentando qualquer maneira de salvação, não achou outra senão passar-se além do rio: o qual, sahindo se da batalha com alguns mouros seus que o seguiam (entre os quaes vinham D. João Coutinho, que depois foi conde de Redondo) lhe sahiram ao encontro os imigos. Os alcaides Cid-Abdelcherim e Cid-Hamu, que foram sempre seus amigos, lhe disseram que fosse sempre ao longo do rio, até o váo, que elles entreteriam os imigos com recontro de peleja, como fizeram: o Xarife, que arreceou ir pelo rio acima demandar o váo, com temor de ser salteado de outros imigos, endireitou com a passagem mais perto. Os alcaides, que já se sentiam desenvoltos, se foram seguindo o Xarife pera o empararem e acompanharem em sua fortuna, e achando-o á borda do rio, duvidoso de sua passagem, pela difficuldade das aguas, e temeroso pelo seguimento dos imigos, quando se viu tão perplexo, atreveu-se antes lançar-se á agua, que esperar que os barbaros lhe derramassem o sangue: o qual lançando-se ao rio, começou o cavallo a atolar no lamarão, e mettendo uma mão pela redea, se virou com elle; e por a maré decer com impeto, se despediu o cavallo d'elle, lançando-o fóra da sella, aonde se afogou á vista dos seus alcaides, que lhe não puderam valer, e que com assás magua soffreram um espectaculo tão lastimoso pera elles, em que se lhes cerrou a porta da esperança de serem restituidos a suas terras; os quaes, passado o rio sem perigo, se puzeram em salvo, por saberem a terra e lingua, e que no traje poderiam passar como naturaes, sem serem conhecidos por amigos dos christãos; por que as insignias que os mouros do Xarife tomaram naquelle

nacia da defensão da pessoa, e da vingança dos imigos, faziam façanhas mais que de homens; porque mais duros foram alguns magotes de pouca gente de render, com mortes e captiveiro, do que foi serem desordenados, quando o corpo da batalha estava todo inteiro: mas, posto que logo no começo cahissem muitos mortos de cada parte, quando os mouros cuidavam que tinham concluido a victoria dos poucos christãos vivos, e os muitos mouros que recresciam com seguro de suas vidas, então foi certo o maior estrago dos seus, com a defensão dos nossos. Mas Deus, que tinha já em sua mente divina ordenado este castigo, permittiu o povo christão ser prostrado dos barbaros pagãos, e seus corpos banhados em seu proprio sangue, e o campo coberto de cavalleiros armados, os quaes debaixo das armas em que estavam vestidos, renderam os espiritos a Deus: em cujo estrago, o povo pagão, com odio antigo de nossa fé e insolencia do vencimento dos christãos, não fartava o barbaro peito com o sangue derramado, mas com afrontosas injurias maltratavam aquelles a quem a furia militar havia commutado a liberdade das vidas com a subjeição do captiveiro: os quaes gosando da victoria sem nenhuma maneira de clemencia nem compaixão dos vencidos, então em mais accesa inimizade mostravam as entranhas damnadas, cheias de zêlo de vingança. Com isto apascentando os pagãos o cruel appetite, com a morte de tantos e tão valorosos capitães e esforçados cavalleiros e soldados, ajuntaram o captiveiro do resto do exercito. E com tão grande multidão o tinham de maneira murado no meio d'aquelle tão espantoso e igual campo, que não podiam escapar sem que lhes cahissem nas mãos.

Decrepitando a batalha já de maneira que o campo ia mui de vencida, pelo calor ser mui grande, ma-

dou o senhor D. Antonio lhe tirassem as armas, em que se afogava de calma, o qual, tendo já o cavallo muito ferido que se não podia bolir, viu perto de si passar El-Rei, e lhe disse: «Ah! senhor, não estou em estado de poder seguir a Vossa Alteza, que me falta o cavallo». A isto lhe não respondeu El-Rei: então, lhe disse o senhor D. Antonio, mostrando com o dedo uma abertura de poucos mouros e pouco perigo, procurassse de se salvar: d'ahi a muito pouco espaço passou Cristovão de Tavora, o qual quando viu o senhor D. Antonio, a quem em Portugal antes da partida tinha aggravado, se foi a elle com muita cortezia, e inclinando-se muito lhe pediu perdão, e se abraçaram.

CAPITULO LXVIII

Como Luiz de Brito alevantou o estandarte real

Antes que a victoria fosse de todo alcançada dos barbaros e o campo rendido, julgaudo-se os vivos por de peor sorte que os mortos, pera que acabassem sem infamia com todo o cuidado buscavam occasião em que morressem com bom emprego de seu esforço; mas porque nenhum achavam mais honroso, que os livrasse da magoa que sentiam em seus peitos, senão morrer na defensão da pessoa d'El-Rei, ou ao menos serem-lhe companheiros na sorte, andavam os fidalgos e outros homens honrados com muito cuidado buscando-o pelo campo; mas porque o campo andava já de todo desordenado, nem se viam bandeiras, nem os soldados acudiam a ellas, andava toda a gente errada, sem saber o caminho que havia de seguir, nem a que esquadrão se havia de

acostar, principalmente por o estandarte real não apparecer, por D. Luiz de Menezes, alferes-mór, haver perdido o cavallo, em que o trazia arvorado; mas, posto que cahisse entre muitos imigos, entre os quaes estava cercado, e a que não podia resistir, abraçado com o estandarte, com brados cheios de zêlo da honra das insignias reaes, dizia a altas vozes: «Defendei, senhores, a bandeira d'El-Rei.»

Repetindo muitas vezes estas palavras, Gonçalo Ribeiro Pinto, capitão dos gastadores, que alli se achou, com animo acceso de esforço se poz diante do alferes mór com espada e rodela, a defendel-o valerosamente até ser opprimido dos imigos. Luiz de Brito, que andava buscando El-Rei, passando êste por alli acaso, quando viu o estandarte abatido, e o seu alferes em perigo de o perder com a vida, rompendo com a espada na mão por meio dos imigos, em o quarto cavallo (que, depois dos outros mortos havia cobrado) com desejo de o salvar, bem descuidado de pôr cobro na propria vida, remetteu ao estandarte, e lançando-se fora da sella, o alevantou, e posto logo com muita ligeireza a cavallo, o arvorou, fazendo-lhe logar os barbaros que o pretendiam haver: com isto, atravessando por meio do campo com esta insignia, mais seguido foi dos mouros, afim de lh'o tirarem das mãos, que dos christãos, pera com elle fazerem corpo; pera o que fizeram tanta força pera o tomar, e Luiz de Brito resistencia pera o salvar, que não podendo mais, o enristou debaixo do braço, d'onde os barbaros lhe levaram a hastea. Luiz de Brito, que mais cuidado tinha em salvar a bandeira real que a propria vida, cingindo-a comsigo, enrolando parte d'elle no braço esquerdo, determinou não a largar senão com o corpo espedaçado.

Nesta forma, chegando Luiz de Brito onde El-Rei

estava com poucos de cavallo, perguntou El-Rei: «Trazeis o estandarte?» respondeu elle que trazia, e o mostrou envolto em si. El-Rei, que não punha as esperanças mais que na memoria de sua morte, lhe disse: «Abraçae-vos com elle e morramos sobre elle.» Cristovão de Tavora, que muitas vezes tinha persuadido a El-Rei que sem resistencia se deixasse captivar, nesta hora com muita instancia lh'o tornou a pedir com efficazes rogos e palavras, dizendo que attentasse Sua Alteza que o esforço com que queria tornar a entrar em batalha, se devia ter por suspeito e inimigo do bem commum; pois esse animo invencivel não promettia victoria, antes ameaçava a morte de sua pessoa, sem remedio nem esperança da saude do exercito, que já via prostrado por terra, ficando os imigos senhores do campo; que posto que era heroico feito de um cavalleiro particular morrer antes por mão de seus imigos, que ficar sem liberdade captivo em seu poder, que este louvor não se contava na pessoa dos Reis; porque estes deviam ter mais conta com a saude propria pera proveito commum, que a da gloria particular, ainda que enchesse o mundo com sua fama: que pedia e rogava a Sua Altezs como leal vassallo e particular amigo, por cujos respeitos lh'o pedia, em nome de todo o povo portuguez, quizesse antes deixar-se captivar, que querer assolar tudo com sua morte; pois com sua vida as perdas tinham remedio, e a honra se podia recuperar, com outro rosto mais propicio da fortuna, e os povos, que com sua morte ficavam orphãos, e os captivos sem esperança de liberdade, que com sua vida, ainda que posta em captiveiro, todas as cousas teriam esperança de resuscitar, com mudanças de outro mais prospero tempo: e que além da rezão e o estado isto pedirem, que o exemplo de muitos Reis, a quem

aconteceram similhantes infelicidades, lhe faziam esta lembrança ficar sem infamia, antes como acertado conselho. El-Rei, que estava fóra de seguir este parecer, quasi aggravado de Cristovão de Tavora por o persuadir, lhe virou as costas.

Cristovão de Tavora, que tanto desejava este effeito, ainda que El-Rei se persuadia mal, determinou procural-o por o bem commum; por tanto, vendo que uns elches capeavam pera El-Rei se désse (os quaes por ventura o não conheciam) atou um lenço na ponta da espada, e como bandeira se foi a elles, dizendo: «Sultão, Sultão»: que quer dizer, Rei, Rei, pera com estas palavras os persuadir a captivarem El-Rei, que lhe elle queria mostrar, o qual os mouros recolheram por cuidarem que era El-Rei, ou por lhe não darem credito: do qual se diz, que caminhando pera Fez o vira seu irmão; depois nunca mais foi visto, ainda que houve indicios que morrera em Fez, em uma estrebaria, das feridas.

El-Rei, que não esperou por Cristovão de Tavora, acompanhado de Luiz de Brito, com outros poucos de cavallo, se metteu por um tropel de mouros de cavallo, os quaes arremettendo a El-Rei com grande impeto, o cercaram de todas as partes, e apegaram d'elle e do braço da espada, sem lh'a poderem tirar da mão. Luiz de Brito, que mais desejava que El-Rei se deixasse captivar, que com resistencia ser morto, chegando-se aos imigos, com desejo de ser companheiro da sorte d'El-Rei, metteu a espada na bainha; mas resistindo El-Rei com muita força por se desavir dos barbaros, que o tinham liado, quando Luiz de Brito viu que o mal tratavam, levou da espada, e tirando alguns golpes fez affastar os imigos, e soltar El-Rei de suas mãos: aonde parece que se cumpriu o prognostico, que o mesmo Rei muitas vezes zombando

dizia que tinha, que havia de ser captivo por um breve espaço. El-Rei, tanto que se viu livre das mãos d'aquelles pagãos, deu a andar pera detraz, e se foi sahindo do campo e da batalha. Luiz de Brito, que então ficou preso pelos imigos, sendo cercado de muitos, lhe pegaram do estandarte que trazia cingido, e pera lh'o acabarem de tirar, foi forçado estender o braço em que o levava enrolado: o qual depois foi comprado em Fez pelos portuguezes da mão de um mouro, que o andava vendendo, e veio ter ao thesouro d'El-Rei, onde está. Luiz de Brito voltando os olhos pera o caminho que El-Rei tomara, o viu ir um pedaço desviado, já sem haver mouro algum que o seguisse, nem apparecerem outros diante que tão prestes o pudessem encontrar, pera lhe impedir o caminho que levava, que era mui distante do logar aonde depois diziam que o acharam morto.

CAPITULO LXIX

Como Mulei-Maluco morreu da enfermidade, e o Xarife foi afogado no rio, e El-Rei D. Sebastião foi achado morto

QUANDO a batalha se começou a travar, estando Mulei-Maluco muito mal da enfermidade que trazia, vendo que dos primeiros encontros que os christãos tiveram, com que começaram a romper o exercito dos imigos, os mouros com medo muito grande, uns cahiam prostrados, outros voltavam as costas, não podendo esperar o impeto da gente de cavallo, posto em grande coragem se levantou do coche onde estava e cavalgou em um cavallo, pondo-

se diante dos que se retiravam, com a espada na mão, querendo-os animar que tornassem á batalha, de que falleceram nelle as forças, que não podendo ter-se a cavallo com os accidentes mortaes que o salteavam, cahiu em terra, aonde com a queda e outros encontros que lhe recreceram, da gente que fugia, ficou morto, ainda que alguns dizem que morreu de uma arcabuzada. Hamet-Taba, arrenegado genovez, que se achou perto, vendo o Maluco morto, e que se sua morte fosse divulgada, desanimariam os mouros de maneira, que de improviso ficariam vencidos com total destruição do campo, com muita diligencia e sagacidade o tomou nos braços, e o metteu no coche, coberto com uma colcha, e fingindo que era accidente, quietamente dissimulou sua morte. Meamim, moço de pouca idade, filho do alcaide Alizarcão, arrenegado portuguez, como viu o Maluco cahido, cavalgou no seu cavallo, e com palavras e feitos cheios de esforço, começou a animar a gente que tornasse a voltar aos christãos, parecendo-lhes a todos que era o mesmo Rei.

Não póde a morte de Maluco tanto occultar-se, que não fosse em breve logo divulgada no campo dos christãos; mas foi a tempo que o exercito ia desordenado, de maneira que com quanto se começou a acclamar a morte de Maluco, não puderam os portuguezes formar os esquadrões. O Xarife com trezentos mouros de cavallo e quatrocentos de pé, de que estava acompanhado, ajudaram da sua parte a pelejar, como homens que, além de defenderem as vidas, pretendiam ser reduzidos á honra e patria, de que andavam desterrados: mas como elles eram membros d'aquelle corpo da batalha, no estrago e desordem foram companheiros, e nos successos eguaes aos christãos. Sendo pois muitos mortos e feridos, quando fo-

ram desesperados do remedio de sua saude, cada um procurava salvar a vida com fugida. O Xarife, que não temia menos cahir nas mãos dos mouros que os christãos, attentando qualquer maneira de salvação, não achou outra senão passar-se além do rio: o qual, sahindo se da batalha com alguns mouros seus que o seguiam (entre os quaes vinham D. João Coutinho, que depois foi conde de Redondo) lhe sahiram ao encontro os imigos. Os alcaides Cid-Abdelcherim e Cid-Hamu, que foram sempre seus amigos, lhe disseram que fosse sempre ao longo do rio, até o váo, que elles entreteriam os imigos com recontro de peleja, como fizeram: o Xarife, que arreceou ir pelo rio acima demandar o váo, com temor de ser salteado de outros imigos, endireitou com a passagem mais perto. Os alcaides, que já se sentiam desenvoltos, se foram seguindo o Xarife pera o empararem e acompanharem em sua fortuna, e achando-o á borda do rio, duvidoso de sua passagem, pela difficuldade das aguas, e temeroso pelo seguimento dos imigos, quando se viu tão perplexo, atreveu-se antes lançar-se á agua, que esperar que os barbaros lhe derramassem o sangue: o qual lançando-se ao rio, começou o cavallo a atolar no lamarão, e mettendo uma mão pela redea, se virou com elle; e por a maré decer com impeto, se despediu o cavallo d'elle, lançando-o fóra da sella, aonde se afogou á vista dos seus alcaides, que lhe não puderam valer, e que com assás magua soffreram um espectaculo tão lastimoso pera elles, em que se lhes cerrou a porta da esperança de serem restituidos a suas terras; os quaes, passado o rio sem perigo, se puzeram em salvo, por saberem a terra e lingua, e que no traje poderiam passar como naturaes, sem serem conhecidos por amigos dos christãos; por que as insignias que os mouros do Xarife tomaram naquelle

dia, pera na batalha serem conhecidos, foram chapeus que traziam nas cabeças, que facilmente se podiam lançar fóra pera ficarem com egual trajo.

Um mouro creado do Xarife, seu pagem de campainha, que com amor e lealdade o seguiu até o conflicto da morte, como o viu afogado, foi correndo pedir alviçaras da morte do Xarife a Mulei-Hamet, irmão de Mulei-Maluco e successor do reino, pera que ficasse sem arreceios de alterações, que com sua vida ainda se podiam temer. Tal é a sorte dos vencedores, que em breve tempo reconciliam os animos dos vencidos, que de improviso fazem mudança com os successos da fortuna.

El-Rei D. Sebastião, que não procurou remedio de se salvar, senão depois de toda a batalha perdida, o viu Luiz de Brito caminhar pera o rio, no cabo do campo da batalha, onde depois foi achado morto; mas por não haver quem soubesse do genero da sua morte, presumem alguns que foi captivo de Alarves, e por desavença de quem o levaria o vieram a matar: outros presumem que em o querendo despir, resistio defendendo-se até á morte, por conservar a natural honestidade que sempre teve, sem consentir que criado algum seu, por familiar que fosse, lhe visse os pés, e elle por sua mão ordinariamente tirava as servilhas e meias calças.

Este fim tiveram um dia, em menos de duas horas, tres Reis tão poderosos, em tão breve distancia, que se podiam em suas mortes vêr uns aos outros. Caso por certo poucas vezes visto, nem ainda pensado, em que se mostrou a crueldade da batalha, não sómente na morte de muitos esclarecidos capitães e illustres, senhores, mas ainda de tantos Reis, tão poderosos cujo estrago o sol aquelle dia quiz prantear, mostrando-se triste, que foi visto mais vermelho do acostu-

mado; o que claramente entendiam os que o viam que era indicio do sangue que se derramou, pela côr de que vinha banhado.

Não tiveram os portuguezes menos rezão de prantear seus mortos n'este campo, que os profetas Hieremias e David os filhos de Israel, que ficavam prostrados por mão de seus imigos, banhados em seu proprio sangue, feitas suas carnes manjares de aves e de feros animaes, e os ossos sem sepultura; cujo pranto o excellente poeta Diogo Bernardes, em suave e doloroso verso o tem cantado com lagrimas e gemidos, que fazem o sentimento mais lamentavel, e as lagrimas mais frescas.

CAPILULO LXX

Dos senhores e fidalgos que morreram na batalha

Por que os aventureiros e a gente de cavallo, onde ia El-Rei e toda a nobreza de Portugal, foram os primeiros que commetteram o campo da batalha, estes receberam o maior damno, assim no encontro primeiro, como por até o fim pelejarem sem cessar: por tanto, quiz nomear algumas pessoas principaes e fidalgos, por ser impossivel tratar de todos os capitães e homens honrados que aqui acabaram.

O primeiro que commetteu, e o derradeiro que acabou, foi El-Rei D. Sebastião de gloriosa memoria, cujas façanhas, feitas com sua mão, foram taes que em certa maneira ficaram viciadas, por se vêr claramente que nenhum fim elle tivera naquella temeraria batalha, senão concluil-a com a força de seu braço, com o qual até a morte não cessou de pelejar, dei-

xando magua aos christãos de se perder tal esforço por maus conselhos, e espanto aos mouros pelo estrago que nelles aquelle dia fez. O duque de Aveiro, principe esclarecido, posto que acabou no principio da batalha, taes foram seus feitos que a fama d'elles ficará viva até o fim do mundo. D. Jorge de Alencastre seu primo. D. Jemes, irmão do duque de Bragança. D. Diogo de Mello, filho maior do conde de Tentugal, o qual acabando de beber uma pouca de agua, cahiu de um pelouro que lhe entrou pela bocca. D. Alvaro de Mello, seu primo, que morreu de uma bombardada. D. Affonso, conde do Vimioso. D. Manuel, seu filho. O conde da Vidigueira. O conde do Redondo. O conde de Mira. D. Jorge de Faro, seu primo. O barão d'Alvito. Lourenço da Silva, regedor. Jorge da Silva, seu tio. Thomé da Silva. Bartholomeu da Silva. Francisco de Tavora, coronel. Cristovão de Tavora. Luiz Alvares de Tavora, senhor do Mogadouro. Pero de Mesquita, bailio, capitão de artelharia. Luiz de Alcaçova e Cristovão de Alcaçova, filhos de Pero da Alcaçova. Conde das Idanhas. D. Martinho Castello-branco, senhor de Villa Nova, e D. Diogo, seu irmão. Manuel de Sousa, aposentador-mór. D. Diogo Lopes de Lima. João de Mendonça, governador que foi da India. D. Pedro, filho do conde de Linhares. D. João da Silveira, filho maior do conde da Sortelha. Manuel Telles. D. Vasco Coutinho. Manuel Coresma, veador da fazenda, e João Coresma seu filho. João Carvalho Patalim, e Pero Carvalho, seu filho. Pero Mascarenhas. D. João Portugal, filho de D. Manuel Portugal. D. João Portugal, filho de D. Francisco Portugal. D. Luiz de Almeida, irmão do arcebispo de Lisboa. João Mendes, morgado de Oliveira. D. Gonçalo Castel-Branco. Agostinho Pereira. D. Alvaro de Castro, o romanisco. João Gomes Ca-

bral, capitão da guarda. Ambrosio da Costa, cunhado de Miguel de Moura. João da Silva, filho de Lopo Furtado de Mendonça. Anrique Anriques de Miranda do Duque. Antonio Carvalho de Setubal. André de Albuquerque. Manuel de Miranda, camareiro-mór do senhor D. Antonio. Manuel Corte Real. D. Luiz de Menezes e D. Francisco de Menezes, filhos de D. Fernando da Pampulha. D. Henrique de Menezes o Roxo, e D. Simão de Menezes, seu irmão. D. Antonio de Cantanhede. D. Simão de Menezes, filho de D. Rodrigo de Menezes, veador da Rainha. D. Francisco de Moura, Antonio de Moura, filho de Alvaro Gonçalves de Moura. Gonçalo Nunes Barreto, e Francisco Barreto, seu irmão. O capitão Alexandre. D. Manuel de Menezes, bispo de Coimbra. D. Aires da Silva, bispo do Porto. O padre Mauricio, da companhia de Jesus, confessor de El-Rei. D. Antonio de Vasconcellos. D. Antonio de Menezes, filho da camareira-mór da Infante D. Maria. D. Antonio da Costa, filho de D. Gileanes. André Gonçalves, alcaide mór de Cintra. Alvaro Pires de Tavora, filho de Rui Lourenço de Tavora. Antonio de Sousa, filho do governador André Salema. André Pires, filho de Alvaro Pires, escrivão da fazenda. Alonso Peres. Anrique Corrêa da Silva, filho de Ambrosio Corrêa. D. Antonio de Sousa. Antonio de Vasconcellos. Alvaro Paes Souto-Maior. Anrique Moniz, sobrinho de Antonio Moniz, governador da India. Affonso Serrão e Diogo Serrão, cunhados de Rui de Sousa. Aires de Miranda do Duque. Antonio Lobo, alcaide mór de Monsarás, e um seu filho. D. Alonso de Aguilar, coronel dos hespanhoes. Antonio Pires de Andrade, filho de Alvaro Pires de Andrade. Antonio Jaques. Cristovão de Bobadilha. Cristovão de Tavora, filho de Bernardim de Tavora. D. Diogo, e D. Francisco,

seu filho. Duarte Dias de Menezes, secretario. Diogo da Fonseca Coutinho. Duarte de Mello. Diogo Lopes de França de Tangere. D. Fernando Mascarenhas. D. Francisco Coutinho Marialva. D. Francisco, filho de D. Pero de Villa-verde. Francisco Casado, corregedor da côrte. Francisco de Mello, e Garcia de Mello, filhos de Simão de Mello. D. Francisco Pereira. Lopo Mendes de Bairros, herdeiro de Jorge da Silva. Fernão Martins Mascarenhas. Fernão Barreto, filho de Belchior Barreto. Francisco Sodré. D. Gonçalo Chacão, castelheno. Gregorio Sarnache, do Porto. Gaspar Nunes, manteeiro d'El-Rei. Gomes Freire de Bobadella. D. Garcia de Menezes, de Evora. Gomes de Souto-Maior. D. João de Castro e D. Luiz, seu irmão, filhos de D. Alvaro de Castro. João Alvares da Cunha. Jorge de Mello da Cunha. João da Silveira, filho do Craveiro. D. João de Almeida, filho de D. Duarte de Almeida. Jorge da Silva da Gama. João da Cunha, commendador de Malta. Jorge da Costa, escrivão da fazenda. João da Silveira. Hieronimo Telles, filho de Fernão Telles de Santarem. D. João de Abrantes. D. João Pereira, filho de Francisco Pereira. João da Silva, filho do regedor. D. Jorge de Mello de Portalegre. D. João Mascarenhas, filho de D. Vasco Mascarenhas. Jorge de Mello Coutinho, de Santarem. D. João de Sá, filho de D. Duarte de Sá. D. Hieronimo, o pintor, filho de D. Antonio de Mafra. Leonel de Lima, filho de Jorge de Lima, e Lourenço de Lima, seu irmão. Lourenço Guedes. D. Lopo de Alarcão. Lucas de Andrade, gnarda-roupa d'El-Rei. Lopo Vaz de Sequeira. D. Luiz Coutinho, cunhado de D. Miguel de Noronha. Pero Lopes de Sousa, e Martim de Sousa, seu filho. D. Manuel Rolim. D. Mannel de Noronha, filho de D. Gomes. Martim Gonçalves da Camara. Manuel de Mendonça, fi-

lho de Manuel de Mendonça Cação. D. Manuel de Sousa. Martim Affonso de Sousa, o da India. Manuel Corrêa Bárem. Manuel de Sousa, filho de André de Sousa. Matheus de Brito, filho de Lourenço de Brito. Miguel Cabral, escrivão do mordomo-mór. Miguel de Abreu, irmão de Lopo de Abreu, da casa da India. Braz de Lucena, filho de Bastião de Lucena. D. Nuno. Manuel Fadrique. Nuno Freire, filho de Gomes Freire. Hieronimo de Saldanha, filho de Luiz de Saldanha. O surgião-mór e amo d'El-Rei. O capitão Gama, sargento mór. O capitão Alexandre de Mello, filho de Garcia de Mello. Duarte de Miranda. Garcia Affonso de Beja. Francisco Domingues de Beja, filho de Rodrigo Affonso de Beja, manteeiro que foi do Infante D. Luiz. Martim de Borgonha, coronel dos Tudescos. D. Pedro Mascarenhas, irmão de D. João Mascarenhas. D. Pedro da Silva de Elvas. Pero Moniz, filho de Bernardo Moniz. D. Pedro de Villa-verde.

CAPITULO LXXI

Como os mouros ficaram senhores do campo e alevantaram por Rei Mulei-Hamet, irmão d'El-Rei Maluco, e os corpos dos Reis foram achados

Depois que os christãos foram de todo rendidos, com morte de uns e captiveiro de outros, sem escaparem d'aquella batalha mais que cincoenta homens, pouco mais ou menos (entre os quaes foram estes fidalgos: D. Rodrigo, pagem do arremessão d'El-Rei, D. Diogo de Mello, filho de D. Antonio de Mello, um filho de Lopes Vas de Mello, Duarte de Castro dos Rios, Thomé da Silva, filho de

João Pereira Dantas, e Gaspar de Sousa Lobo) se occuparam os barbaros em roubar os despojos, e despir os mortos, onde houveram innumeravel riqueza de peças, joias, roupas, e armas, deixando o campo cheio de mortal estrago de toda a nobreza de Portugal: mas como os mouros que se ali ajuntaram, eram de differentes partes de Berberia, em breve tempo desappareceram os captivos, por cada um levar os seus pera suas casas, não sabendo o pae do filho, nem o irmão do irmão, o que causou entranhavel magua em os corações de cada um, além da afflicção do captiveiro das proprias pessoas, e estrago geral de todo o campo.

Mulei-Hamet, como ficou senhor do campo, mandando recolher o despojo da victoria, foi aquella tarde celebrar as exequias de Mulei-Maluco, seu irmão, com muito sentimento de todo o exercito: o qual acto acabado, logo Mulei-Hamet, com egual consentimento de todos os mouros, foi alevantado Rei e obedecido dos alcaides, os quaes acclamando, *real, real*, iam discorrendo por todo o campo, com mostras de alegria do novo Rei, que succedia ao pouco antes morto. Em o qual dia, em pouco espaço se viram em Africa tres Reis vivos de uns mesmos reinos e estados.

Ao outro dia pela manhã, cinco de Agosto, mandou o Xarife trazer o corpo do Xarife que se afogou, o qual foi posto em uma esteira diante d'elle, e o mandou esfolar, pera cheio de palha o levar a Fez em triumpho de sua victoria. Neste tempo mandou chamar tambem alguns christãos, dos quaes se informou muito particularmente da sorte d'El-Rei D. Sebastião, se era morto, se vivo; os quaes lhe disseram que se salvára pela parte do rio. O Xarife replicou que morto era, que elle o sabia: Bastião de Resende, seu moço da guarda roupa, que ali estava, antecipando-se

is mais respostas, e mostrando-se que sabia onde El-Rei jazia morto, se offereceu a o ir mostrar: o Xarife mandou-lhe dar uma azemola, com alguns mouros de cavallo que o acompanhassem, e se foram ao logar, onde o acharam nu. Bastião de Resende, vendo-o assim, despiu a sua camisa e seroulas, e posto sobre a azemola, o trouxeram diante do Xarife, e foi lançado na esteira, onde o outro Xarife morto estava, pera o que mandou chamar alguns fidalgos que o viessem reconhecer: e vieram a isso D. Duarte de Menezes, mestre do campo, D. Jorge de Menezes de Cantanhede, Antonio de Azevedo, Belchior do Amaral, D. Constantino, D. Nuno Mascarenhas, D. Antonio de Noronha, filho do conde de Mira, João Rodrigues de Sá, e outros fidalgos que ahi se acharam. Domingos de Noronha, Luiz Cesar, e D. Fernando de Castro, posto que estavam ahi, não o quizeram vêr, por não renovarem as maguas com tão triste espectaculo. Tinha El-Rei cinco feridas na cabeça, das quaes tres eram pequenas, e duas em uma ilharga, como arcabuzadas ou zagunchadas.

O Xarife, que estava gosando da victoria, triumphando dos vivos e mortos, alegre em ter a seus pés prostrados sem almas os corpos dos Reis seus imigos, com contentamento de gloria humana, mandou dizer aos fidalgos que lhes daria o corpo d'El-Rei D. Sebastião, se lhes dessem os logares de Arzila e Mazagão, senão que o levaria a Fez. Os fidalgos lhe mandaram em resposta que elles não eram senhores d'aquelles logares, senão El-Rei de Portugal, o qual já havia de estar alevantado; que lhe mandasse elle aquelle recado, e El-Rei faria o que lhe parecesse; mas se elle de presente quizesse pôr em resgate honesto e justo o corpo d'El-Rei, elles dariam de suas fazendas por elle dez mil cruzados, e quanto aos

ameaços que dizia de o levar a Fez, não acertava nisso; porque o Rei alevantado em Portugal o sentiria muito, e trabalharia vingar qualquer descortezia feita áquelle corpo real, ainda que morto, e o mesmo faria El-Rei D. Philipe de Castella, seu tio, que muito o amava, e egualmente receberia o aggravo como o Rei de Portugal. Com isto mandou o Xarife se guardasse aquelle corpo, e o levaram a Alcacere-Quibir, mettido no fundo de umas andas sem capelladas, em que ia Jorge da Silva, fidalgo muito honrado, velho e doente, cuja morte fez desemparados e orphãos os filhos de Lisboa, de cujas necessidades elle era geral provedor, por sua grande riqueza e virtuoso zêlo.

Acabadas estas cousas se partiu o Xarife pera Fez, a gosar da victoria e do titulo novo de Rei: indo pois já caminhando, á quinta feira logo seguinte, mandou a Belchior de Amaral que, em companhia do alcaide Hamet-Taba, tornasse a Alcacere, onde o corpo d'El-Rei estava, e o enterrasse. Tornando Belchior do Amaral, como lhe era mandado, o veio ahi sepultar a uma logea do alcaide Habraem-Sufiani, que ficava alcaide em Alcacere; o qual á quarta feira, antes que El-Rei fosse enterrado, mandou buscar alguns captivos pera reconhecerem aquelle corpo, pera o qual buscaram a Fernão da Silva, que ahi estava (posto que não conhecido dos mouros por fidalgo tão nobre e acceito a El-Rei), o qual, por estar muito ferido de uma arcabuzada na maçã do rosto, que lhe sahiu o pelouro por detraz da orelha, e uma grande cutilada em um braço, não poude vir vêr o corpo d'El-Rei; e chamando Martim de Castro dos Rios, filho morgado de João Diogo de Castro (o qual, por mercancia, chegou a ajuntar e deixar em a morte novecentos e tantos mil cruzados) não sendo ainda conhecido, chegando ao corpo d'El-Rei, mettido no

fundo das andas, sendo já morto de tres dias, por estar inchado do rosto o desconheceu, e não se affirmou ser aquelle.

CAPITULO LXXII

Como o Xarife, acabada a batalha, tratou de cercar Arzila e Tangere, e mandou Belchior do Amaral a estes logares

Depois que o Xarife se viu senhor do campo, com honrosa victoria, rico despojo, e sobretudo Rei pacifico de toda Berberia, determinou seguir a victoria, com a empreza dos logares de Arzila e Tangere, por ficarem sem nenhuma maneira de guarnição, não havendo nelles mais que mulheres e gente fraca, que todos cheios de medo e confusão, e ajuntando a conselho os alcaides, o dia seguinte da batalha, pera esse effeito se metteu em uma tenda, em roda da qual estavam muitos captivos fidalgos, entre os quaes se achou Gil Fernandes de Carvalho, capitão de Mazagão, pratico na lingua arabica, que ouvia e entendia o que se tratava no conselho.

Os alcaides e o Xarife, votando sobre o que estava proposto, depois de haver resões de cada parte, se resolveram em não emprehenderem o cerco de Arzila e Tangere. A causa principal que moveu ao Xarife a deixar esta empreza, tão importante a seus estados e facil de concluir, parte foi por com sua presença ir atalhar alterações esperadas; parte por gosar da victoria e felicidade, que a fortuna tão de improviso lhe metteu na mão, do que Gil Fernandes avisou os fidalgos que com elle estavam.

Caminhando pois o Xarife logo direito a Fez, de-

pois de Belchior do Amaral o tornar a tomar no caminho da vinda de enterrar o corpo d'El-Rei, se tratou entre o Xarife e os fidalgos portuguezes, mandassem a Arzila e Tangere um homem portuguez, que detivesse pera o resgate dos captivos o dinheiro que estivesse na armada. O Xarife como entrava novamente no governo do reino, e tinha necessidade de dinheiro pera fazer paga aos soldados, e outras despezas que não podia escusar, não engeitou a petição, antes acrecentou outros negocios que lhe relevavam; pera o qual foi eleito Belchior do Amaral, por ser homem de grão prudencia e saber em importantes negocios. De maneira que, posto que os portuguezes fingissem seu principal intento ser mandar Belchior do Amaral a entreter o dinheiro, esse foi o negocio menos cuidado d'elles; mas tomaram-n'o por achaque pera com elle abrirem caminho a outros que lhes mais relevavam, os quaes eram principalmente avisar ao Cardeal, que succedeu no reino por morte d'El-Rei D. Sebastião, do estado da batalha, da morte d'El-Rei, e dos mais particulares, e assim avisar os logares fronteiros, de Arzila e Tangere, se não temessem do cerco, de que o Xarife já estava fóra; porque se temia que os christãos, sómente com essa persuasão os despejariam, como de feito estavam buscando todos os meios de embarcação pera se sahirem. Tambem levava Belchior do Amaral lembrança mandasse um embaixador ao Xarife, a tratar do resgate dos captivos, porque entendiam nelle folgaria, e seria isto meio pera haver maior equidade e temperança em estes negocios, e outros muitos, que se moviam entre Africa e Portugal: e sobretudo mandasse resgatar o corpo d'El-Rei, que ficava em Alcacere, em acrecentamento de magua dos captivos, que o viram e sabiam o modo d'elle.

O Xarife nesta licença que deu, querendo-se tambem ajudar dos negocios que lhe relevavam, pediu a Belchior do Amaral tratasse com Pero de Mesquita, capitão de Arzila, que prendesse a Mulei-Nacar, irmão do Xarife morto, que o dia antes da batalha havia fugido do campo de Mulei-Maluco pera Arzila, por quanto fôra tredor a seu Rei: assim pedisse a El-Rei de Portugal, que fosse alevantado, lhe mandasse vir de Mazagão Mulei-Xeque, filho do Xarife, o qual Martim Corrêa da Silva lá tinha levado, por não haver com elle alguns alevantamentos ou alterações que tornassem a inquietar a Berberia.

Belchior do Amaral, depois de haver enterrado a El-Rei, tornou a seguir o Xarife, e do rio Gargos, nove leguas de Alcacere, se despediu pera tornar a Arzilla e Tangere, como estava determinado: o qual partindo á segunda feira doze de Agosto, oito dias depois da batalha, veio ter a Arzila a segunda feira seguinte pela manhã, ás oito horas do dia, onde achou toda a terra cheia de pavor do cerco que temiam, desejosos de acharem embarcação e despejarem a terra; mas com sua vinda, e novas que lhe deu da segurança de não terem cerco, ficou o capitão Pero de Mesquita alevantado a novos espiritos, pela desconfiança que tinha de se poder defender, se vieram quaesquer poucos mouros sobre elle. Tratando Belchior do Amaral do modo que se teria na prisão de Mulei-Nacar, com o capitão, como pudesse satisfazer a petição do Xarife, e não fosse aggravado Mulei-Nacar, por não haver nelle culpa, antes merecia favor por amizade dos portuguezes, deram um talho, que sem Mulei-Nacar o entender, o entretivesse o capitão com cortezias e boas palavras, que não sahisse da fortaleza, e assim o Xarife cuidasse estar preso. D'alli partindo-se Belchior do Amaral o outro dia

pera Tangere, achou que D. Diogo de Sousa, capitão-mor da armada de alto bordo, era partido pera o reino, e achou ahi D. Francisco de Sousa, seu sobrinho, com um galeão e duas zavras em guarda d'aquella costa. Belchior do Amaral esteve tres dias em Tangere fazendo seus negocios, d'onde escreveu ao reino largamente todos os avisos necessarios; o qual, como fez os negocios a que era vindo, sem fazer mais dilação, se tornou a Fez metter em seu captiveirro, como homem que ia pera sua casa, por cumprir com a obrigação da verdade e confiança que o Xarife nelle tivera.

CAPITULO LXXIII

Da pessoa d'El-Rei D. Sebastião

A fortuna invejosa dos dons naturaes e gratuitos do bemaventurado Rei D. Sebastião, a quem com a morte quiz despojar d'elles, faz agora sua lembrança mais chorosa aos que o viram vivo na prosperidade de sua pessoa e idade, e a fama mais gloriosa na memoria de sua adversidade. Morreu El-Rei D. Sebastião na batalha que houve com os africanos, no campo de Alcacere-Quibir, aos quatro de Agosto da era de 1578, quando elle tinha de idade vinte e quatro annos, sete mezes e quatorze dias, na força da juventude: mas por que do processo da historia atraz começada do tempo de sua mocidade, se pode bem entender o modo de sua vida, e muita parte de seus costumes, agora particularisando as estremadas virtudes da alma e fórma do corpo, daremos remate á historia de sua vida e morte.

Era El-Rei de sua natureza instruido por doutrina

santa, mui zeloso da fé catholica, assim pera com seu zêlo tratar as cousas da republica temporal e espiritual com inteira justiça, augmento do culto divino e santos costumes, como com força de braço espantar os inimigos da igreja catholica, e não blasphemarem o nome christão. A virtude que sobretudo se enxergou em El-Rei D. Sebastião, e elle com muita instancia pedia aos devotos religiosos alcançassem de Deus lh'a confirmasse, foi a pureza da castidade, que elle guardou até a morte, com limpeza virginal, em cuja guarda foi sempre tão zeloso e acautelado de toda a communicação, e ainda da vista ou falla de mulheres, que vieram os menos honestos a dizer d'elle, que não amava as mulheres por de sua natureza ser impotente. Foi tão zeloso da justiça, que nem os bons ficavam sem premio de seus merecimentos, nem os maus sem castigo de seus erros: com o qual, sendo tão mancebo, egualmente era temido do povo miudo e nobreza, e de todos juntamente amado e reverenciado. Foi El-Rei mui modesto no fallar e vestir, não usando das ufanias dos mancebos (a quem o mundo convida com sua gloria, pompa e atavíos) e fazia ventagem a muitos velhos no despreso e fastio dos faustos da vida. Tão inimigo era de delicias, cheiros e outros perfumes, que entranhavelmente aborrecia alguns fidalgos, se d'elles usavam. Na reformação dos bons costumes e frequencia dos sacramentos dava singular exemplo ao povo, e os que o não podiam imitar com zêlo puro, eras-lhe necessario contrafazerem-se com hypocrisia pera não serem aborrecidos d'elle. Foi El-Rei muito exercitado nas forças corporaes, e fez ventagem a todos os mancebos fidalgos de seu tempo em todos os exercicios; porque além de ser destro nas armas, o era muito mais na desenvoltura dos membros, em tornear, jogar a pélla e saltar:

hiac, por onde este negocio corria, que os resgatasse todos juntos por um certo preço. O Achahiac neste negocio com muita diligencia e calor persuadia os fidalgos que se não desaviessem com El-Rei, e a El-Rei que se concertasse com elles; isto a fim de o Xarife os não levar pera Marrocos, pera onde estava de caminho; porque, como trazia pensado que havia ser Rei de Fez, todo o seu cuidado era que os fidalgos ahi ficassem, pera que havendo elle o reino, como determinava, lhe ficassem estes captivos, de que se esperava tão grosso resgate; finalmente tanta diligencia fez pera effectuar seu intento, que concordou o Xarife com os fidalgos captivos em quatrocentos mil cruzados pelos oitenta; mas como o Achahiac era muito privado do Xarife, e tinha com elle todas as entradas cada hora que queria, principalmente no negocio do resgate dos oitenta fidalgos, nunca o Xarife lhe deu a entender o aviso que tinha de sua conjuração.

Estando o Xarife já a este tempo de caminho pera Marrocos, determinando concluir a morte dos conjurados sem alvoroço do povo, mandou toda a gente de guerra que fosse diante esperal-o a duas leguas, entre os quaes estava o Dogalí, que não se sahia da tenda, por se fingir aleijado das pernas. O Xarife, como viu os dois companheiros apartados, como o contracto dos captivos foi concluido, indo o Achahiac ao paço pera entrar, e com as confianças costumadas, não lhe deu o porteiro entrada como soia, mandando-o esperar, que o Xarife estava occupado.

O Achahiac, achando novidade nesta resposta, perplexo em seus pensamentos, e alheio da conjuração ser descoberta, discorria pelo entendimento a causa d'aquella mudança, e esperando que o Xarife o mandasse entrar, lhe foi dado recado que entrasse, o qual

entrado, foi mandado levar a um jardim, onde já o estavam esperando os qne o haviam de degolar, como logo degolaram; mas porque a fama d'este feito não fosse ter ás orelhas do Dogalí, pera que pudesse fugir ou fazer alguma alteração, mandou o Xarife logo a Hamet-taba com muita pressa ao logar aonde estava, e dentro no ataúde e cama, em que jazia aquella noite, lhe cortou a cabeça, com que ficou atalhada a conjuração, e todos os alcaides com espanto e temor da severidade do castigo e modo d'elle: mas porque de todo o Xarife ficasse fóra de similhantes sobresaltos e temores, deu ordem com que fossem degolados todos os alcaides andaluzes que andavam na companhia do Dogalí e Achahiac, e outros de que se temia, os quaes foram Gorrim-Mahomet, sobrinho do Dogalí, e Reduão, portuguez.

Quando os mouros que seguiam a parte do Xarife, e escaparam da batalha, viram as tyrannias que o novo Xarife usava com os alcaides que ajudaram a ganhar o reino a Mulei-Maluco seu irmão, desesperados de alcançarem clemencia nelle pera lhes perdoar a parcialidade que tiveram com Mulei-Hamet Xarife, pera lhe resistir, ordenaram virem-se pera o reino de Portugal; por o qual, havendo licença d'El-Rei D. Henrique, como amigos que eram dos portuguezes, e se haviam perdido na batalha, se vieram pera o reino Mulei-Xeque, filho do Xarife, e Mulei-Nacar seu tio, irmão do Xarife. Vieram tambem Cid-Abdelcherim, que entregou Arzila, Cid-Hamubenanza, viso-rei de Mequinez, com outros mouros honrados, os quaes El-Rei D. Henrique mandou agasalhar e dar acostamento pera sustentação, conforme a calidade de seus estados: mas posto que logo de principio pousassem na cidade, depois houveram por bem aposentar-se em Alvalade com toda a sua gente. Mas por que Cid-

Abdelcherim trouxe comsigo as mulheres, filhos e toda a sua casa, teve sempre distincto aposento na cidade.

CAPITULO LXXVIII

Como o Cardeal Infante D. Henrique veio de Alcobaça pera Lisboa, e como houve nova do desbarate d'El-Rei D. Sebastião

Com a triste e infelice nova do desbarate do exercito portuguez se perturbaram em grande maneira os governadores, assim pela destruição da gente, como com o temor da morte d'El-Rei D. Sebastião, que ainda se não sabia.

Postos os governadores em uma confusão cheia de dôr, quasi alheios de conselho, como poderiam entreter o povo lastimado e alvoroçado pelo cheiro das novas, que elles guardavam (como atraz fica dito) e da vista e continuação dos ajuntamentos, que cada dia duas vezes faziam a conselho (que de todo não podiam dissimular, pera o povo deixar de prognosticar grandes infortunios) logo com toda a brevidade e com todo o segredo mandaram o doutor Jorge Serrão, provincial da companhia de Jesu, a Alcobaça, onde o Cardeal estava (e onde era abbade) com cartas, dando-lhe conta do successo da batalha, e lhe pediam com muita pressa se viesse á cidade de Lisboa, pera aquietar o povo, que bramava com magua do damno geral, com claros indicios meditado, e o consolar com a presença de sua pessoa, quando de todo lhe fosse descoberta uma nova de tanto sentimento: além d'isto o doutor Jorge Serrão por palavras consolou o Cardeal, já velho e enfermo de dôr pene-

trante, com o temor da morte d'El-Rei seu sobrinho, o qual amava do coração, e pela orphandade dos reinos, ennobrecidos e deixados d'ElRei D. Manuel seu pae, juntamente com o estrago do exercito christão, prostrado em batalha campal por mãos dos barbaros afrtcanos, antigos e capitaes imigos do nome christão.

Posto o santo velho em uma agonia tão amargosa, a quem quanto mais pela larga idade as forças faltavam pera poder com tão grande nojo, tanto mais o entendimento o acrecentava com os damnos e males que via de presente, e descobria de futuro, com isto, derramando lagrimas, e dando gemidos do intimo do coração, não mostrava menos sentimento do povo christão estar banhado em seu proprio sangue, feito manjar de bestas feras nos campos de Berderia, com seu Rei posto em egual sorte, que o santo Rei David quando lamentava o de Israel, prostrado nos montes de Gelboé, com El-Rei Saul ungido de Deus, profanado e morto por mãos dos incircumcisos barbaros. O doutor Jorge Serrão, grave e eminente theologo, compadecendo-se do damno geral, acrecentado com o particular do velho, que como menino fazia seus prantos, com lamentaveis palavras, cheias de todo o sentimento e tristeza, com exemplos de similhantes infortunios, e doutrina de grande consolação da alma, e confiança de Deus dar remedio ás presentes tribulações, trabalhava quanto podia tiral-o d'aquella agonia.

O Cardeal, que sempre zelou o bem commum de tsda a christandade, com acceso ardor da fé catholica, e em particular o da republica de Portugal, vendo o estado das cousas quasi de todo perdidas e desconfiadas, com toda a brevidade se poz ao caminho da cidade de Lisboa, onde havia de renovar suas dôres com os prantos das mães, mulheres e filhos

gente, no ar, grandes exercitos de figuras, que não eram bem formadas, com similhanças humanas, e na ordem pareciam esquadrões que iam marchando. O dia que El-Rei D. Sebastião foi benzer a bandeira á Sé de Lisboa, antes de partir pera a Africa, se vio publicamente, ao tempo que o arcebispo foi metter a bandeira na hastea, depois de a ter benzido, a poz de maneira, que ficou a imagem de Christo com a cabeça pera baixo, a qual mettida na mão do alferes-mór embicou duas vezes com ella, e o tiveram não cahisse no chão. No dia da batalha, arvorando-a o alferes-mór, nunca a pôde estender, nem desenrolar, ainda que muitos homens com força o pertendessem, nem D. Fernando Mascarenhas, que nisso pôz as forças, o pôde fazer: d'onde parece estar Deos offendido de maneira, que se não quiz mostrar ao povo, já bem merecedor de seu justo castigo.

Quando El-Rei partiu de Lisboa e foi ancorar a Lagos, quando ao surgir mandou alevantar a ancora, em os forçados comoçando de vogar, lhes appareceu um homem morto, atravessado no esporão da galé, que era indicio de temor. Outro cuja significação não se engeitou, foi que indo pelo mar Domingos Madeira, musico d'El-Rei, cantando-lhe e tangendo em uma viola, começou de cantar um romance: Ayer fuiste Rey d'España: hoy no tienes um castillo: tanto foi isto tomado em mau agouro, que logo Manuel Coresma lhe disse deixasse aquella cantiga triste, e cantasse outra mais alegre. Tambem se viu o dia que El-Rei partiu com seu campo de Arzila pera Larache, ao tempo que os reposteiros estavam desarmando a tenda real pera a carregarem, vieram tres corvos a pousarem-se em cima d'ella. No mesmo dia se affirmaram muitos fidalgos que viram no ar pelejar tres aguias, com mostras de grande odio e vingança.

Muitos mouros, moradores em Alcacere, affirmaram muitas vezes, um mez antes da batalha, haverem visto no campo onde se ella deu, uma grande briga entre corvos e grous, e ferirem-se com cruel inimizade. No dia da batalha se viu o sol claramente tão vermelho, que parecia sangue, com aspecto temeroso, mostrando presagio da crueldade, ou compaixão (se d'este vocabulo se pode usar) do estrago de mortes e effusão de sangue que aquelle dia se fazia em tão dura e cruel batalha; no qual dia, affirmam muitos homens de Tangere chover algumas gottas de sangue na cidade. Assim mesmo se affirma, no mesmo dia, se ouvira em Tangere grande estrepito de armas, com tiros e golpes tão fortes, que se sentiam claramente; de maneira que muitos cuidaram, no mar perto de Tangere haver algum recontro de galés, e affirmavam e temiam Pero da Silva, que de Arzila vinha por mar servir de capitão de Tangere, e acompanhar sua irmã D. Leonor da Silva, mulher de D. Duarte, capitão da mesma cidade, haver sido salteado de algumas galés naquella costa, e na defensão, que fazia aquelle estrepito de armas, que tão claramente se ouvia.

CAPITULO LXXVI

Como e porque vias veio recado ao reino do desbarate do exercito

Tanto que o desbarate do campo christão foi feito, com o estrago de barbaro furor e envelhecido odio, logo a fama, que com similhantes novas se antecipa a denunciar os tristes successos, correu a Ceita, e d'ahi estendendo as azas de sua velocidade, de improviso passou o Estreito a Gibraltar,

donde Antonio Manso, feitor d'El Rei de Portugal, mandou um correio ao reino, e cartas aos governadores, nas quaes lhe relatava a fama que corria, ainda fresca e confusa, sem particularisar cousa alguma, senão o commum rumor do exercito portuguez ser desbaratado. Os governadores facilmente deram crédito a estas novas, pelos receios que elles e todo o povo tinham de alguns grandes perigos, em a jornada d'El-Rei ir mal ordenada; mas, porque o povo não fizesse algumas alterações em caso tão infelice, e pera encobrirem uma dôr tão geral, que comprehendia a todo o estado, recolheram em uma casa o correio, por não ser visto, nem interrogado do successo das cousas perdidas, com que nova tão triste se pudesse divulgar.

O povo, que sempre pera o mal é verdadeiro profeta, não sómente se lhe não póde esconder este correio, nem a confusão dos governadores, pera logo deixar de publicar receios de máo successo, mas já antes d'isso andava um surdo rumor por Lisboa, que El-Rei era perdido, não havendo autor de tal nova, nem do modo do successo: e na verdade, não havia outro recado primeiro que este; mas porque, depois que El-Rei esteve em Africa, o Cardeal o mandou visitar por Salvador de Medeiros, seu criado, e este, por que ao tempo que chegou a Arzila, era partido El-Rei do outro dia, se metteu na companhia do capitão Aldano, que tambem ia no alcance do exercito com mil soldados, chegou Salvador de Medeiros a visitar El-Rei um dia antes de se perder; o qual por não ter maneira de se tornar, se achou ao outro dia na batalha, de que escapou ferido, e vindo-se logo a Portugal, foi o segundo recado, mais certo e de vista, que houve da certeza do desbarate, sem ainda se saber d'El Rei se era morto.

D. Diogo de Sousa, capitão mór da armada de alto bordo, estava em Larache esperando a ida d'El-Rei, e quando soube o infelice successo do desbarate, posto em grande confusão de nojo, e não se determinando no que havia de fazer, esperou ali um dia, pera recolher aiguns christãos que viessem a demandar a frota; mas como os barbaros entenderam que a armada estava com este desenho, com grande diligencia tomaram os portos da terra, como que armavam rêde, em que haviam de vir cahir forçadamente os que tinham escapado da batalha. D. Diogo de Sousa, que entendeu sua estada era pera maior damno dos fugidos, que pera emparo, ordenou de se ir a Arzila, pera dar animo á gente, que de todo estava cheia de pavor, o qual recolhendo ali os enfermos, e algumas outras pessoas e fato, deixou seu sobrinho D. Francisco de Sousa com um galeão e duas zavras, em guarda da costa e logares, até vêr o intento do Xarife. Isto feito, deu o capitão á vela pera Portugal, onde já estava semeada a nova do desbarate; mas nem á sua chegada houve certeza da pessoa d'El-Rei ser morto, antes pelo vulgo discorreu um rumor que elle vinha na frota, o qual durou tanto, que por muitos tempos se não poude o vulgo despersuadir que El-Rei era vivo, e que andava pelo reino e outras partes escondido: ácerca do qual uns contavam visões da sua pessoa, a que alguns davam credito, outros formavam considerações medidas pelo desejo que tinham, o que deu assás confusão a muitos. Andava a duvida tão altercada em todos os estados, que além de haver muitos que affirmavam ser El-Rei vivo, outros fizeram sobre isso grossas apostas. Por esta cousa andar tanto posta em opiniões, não tomou o Cardeal o governo do reino mais que com titulo de curador, governador e defensor; ma

porque Belchior do Amaral enterrara El-Rei em Alcacere, e fôra testemunha de vista, escreveu ao reino, dando verdadeira relação da morte d'El-Rei; a cujas cartas, que D. Francisco trouxe, se deu inteiro credito, pera o Cardeal tomar logo o ceptro de Rei, como abaixo mais largamente contaremos: com o qual nem ainda se poude apagar a fama d'El-Rei ser vivo, e durou esta opinião até á morte do Cardeal, e muito tempo depois.

CAPITULO LXXVII

Como o Xarife mandou degollar o Achahiac e o Dogalí e outros alcaides

Por conjuração que o Dogalí e o Achahiac tinham tratado em vida de Mulei-Maluco, de tomarem e repartirem os reinos de maneira que o Achahiac haveria o de Fez, o Dogalí (que andava no reino de Sus) como soube a morte do Maluco, e o estado das cousas, parecendo-lhe que a occasião lhe abria a porta pera effeituar seu intento, logo com muita pressa se veio com as bandeiras que trazia direito a Marrocos, com intenção de se apossar da cidade, fingindo que a vinha emparar. Reduão, que estava de guarda d'ella, conjecturando ou sabendo o desenho dò Dogalí, não lhe quiz abrir as portas, e o desenganou que não havia de entrar dentro nella. O Dogalí, que não podia levar o negocio por força, senão por manha, dissimulou o melhor que poude aquelle desvio, e mostrou que o não sentia, marchando pera Fez, onde o Xarife estava, pera lá com Achahiac buscarem outra occasião em que com seu

intento pudessem sahir. Reduão, como entendeu o Dogalí e soube seu desenho, escreveu uma carta em lingua espanhola a Hamet-taba, alcaide mui principal e amigo do Xarife, em que lhe descobria o que tinha alcançado do Dogalí e do Achahiac, avisando-o que visse o modo que se devia ter em atalhar um tal desenho, e em guardar a pessoa do Rei.

Hamet-taba, que não sabia lêr a letra espanhola, tomou um captivo seu portuguez, e deu-lhe a lêr a carta; o qual, como vio a importancia do negocio, com todos os ameaços poz silencios ao captivo pera que se não viesse por via alguma a romper. O Taba tanto que teve este aviso, descobrio-o ao Xarife, e ambos o dissimularam, por aquelles dois homens terem alcançado muita reputação no povo, e serem mui principaes e poderosos, contra quem, em publico e por força, se remediaria mal a traição, antes perturbaria a republica em estado tão inquieto, assim do novo Rei, como de Africa estar cheia de captivos, que haviam sido tomados na batalha, e que em qualquer alteração as cousas poderiam ficar duvidosas, e com perigo: por tanto, dissimulando o Xarife com o aviso, correndo com a privança que o Achahiac com elle tinha, como o Dogalí chegou, secretamente lhe mandou dar peçonha. O Dogalí que entendeu d'onde lhe vinha o mal, dissimulando tambem com igual sagacidade, não sómente não se mostrou queixoso da peçonha que lhe o Xarife tinha dado, antes se fingio tolheito das pernas, por não ter occasião de ir ao paço, nem a outras partes, onde tivesse accasiões de perigos.

Neste tempo mandou o Xarife com graves penas por toda Berberia, que lhe trouxessem a Fez todos os fidalgos captivos, e juntos muitos em Fez, oitenta d'elles trataram com o Xarife, por meio do Acha-

hiac, por onde este negocio corria, que os resgatasse todos juntos por um certo preço. O Achahiac neste negocio com muita diligencia e calor persuadia os fidalgos que se não desaviessem com El-Rei, e a El-Rei que se concertasse com elles; isto a fim de o Xarife os não levar pera Marrocos, pera onde estava de caminho; porque, como trazia pensado que havia ser Rei de Fez, todo o seu cuidado era que os fidalgos ahi ficassem, pera que havendo elle o reino, como determinava, lhe ficassem estes captivos, de que se esperava tão grosso resgate; finalmente tanta diligencia fez pera effectuar seu intento, que concordou o Xarife com os fidalgos captivos em quatrocentos mil cruzados pelos oitenta; mas como o Achahiac era muito privado do Xarife, e tinha com elle todas as entradas cada hora que queria, principalmente no negocio do resgate dos oitenta fidalgos, nunca o Xarife lhe deu a entender o aviso que tinha de sua conjuração.

Estando o Xarife já a este tempo de caminho pera Marrocos, determinando concluir a morte dos conjurados sem alvoroço do povo, mandou toda a gente de guerra que fosse diante esperal-o a duas leguas, entre os quaes estava o Dogalí, que não se sahia da tenda, por se fingir aleijado das pernas. O Xarife, como viu os dois companheiros apartados, como o contracto dos captivos foi concluido, indo o Achahiac ao paço pera entrar, e com as confianças costumadas, não lhe deu o porteiro entrada como soia, mandando-o esperar, que o Xarife estava occupado.

O Achahiac, achando novidade nesta resposta, perplexo em seus pensamentos, e alheio da conjuração ser descoberta, discorria pelo entendimento a causa d'aquella mudança, e esperando que o Xarife o mandasse entrar, lhe foi dado recado que entrasse, o qual

entrado, foi mandado levar a um jardim, onde já o estavam esperando os qne o haviam de degolar, como logo degolaram; mas porque a fama d'este feito não fosse ter ás orelhas do Dogalí, pera que pudesse fugir ou fazer alguma alteração, mandou o Xarife logo a Hamet-taba com muita pressa ao logar aonde estava, e dentro no ataúde e cama, em que jazia aquella noite, lhe cortou a cabeça, com que ficou atalhada a conjuração, e todos os alcaides com espanto e temor da severidade do castigo e modo d'elle: mas porque de todo o Xarife ficasse fóra de similhantes sobresaltos e temores, deu ordem com que fossem degolados todos os alcaides andaluzes que andavam na companhia do Dogalí e Achahiac, e outros de que se temia, os quaes foram Gorrim-Mahomet, sobrinho do Dogalí, e Reduão, portuguez.

Quando os mouros que seguiam a parte do Xarife, e escaparam da batalha, viram as tyrannias que o novo Xarife usava com os alcaides que ajudaram a ganhar o reino a Mulei-Maluco seu irmão, desesperados de alcançarem clemencia nelle pera lhes perdoar a parcialidade que tiveram com Mulei-Hamet Xarife, pera lhe resistir, ordenaram virem se pera o reino de Portugal; por o qual, havendo licença d'El-Rei D. Henrique, como amigos que eram dos portuguezes, e se haviam perdido na batalha, se vieram pera o reino Mulei-Xeque, filho do Xarife, e Mulei-Nacar seu tio, irmão do Xarife. Vieram tambem Cid-Abdelcherim, que entregou Arzila, Cid-Hamubenanza, viso-rei de Mequinez, com outros mouros honrados, os quaes El-Rei D. Henrique mandou agasalhar e dar acostamento pera sustentação, conforme a calidade de seus estados: mas posto que logo de principio pousassem na cidade, depois houveram por bem aposentar-se em Alvalade com toda a sua gente. Mas por que Cid-

Abdelcherim trouxe comsigo as mulheres, filhos e toda a sua casa, teve sempre distincto aposento na cidade.

CAPITULO LXXVIII

Como o Cardeal Infante D. Henrique veio de Alcobaça pera Lisboa, e como houve nova do desbarate d'El-Rei D. Sebastião

Com a triste e infelice nova do desbarate do exercito portuguez se perturbaram em grande maneira os governadores, assim pela destruição da gente, como com o temor da morte d'El-Rei D. Sebastião, que ainda se não sabia.

Postos os governadores em uma confusão cheia de dôr, quasi alheios de conselho, como poderiam entreter o povo lastimado e alvoroçado pelo cheiro das novas, que elles guardavam (como atraz fica dito) e da vista e continuação dos ajuntamentos, que cada dia duas vezes faziam a conselho (que de todo não podiam dissimular, pera o povo deixar de prognosticar grandes infortunios) logo com toda a brevidade e com todo o segredo mandaram o doutor Jorge Serrão, provincial da companhia de Jesu, a Alcobaça, onde o Cardeal estava (e onde era abbade) com cartas, dando-lhe conta do successo da batalha, e lhe pediam com muita pressa se viesse á cidade de Lisboa, pera aquietar o povo, que bramava com magua do damno geral, com claros indicios meditado, e o consolar com a presença de sua pessoa, quando de todo lhe fosse descoberta uma nova de tanto sentimento: além d'isto o doutor Jorge Serrão por palavras consolou o Cardeal, já velho e enfermo de dôr pene-

trante, com o temor da morte d'El-Rei seu sobrinho, o qual amava do coração, e pela orphandade dos reinos, ennobrecidos e deixados d'ElRei D. Manuel seu pae, juntamente com o estrago do exercito christão, prostrado em batalha campal por mãos dos barbaros afrtcanos, antigos e capitaes imigos do nome christão.

Posto o santo velho em uma agonia tão amargosa, a quem quanto mais pela larga idade as forças faltavam pera poder com tão grande nojo, tanto mais o entendimento o acrecentava com os damnos e males que via de presente, e descobria de futuro, com isto, derramando lagrimas, e dando gemidos do intimo do coração, não mostrava menos sentimento do povo christão estar banhado em seu proprio sangue, feito manjar de bestas feras nos campos de Berderia, com seu Rei posto em egual sorte, que o santo Rei David quando lamentava o de Israel, prostrado nos montes de Gelboé, com El-Rei Saul ungido de Deus, profanado e morto por mãos dos incircumcisos barbaros. O doutor Jorge Serrão, grave e eminente theologo, compadecendo-se do damno geral, acrecentado com o particular do velho, que como menino fazia seus prantos, com lamentaveis palavras, cheias de todo o sentimento e tristeza, com exemplos de similhantes infortunios, e doutrina de grande consolação da alma, e confiança de Deus dar remedio ás presentes tribulações, trabalhava quanto podia tiral-o d'aquella agonia.

O Cardeal, que sempre zelou o bem commum de tsda a christandade, com acceso ardor da fé catholica, e em particular o da republica de Portugal, vendo o estado das cousas quasi de todo perdidas e desconfiadas, com toda a brevidade se poz ao caminho da cidade de Lisboa, onde havia de renovar suas dôres com os prantos das mães, mulheres e filhos

d'aquelles fidalgos e cavalleiros, os quaes na batalha morreram ficando ellas viuvas, orphãos e desconsolados. Chegando o Cardeal a Lisboa, um sabbado dezaseis de Agosto de 1578, se foi aposentar no convento de S. Bento de Enxobregas, onde sendo visitado ao domingo pela manhã d'esses poucos fidalgos velhos que ficaram no reino (a quem as largas idades não deram logar de seguir El-Rei D. Sebastião) assim por lhe ser devida a tal visitação, como por saberem a certeza do mal que esperavam, logo aquelle dia foi divulgada a triste e infelice nova do desbarate, com que a tristeza de tal maneira occcupou os corações de cada pessoa de todo o estado e sexo, que emudecidos com a dôr não havia mais que suspiros, e sobresaltos da sorte que a cada um caberia dos seus, que não poderia ser menos de morte ou captiveiro: e por d'isto não haver particular relação, e cada um ter esperanças que a sua fortuna seria menos pesada, trocada a morte em captiveiro, este era o geral remedio e consolação a que todos se acolhiam. Não se socegando pessoa alguma, a quem tocavam os penhonhores que em Africa tinham de filhos, maridos ou parentes, andava todo o povo em agonisada confusão, como gente sem conselho no que devia fazer ou seguir, perguntando e inquirindo cada um o que lhe relevava saber, o que causava tão geral dôr a todo o estado e pessoa, que a nenhuma ficava liberdade de dar consolações a outros, por não haver quem ficasse isento d'estes golpes tão crueis, que a infelice nova deu a todos os corações.

CAPITULO LXXIX

Como o Cardeal foi alevantado por curador, governador e successor dos reinos de Portugal

Tanto que o Cardeal chegou a Lisboa, despediu correios ao duque de Bragança, conde de Tentugal, e outros senhores que ficaram no reino, que com a brevidade que o negocio pedia se viessem a Lisboa, e aos que estavam na cidade mandou recado pera se tratar do que convinha ao bem do reino, posto em estado de tanto desemparo; mas porque ainda a este tempo não havia certesa alguma da morte d'El-Rei D. Sebastião, antes alguns disseram que o viram vivo fóra do campo da batalha, mandou o Cardeal a Simão Gonçalves Preto, chanceler mór, e aos doctores Paulo Affonso, Gaspar de Figueiredo, Hieronimo Pereira de Sá, Pero Barbosa, e Manuel de Quadros, desembargadores do paço, e a outros muitos juristas doctos que na cidade estavam, que estudassem e resolvessem o que o Direito dispunha em o estado presente de um reino orfão, e do successor sacerdote.

Estudado o caso com muita diligencia, não havendo duvida poder o Cardeal succeder nos reinos de Portugal, posto que tivesse autoridade, com o titulo de Cardeal e arcebispo que era de Evora, e o havia sido de Braga e Lisboa, todavia no outro ponto, do reino ser havido por orfão, houve mais difficuldade: de maneira que, altercada a materia, em como o reino estava em certa maneira vago, por não ter jurado Principe, e não havido de todo por orfão, por não haver certesa da morte d'El-Rei D. Sebastião, se resolveram, como determinação assignada por todos, que o Cardeal, filho d'El-Rei D. Manuel e tio d'El-Rei D.

Sebastião, fosse alevantado por curador, governador, e successor dos reinos, por elle ser a pessoa mais conjuncta em parentesco que havia na linha real.

O Cardeal, que já a este tempo estava aposentado nas casas do duque de Bragança (por se não atrever com dôr a vêr os paços onde El-Rei morava) com a resolução que se tomou por os letrados, mandou ajuntar em seus aposentos os senhores e fidalgos que havia na cidade, com os vereadores e mais camara, chanceller, e desembargadores do paço, a casa da supplicação e civel, com os da mesa da consciencia, e mais tribunaes da justiça e officiaes, pera fazerem o acto do alevantamento, pera provimento do governo do reino, antes do qual, a todos juntos disse:

«Nenhum castigo mais severo me Deus pudéra dar nesta idade e estado em que me vêdes, que receber agora as honras e successões que os Principes grangeáram com muito cuidado; pois me fica a cargo consolar-vos das mortes de vossos filhos e parentes, e ás donas, de seus maridos, tendo eu tanta necessidade de ser ajudado de quem me posso aliviar a pena que sinto em vos vêr diante de mim com tanta magoa, que entendo que vós não sentis tanto por vossos divídos, como pelo senhor Rei meu sobrinho, que eu tanto amava, e vós ajudastes a criar. Não vos pareça que é de animo fraco verdes-me correr estas lagrimas dos olhos, mas entendei que é de amor e compaixão de todos vós, em que sempre enxerguei lealmente de verdadeiros vassallos, e agora sinto mais no muito soffrimento que tendes das mortes e captiveiro de vossos filhos, e o pouco que tendes, de arreceio da morte de vosso Rei, em que vos fazeis meus companheiros na sorte e magoa. Deos vos pague a consolação que me dais em vos vêr esses animos tão nobres e leaes, pera me ajudardes com a carga, que em tal idade e tais

forças me quereis lançar a estas costas, e eu por meus pecados não posso fugir, em tempo que se eu tivera muitas forças a devia engeitar, por resão da dignidade pontifical e da quietação que sempre dezejei, quanto mais que, ainda que eu estivera em idade grangeadora d'esses estados, de pouco gosto e muita pena foram elles pera mim, todas as vezes que me visse assentado no trono de meu muito amado sobrinho, unico herdeiro d'estes reinos, El-Rei D. Sebastião dotado de todas as virtudes dignas de grande monarcha, quando cuidasse que seu corpo podia estar sepultado nas entranhas de animaes feroces; e ainda que eu não sou certo de sua morte, não me posso aquietar de sobresaltos que me batem no coração, vendo quão cruel foi a batalha em que elle havia ser o primeiro que comettesse, por seu esforço, e o derradeiro que d'ella sahisse, por ser companheiro a seus vassallos nos perigos: mas já que Deos deu este tão grande açoute, por peccados nossos, parece que a mim coube maior parte d'elle, tanto por a dôr que sinto de meu sobrinho, que forçadamente deve ser morto ou captivo, como por me eu agora sacrificar em tomar o peso do emparo do reino, posto em estado de grandes trabalhos, e eu já debilitado sem forças, não me ficando mais que pera tratar da morte, de que já me vêdes tão visinho.»

Com estas palavras dignas de um Principe tão santo, causadoras de tristesa, com a fresca lembrança, ou pera melhor dizer, do temor que cada um tinha da nova que esperava da morte dos seus, houve entre todos um mortal silencio, acompanhado de lagrimas e suspiros das considerações e dores de que todos estavam salteados. Com isto, publicado o assento que se tinha tomado por os juristas, conforme a elle se fez acto publico em que o Cardeal foi alevan-

hiac, por onde este negocio corria, que os resgatasse todos juntos por um certo preço. O Achahiac neste negocio com muita diligencia e calor persuadia os fidalgos que se não desaviessem com El-Rei, e a El-Rei que se concertasse com elles; isto a fim de o Xarife os não levar pera Marrocos, pera onde estava de caminho; porque, como trazia pensado que havia ser Rei de Fez, todo o seu cuidado era que os fidalgos ahi ficassem, pera que havendo elle o reino, como determinava, lhe ficassem estes captivos, de que se esperava tão grosso resgate; finalmente tanta diligencia fez pera effectuar seu intento, que concordou o Xarife com os fidalgos captivos em quatrocentos mil cruzados pelos oitenta; mas como o Achahiac era muito privado do Xarife, e tinha com elle todas as entradas cada hora que queria, principalmente no negocio do resgate dos oitenta fidalgos, nunca o Xarife lhe deu a entender o aviso que tinha de sua conjuração.

Estando o Xarife já a este tempo de caminho pera Marrocos, determinando concluir a morte dos conjurados sem alvoroço do povo, mandou toda a gente de guerra que fosse diante esperal-o a duas leguas, entre os quaes estava o Dogalí, que não se sahia da tenda, por se fingir aleijado das pernas. O Xarife, como viu os dois companheiros apartados, como o contracto dos captivos foi concluido, indo o Achahiac ao paço pera entrar, e com as confianças costumadas, não lhe deu o porteiro entrada como soia, mandando-o esperar, que o Xarife estava occupado.

O Achahiac, achando novidade nesta resposta, perplexo em seus pensamentos, e alheio da conjuração ser descoberta, discorria pelo entendimento a causa d'aquella mudança, e esperando que o Xarife o mandasse entrar, lhe foi dado recado que entrasse, o qual

entrado, foi mandado levar a um jardim, onde já o estavam esperando os qne o haviam de degolar, como logo degolaram; mas porque a fama d'este feito não fosse ter ás orelhas do Dogalí, pera que pudesse fugir ou fazer alguma alteração, mandou o Xarife logo a Hamet-taba com muita pressa ao logar aonde estava, e dentro no ataúde e cama, em que jazia aquella noite, lhe cortou a cabeça, com que ficou atalhada a conjuração, e todos os alcaides com espanto e temor da severidade do castigo e modo d'elle: mas porque de todo o Xarife ficasse fóra de similhantes sobresaltos e temores, deu ordem com que fossem degolados todos os alcaides andaluzes que andavam na companhia do Dogalí e Achahiac, e outros de que se temia, os quaes foram Gorrim-Mahomet, sobrinho do Dogalí, e Reduão, portuguez.

Quando os mouros que seguiam a parte do Xarife, e escaparam da batalha, viram as tyrannias que o novo Xarife usava com os alcaides que ajudaram a ganhar o reino a Mulei-Maluco seu irmão, desesperados de alcançarem clemencia nelle pera lhes perdoar a parcialidade que tiveram com Mulei-Hamet Xarife, pera lhe resistir, ordenaram virem-se pera o reino de Portugal; por o qual, havendo licença d'El-Rei D. Henrique, como amigos que eram dos portuguezes, e se haviam perdido na batalha, se vieram pera o reino Mulei-Xeque, filho do Xarife, e Mulei-Nacar seu tio, irmão do Xarife. Vieram tambem Cid-Abdelcherim, que entregou Arzila, Cid-Hamubenanza, viso-rei de Mequinez, com outros mouros honrados, os quaes El-Rei D. Henrique mandou agasalhar e dar acostamento pera sustentação, conforme a calidade de seus estados: mas posto que logo de principio pousassem na cidade, depois houveram por bem aposentar-se em Alvalade com toda a sua gente. Mas por que Cid-

Abdelcherim trouxe comsigo as mulheres, filhos e toda a sua casa, teve sempre distincto aposento na cidade.

CAPITULO LXXVIII

Como o Cardeal Infante D. Henrique veio de Alcobaça pera Lisboa, e como houve nova do desbarate d'El-Rei D. Sebastião

Com a triste e infelice nova do desbarate do exercito portuguez se perturbaram em grande maneira os governadores, assim pela destruição da gente, como com o temor da morte d'El-Rei D. Sebastião, que ainda se não sabia.

Postos os governadores em uma confusão cheia de dôr, quasi alheios de conselho, como poderiam entreter o povo lastimado e alvoroçado pelo cheiro das novas, que elles guardavam (como atraz fica dito) e da vista e continuação dos ajuntamentos, que cada dia duas vezes faziam a conselho (que de todo não podiam dissimular, pera o povo deixar de prognosticar grandes infortunios) logo com toda a brevidade e com todo o segredo mandaram o doutor Jorge Serrão, provincial da companhia de Jesu, a Alcobaça, onde o Cardeal estava (e onde era abbade) com cartas, dando-lhe conta do successo da batalha, e lhe pediam com muita pressa se viesse á cidade de Lisboa, pera aquietar o povo, que bramava com magua do damno geral, com claros indicios meditado, e o consolar com a presença de sua pessoa, quando de todo lhe fosse descoberta uma nova de tanto sentimento: além d'isto o doutor Jorge Serrão por palavras consolou o Cardeal, já velho e enfermo de dôr pene-

trante, com o temor da morte d'El-Rei seu sobrinho, o qual amava do coração, e pela orphandade dos reinos, ennobrecidos e deixados d'ElRei D. Manuel seu pae, juntamente com o estrago do exercito christão, prostrado em batalha campal por mãos dos barbaros afrtcanos, antigos e capitaes imigos do nome christão.

Posto o santo velho em uma agonia tão amargosa, a quem quanto mais pela larga idade as forças faltavam pera poder com tão grande nojo, tanto mais o entendimento o acrecentava com os damnos e males que via de presente, e descobria de futuro, com isto, derramando lagrimas, e dando gemidos do intimo do coração, não mostrava menos sentimento do povo christão estar banhado em seu proprio sangue, feito manjar de bestas feras nos campos de Berderia, com seu Rei posto em egual sorte, que o santo Rei David quando lamentava o de Israel, prostrado nos montes de Gelboé, com El-Rei Saul ungido de Deus, profanado e morto por mãos dos incircumcisos barbaros. O doutor Jorge Serrão, grave e eminente theologo, compadecendo-se do damno geral, acrecentado com o particular do velho, que como menino fazia seus prantos, com lamentaveis palavras, cheias de todo o sentimento e tristeza, com exemplos de similhantes infortunios, e doutrina de grande consolação da alma, e confiança de Deus dar remedio ás presentes tribulações, trabalhava quanto podia tiral-o d'aquella agonia.

O Cardeal, que sempre zelou o bem commum de tsda a christandade, com acceso ardor da fé catholica, e em particular o da republica de Portugal, vendo o estado das cousas quasi de todo perdidas e desconfiadas, com toda a brevidade se poz ao caminho da cidade de Lisboa, onde havia de renovar suas dôres com os prantos das mães, mulheres e filhos

teadas de branco e vermelho, a quem antecediam as trombetas, outrosim a cavallo, sem ainda haver estrondo, nem se tanger cousa alguma: toda a mais gente, fidalgos, camara e povo, iam a pé: os condes da Castanheira e Sortelha levavam as redeas da mula, um de cada parte, diante dos quaes ia o conde de Portalegre, mordomo-mór, com a cana na mão.

N'esta fórma chegaram aos degrans do hospital, onde o Cardeal se apeou: tanto que chegou á porta da igreja o vieram receber em procissão toda a cleresia da capella d'El-Rei e cabido da Sé, com todos os cantores, onde vinha em pontifical D Jorge de Almeida, Arcebispo de Lisboa, com uma reliquia debaixo de um palio, que deu a beijar ao Cardeal. Vinham tambem em pontifical os bispos seguintes: D. André de Noronha, bispo de Portalegre, D. Jeronimo Osorio, bispo do Algarve, D. Jorge de Aaíde, bispo que foi de Vizeu, dois bispos hibernios, D. Martinho de Ilhoa, bispo de S. Thomé, D. Sebastião da Fonseca, bispo de Targa: traziam capas D. Theodosio de Bragança, eleito Arcebispo d'Evora, D. João de Castro, capellão-mor d'El-Rei D. Sebastião, D. Miguel, seu sobrinho, eleito bispo de Vizeu, D. João de Bragança, filho do conde de Tentugal, D. João de Sá, e outros muitos capellães fidalgos: os assistentes que levavam o gremial ao Arcebispo eram, Pero Lourenço de Tavora, diocesano de Thomar, Antonio Telles de Menezes, inquisidor, que depois foi bispo de Lamego: os que levavam as varas do palio eram, Affonso Furtado de Mendonça, daião da Sé de Lisboa, D. Affonso Castelbranco, esmoler d'El-Rei, que depois foi bispo do Algarve, D. João de Menezes, arcediago da Sè de Lisboa, que depois foi Arcebispo de Braga, D. Alvaro de Sousa, D. Cristovão de Castro, filho de D. João de Cascaes, e o arcipreste da Sé: a agua

benta lançou ao Cardeal D. André de Noronha, bispo de Portalegre, á porta da igreja, o qual foi fazer oração á capella, e d'ahi com um bordão na mão subiu ao theatro e sê assentou na cadeira que estava debaixo do docel, onde deu o bordão a um moço fidalgo, diante do qual estavam desbarretados em pé os bispos e senhores, o duque de Bragança com o estoque ao hombro á mão direita, e D. João Tello com a bandeira real enrolada, posto num canto do theatro da mão direita: a este tempo subiu ao theatro Hieronimo Pereirà de Sá, desembargador do paço, è fez uma breve falla, em como Nosso Senhor houvera por seu serviço de levar da vida presente El-Rei D. Sebastião, Rei dos reinos de Portugal; que ali era vindo o Cardeal D. Henrique, seu tio, filho d'El-Rei D. Manuel e successor do reino, pera ser alevantado por Rei, pera o emparar e governar. Nisto chegaram á mesa, onde estava o missal e cruz, D. João de Castro e D. Miguel de Castro: o Cardeal, posto de giolhos, com as mãos no missal, tomou juramento de bem e fielmente governar os reinos, sustental-os com justiça, e guardar os privilegios e liberdades que por os Reis antepassados foram concedidos; tomando o qual juramento estava Miguel de Moura, secretario, posto de giolhos de uma parte, lendo a fórma do juramento, e da outra o arcebispo de Lisboa, que o tomava ao Cardeal, e assentado o Cardeal na cadeira, lhe metteu o ceptro na mão Francisco de Sá de Menezes, seu camareiro-mór, que depois foi conde de Mattosinhos: depois veio o duque de Bragança, e os condes, fazer homenagem e beijar a mão a El-Rei: apoz elles os prelados, depois outros senhores e fidalgos seculares, a camara de Lisboa, desembargadores do paço, corregedores da côrte, levavam o mesmo estylo, a que El-Rei fazia cortezia. Acabado isto, ap-

pareceu um rei. d'armas disendo: «obedí, obedí» e logo D. João Tello, que tinha a bandeira já despregada, disse:

Real, real, real, pelo serenissimo Principe D. Henrique Rei de Portugal: a quem o povo respondeu repetindo as mesmas palavras, e tocaram as trombetas e charamelas e atabales, e fazendo pausa, se tornáram a repetir as mesmas palavras e instrumentos, e se começou ao redor da igreja procissão, com Te Deum laudamus, o qual acabado, na capella a El-Rei D. Henrique lhe beijaram muitas pessoas a mão: d'alli fazendo volta pera casa com o cepto na mão, acompanhado de toda a gente de cavallo, e indo diante a bandeira e reis d'armas, com os instrumentos, acclamando: real, real, por o serenissimo Principe Rei de Portugal: a quem todo o povo respondia com as mesmas palavras, chegando ao paço (cujas paredes estavam nuas, sem panno nem ornamento algum) se recolheu El-Rei, e agasalhou os senhores e prelados, com cortesias e mostras de risos fingidos, por encobrir o intimo nojo que lhe tinha occupado o coração, pera nunca ser alegre em toda a vida: mas logo se recolheu a comer encerrado; o qual logo deu os officios da casa real que estavam vagos, aos fidalgos que antes o serviam: a Anrique Anriques (que por ser muito mancebo tirou o officio de camareiro-mór, pera o dar a Francisco de Sá) fez estribeiro-mór; a D. Francisco de Sousa, capitão da guarda; a Damião Borges, vedor, por o ser antes, sendo elle Cardeal; e a estes e a todos os mais fidalgos e creados fez muitas mercês e honras.

CAPITULO LXXXII

Como El-Rei teve recado que o senhor D. Antonio prior do Crato sahira do captiveiro

ESTANDO El-Rei D. Henrique mui magoado pela morte d'El-Rei D. Sebastião, e solicito da vida do senhor D. Antonio seu sobrinho, filho do Infante D. Luiz seu irmão, de que não tinhas novas de morto ou vivo, estando aposentado nas casas de Affonso de Sousa, a S. Francisco, lhe veio um correio com cartas do senhor D. Antonio, que estava em Arzila, terra de christãos, posto em sua liberdade. El-Rei que nunca, depois de alevantado, teve uma hora de alegria, por o estrago da batalha, que havia tanto tocado na casa real, na nobreza e povo de Portugal, quasi como expertado de grande somno, como outro Jacob com a nova de seu filho Joseph ser vivo, se começou a alegrar e chorar com alvoroço, fazendo ao correio perguntas, como duvidoso de poder ser verdade o que lhe dizia; o qual, lendo muitas vezes a carta, com muito gosto, se acabou se certificar e dar graças a Nosso Senhor, por a mercê que elle com isto recebia; porque, ainda que o senhor D. Antonio lhe foi desobediente, antes de Rei, e não quiz seguir seus conselhos sanctos cheios de toda a virtude, por más persuasões de muitos outros mancebos estragados, todavia quando soube de seu bom successo, não pôde encobrir o amor que lhe tinha, e mais a consolação que recebia em o ter comsigo, sendo já tão velho e só, sem haver outra faisca da casa real.

Com esta nova do senhor D. Antonio ser fóra do captiveiro recebeo todo o povo muito grande contentamento, assim pelas resões acima ditas, como por

Sebastião, fosse alevantado por curador, governador, e successor dos reinos, por elle ser a pessoa mais conjuncta em parentesco que havia na linha real.

O Cardeal, que já a este tempo estava aposentado nas casas do duque de Bragança (por se não atrever com dôr a vêr os paços onde El-Rei morava) com a resolução que se tomou por os letrados, mandou ajuntar em seus aposentos os senhores e fidalgos que havia na cidade, com os vereadores e mais camara, chanceller, e desembargadores do paço, a casa da supplicação e civel, com os da mesa da consciencia, e mais tribunaes da justiça e officiaes, pera fazerem o acto do alevantamento, pera provimento do governo do reino, antes do qual, a todos juntos disse:

«Nenhum castigo mais severo me Deus pudéra dar nesta idade e estado em que me vêdes, que receber agora as honras e successões que os Principes grangeáram com muito cuidado; pois me fica a cargo consolar-vos das mortes de vossos filhos e parentes, e ás donas, de seus maridos, tendo eu tanta necessidade de ser ajudado de quem me posso aliviar a pena que sinto em vos vêr diante de mim com tanta magoa, que entendo que vós não sentis tanto por vossos divídos, como pelo senhor Rei meu sobrinho, que eu tanto amava, e vós ajudastes a criar. Não vos pareça que é de animo fraco verdes-me correr estas lagrimas dos olhos, mas entendei que é de amor e compaixão de todos vós, em que sempre enxerguei lealmente de verdadeiros vassallos, e agora sinto mais no muito soffrimento que tendes das mortes e captiveiro de vossos filhos, e o pouco que tendes, de arreceio da morte de vosso Rei, em que vos fazeis meus companheiros na sorte e magoa. Deos vos pague a consolação que me dais em vos vêr esses animos tão nobres e leaes, pera me ajudardes com a carga, que em tal idade e tais

forças me quereis lançar a estas costas, e eu por meus pecados não posso fugir, em tempo que se eu tivera muitas forças a devia engeitar, por resão da dignidade pontifical e da quietação que sempre dezejei, quanto mais que, ainda que eu estivera em idade grangeadora d'esses estados, de pouco gosto e muita pena foram elles pera mim, todas as vezes que me visse assentado no trono de meu muito amado sobrinho, unico herdeiro d'estes reinos, El-Rei D. Sebastião dotado de todas as virtudes dignas de grande monarcha, quando cuidasse que seu corpo podia estar sepultado nas entranhas de animaes feroces; e ainda que eu não sou certo de sua morte, não me posso aquietar de sobresaltos que me batem no coração, vendo quão cruel foi a batalha em que elle havia ser o primeiro que comettesse, por seu esforço, e o derradeiro que d'ella sahisse, por ser companheiro a seus vassallos nos perigos: mas já que Deos deu este tão grande açoute, por peccados nossos, parece que a mim coube maior parte d'elle, tanto por a dôr que sinto de meu sobrinho, que forçadamente deve ser morto ou captivo, como por me eu agora sacrificar em tomar o peso do emparo do reino, posto em estado de grandes trabalhos, e eu já debilitado sem forças, não me ficando mais que pera tratar da morte, de que já me vêdes tão visinho.»

Com estas palavras dignas de um Principe tão santo, causadoras de tristesa, com a fresca lembrança, ou pera melhor dizer, do temor que cada um tinha da nova que esperava da morte dos seus, houve entre todos um mortal silencio, acompanhado de lagrimas e suspiros das considerações e dores de que todos estavam salteados. Com isto, publicado o assento que se tinha tomado por os juristas, conforme a elle se fez acto publico em que o Cardeal foi alevan-

neira por onde os mouros soubessem que lhe tinham algum respeito, antes o tratavam em publico como homem popular e não conhecido.

A principal occupação que o mouro, cujo captivo era o senhor D. Antonio, lhe dava, era escolher trigo e ir buscar boscar cardos pera o fogo; e por o mouro ser tão pobre e não ter cama que lhe dár, o agasalhava na sua e de sua mulher e filhos, em que todos se cobriam com umas cobertas velhas e pobres. Com esta dissimulação, com que os mouros estavam desmaginados de o senhor D. Antonio ser pessoa de calidade, se foram ao senhor, por differentes vias, Manuel de Fontes e Gaspar da Gram, cavalleiros de Tangere, homens avisados, e lhe disseram que aquelle seu captivo era clerigo, e tinha em Portugal boa renda e beneficios; que o devia pôr em resgate, antes que os beneficios fossem providos em outrem, por que então ficava inhabilitado pera se poder resgatar, por não ter outra fazenda de que se pudesse ajudar.

O mouro, persuadido por engano tão circumstanciado, com presença de verdade, e tambem por que El-Rei mandava que todos os fidalgos fossem levados á sua côrte pera se elle fazer senhor d'elles, determinou, com parecer e consentimento do alcaide Talemaco, de aproveitar-se da occasião do offerecimento: com isto concertaram em dois ou tres mil crusados, aos quaes havia dar fiança algum judeo abonado. O senhor D. Antonio, que tinha muitas mercês feitas, quando estava em Tangere, a Abraham-Gibre judeu de Fez, determinou descobrir-se a elle pera que o fiasse; ao qual escrevendo por Gaspar da Gram, pedindo-lhe o credito pera seu resgate, e o segredo que não fosse descoberto, lhe deu o judeu, com que os mouros se deram por satisfeitos: mas porque todas estas oousas se faziam com muita pressa, antes que houvesse

alguem que descobrisse quem era o senhor D. Antonio, fizeram com muita diligencia com que logo o levassem a Arzila: os quaes postos a caminho com o senhor D. Antonio nas ancas de um cavallo, e Antonio da Gram a pé, chegaram a Arzila, onde o senhor D. Antonio foi recebido com incrivel alegria e alvoroço, fazendo todos os moradores demonstração de grande contentamento, com que os mouros ficaram admirados de vêr o acatamento que lhe faziam, e o engano que a elles tinham feito.

O senhor D. Antonio mandou agasalhar os mouros mui honradamente, e lhes pagou o dinheiro do concerto do resgate, e além d'isso lhes deu muito mais, assim em dinheiro de contado, como em peças e joias, com que foram muito contentes, e muito mais lhes dera, se em Arzila achára quem lh'o emprestara: com isto despediu os mouros com muito amor e offerecimento de lhes fazer muitas mercês: de maneira que o primeiro homem que sahiu do captiveiro foi o senhor D. Antonio.

CAPITULO LXXXIV

Dos religiosos da Trindade que El-Rei D. Henrique mandou á Africa pera obradores do resgate dos que foram captivos na batalha

A primera cousa em que El-Rei D. Henrique entendeo, depois de tomar o ceptro real, foi com dolorosa compaixão tratar da redempção dos que haviam sido captivos na cruel batalha de Africa, e espalhados por todas as provincias, que foram mais de quinze mil; porque entendia que era obrigação,

não sómente de christandade, mas de authoridade real, acudir aos perigos das almas e corpos que os christãos padeciam em seus captiveiros, em meio de barbaros, imigos crueis do nome de Christo, pera que aquelles que por obdiencia a El-Rei D. Sebastião se haviam arriscado aos males que padeciam, em El Rei D. Henrique achassem a clemencia que mereciam por christãos e vassallos; e porque com a presença dos religiosos da Santissima Trindade, cujo principal instituto era arriscarem as vidas pela liberdade dos christãos, postos entre os infieis pagãos, elles ficassem consolados nas almas com sua doctrina, e conservados na fé com esperança de cedo serem socorridos com liberdade, pera alivio do misero captiveiro, ondenou El-Rei D. Henrique que fossem escolhidos os mais idoneos pera esta missão; pera o que dado recado ao seu provincial da parte d'El-Rei, que enviasse os seus religiosos a este ministerio, offerecendo-se logo pera a jornada muitos zelosos da fé, e de fervosa caridade; com dezejos de ir ajudar a levar a carga dos trabalhes a seus proximos e pôr as vidas por elles com coroa do martirio, foram nomeados os seguintes;

Frei Francisco da Costa, frei Diogo Ledo, frei Jorge, frei Ignacio, frei Felix, frei Athanasio, frei Agostinho, frei Antonio de Alvito, frei Salvador, frei Manuel de Evora, frei Luiz da Guerra, frei Francisco do Trucifal, frei Dionisio, frei André dos Anjos, frei Belchior, frei Antouio do Espirito Santo, frei Damião, e outros mais; os quais logo se partiram pera Cepta, onde frei Roque estava pera d'ahi os enviar com sua benção fazer as missões que lhe parecesse por toda a Berberia, a consolar as ovelhas de Christo, que andavam derramadas entre os lobos famintos do sangue de seu corpo, e da perdição das almas, pera que

como os pastores pios as ajuntassem e consolassem no meio das crueis perseguições.

Chegados estes religiosos a Cepta, com aceso fervor de empregar o talento de seu espirito e caridade em obras esperadas pera remedio de graves desconsolações das almas dos captivos e tormento dos corpos, como chegaram, não tratando de repouso, tomáram a benção a seu prelado frei Roque, e sem alforge nem dinheiro, á imitação aos apostolos, se metteram pelo deserto do paganismo cego, repartidos por diversas partes, pera que sua doctrina e caridade fosse derramada por muitos que d'ella estavam necessitados; os quais andavam pelas cidades pregando, animando e consolando aos miseros captivos, aos quais não sómente ministravam os sacramentos, mas acudiam ás necessidades corporaes, curando os enfermos, dando de comer aos famintos, animando aos fracos, e sobre tudo aleviando os trabalhos do captiveiro com a certesa aos mouros que lhes seria pago o preço de sou resgate. Com este zêlo e favor foram os santos religiosos repartidos d'esta maneira:

Frei Agostinho foi enviado a Fez, frei Antonio de Alvito a Alcacere: estes dois religiosos morreram occupados na messe do Senhor, cheios de muitos trabalhos e perseguições, com que mereceram a corôa da gloria: pera Tetuão e suas camaras foram enviados frei Jorge, frei Diogo Ledo, frei Belchior, frei Antonio do Espirito Santo, frei Damião, frei Luiz da Guerra e frei Francisco do Trucifal; pera Marrocos foi frei Salvador: pera Alcacere frei Manuel de Evora: frei Dionisio, com frei Luiz Lourenço que estava em Cepta, foram pera Tangere: frei André dos Anjos foi pera Melinha, por aviso que houve que áquellas comarcas eram pelas Alarves levados muitos captivos, que áquella fortaleza fronteira vinham resgatar, em

os quais frei André tem feito muito fruito; em Cepta ficaram frei Athanasio e frei Felix; e por que frei Roque tinha recado d'El-Rei D. Henrique pera ir buscar o corpo d'El-Rei D. Sebastião a Fez, onde o Xarife então estava, levou em sua companhia os padres frei Francisco da Costa e frei Ignacio; mas por que o padre frei Roque havia de tornar com o corpo, trouxe comsigo frei Francisco da Costa, e passando por Tetuão, trouxe frei Jorge, e deixou em Fez frei Ignacio, por ser homem de muita prudencia e zêlo pera negocio de tanta importancia.

Com estas missões, que o padre frei Roque fez dos seus subditos por toda a Berberia, foi tão geral o alivio que os captivos sentiram, que lhes parecia que não tinham captiveiro; por que, além de elles serem consolados com sua vista, doctrina e obras, tem elles tanto credito naquellas partes com os mouros, que com as promessas que os padres lhes faziam de lhes pagarem os preços de seus resgates, alargaram elles o captiveiro a uns, e a outros (de que não tinham esperanças de rasgate) com rogos dos religiosos usavam os mouros com elles de alguma clemencia, temperando o rigor do captiveiro. Tanta foi a caridade, no processo do captiveiro, que estes religiosos usavam com os captivos, que além d'estes beneficios e outros muitos, se obrigaram elles por seu credito por fiadores do resgate de muitos, fazendo commutação de sua liberdade com o captiveiro de muitos christãos, em que mostraram o ferveroso zêlo de seus peitos, com grandes merecimentos de vida e honra de sua religião, cujo exemplo ficará eterno na memoria dos homens, pera execução de signaladas virtudes; por que d'estes está hoje em Marrocos reteudo e preso frei Ignacio, por credito que deu a pessoas par-

ticulares, que importam nove mil cruzados: frei Manuel de Evora pela mesma maneira está em Alcacere-Quibir preso, e muitas vezes maltratado e carregado de ferros, por similhantes dividas, que importam quatro mil cruzados: em Tetuão estão tambem presos, ou pera melhor dizer captivos, frei Francisco do Trucifal e frei Luiz da Guerra, por outras dividas que tomaram sobre si, dos captivos que fiaram; com os quaes captiveiros e maus tratamentos o seu zêlo de caridade não affrouxa, pera deixarem de se exercitar em todas as obras pias; antes alegres em suas prisões desejam ainda ser martyrisados por amor de seus proximos, pera com a imitação de S. Paulo mostrarem o merecimento de suas almas, e louvores de Deus; e em semelhantes obras resplandecem, com grande edificação da egreja catholica e confusão dos barbaros pagãos, e grande consolação dos miseros captivos; os quaes religiosos todos, uns e outros, assim os presos, como os que andavam em liberdade, além das intrataveis asperezas da terra, padeciam com alegre rosto muitas injurias, affrontas e outros maus tratamentos dos mouros, por fazerem a vocação pera que Deus os escolheu, clara e fermosa com resplandor de sua caridade, como insignes ornamentos de sua religião; cujos exemplos tem dado tanto animo aos outros professores d'ella, e lhes tem tirado o temor dos perigos e trabalhos que entre aquellas barbaras gentes se padecem, que em competencia andam quaes serão primeiro os que se offereçam a semelhantes obras, e que com mais ousado animo mostrem o espirito cheio de caridade pera consolação dos proximos, e ponham a cabeça ao cutello pera defensão da fé, e pera receberem a coroa do martyrio, que entre os pagãos imigos do nome de Christo mais facilmente se acha. Com estes exercicios, até hoje neste

dia, nunca estes religiosos faltaram, e pera que as almas dos captivos, que Christo tanto lhes encommendou, não tomem occasião de apostatar no meio dos trabalhos do captiveiro, andam outros religiosos, e alguns dos nomeados, buscando as reliquias d'este despojo que lá ficou, tomando ás costas a cruz dos trabalhos e affrontas, pera darem liberdade aos fracos, por não correrem perigo da apostasia.

CAPITULO LXXXV

Como El-Rei D. Henrique mandou a frei Roque que resgatasse o corpo d'El-Rei

Com os avisos que o Cardeal teve (que já era alevantado Rei de Portugal) que Belchior do Amaral mandou de Tangere ao reino, ordenou mandar recado a frei Roque, commissario da ordem da Trindade, pela muita experiencia que tinha das cousas de Berberia, e crédito que tinha com os mouros, por haver trinta annos que andava no resgate, com cartas suas e d'El-Rei de Castella pera o Xarife, que tratasse de resgatar o corpo d'El-Rei D. Sebastião que estava sepultado em Alcacere-Quibir, como atraz fica dito, com commissão de dar por elle sessenta mil cruzados.

Antes que frei Roque tivesse este recado, tinha André Corso pedido ao Xarife lhe fizesse mercê d'aquelle corpo real, pera o levar a Espanha a El-Rei D. Philipe seu tio, pera com este offerecimento grangear a vontade e mercês de sua magestade. A confiança que André Corso tinha de tão facilmente pedir semelhantes mercês ao Xarife, era porque, antes que

Mulei Maluco fosse introduzido nos reinos de Berberia, lhe emprestou elle em Fez dinheiro, e fez outros avisos de que o Xarife estava bem informado, por cuja obrigação o Mulei-Maluco depois de Rei lhe fez pagamento do que lhe devia, e outras mercês gratuitas, e lhe assentou seiscentos cruzados de tença nos bens da corôa, que hoje em dia lhe paga o mesmo Xarife, como seu irmão o tinha deixado por suas amizades e muito valía. Tinha El-Rei promettido a André Corso de não dar o corpo d'Eel-Rei senão a elle, e o Achahiac, que tambem era muito acceito ao Xarife, favorecia o negocio com que o corpo d'El-Rei fosse dado a André Corso. Belchior do Amaral, que sabia o que passava ácerca disso, quando frei Roque passou por Fez, pera pôr em resgate o corpo d'El-Rei, o avisou que de tal maneira negociasse com o Xarife, pera effeito do que ia, que se desencontrasse de André Corso pela pertenção que tinha, e de Achahiac pelo favor que lhe dava. Avisado frei Roque d'isto, teve tão boa ordem e diligencia, que tomando por terceiro em seus negocios um arrenegado portuguez, medicô do Xarife, teve entrada pera lhe dar as cartas d'El-Rei de Porugal e Castella, e indo-se já de caminho de Fez pera Marrocos, o arrenegado, que sollicitava a resposta das cartas dos Reis, houve-a do Xarife, dizendo-lhe que as cartas lhe pediam o corpo d'El-Rei por resgate, e não graciosamente: frei Roque lhe disse, que da grandeza dos Reis que pediam o corpo ao Xarife era offerecer preço, e da do Xarife era dá-lo graciosamente. Com estas palavras que o arrenegado disse ao Xarife, mandou chamar a frei Roque, e diante de muitos alcaides lhe disse que lhe dava o corpo d'El-Rei livremente, sem preço, e o embaixador de Castella D. João da Silva, que estava captivo. Agradecendo-lhe frei Roque a mercê com

muitas palavras, e deixando recado ao arrenegado que lhe negociasse as provisões pera o corpo d'El-Rei lhe ser entregue, se veio a Fez, porque o Xarife ia caminhando pera Marrocos.

André Corso, que tinha pedido o corpo d'El-Rei ao Xarife, vendo que o tinha já concedido a frei Roque, e não podia ter effeito o seu intento, como se frei Roque veio pera Fez, houve do Xarife provisão com clausula que o alcaide de Alcacere lhe entregasse a elle o corpo d'El-Rei, e elle o entregasse a frei Roque ás portas de Cepta. Frei Roque, temendo-se que André Corso lhe fizesse alguma treição, com se passar a Hespanha com o corpo d'El-Rei pela via que tinha, chegou a o ameaçar, que se lhe tal fizesse, havia de fazer queixume a El-Rei de Castella e Portugal, com o que André Corso se recolheu: mas porque neste tempo vinham pera Portugal D. Jorge de Menezes de Cantanhede, D. Miguel de Noronha, D. Duarte de Castelbranco, meirinho-mór, D. João da Silva, embaixador de Castella, D. Fernando de Castro, e Luiz Cesar, a tratar o negocio do resgate, como abaixo diremos, tratou frei Roque com elles de virem por Alcacere, e trazerem a Cepta o corpo d'El-Rei; os quaes apresentando suas provisões ao alcaide de Alcacere, lhes deu licença que o trouxessem, e desenterrando-o, o metteram em uma tumba, coberto com um panno de velludo preto; nesta companhia, e d'outros christãos que se acharam presentes, entre os quaes tambem vinha André Corso, frei Francisco da Costa, companheiro de feei Roque, e frei Jorge que estava em Tetuão, o trouxeram a Cepta, onde ás portas da cidade frei Roque tomou posse d'elle.

O capitão D. Dionysio Pereira, ajuntando o cabido com mais cleresia e religiosos de S. Francisco e Trin-

dade, o vieram a receber; mas porque frei Roque, commissairo da Trindade, havia negociado a vinda do corpo d'El-Rei, e a elle estava entregue, o levou ao seu convento da Trindade, que em Cepta tem, e o mandou pôr em custodia em sua capella mór, donde esteve até que sua magestade, depois de estar em Portugal Rei pacifico, o mandou trazer ao Algarve, e d'ahi a Belem, como abaixo mais largamente se dirá. Estando depois o padre frei Roque em Cepta muito enfermo, lhe foram cartas d'El-Rei D. Henrique, e do duque de Bragança, pera ir pôr em resgate ao duque de Barcellos, filho morgado do duque de Bragança, que estava em Marrocos. Frei Roque por ser já velho e a enfermidade o carregar muito, não pôde fazer o que lhe era encomendado; mas pela muita confiança que elle tinha na prudencia e authoridade de frei Ignacio seu companheiro, que havia deixado em Fez, lhe escreveo, e lhe mandou as cartas d'El-Rei e do duque, em que lhe mandava e dava commissão que fosse a Marrocos tratar do resgate do duque de Barcellos.

CAPITULO LXXXVI

Do que os padres da companhia fizeram em Berberia no resgate e consolação dos catpivos

Não faltou nesta tão grave perseguição do captiveiro dos portuguezes, derramados em todas as partes de Berberia, o aceso zêlo dos padres da companhia de Jesu, assim com o trabalho de suas pessoas, como com a efficacia de sua doctrina; porque tendo elles muita valia com El Rei D. Henrique pela estremada devoção que lhes tinha por

suas heroicas virtudes e exemplar vida de religião, de cuja ordem era Leão Anriques confessor d'El-Rei, logo se foram a elle, e o movêram a fazer todas as diligencias, e dar toda a ajuda de sua fazenda, pera lhes socorrer na grande tribulação do captiveiro dos christãos, ao que El-Rei D. Henrique com muito fervor acudio: mas como na jornada d'El-Rei foram alguns padres da companhia pera administrarem os sacramentos aos soldados e os animarem a pelejar pela fé de Christo, ficando vivo o padre frei Alexandre, italiano de nação, homem de maravilhosa prudencia e industria em todos os negocios graves, e que nas partes da India e no Japão tinha convertidos á fé grandes povos com sua doctrina e exemplo de vida, teve tal credito com os mouros e judeos, que estando captivo se resgatou a si e aos padres, doutor Pero Martins, o padre Oliveira, Francisco Alvares, e outro companheiro seu; o qual, depois de posto em liberdade, e ter resgatado os seus padres e companheiros, resplandeceu tanto na caridade com que acudia a todas as necessidades dos captivos, que geralmente todos os desconsolados nelle punham os olhos pera suas necessidades, ao que elle acudia com tão excellente providencia, que parecia que do ceo lhe vinha o favor pera acudir a tantos atribulados com abrasada caridade; porque, deixados de parte os remedios que dava a todas as necessidades espirituaes e corporaes, creceo além d'isto em tanto credito, que todo o homem de qualquer calidade que fosse, que elle quizesse sobre sua palavra, logo pelos mouros e judeos era posto em liberdade, com que não sómente libertou muitos fidalgos com seu credito, mas teve outro maior, que lhe deram os acredores licença que viesse ao reino negociar as dividas dos resgates, por que ficára em Berberia.

O padre Alexandre, como era pera estas obras dado do ceo, vindo d'Africa trouxe comsigo grande multidão de gente, e assim em Berberia, como depois de estar em terra de christãos, dava grandes esmolas aos que d'ellas tinham necessidade; o qual, chegando a Lisboa, com o seu acostumado zêlo e diligencia, procurou haver pagamento das pessoas ricas por que ficára por fiador, e d'El-Rei D. Henrique houve grande cantidade de dinheiro pera resgatar muitos pobres que em Africa havia, a fóra muito dinheiro que levou de particulares pera o mesmo effeito; mas como elle não tinha maior emprego em que podesse ganhar a Christo, que no resgate das almas christãs, como homem que sentia a afflição dos captivos, como filhos que lhe lastimavam o coração, não tomando repouso algum pera o corpo, com muita brevidade se voltou pera Africa, assim pera desempenhar a palavra dada aos acredores, como pera novamente com mais liberdade se empregar em seus santos exercicios; o qual, levando em sua companhia o padre Antonio de Brito, da mesma ordem, pera lá tambem empregar o seu talento na administração dos sacramentos e consolações espirituaes e corporaes dos afligidos, entráram sem temor pela terra do paganismo, pondo com sua virtude silencio ao demonio, em vergonha das tyrannias que usa com as almas dos miseros barbaros: os quais, como não procuravam senão salvações de almas e honra de Deos, com taes obras e exemplo justificavam sua doctrina, que eram temidos nos infieis africanos, não temendo elles os perigos corporaes que com os pés calcavam.

Taes foram os trabalhos que estes religiosos padeceram por soccorrer as necessidades alheias, que não tendo conta com as proprias, desfalecendo-lhes as forças corporaes com o rigor dos máos tratamentos que

se lhe offereciam e asperesas que elles tomavam, que sobrevindo-lhes graves enfermidades, foi morto Antonio de Brito. O padre Alexandre, que andava mais esforçado nos exercicios acima ditos, teve nova que em Cepta se accendêra muito grande peste, e os curas e mais ministros dos sacramentos haviam fugido, com que a cidade estava desemparada dos remedios do corpo, e ainda mais dos da alma, por não haver quem administrasse os sacramentos; o qual, como entendia que nesta materia tinha mais certo o perigo, pera fazer seus merecimentos mais calificados, deixando os trabalhos do captiveiro, veio com mui acesa caridade soccorrer aos da peste; o qual, entrando na cidade com animo desprezador da morte por servir a Deos, se começou a occupar na cura dos enfermos, assim com administração dos remedios da alma, como das mesinhas do corpo, não faltando nestas obras até o Senhor o visitar com a contagião da mesma peste, de que acabou gloriosamente: os quais na vida com exemplos de suas obras testemunháram o zêlo de fé que tinham no coração, e nos certificaram quão certos tiveram a coroa de gloria nella, que Deos liberalmente tem aparelhada pera premio de tal agonia.

CAPITULO LXXXVII

Da morte do padre frei Thomé de Jesus, e do que fez em Berberia

Jestas plantas da igreja catholica, transplantadas no deserto do paganismo, em cuja esterilidade davam mór frescura e mais suave fruito, permittio o Senhor, por outra parte, plantar-se outra não menos amena, pera com assombro de sua dou-

trina consolar aos affligidos, e com o exemplo das obras conservar a muitos na fé, e anima-los nos trabalhos. Este foi aquelle grande pregador frei Thomé de Jesus, religioso de Santo Agostinho, a quem Deus comunicou tal espirito, que, fazendo offiicio de outro Tobias, nunca faltou aos miseros captivos em as necessidades da vida, antes nestas, em curar enfermos e sepultar os mortos, se empregava todo; o qual creceo tanto em acesa caridade, que, vendo quão necessaria era a presença de sua pessoa pera conservação da fé e consolação do aspero captiveiro dos christãos, nunca fez força em se resgatar, por ser companheiro na sorte e estado dos proximos, necessitados do seu favor; porque, tendo elle sua mãe e irmãos muito ricos, e a condeça de Linhares sua irmã todos offerecidos a pagarem o grosso resgate que os mouros pediam, sabendo a calidade de sua pessoa, sempre lhes escreveo não se molestassem de seu captiveiro, porque sabia que não havia de sahir, tendo em maior de todas as liberdades do mundo a do espirito, no qual andava inflamado, fazendo officio de varão apostolico, consolando com sua doutrina e obras aos affligidos, disputando com os cacizes, prégando aos infelizes barbaros, pera exaltação da fé catholica e confusão do demonio, que naquella cega gente tanta posse tinha: o qual, soffrendo com animo forte e paciente os trabalhos ordinarios do captiveiro acrescentados com oppressões e máos tratamentos do corpo, e affrontas da pessoa, por se não querer resgatar, não perdoando aos trabalhos que lhe recreciam com o emprego do zelo das almas e honra de Deos, quanto mais o fervor do espirito crecia nelles com saudades do ceo, tanto as forças corporaes lhe faltavam para sustentar os cançados membros, com os quais debilitados e enfermos, nunca desistiu do offi-

cio de apostolico varão, até a morte o chamar a possuir na bemaventurança os premios de seus trabalhos; cuja fama de virtudes tem posto espanto em todos os barbaros, e edificado aos catholicos, aonde sua fama tem chegado: o qual não sómente por palavras e obras consolava os captivos, mas em escripto se communicava aos absentes, fazendo um livro de maravilhosa doutrina, onde os ajudava a levar com paciencia suas tristes sortes, e asperas perseguições; o qual religioso, como em toda sua vida cá, ainda posto em liberdade, sempre foi um exemplo de perfeito varão, ornado de todas as virtudes, nas adversidades mostrou maior fruito em tomar a cruz de Christo ás costas, e a professar com constancia de aceso fervor da fé no meio do paganismo, pera gloria de Deos e honra de sua egreja; cujos trabalhos Deus muito estimando, o quiz manifestamente galardoar na terra, com consolações visiveis do ceo, e com a grande paciencia de suas perseguições e maior certesa de gloria; porque se tem por informação de D. Francisco, embaixador e pessoa de muito crédito, que dois mezes antes de sua morte a notificou, com o dia e hora quando Deos o havia de trasladar ao ceo, cujo transito d'esta vida posto que pôz em admiração os christãos e mouros da alegria com que se despedia do seu captiveiro voluntario á eterna liberdade, e do degredo da terra á cidade do ceo, não deixou a sua absencia de causar grandes prantos de suspiros e lagrimas de miseros captivos, em cuja presença tinham todos seu alivio, os quais com sua morte então se sentiam orphãos de um pae, o qual com entranhas de amor e caridade os consolava, e d'ahi em diante começaram de novo chorar seu captiveiro, cheio de asperezas em meio de crueis inimigos, sem consolador que lhes ajudasse a passar a carga de seus trabalhos.

Tão sentida foi a morte d'este bem aventurado religioso, que não sómente os presentes se chamavam orphãos, como os absentes, derramados por toda Berberia sentiram sua falta. Sendo elle pois captivo, foi levado a Mequinez, onde teve um senhor Morabito, o qual com cruel tratamento e aspera prisão o achegou a estado de morte, em uma grave enfermidade, causada de dormir na terra fria carregado de ferros, sem lhe permittir algum remedio de medicina; por cuja pregação e doctrina foi reduzido á fé catholica Domingos Fernandes, arrenegado portuguez, o qual naquella cidade era muito rico, e tinha muita autoridade com os mouros; o qual tocado da compunção de seus erros e alumiado da luz divina, não sómente se veio fugindo a Portugal, mas trouxe comsigo todos os captivos que pôde salvar, tendo-lhe primeiro frei Thomé havido perdão d'El-Rei D. Henrique do crime da apostasia, o qual foi negociado por seu irmão Alvaro Pires de Andrade.

D'alli foi levado a Marrocos, por mandado do Xarife, onde andava com liberdade, e no habito de sua ordem, dizendo missa cada dia na Sagena dos christãos, pregando e ministrando-lhes os sacramentos com muita caridade, e soccorrendo-lhes as necessidades espirituaes e temporaes. Com alguns judeus teve disputas, e por escripto as teve com um, que apostatou a nossa santa fé catholica, onde com muitas autoridades e eficazes rezões lhe mostrou a falsidade de seus erros e o resplandor da lei da graça promulgada de Christo, e a moisaica derogada de seu antigo vigor.

Pousava frei Thomé com o embaixador D. Francisco da Costa, onde acabou gloriosamente com fama de santidade. Foi este religioso irmão do famoso doutor Diogo de Paiva de Andrade, o qual com sublimadas letras e fama de abalisado prégador tem ce-

cio de apostolic
suir na bem
cuja fama
barb
ter
con
cava
douti
tristes
so, con
dade, se
nado de t
maior fruit
a professar
meio do paga
sua egreja; cuj
quiz manif
lações visi
suas pers
se tem
e pess
sua m
o ha
pos
da
]

gaiardoar na terra, com conso-
o ceo, e com a grande paciencia de
e maior certesa de gloria; porque
ação de D. Francisco, embaixador
crédito, que dois mezes antes de
, com o dia e hora quando Deos
ao ceo, cujo transito d'esta vida
dmiração os christãos e mouros
e despedia do seu captiveiro vo-
erdade, e do degredo da terra á
deixou a sua absencia de causar
suspiros e lagrimas de miseros
ença tinham todos seu alivio, os
então se sentiam orphãos de
strarhas de amor e caridade os
iante começaram de novo cho-
cio de asperezas em meio de
onsolador que lhes ajudasse a
trabalhos.

em soccorrer aos captivos, logo condoendo-se do
iseravel estado, com perigo de alguns apostata-
om afronta da fé catholica, e perda das suas
om todo o cuidado procurou com muita dili-
udir como se atalhassem estes males, e ou-
o captiveiro tem; pera o qual mandou a
. Rodrigo de Menezes, que depois foi go-
casa do civel, fidalgo velho e honrado,
n frei Roque, que lá estava, tratasse de
nheiro aos fidalgos, que estivessem des-
tes de os mouros terem noticia de
alevantarem o preço, e assim todos
tivessem possibilidade, e dessem or
a seus resgates; mas pera que isto
s despesas das mui grandes e ne-
ptivos, ordenou El-Rei mandar o
em roupas da India, e lá se ven-
apostasia, o que chegasse a maior numero de ca-
Alvaro Pires de beneficio e meneio d'esta fazenda man-
D'alli foi ler por feitor a Afonso Gomes de Abreu, e
rife, onde a ins Gago, tesoureiro, e vendendo-a em Ce-
ordem, di vessem conta com receita e despesa.
tãos, prem prego que foi de Lisboa, da fazenda d'El-Rei
muita enrique e da redempção geral dos captivos, foram
espirito e desasete mil cruzados, os quais beneficiados
puta portaram, com o procedido, mais de tresentos mil
a cruzados. Com este emprego partiram d'aqui Affonso
dGomes de Abreu e João Martins Gago, excepo mais
soitocentos mil cruzados que levaram em dinheiro de
contado, e joias riquissimas de ouro, prata, perolas,
pedras, e outras peças de muito preço, de partes; as
quais mandavam pessoas que lá tinham captivos, pera
seus resgates, como as mãis aos fiilhos, as mulheres
aos maridos, e os parentes aos parentes, em os quais
se mostrou estranho amor natural, e grande zelo da

lebre nome em toda a christandade, e ajudado a igreja catholica com doutos livros, nos quaes tem confundido os erros dos contumazes herejes, principalmente do heresiarca Henrique, contra quem escreveo, tendo primeiro mostrado seu delicado engenho no Concilio Tridentino, onde esteve presente por mandado d'El-Rei de Portugal, deixando nelle fama que suas letras e prudencia mereciam.

Por este e os mais religiosos de que temos fallado, com outros muitos que lá se acharam depois da batalha, permittio Deos de seu nome se tivesse noticia nos barbaros entendimentos, e suas virtudes resplandecessem tanto como eterna fama, ainda diante d'aquelles que não conhecem seu nome, pera o que as reliquias de seus ossos estão chamando pela misericordia divina, que com a luz de sua fé espalhe as trevas espessas postas de continuo sobre aquella barbara gente, sem verem o sol da justiça, nem conhecerem os erros de seus abominaveis vicios, introduzidos por astucia do demonio, o qual naquellas partes reina com absoluto imperio de engano e errores: dos quaes santos o odôr das antigas virtudes e o resplandor de sua caridade está dando suavidade a Deos na eterna gloria, e na terra deixando immortal memoria.

CAPITULO LXXXVIII

Como El-Rei mandou a D. Rodrigo e a frei Roque resgatar os captivos

Tanto era o zêlo da caridade d'El-Rei D. Henrique em todas as obras pias, em as quaes antes, quando havia sido prelado, era exercitado, com singular exemplo de todas as virtudes, que sendo persuadido dos padres da companhia das obrigações de seu es-

tado em soccorrer aos captivos, logo condoendo-se do seu miseravel estado, com perigo de alguns apostatarem, com afronta da fé catholica, e perda das suas almas, com todo o cuidado procurou com muita diligencia acudir como se atalhassem estes males, e outros que o captiveiro tem; pera o qual mandou a Cepta a D. Rodrigo de Menezes, que depois foi governador da casa do civel, fidalgo velho e honrado, pera que com frei Roque, que lá estava, tratasse de acudir com dinheiro aos fidalgos, que estivessem desconhecidos, antes de os mouros terem noticia de suas calidades, e alevantarem o preço, e assim todos os mais que não tivessem possibilidade, e dessem ordem com effeito a seus resgates; mas pera que isto se fizesse com menos despesas das mui grandes e necessarias a tantos captivos, ordenou El-Rei mandar o dinheiro empregado em roupas da India, e lá se venderem, com o que chegasse a maior numero de captivos; e pera beneficio e meneio d'esta fazenda mandou El-Rei por feitor a Afonso Gomes de Abreu, e João Martins Gago, tesoureiro, e vendendo-a em Cepta, houvessem conta com receita e despesa.

O emprego que foi de Lisboa, da fazenda d'El-Rei D. Henrique e da redempção geral dos captivos, foram cento e desasete mil cruzados, os quais beneficiados importaram, com o procedido, mais de tresentos mil cruzados. Com este emprego partiram d'aqui Affonso Gomes de Abreu e João Martins Gago, excepo mais oitocentos mil cruzados que levaram em dinheiro de contado, e jóias riquissimas de ouro, prata, perolas, pedras, e outras peças de muito preço, de partes; as quais mandavam pessoas que lá tinham captivos, pera seus resgates, como as mãis aos fiilhos, as mulheres aos maridos, e os parentes aos parentes, em os quais se mostrou estranho amor natural, e grande zelo da

christandade, na facilidade com que vendiam as fazendas, e as angustias de as mandarem a Berberia.

O modo que se tinha neste resgate era, que D. Rodrigo de Menezes e frei Roque, com os outros officiaes, despachavam e consultavam a ordem que se devia ter na distribuição d'aquelle dinheiro pera effeito do resresgate; do qual acudiam a alguns fidalgos pobres, e a outros que não eram descobertos pagavam o preço em que eram talhados, antes que descobrindo-se o viessem a levantar; e assim alguns, posto que estivessem talhados e tivessem dinheiro pera pagar junto, se lhes faltava algum, o pagavam com obrigações dos que tinham posse pera o pagarem; mas o que mais geralmente faziam d'este dinheiro era resgatar aos pobres, faltos de quem os socorresse, e assim a muitos que os mouros traziam a vender, por muitas vias; uns de que eram senhores, e outros que, indo fugidos, os guiavam e lhes satisfaziam conforme ao merecimento de seu trabalho.

Houve El-Rei por seu conselho ter este modo de resgate mais proveitoso ao bem commum do reino, d'onde se haviam de tirar tantas despezas de dinheiro e alfaias, do que ao particular dos captivos; porque d'esta maneira os miseraveis tinham ali remedio de piedade, e os ricos custariam menos e escusavam outras despezas de pessoas que deviam mandar negociar os taes resgates, arriscando-se ainda o dinheiro que a isso mandassem, por a verdade dos homens a que fosse entregue poder corremper-se, como pelos perigos do caminho e mar, onde podia ser salteado de ladrões ou cossairos, e correndo o resgate, como correu, pelos officiaes que El-Rei a isso mandou, havia as commodidades mais convenientes e evitavam-se os perigos evidentes.

Além do dinheiro que Affonso Gomes de Abreu

e João Martins Gago levaram quando partiram em um galião da armada com algumas caravellas que os acompanharam em guarda de cossairos, depois de lá estarem mandou El-Rei mais vinte mil eruzados de contado, e desasete de emprego da mesma roupa, e assim outro muito dinheiro e riquissimas peças de ouro e prata, pedras e perolas, de mui excessivos feitios, com outras peças de sedas, de colxas e alcatifas de toda a maneira, de pessoas particulares, pera se darem a troco do resgate, ou se venderem aos mouros ou judeus, onde então estava todo o dinheiro de Portugal, e no reino não haver quem comprasse, antes todos andarem vendendo, as quaes foram assim neste galeão, como quando antes foi Affonso Gomes de Abreu, a cujo beneficio ia tudo cometido, pera lá responder a cada um com o seu, no que resplandeceu grandemente a christandade d'El-Rei D. Henrique no zelo de acudir aos perigos das almas de muitos, e no amor e compaixão do seu povo, affligido em duro e aspero captiveiro dos barbaros imigos, os quaes, com tiranias e crueis tormentos se cevavam com odio nas carnes rasgadas de açoutes d'aquelles infelizes captivos, querendo assim trazer uns com tormentos a arrenegar da fé por apostasia, e a outros obrigar a descobrirem se eram fidalgos ou de calidade que pudessem resgatar-se, e quanto mais constasse a valia da pessoa, tanto mais a elles crecesse o interesse que d'isso esperavam, das pessoas a quem tocavam e feriam o coração os avisos do aspero captiveiro de alguns, desentranhando-se com compaixão, e rompendo por todas as difficuldades.

Podia tanto o amor e diligencia, que fazia a muitos vencer impossibilidades, nunca nas necessidades proprias tentadas; porque o preço mais infimo dos fidalgos era de quatro mil crusados, e d'ahi pera cima,

como entendiam que tinham posses. Martim de Castro dos Rios, pela fama de sua riqueza, foi cotado em quinze mil crusados o primeiro preço, afora a quebra do dinheiro, e outras despezas, que chegou a desesete mil crusados, e o mais infimo christão não descia de cem cruzados. D'ahi a alguns dias mandou El-Rei chamar D. Rodrigo, e ficaram frei Roque, Affonso Gomes de Abreu, e João Martins Gago com o meneio do resgate, com conselho de todos tres.

CAPITULO LXXXIX

Como El-Rei D. Henrique mandou por embaixador ao Xarife D. Francisco da Costa

Um dos avisos que Belchior do Amaral mandou a El-Rei, quando veio a Tangere, como atraz fica dito, foi que devia mandar embaixador ao Xarife, pera tratar o negocio do resgate de tantos fidalgos, porque se entendia d'elle dezejal-o, e seria este mui acommodado meio de correrem com suavidade, pois os homens sem liberdade não podiam tratar bem o que tanto importava, e mais ainda se parecessem esquecidos d'El-Rei: ajuntava-se tambem a isto mandar o Xarife por todos os seus reinos notificar com graves penas a todos os mouros, e fazer pesquisas, que lhe fossem levados todos os fidalgos captivos, ao que mandava mouros de confiança, e que onde os achassem os trouxessem á côrte, onde elle estivesse, dos quaes contractaram com o Xarife, por meio do Achahiac e Hamet-Taba, oitenta, que davam de seu resgate quatrocentos mil crusados, e mandaram ao reino D. Duarte Castelbranco, meirinho-mór, D. Fer-

nando de Castro, D. Jorge de Menezes, D. Miguel de Noronha e Luiz Cesar provedor dos almazens, a darem conta a El-Rei d'este contracto, e a applicar dinheiro que se havia de ajuntar pelas fazendas de cada um dos cáptivos d'este numero, pera sahirem do captiveiro, com a satisfação que de Portugal lhes havia de ir: por estas causas movido El-Rei a mandar embaixador, foi eleito Diogo Botelho, por ser homem muito esperto nos negocios e mui honrado e prudente fidalgo; mas Deus, que tinha determinado dar outro castigo a Portugal, não permittio ir elle, pois havia de ser principal instrumento d'elle, como foi no alevantamento e mais favor que deu ao senhor D. Antonio, pela muita amizade que tinham de criação: de maneira que não havendo effeito a embaixada com Diogo Botelho, mandou El-Rei chamar D. Francisco da Costa, e o encarregou de embaixador de Berberia, fazendo-lhe por isso muitas mercês e honras pera o obrigar a aceitar este cargo.

Posto D. Francisco da Costa ao caminho, levava o dinheiro que era junto dos oitenta fidalgos, e outro muito de partes, e com um mui rico presente ao Xarife e a outros alcaides seus privados se embarcou em um galeão com com outras caravelas em conserva, pera guarda das riquezas que iam encher a Africa, ficando Portugal despojado; o qual, desembarcando em Mazagão, partio pera Marrocos com guarda de mouros, que lhe asseguraram a pessoa e o dinheiro, pelo interesse que o Xarife d'isso tinha, em companhia do qual foram frei Antonio de Santarem, e frei José, frades da ordem da Trindade, pera lá ajudarem os captivos em seus resgates e necessidades corporaes e espirituaes; e como do numero dos quatrocentos mil crusados dos oitenta fidalgos, faltavam cento e vinte mil, por commissões que o embaixador levava d'El-

Rei ficou por fiador d'elles, com o que os fidalgos logo foram postos em liberdade e se vieram a Portugal; mas, como os homens chegam a ter o repouso de que dantes careciam, esquecidos dos trabalhos passados, muitas vezes acontece esquecerem-se das obrigações naturaes e da gratidão devida aos que se arriscaram por seu bem.

Digo isto porque tanto que os fidalgos se viram em suas casas, postos em liberdade, como eram muitos, desculpando-se cada um a si, e lançando qualquer nota á conta de todo aquelle corpo, fizeram pouca diligencia de contribuirem as dividas, pelas quaes ficava empenhado D. Francisco da Costa; e a causa d'esta dilação ser mais morosa foi a morte d'El-Rei D. Henrique, o qual com muito calor e diligencia mandava prover nestas cousas e executar os devedores, principalmente neste negocio dos oitenta, dos quaes D. Francisco da Costa estava obrigado; mas como em sua morte succedessem os governadores, embaraçados em negocios graves da successão do reino não podiam com tanta brevidade deferir a se ajuntar o dinheiro, e logo se seguissem as alterações do alevantamento do senhor D. Antonio, com as guerras do exercito d'El-Rei de Castella, não houve effeito o pagamento dos cento e vinte mil cruzados; mas estando a real magestade d'El-Rei Philipe pacifico no reino, por fazer mercê aos devedores d'aquelle dinheiro, e muito mais por libertar ao embaixador, lhe fez mercê de cincoenta mil cruzados, dos cento e vinte mil que em um dos capitulos que confirmou em Thomar havia promettido pera o resgate dos captivos no desbarate d'El-Rei D. Sebastião, os quis empregados em roupa fossem a Cepta, e ahi vendidos, e com o procedido (que se esperava ser muito) fosse o Xarife pago, D. e Francisco desobrigado.

A este negocio foi mandado a Cepta por feitor d'esta fazenda, Jacome de Oliveira, contador dos contos do reino, onde fosse vendida, ou levada a Marrocos pera se lá vender. O Xarife vendo como a diligencia que se fazia da negociação da fazenda era para effeito de se D. Francisco desobrigar, disse que não queria tomar a roupa, nem que os mouros a comprassem, senão nos preços de Portugal.

Com estas duvidas e outras não houve effeito a venda da fazenda, que estava em Cepta, até d'ella se tirarem quatorze mil cruzados pera resgate de muitos captivos, que foram captivos em Cepta, com que mais se dilatou a liberdade do embaixador D. Francisco da Costa.

Foi o caso, que correndo os turcos com nove galés pelo estreito, o anno de oitenta e tres, usaram de um ardil de muita sagacidade, onde fizeram uma grande preza da gente de Cepta: escondendo-se pois sete gales em parte onde não eram vistas, se descobriram duas no estreito, fingindo que iam seguindo uma setia (que elles tinham tomado, e nella armaram a negaça) e ella se ia acolhendo a Cepta, e pera que o engano fosse demostração de mais verdade, iam as galés esbombardeando-a sem lançar pelouros, e a setia defendendo-se da mesma maneira, e mostrava que por se ir recolhendo á fortaleza tomava animo com o soccorro, esperando-os.

Os cavalleiros de Cepta, compadecendo-se da setia, presumindo serem christãos a quem tinham obrigação ajudar e soccorrer em tal perigo, com animo aceso de vingança dos turcos se embarcaram em umas caravellas que no porto estavam, e se foram a socorrer a setía, que com fingimentos de engano encobria a tirania escondida. Tanto que as caravellas dos christãos chegaram a ella começou a volver as armas a

elles, fazendo corpo com as galés que a seguiam, e com as sete que logo acudiram, das quaes os christãos foram de improviso cercados e salteados de todas as partes; os quaes postos no perigo descoberto, d'onde já não podiam sahir a seu salvo, determinaram pelejar até morrer, o que fizeram com tanto esforço, que até serem rendidos e esbombardeados das galés, e entrados á espada com igual destroço dos turcos; onde morreram trezentos homens e foram captivos muitos, dos quais logo se fez resgate de quatorze mil cruzados, que se pagaram da fazenda assignada pera liberdade de D. Francisco da Costa, o qual ainda nesta era de oitenta e seis está em Marrocos, e não é acabado de juntar o dinheiro porque está obrigado.

CAPITULO XC

Como El-Rei D. Filippe de Castella mandou pedir ao Xarife o duque de Barcellos e outros senhores portuguezes

Não se deixou muito encobrir o zêlo da religião christã que a real magestade do catholico Rei D. Filippe de Castella tinha em seu peito, quando condoendo-se do estado do captiveiro do povo christão (ainda que os menos eram seus vassallos) quiz tambem com sua liberalidade ajudar a levar o peso de tantas despezas de Portugal, tão afligido com as perdas de tantos homens, e agora das fazendas dos vivos, das quaes por seus resgates ficaram despojados: considerando pois sua magestade o que devia á egreja catholica, como christão, e á sua dinidade real, ornada de todas as virtudes, mandou por

embaixador ao Xarife a Pero Vanhegas, o qual juntamente com o padre Martim, homem de muita virtude e negocio, practico nas cousas de Berberia, tratassem do resgate dos castelhanos que no desbarato foram perdidos: mas porque D. Theodosio, duque de Barcellos, filho do duque de Bragança, e D. Francisco Portugal filho maior do conde de Vimioso, e o conde de Portalegre mordo-mór, embaixador d'El-Rei de Castella, estavam captivos em Marrocos, mandou sua magestade aos seus embaixadores fizessem instancia ao Xarife lhe quizesse dar estes captivos.

Pero Vanhegas não se descuidando no que lhe era mandado, fez toda a diligencia possivel, até effectuar o que pertendia do Xarife, e foram dados os senhores acima nomeados; os quaes, pondo tambem muita diligencia da sua parte, com peitas e dadivas aos mouros por quem os negocios e favores corriam, puderam mais facilitar os inconvenientes e duvidas que os mouros cubiçosos e de pouca verdade cada dia acrecentavam; e como elles, nem inda o rei, sejam de espiritos grandes pera fazer liberalidades, quando por alguns respeitos que não podem escusar em publico, fazem alguma demonstração de virtude, elles mesmos em secreto trabalham pôr inconvenientes como se inhabilitem, pera desculpa de pouca fé; por isso, vendo os embaixadores de sua magestade quão usado isto era nos mouros, e com quanta difficuldade negociavam as cousas graciosas, não tinham por mal os mesmes captivos ajudarem da sua parte a atalhar os intentos dos mouros fundados em cubiça.

Postos estes senhores em liberdade se vieram por Espanha, a quem El-Rei de Castella mandou fazer muitas honras, as quaes depois o conde de Vimioso pagou mal a sua magestade, assim pela mercê de o resgatar, como em o fazer com tanto amor, tendo muito

respeito á sua pessoa; porque a primeira cousa que fez chegando a Portugal, quando as alterações das guerras se começavam a mover, e os aparatos a apetrechar, não sómente não usou da gratidão devida ás mercês de sua magestade em ajudar a quietar as cousas publicas, como elle entranhavelmente desejava, mas deu muito azo a ellas se mais alterarem, até finalmente se vir a declarar por publico inimigo d'El-Rei, alevantando bandeira contra elle em seu exercito, como no processo da historia mais largamente se dirá.

O embaixador Pero Vanhegas, por commissão que tinha de sua magestade, sabendo como Fernão da Silva, prégador d'El-Rei estava em Alcacere-Qaibir captivo, já convalecido das feridas que teve, lhe mandou dizer como tinha recado de sua magestade pera o resgatar. Fernão da Silva, posto que estimou muito a mercê que El Rei lhe fazia, e a agradeceu como ella merecia, não acceitou, por rezão de já estar contractado com o Xarife, em modo que não podia deixar de sahir por esse meio; porque havendo D. Duarte de Menezes, capitão de Tangere, seu cunhado, pouco tempo antes da batalha, captivado quasi toda a gente do aduar de Talemaco, onde estava uma mulher e uma filha e um filho e outros sobrinhos e parentes seus, por contracto que D. Duarte fez em Marrocos com o Xarife, sollicitando o alcaide de Talemaco, homem de muita valia com elle, e todos os alcaides, estava assentado fosse Fernão da Silva resgatado por vínte e duas pessoas dos mais chegados ao Talemaco, como de feito assim se effectuou; os quaes D. Duarte seu cunhado lhe deu por preço de cinco mil cruzados.

CAPITULO XCI

Do captiveiro que os portuguezes passaram em Berberia

NÃo me parece dessemelhante comparação, nem presunção mui alheia de rezão, ter que todas as prosperidades, assim da dignidade real, como das riquezas do despojo da batalha e resgate do captiveiro, que Mulei-Hamet, que ora reina em Berberia, possue com grande prosperidade e abastança, lh'as deu Deus pelo bom tratamento que havia de fazer aos christãos portuguezes, como deu a Ciro, pelo favor que havia de dar ao povo dos israelitas: e posto que alguns mouros particulares dessem graves tormentos a alguns christãos a fim de se porem em liberdade, e assim grangearem mór interesse, todavia o Xarife se fez senhor dos fidalgos, (tomando-os aos mouros que os tinham, ou fosse por lei ou tyrannia) e os tratou com muito primor e brandura; porque, antes que se elles cortassem em seus resgates, e os oitenta se contractassem nos quatrocentos mil cruzados, ordinariamente lhes mandou de comer, carneiro, gallinhas, e outras iguarias em muita abastança, como elles puderam ter em suas casas; e como os fidalgos todos pousavam na judearia, nas casas com os mesmos judeus, mandava o Xarife aos judeus lhes dessem de comer na maneira acima dita, e as despezas que fizessem, conforme a porção e regra que estava taxada, lhes fossem levadas em conta do tributo que são obrigados pagar; mas depois de se contractarem e tratarem no preço do resgate, cessou o Xarife d'esta obrigação.

Além d'esta grandeza, fez o Xarife outra, em dar liberdade a todo o fidalgo (que dava outro por fia-

dor) andasse pela cidade, como e quando quizesse, sem limitação, e se aposentasse na judearia, onde mais lhe approuvesse. Com esta franqueza se fiavam uns aos outros, e todos alcançavam tanta liberdade como poderiam ter na côrte de Portugal; porque, além de pousarem e passearem livremente onde queriam, sem mouro algum lh'o impedir ou os guardar, viviam com tanta opulencia e fausto no tratamento de suas pessoas, como homens que estavam senhores da terra, e além de cada um ter sua pousada em casas muito fermosas de judeus, com ricas camas e tapeçarias, gastavam mui explendidamente em vestir mui ricas sedas, e jogar e comer, fazendo maiores despezas que em Portugal: assim uns se mandavam prover de dinheiro de Portugal por letras, outros o tomavam dos judeus com assignados de lhes pagarem, o que os judeus faziam com maior confiança do que o fizeram os mercadores de Lisboa antes de haverem partido pera Africa.

Com esta liberdade e magnificencia se tratavam os fidalgos, e os que tinham posse, com jogos e banquetes, uns christãos aos outros, e alguns alcaides aos fidalgos; mas porque os fidalgos tivessem christãos que os servissem a modo de Portugal, se sabiam de alguns criados seus ou pessoas de obrigação, mandavam-n'os pedir aos senhores d'elles, tomados sobre sua palavra, o que os mouros não sómente faziam com muita confiança de sua verdade, mas com alegria de lhes escusar as despezas d'elles, com certeza de resgate; e em Fez, onde os fidalgos quasi todos se ajuntaram, resplandeceu um primor e ufania nelles, no tratamento acima dito, que parece foi o mais novo genero de captiveiro que houve no mundo, não digo entre barbaros, mas ainda entre christãos mui polidos. De maneira se enxergou a grandeza dos fidalgos

entre os barbaros com primor e liberdade, que além de tomarem sobre sua palavra muitos captivos e resgatarem alguns, tinham em suas pousadas ordinariamente muita gente, a que davam de comer e vestir, e suppriam muitas outras necessidades, com que se alliviava o captiveiro de quasi toda a gente que estava em Fez, e dos que depois estiveram em Marrocos, onde foram os fidalgos que não entraram no contracto dos oitenta, e alguns do mesmo numero por alguns negocios tocantes a seu resgate. O mesmo estylo que o Xarife teve com seus captivos tiveram os alcaides de outros logares com aquelles que conheciam por fidalgos ou homens honrados, aos quaes sobre suas palavras davam toda a liberdade, ainda pera se virem a Portugal alguns, ficando lá outros por fiadores.

CAPITULO XCII

Como em Fez e em Marrocos tinham os christãos missa e prégação, e outros mais officios divinos

O que ainda mais resplandeceu no captiveiro dos christãos em Fez e Marrocos, pera honra de Deus e prova de Elle favorecer o Xarife, como atraz dissemos, foi a licença que elle deu de se celebrar o culto divino, o qual se fazia com muita solemnidade dos ministros, e devoção dos ouvintes, e com isso se consolavam as almas dos devotos com alegrias espirituaes, e as dos peccadores com esperanças de divino soccorro em suas oppressões; por que, além de se dizerem cada dia na sagena missas resadas e cantadas, as quaes os christãos ouviam com muita devoção, rezando uns o officio divino, outros as co-

roas de Nossa Senhora, e outros por contas, havia tambem prégações com que eram animados a soffrer o captiveiro que padeciam, e a absencia de suas mulheres e filhos.

Nas coresmas e alguns outros dias prégava o padre frei Vicente da Fonseca, da ordem dos Pregadores, que foi arcebispo de Goa, o doutor Pero Martim, da companhia de Jesu, que se perdeu indo á conversão dos gentios da India, na náo Santiago, onde Fernam de Mendonça ia por capitão mór, frei Thomé de Jesu, irmão da condessa de Linhares, religioso de Santo Agostinho, e frei Luiz das Chagas, frade de S. Francisco; os quaes e outros sacerdotes seculares e regulares, que lá havia, mui frequentemente ouviam de confissão a todo o genero de captivos, administrando-lhes o Santissimo Sacramento da Eucharistia; cujos exercicios não sómente consolavam aos christãos, com effeito e fruito da graça que recebiam em suas almas, mas ainda em vêrem o nome de Christo venerado, e os Sacramentos frequentados no meio do paganismo, com admiração dos barbaros, que não tinham luz de fé pera enxergarem sua virtude, nem se aproveitarem de seu fruito.

Com tanta liberdade chegaram os christãos portuguezes a continuar com o culto divino, que fizeram o officio das Endoenças, cantando com canto de orgão e fallas mui estremadas, assim nas missas como paixões e lamentações, não faltando nada ao ornamento exterior que se requeria, do sepulchro onde se encerrou o Santissimo Sacramento, o qual esteve encerrado, por não haver outra opportunidade de custodia, em um calix dourado, o qual Martim de Castro dos Rios resgatou em Fez das mãos dos mouros, com uma grande cantidade de reliquias de ossos de muitos santos, que em Lisboa eu tive nas mãos: mas por

que não faltasse nada nas cerimonias e costume que a Santa Madre Egreja tem nestes dias, ordenaram os christãos uma procissão á quinta feira d'Endoenças á noite, onde houve muitos disciplinantes, que derramavam sangue das carnes que rompiam com os açoutes, e lagrimas de devoção pela compunção do coração; entre os quaes com a lembrança da paixão de Christo, ajudada com a presença de seu estado de captiveiro, se levantou um grande pranto de lagrimas e suspiros que sahiam do intimo do coração, pera que Deus se apiedasse d'elles, assim no perdão dos peccados, como na liberdade das prisões: e porque em tudo se conformassem com a significação dos mysterios dos tempos que a Igreja celebra, ordenaram a manhã da ressurreição fazer procissão mui alegre, com que os christãos recebiam não menos consolação com louvores de Deus, e acção de graças do que haviam recebido, com gemidos de contricção.

D'esta maneira andavam os captivos tão alegres n'alma, que temperavam a tristeza dos infortunios das mortes dos seus e do captiveiro proprio, com as consolações da Divina Providencia, que do ceu lhes eram rociadas; os quaes, occupados nestes santos exercicios, andavam mais reformados nos bons costumes do que andavam em Portugal, e pera mais crecer a devoção tinham confrarias do Santissimo Sacramento e outros santos, com mordomos e confrades, que ajudavam com esmolas a fazer as despezas d'ellas, pera com isso o culto divino ser mais solemnemente celebrado. Não faltavam a estas obras outras muito pias, de sepultar os defuntos, visitar os enfermos e supprir com esmolas as necessidades de muitos christãos que padeciam miserias, que em tal estado deviam ser muitos.

Rei ficou por fiador d'elles, com o que os fidalgos logo foram postos em liberdade e se vieram a Portugal; mas, como os homens chegam a ter o repouso de que dantes careciam, esquecidos dos trabalhos passados, muitas vezes acontece esquecerem-se das obrigações naturaes e da gratidão devida aos que se arriscaram por seu bem.

Digo isto porque tanto que os fidalgos se viram em suas casas, postos em liberdade, como eram muitos, desculpando-se cada um a si, e lançando qualquer nota á conta de todo aquelle corpo, fizeram pouca diligencia de contribuirem as dividas, pelas quaes ficava empenhado D. Francisco da Costa; e a causa d'esta dilação ser mais morosa foi a morte d'El-Rei D. Henrique, o qual com muito calor e diligencia mandava prover nestas cousas e executar os devedores, principalmente neste negocio dos oitenta, dos quaes D. Francisco da Costa estava obrigado; mas como em sua morte succedessem os governadores, embaraçados em negocios graves da successão do reino não podiam com tanta brevidade deferir a se ajuntar o dinheiro, e logo se seguissem as alterações do alevantamento do senhor D. Antonio, com as guerras do exercito d'El-Rei de Castella, não houve effeito o pagamento dos cento e vinte mil cruzados; mas estando a real magestade d'El-Rei Philipe pacifico no reino, por fazer mercê aos devedores d'aquelle dinheiro, e muito mais por libertar ao embaixador, lhe fez mercê de cincoenta mil cruzados, dos cento e vinte mil que em um dos capitulos que confirmou em Thomar havia promettido pera o resgate dos captivos no desbarate d'El-Rei D. Sebastião, os quis empregados em roupa fossem a Cepta, e ahi vendidos, e com o procedido (que se esperava ser muito) fosse o Xarife pago, D. e Francisco desobrigado.

A este negocio foi mandado a Cepta por feitor d'esta fazenda, Jacome de Oliveira, contador dos contos do reino, onde fosse vendida, ou levada a Marrocos pera se lá vender. O Xarife vendo como a diligencia que se fazia da negociação da fazenda era para effeito de se D. Francisco desobrigar, disse que não queria tomar a roupa, nem que os mouros a comprassem, senão nos preços de Portugal.

Com estas duvidas e outras não houve effeito a venda da fazenda, que estava em Cepta, até d'ella se tirarem quatorze mil cruzados pera resgate de muitos captivos, que foram captivos em Cepta, com que mais se dilatou a liberdade do embaixador D. Francisco da Costa.

Foi o caso, que correndo os turcos com nove galés pelo estreito, o anno de oitenta e tres, usaram de um ardil de muita sagacidade, onde fizeram uma grande preza da gente de Cepta: escondendo-se pois sete gales em parte onde não eram vistas, se descobriram duas no estreito, fingindo que iam seguindo uma setia (que elles tinham tomado, e nella armaram a negaça) e ella se ia acolhendo a Cepta, e pera que o engano fosse demostração de mais verdade, iam as galés esbombardeando-a sem lançar pelouros, e a setia defendendo-se da mesma maneira, e mostrava que por se ir recolhendo á fortaleza tomava animo com o soccorro, esperando-os.

Os cavalleiros de Cepta, compadecendo-se da setia, presumindo serem christãos a quem tinham obrigação ajudar e soccorrer em tal perigo, com animo aceso de vingança dos turcos se embarcaram em umas caravellas que no porto estavam, e se foram a socorrer a setía, que com fingimentos de engano encobria a tirania escondida. Tanto que as caravellas dos christãos chegaram a ella começou a volver as armas a

elles, fazendo corpo com as galés que a seguiam, e com as sete que logo acudiram, das quaes os christãos foram de improviso cercados e salteados de todas as partes; os quaes postos no perigo descoberto, d'onde já não podiam sahir a seu salvo, determinaram pelejar até morrer, o que fizeram com tanto esforço, que até serem rendidos e esbombardeados das galés, e entrados á espada com igual destroço dos turcos; onde morreram trezentos homens e foram captivos muitos, dos quaes logo se fez resgate de quatorze mil cruzados, que se pagaram da fazenda assignada pera liberdade de D. Francisco da Costa, o qual ainda nesta era de oitenta e seis está em Marrocos, e não é acabado de juntar o dinheiro porque está obrigado.

CAPITULO XC

Como El-Rei D. Filippe de Castella mandou pedir ao Xarife o duque de Barcellos e outros senhores portuguezes

Não se deixou muito encobrir o zêlo da religião christã que a real magestade do catholico Rei D. Filippe de Castella tinha em seu peito, quando condoendo se do estado do captiveiro do povo christão (ainda que os menos eram seus vassallos) quiz tambem com sua liberalidade ajudar a levar o peso de tantas despezas de Portugal, tão afligido com as perdas de tantos homens, e agora das fazendas dos vivos, das quaes por seus resgates ficaram despojados: considerando pois sua magestade o que devia á egreja catholica, como christão, e á sua dinidade real, ornada de todas as virtudes, mandou por

embaixador ao Xarife a Pero Vanhegas, o qual juntamente com o padre Martim, homem de muita virtude e negocio, practico nas cousas de Berberia, tratassem do resgate dos castelhanos que no desbarato foram perdidos: mas porque D. Theodosio, duque de Barcellos, filho do duque de Bragança, e D. Francisco Portugal filho maior do conde de Vimioso, e o conde de Portalegre mordo-mór, embaixador d'El-Rei de Castella, estavam captivos em Marrocos, mandou sua magestade aos seus embaixadores fizessem instancia ao Xarife lhe quizesse dar estes captivos.

Pero Vanhegas não se descuidando no que lhe era mandado, fez toda a diligencia possivel, até effectuar o que pertendia do Xarife, e foram dados os senhores acima nomeados; os quaes, pondo tambem muita diligencia da sua parte, com peitas e dadivas aos mouros por quem os negocios e favores corriam, puderam mais facilitar os inconvenientes e duvidas que os mouros cubiçosos e de pouca verdade cada dia acrecentavam; e como elles, nem inda o rei, sejam de espiritos grandes pera fazer liberalidades, quando por alguns respeitos que não podem escusar em publico, fazem alguma demonstração de virtude, elles mesmos em secreto trabalham pôr inconvenientes como se inhabilitem, pera desculpa de pouca fé; por isso, vendo os embaixadores de sua magestade quão usado isto era nos mouros, e com quanta difficuldade negociavam as cousas graciosas, não tinham por mal os mesmes captivos ajudarem da sua parte a atalhar os intentos dos mouros fundados em cubiça.

Postos estes senhores em liberdade se vieram por Espanha, a quem El-Rei de Castella mandou fazer muitas honras, as quaes depois o conde de Vimioso pagou mal a sua magestade, assim pela mercê de o resgatar, como em o fazer com tanto amor, tendo muito

respeito á sua pessoa; porque a primeira cousa que fez chegando a Portugal, quando as alterações das guerras se começavam a mover, e os aparatos a apetrechar, não sómente não usou da gratidão devida ás mercês de sua magestade em ajudar a quietar as cousas publicas, como elle entranhavelmente desejava, mas deu muito azo a ellas se mais alterarem, até finalmente se vir a declarar por publico inimigo d'El-Rei, alevantando bandeira contra elle em seu exercito, como no processo da historia mais largamente se dirá.

O embaixador Pero Vanhegas, por commissão que tinha de sua magestade, sabendo como Fernão da Silva, prégador d'El-Rei estava em Alcacere-Qaibir captivo, já convalecido das feridas que teve, lhe mandou dizer como tinha recado de sua magestade pera o resgatar. Fernão da Silva, posto que estimou muito a mercê que El Rei lhe fazia, e a agradeceu como ella merecia, não acceitou, por rezão de já estar contractado com o Xarife, em modo que não podia deixar de sahir por esse meio; porque havendo D. Duarte de Menezes, capitão de Tangere, seu cunhado, pouco tempo antes da batalha, captivado quasi toda a gente do aduar de Talemaco, onde estava uma mulher e uma filha e um filho e outros sobrinhos e parentes seus, por contracto que D. Duarte fez em Marrocos com o Xarife, sollicitando o alcaide de Talemaco, homem de muita valia com elle, e todos os alcaides, estava assentado fosse Fernão da Silva resgatado por vínte e duas pessoas dos mais chegados ao Talemaco, como de feito assim se effectuou; os quaes D. Duarte seu cunhado lhe deu por preço de cinco mil cruzados.

CAPITULO XCI

Do captiveiro que os portuguezes passaram em Berberia

NÃO me parece dessemelhante comparação, nem presunção mui alheia de rezão, ter que todas as prosperidades, assim da dignidade real, como das riquezas do despojo da batalha e resgate do captiveiro, que Mulei-Hamet, que ora reina em Berberia, possue com grande prosperidade e abastança, lh'as deu Deus pelo bom tratamento que havia de fazer aos christãos portuguezes, como deu a Ciro, pelo favor que havia de dar ao povo dos israelitas: e posto que alguns mouros particulares dessem graves tormentos a alguns christãos a fim de se porem em liberdade, e assim grangearem mór interesse, todavia o Xarife se fez senhor dos fidalgos, (tomando-os aos mouros que os tinham, ou fosse por lei ou tyrannia) e os tratou com muito primor e brandura; porque, antes que se elles cortassem em seus resgates, e os oitenta se contractassem nos quatrocentos mil cruzados, ordinariamente lhes mandou de comer, carneiro, gallinhas, e outras iguarias em muita abastança, como elles puderam ter em suas casas; e como os fidalgos todos pousavam na judearia, nas casas com os mesmos judeus, mandava o Xarife aos judeus lhes dessem de comer na maneira acima dita, e as despezas que fizessem, conforme a porção e regra que estava taxada, lhes fossem levadas em conta do tributo que são obrigados pagar; mas depois de se contractarem e tratarem no preço do resgate, cessou o Xarife d'esta obrigação.

Além d'esta grandeza, fez o Xarife outra, em dar liberdade a todo o fidalgo (que dava outro por fia-

dor) andasse pela cidade, como e quando quizesse, sem limitação, e se aposentasse na judearia, onde mais lhe approuvesse. Com esta franqueza se fiavam uns aos outros, e todos alcançavam tanta liberdade como poderiam ter na côrte de Portugal; porque, além de pousarem e passearem livremente onde queriam, sem mouro algum lh'o impedir ou os guardar, viviam com tanta opulencia e fausto no tratamento de suas pessoas, como homens que estavam senhores da terra, e além de cada um ter sua pousada em casas muito fermosas de judeus, com ricas camas e tapeçarias, gastavam mui explendidamente em vestir mui ricas sedas, e jogar e comer, fazendo maiores despezas que em Portugal: assim uns se mandavam prover de dinheiro de Portugal por letras, outros o tomavam dos judeus com assignados de lhes pagarem, o que os judeus faziam com maior confiança do que o fizeram os mercadores de Lisboa antes de haverem partido pera Africa.

Com esta liberdade e magnificencia se tratavam os fidalgos, e os que tinham posse, com jogos e banquetes, uns christãos aos outros, e alguns alcaides aos fidalgos; mas porque os fidalgos tivessem christãos que os servissem a modo de Portugal, se sabiam de alguns criados seus ou pessoas de obrigação, mandavam-n'os pedir aos senhores d'elles, tomados sobre sua palavra, o que os mouros não sómente faziam com muita confiança de sua verdade, mas com alegria de lhes escusar as despezas d'elles, com certeza de resgate; e em Fez, onde os fidalgos quasi todos se ajuntaram, resplandeceu um primor e ufania nelles, no tratamento acima dito, que parece foi o mais novo genero de captiveiro que houve no mundo, não digo entre barbaros, mas ainda entre christãos mui polidos. De maneira se enxergou a grandeza dos fidalgos

entre os barbaros com primor e liberdade, que além de tomarem sobre sua palavra muitos captivos e resgatarem alguns, tinham em suas pousadas ordinariamente muita gente, a que davam de comer e vestir, e suppriam muitas outras necessidades, com que se alliviava o captiveiro de quasi toda a gente que estava em Fez, e dos que depois estiveram em Marrocos, onde foram os fidalgos que não entraram no contracto dos oitenta, e alguns do mesmo numero por alguns negocios tocantes a seu resgate. O mesmo estylo que o Xarife teve com seus captivos tiveram os alcaides de outros logares com aquelles que conheciam por fidalgos ou homens honrados, aos quaes sobre suas palavras davam toda a liberdade, ainda pera se virem a Portugal alguns, ficando lá outros por fiadores.

CAPITULO XCII

Como em Fez e em Marrocos tinham os christãos missa e prégação, e outros mais officios divinos

O que ainda mais resplandeceu no captiveiro dos christãos em Fez e Marrocos, pera honra de Deus e prova de Elle favorecer o Xarife, como atraz dissemos, foi a licença que elle deu de se celebrar o culto divino, o qual se fazia com muita solemnidade dos ministros, e devoção dos ouvintes, e com isso se consolavam as almas dos devotos com alegrias espirituaes, e as dos peccadores com esperanças de divino soccorro em suas oppressões; por que, além de se dizerem cada dia na sagena missas resadas e cantadas, as quaes os christãos ouviam com muita devoção, rezando uns o officio divino, outros as co-

respeito á sua pessoa; porque a primeira cousa que fez chegando a Portugal, quando as alterações das guerras se começavam a mover, e os aparatos a apetrechar, não sómente não usou da gratidão devida ás mercês de sua magestade em ajudar a quietar as cousas publicas, como elle entranhavelmente desejava, mas deu muito azo a ellas se mais alterarem, até finalmente se vir a declarar por publico inimigo d'El-Rei, alevantando bandeira contra elle em seu exercito, como no processo da historia mais largamente se dirá.

O embaixador Pero Vanhegas, por commissão que tinha de sua magestade, sabendo como Fernão da Silva, prégador d'El-Rei estava em Alcacere-Qaibir captivo, já convalecido das feridas que teve, lhe mandou dizer como tinha recado de sua magestade para o resgatar. Fernão da Silva, posto que estimou muito a mercê que El Rei lhe fazia, e a agradeceu como ella merecia, não acceitou, por rezão de já estar contractado com o Xarife, em modo que não podia deixar de sahir por esse meio; porque havendo D. Duarte de Menezes, capitão de Tangere, seu cunhado, pouco tempo antes da batalha, captivado quasi toda a gente do aduar de Talemaco, onde estava uma mulher e uma filha e um filho e outros sobrinhos e parentes seus, por contracto que D. Duarte fez em Marrocos com o Xarife, sollicitando o alcaide de Talemaco, homem de muita valia com elle, e todos os alcaides estava assentado fosse Fernão da Silva resgatado por vinte e duas pessoas dos mais chegados ao Talemaco, como de feito assim se effectuou; os quaes D. Duarte seu cunhado lhe deu por preço de cinco mil cruzados

CAPITULO XCI

Do captiveiro que os portuguezes passaram em Berberia

Não me parece dessemelhante comparação, nem presunção mui alheia de rezão, ter que todas as prosperidades, assim da dignidade real, como das riquezas do despojo da batalha e resgate do captiveiro, que Mulei-Hamet, que ora reina em Berberia, possue com grande prosperidade e abastança, lh'as deu Deus pelo bom tratamento que havia de fazer aos christãos portuguezes, como deu a Ciro, pelo favor que havia de dar ao povo dos israelitas: e posto que alguns mouros particulares dessem graves tormentos a alguns christãos a fim de se porem em liberdade, e assim grangearem mór interesse, todavia o Xarife se fez senhor dos fidalgos, (tomando-os aos mouros que os tinham, ou fosse por lei ou tyrannia) e os tratou com muito primor e brandura; porque, antes que se elles cortassem em seus resgates, e os oitenta se contractassem nos quatrocentos mil cruzados, ordinariamente lhes mandou de comer, carneiro, gallinhas, e outras iguarias em muita abastança, como elles puderam ter em suas casas; e como os fidalgos todos pousavam na judearia, nas casas com os mesmos judeus, mandava o Xarife aos judeus lhes dessem de comer na maneira acima dita, e as despezas que fizessem, conforme a porção e regra que estava taxada, lhes fossem levadas em conta do tributo que são obrigados pagar; mas depois de se contractarem e tratarem no preço do resgate, cessou o Xarife d'esta obrigação.

Além d'esta grandeza, fez o Xarife outra, em dar liberdade a todo o fidalgo (que dava outro por fia-

dor) andasse pela cidade, como e quando quizesse, sem limitação, e se aposentasse na judearia, onde mais lhe approuvesse. Com esta franqueza se fiavam uns aos outros, e todos alcançavam tanta liberdade como poderiam ter na côrte de Portugal; porque, além de pousarem e passearem livremente onde queriam, sem mouro algum lh'o impedir ou os guardar, viviam com tanta opulencia e fausto no tratamento de suas pessoas, como homens que estavam senhores da terra, e além de cada um ter sua pousada em casas muito fermosas de judeus, com ricas camas e tapeçarias, gastavam mui explendidamente em vestir mui ricas sedas, e jogar e comer, fazendo maiores despezas que em Portugal: assim uns se mandavam prover de dinheiro de Portugal por letras, outros o tomavam dos judeus com assignados de lhes pagarem, o que os judeus faziam com maior confiança do que o fizeram os mercadores de Lisboa antes de haverem partido pera Africa.

Com esta liberdade e magnificencia se tratavam os fidalgos, e os que tinham posse, com jogos e banquetes, uns christãos aos outros, e alguns alcaides aos fidalgos; mas porque os fidalgos tivessem christãos que os servissem a modo de Portugal, se sabiam de alguns criados seus ou pessoas de obrigação, mandavam-n'os pedir aos senhores d'elles, tomados sobre sua palavra, o que os mouros não sómente faziam com muita confiança de sua verdade, mas com alegria de lhes escusar as despezas d'elles, com certeza de resgate; e em Fez, onde os fidalgos quasi todos se ajuntaram, resplandeceu um primor e ufania nelles, no tratamento acima dito, que parece foi o mais novo genero de captiveiro que houve no mundo, não digo entre barbaros, mas ainda entre christãos mui polidos. De maneira se enxergou a grandeza dos fidalgos

entre os barbaros com primor e liberdade, que além de tomarem sobre sua palavra muitos captivos e resgatarem alguns, tinham em suas pousadas ordinariamente muita gente, a que davam de comer e vestir, e suppriam muitas outras necessidades, com que se alliviava o captiveiro de quasi toda a gente que estava em Fez, e dos que depois estiveram em Marrocos, onde foram os fidalgos que não entraram no contracto dos oitenta, e alguns do mesmo numero por alguns negocios tocantes a seu resgate. O mesmo estylo que o Xarife teve com seus captivos tiveram os alcaides de outros logares com aquelles que conheciam por fidalgos ou homens honrados, aos quaes sobre suas palavras davam toda a liberdade, ainda pera se virem a Portugal alguns, ficando lá outros por fiadores.

CAPITULO XCII

Como em Fez e em Marrocos tinham os christãos missa e prégação, e outros mais officios divinos

O que ainda mais resplandeceu no captiveiro dos christãos em Fez e Marrocos, pera honra de Deus e prova de Elle favorecer o Xarife, como atraz dissemos, foi a licença que elle deu de se celebrar o culto divino, o qual se fazia com muita solemnidade dos ministros, e devoção dos ouvintes, e com isso se consolavam as almas dos devotos com alegrias espirituaes, e as dos peccadores com esperanças de divino soccorro em suas oppressões; por que, além de se dizerem cada dia na sagena missas resadas e cantadas, as quaes os christãos ouviam com muita devoção, rezando uns o officio divino, outros as co-

rem muitos casamentos, sem nunca querer aceitar nenhum d'elles, nem o reino de Inglaterra, que se lhe offerecia com a Rainha Maria, antes dizia que não podia casar nem podia ter outro reino, mais que uma cella em que ao tal tempo estava; e bem assim visto como se prova o dito senhor Infante mandar tratar a dita senhora D. Violante como sua mulher, depois que a recebeo, com vestidos e com joias, e assim no mosteiro lhe mandar tudo de sua casa, e fazer o que ella mandasse, no alto e no baixo, sem ter com ella conta, e assim mandar ao senhor D. Antonio seu filho, lhe obedecesse como filho, conforme a lei divina e humana, e que nunca poz os olhos em outra mulher, depois que conheceo e recebeo esta senhora; e outrosim, visto como se prova em seu testamento nomear ao senhor D. Antonio por filho seu simplesmente, sem addição, nem acrecentar *natural*, e além d'isso o instituir-se por seu herdeiro de toda sua fazenda, o que, conforme o direito civil e canomico, bastava pera se provar, como de feito basta, pera ser havido por legitimo; quanto mais que se prova El-Rei e a Rainha, que estão em gloria, confessarem que o Infante recebera a dita senhoa D. Violante, e como seu filho legitimo tratarem o senhor D. Antonio nas honras secretas e publicas, e dizerem que não era necessario publicar que era legitimo, pois havia de ser clerigo, e tambem se prova a dita senhora Rainha tratar a dita senhora D. Violante, no mosteiro de Almoster, onde a vio, de tal maneira, que logo pareceu nas honras que lhe fez, que era mulher do Infante, e assim o disseram logo as damas que com ella foram, o que não fizera a dita senhora Rainha se ella senhora D. Violante não fora mulher do Infante, e fallando-lhe a camareira mór, D. Joanna de Sá, sobre as ditas honras, respondeo que tudo merecia por ser mãi do senhor D. Antonio, e o mais que

ella camareira-mór sabia, que era ser mulher do Infante, como as testemunhas declaram, e assim visto, como se prova a dita senhora Rainha o confessar e dizer, e o tratamento que sempre fez ao senhor D. Antonio ser avantejado do que fazia ao senhor D. Duarte; e outro sim, visto o regimento que o dito senhor Infante deo a sua excellencia, de como havia de escrever aos fidalgos e senhores, e que ao senhor D. Duarte não puzesse no subrescripto *meu senhor*, nem aos duques *beijo as mãos*, e assim visto como El-Rei seu tio se prova lhe dar as armas de seu pai sem labéo de bastardia, o que tudo se não fizera se legitimo não fôra; e visto, outro sim, como se trata perante mim nestes autos de legitimidade, no qual caso o Direito se contenta com muito menos prova, que tratando-se do casamento, ainda que seja em prejuizo de terceiros; e como se prova as principaes testemunhas de vista não poderem testemunhar, e estarem impedidas por quem lh'o podia defender de feito, com o mais que se pelos autos mostra, julgo e declaro, pela authoridade a mim comettida, o dito senhor D. Antonio ser filho legitimo do dito senhor Infante D. Luiz e da dita senhora D. Violante, nascido de legitimo matrimonio: e pague as custas. E mando se lhe passem do processo as sentenças que pedir. A vinte e tres de Março de mil e quinhentos e setenta e nove annos. Frei Manuel de Mello.

CAPITULO XCVIII

Como os povos pediram a El-Rei D. Henrique se casasse

Como El-Rei D. Sebastião por divina permissão fosse morto em a batalha antes de casar nem ter filhos, e El-Rei D. Henrique, antes Cardeal e arcebispo, lhe succedesse nos reinos, por titulo de herança, do qual por rezão da dignidade sacerdotal não se podia esperar que casasse pera deixar herdeiro no reino, lhe fez a camara de Lisboa uma falla em que lhe pediu tratasse haver dispensação do Summo Pontifice pera casar, a qual dispensação o Papa concederia facilmente por a necessidade de herdeiro no reino, e quietação na republica, sem a qual se esperavam guerras entre christãos, que seria notavel damno da egreja catholica.

El-Rei D. Henrique, que em toda a mocidade d. singular exemplo de continencia, e era havido po virgem, quando em tal idade, carregado de annos consumido da enfermidade de ethiguidade, que se lh acrecentou com o nojo da morte d'El-Rei seu sobrinho, ouvida a petição do povo que casasse, poz-lh horror e espanto tal commettimento, o qual se el fôra mancebo e muito bem disposto, pelo zêlo da pureza e castidade, com aspereza engeitara.

Os povos e todos os estados, entendendo que não havia outro meio pera evitar guerras tão prejudiciaes á republica, instavam cada dia mais na petição e mettiam nisso Leão Henriques, da companhia de Jesu, seu confessor, e outros religiosos e letrados, que por via de consciencia persuadissem a El-Rei que fosse obrigado a casar.

El-Rei, a quem estas palavras eram um grave tormento d'alma, não podia soffrer fallarem-lhe nisso, dando por desculpa sua idade e má disposição: quando via que lhe não recebiam escusa por a indecencia do estado sacerdotal, e os povos não recebendo a El-Rei nenhuma desculpa que fosse bastante pera se egualar aos inconvenientes que se seguiriam se não houvesse herdeiro no reino, quasi forçado o obrigaram a mandar buscar a dispensação a Roma; pera o qual logo foi eleito D. Duarte Castello-Branco, camareiro mór, por embaixador, e por seu companheiro o doutor Ruy Fernandes de Castanheda, desembargador da casa da supplicação.

El-Rei, insistindo em a defensão do a que o queriam obrigar, tornou a replicar aos povos, dizendo que era temeridade obrigarem-n'o a casar em tempo que estava morrendo, e casar seria causa de se lhe accelerar a morte, com indicios quasi certos que não poderia haver filhos, com que o intento dos povos ficava frustrado, e a dignidade sacerdotal com macula de tal exemplo, e em tempo que os hereges tomariam mais facil desculpa pera seus incestos matrimonios, com que tem maculado a igreja catholica; e posto que elle desejasse sacrificar-se pelo bem commum e por evitar os males que estavam ameaçando a republica, que o não obrigassem a fazer cousa de que o damno estava certo, e o fruito mui duvidoso: o qual pedia estas cousas ao povo com tanta instancia e zêlo do serviço de Deus, que persuadiu a todos que sua opinião era acertada, e Deus por outros meios mais suaves proveria ás necessidades presentes, ainda com augmentação da fé; com as quaes palavras e a experiencia mostrar que El-Rei ia mui depressa consumindo se, e já não tinha vigor na saude, e se não sustentava já senão em leite de mulheres, que contino o

estavam alimentando, desistiram então os povos de suas petições, e cessou a ida dos embaixadores a Roma.

CAPITULO XCIX

Como El-Rei mandou citar os pretensores do reino de Portugal

Por que a principal cousa que os estados de Portugal pediam a El-Rei D. Henrique em sua vida (pera com sua morte não ficarem duvidas, que se haviam de determinar pela guerra) era pronunciasse na successão do reino a quem pertencia, El-Rei, querendo dar principio a isso, o primeiro acto que fez foi mandar citar as partes que o pretendiam haver por direito de herança; pera o qual estando D. Fernão da Silva por embaixador na côrte do catholico Rei de Castella, lhe foi mandado recado pera sua magestade ser citado pera a pretenção dos reinos. A senhora D. Catherina, mulher do duque de Bragança, que estava em Villa Viçosa, foi citada por Francisco Serrão, escrivão da fazenda, pera cuja pretenção o duque seu marido estava na côrte. Ao senhor D. Antonio, que estava em Abrantes (por lhe El-Rei mandar que não entrasse na côrte) foi citar Nuno Alvares Pereira, escrivão da fazenda, cujo requerente era Diogo Botelho. Mas porque D. Manuel Felisberto, duque de Saboia e Principe de Piemonte tinha tambem pretenção no reino (pera que foi citado) mandou D. Carlos de Robur por seu embaixador, com procuração de poder requerer sua justiça. O Principe de Parma, por via de seu filho Alberto Rainuncio, mandou o bispo de Parma por embaixador. Pera o mes-

mo effecto tambem El-Rei de França mandou o bispo de Cominges visitar El-Rei e offerecer ao reino todo o seu poder pera o defender de Castella, e quando vio que lhe não deferiam a seus offerecimentos, quiz tambem oppor-se á successão, fundado sobre a aução de El-Rei D. Affonso terceiro, conde de Bolonha, historia tão larga de contar, como despropositada pera seu direito, mas arresoada pera seu intento, que era por qualquer via metter pé em Portugal, a quem tambem os povos de Portugal se oppozeram, dizendo que lhes pertencia a eleição.

Mas porque isto corresse judicialmente, fez El Rei procurador do reino o doutor Fernão de Pina Marecos. Vindo pois cada um com sua aução, diziam os tres estados por parte dos povos de Portugal, que todos os pretendentes deviam ser excluidos do direito que pretendiam, por elles estarem em pssse de eleger Rei, como de feito tinham eleitos cinco s., El-Rei D. Affonso Henriques, primeiro Rei de Portugal, no campo de Ourique, quando Deos lhe deo a victoria de cinco reis mouros, e lhe mostrou as cinco chagas que ficáram por armas dos Reis de Portugal: a segunda eleição se fez em D. Affonso o terceiro, que, por El-Rei D. Sancho ser homem de pouco governo, cujos defeitos eram prejudiciaes ao bem commum, o povo o depôz e elegeu D. Affonso seu irmão, conde de Bolonha, com auctoridade do Summo Pontife: a terceira foi d'El-Rei D. João o primeiro, chamado de boa memoria, pelas insignes virtudes de que foi ornado, o qual era mestre d'Aviz, filho bastardo d'El-Rei D. Pedro crù: o quarto foi El-Rei D. Manuel, avô dos pretensores, que por El-Rei D. João o segundo ficar sem herdeiro legitimo, foi El-Rei D. Manuel alevantado por Rei: o quinto foi o mesmo Rei D. Henrique, o qual, sabida a nova como El-Rei

D. Sebastião era morto na batalha, foi pelo povo de Lisboa alevantado Rei.

Com estes exemplos, corroborados com outras resões e direitos, se oppunham os povos em direito de eleger Rei. A senhora D. Catherina pretendia ser preferida a todos por ser neta d'El-Rei D. Manuel, e filha do Infante D. Duarte; a qual, posto que femea, representava seu pai por ser filho varão. Rainuncio, filho do Principe de Parma contendia com a senhora D. Catherina, dizendo que elle era filho da senhora D. Maria, sua irmã mais velha, e que por elle ser varão, e sua mãi mais velha, a devia preferir. O senhor D. Antonio tambem se fundava em ser filho legitimo do Infante D. Luiz, filho d'El-Rei D. Manuel, pera o que mostrava uma sentença de legitimidade, como atraz fica dito, e pretendia prová-lo mais. O Principe de Piemonte mostrava tambem ser neto d'El-Rei D. Manuel, e filho da Infante D. Brites, o qual por ser macho preferia a femeas no direito. El-Rei de França tambem buscava em que fundasse sua ação, pedindo que o admittissem, pera que se o fizessem e dessem a sentença por outro, se queixar que lhe roubaram a justiça, e se não o admitissem, ter o queixume de que o não quizeram ouvir, pera com isto ter maior desculpa dos roubos que França faz a Portugal.

Estas ações postas, cada um dos embaixadores substabeleceo avogados que assistissem ás duvidas e mais autos judiciaes; as quais audiencias El-Rei fazia, e a que em nome d'El Rei assistia o doutor Paulo Affonso, desembargador do paço, com quem El Rei despachava todos os negocios de importancia, por, além de ser sacerdote, ser homem de muita auctoridade e prudencia, letras e experiencia pera semelhantes negocios.

CAPITULO C

Porque El-Rei de Castella não deferio á citação que lhe foi feita

Tanto que o catholico Rei D. Philippe de Castella vio El-Rei D. Sebastião morto, e que a elle, como neto d'El-Rei D. Manuel, mais velho e barão, sobrinho d'El-Rei D. Henrique, pertenciam os reinos de Portugal por via hereditaria, conforme ao direito commum e do particular do reino de Portugal, porque em tudo procedesse com justificações de animo e gradeza real, e exemplo de catholico Principe (o qual a todas as pretenções queria antepor o serviço de Deos e bem da christandade, com equidade da justiça, e muito mais com zêlo de consciencia pura) mandou aos seus conselhos e letrados estudassem se o direito canonico ou civil por via de herança o fazia successor dos reinos de Portugal, e lhes fazia lembrança e rogava de tal maneira investigassem a justiça e verdade neste caso, que entendessem que mais gosto levaria e mais quieto ficaria se o direito o relevasse de tal pretenção com segurança da consciencia, que tal lhe permittisse; porque elle se achava tão carregado com os muitos reinos e estados que possuia, que não sómente não desejava acrecentar alheios, mas poder lançar das costas parte dos seus proprios: mas que, como neste negocio o obrigava a consciencia a não poder renunciar a justiça, se a tinha, por o prejuizo que nisso fazia a seus filhos e mais successores, não podia deixar de inquirir a justiça, muito contra seu gosto. Mas posto que todos os letrados de Espanha em particular e em geral, e juntas feitas nas universidades, mostrassem claro o direito que sua

magestade tinha na herança dos reinos de Portugal, não se quietou elle com isso, por lhe parecer que como vassallos o queriam comprazer com esta offerta: portanto, não sómente mandou estudar o mesmo caso a outros estudos da Italia e Allemanha, mas ainda mandou consultar a muitos letrados de Portugal, que concordaram com a commum opinião de elle ser o legitimo herdeiro e successor dos reinos de Portugal: porque como elle era neto d'El-Rei D. Manuel, mais velho, filho de filha mais velha, que foi a imperatriz D. Isabel, excluia o Principe de Piemonte, por ser neto mais moço, e filho de filha mais moça, e ao senhor D. Antonio por não ser legitimo; e porque era varão, que representava a pessoa d'El-Rei D. Manuel seu avô, excluia a senhora D. Catherina, por ser femea, e a Rainuncio, filho da senhora D. Maria, Princesa de Parma, que não representara mais que a pessoa de sua mãi, posta em igual gráo com a senhora D. Catherina: e quanto ás pretenções do povo querer eleger Rei, que essa aução era muito fraca, sem fundamento em direito nem em costume dos reinos da christandade, nem ainda de mouros, turcos e gentios; porque casos particulares e causaes não fazem leis geraes, e que a todas suas resões havia claras e manifestas respostas, com outras objecções mais fortes, por onde contra este ponto não havia que disputar, mais que entender-se que algumas pessoas propunham esta aução pera embaraçar e entreter a resolução da verdade: e que a pretenção d'El-Rei de França era mui frivola, indigna de ser ouvida a cabo de trezentos annos, por onde o mesmo Rei D. Henrique não admittio tal aução, nem o embaixador fez nella fundamento nem cabedal de gastar tempo; porque, pedindo El-Rei D. Henrique ao bispo embaixador procuração d'El-Rei de França, nem a tinha nem a mandou buscar; e como

o direito de sua magestade estivesse tão claro e tão approvado por tantos homens doutos, principalmente dos mais insignes de Portugal, não havia pera que ôpporem questões nem juizo; pois elle como Rei absoluto e senhor de tantos estados, conforme a direito e opinião recebida dos juristas e ainda de todos os teologos, não tinha superior na terra pera o julgar; que como estava entendido que elle tinha o direito da successão por legitima herança, não tinha necessidade de sentença, antes podia executa-la por paz e por guerra, quando por outra via não podesse; pois El-Rei D. Henrique não podia ser seu juiz, senão o direito que sua magestade tinha mui bem entendido, e como isto assim fosse não tinha obrigação de accudir á citação nem esperar sentença, pois o direito lha tinha dado; por tanto, como sua magestade tivesses estes conselhos resolutos nunca quiz accudir á citação nem pôr aução, como cousa duvidosa que se havia de julgar, mas que já estava julgada: por tanto o requerimento do duque de Ossuna e mais embaixadores era pedir a El-Rei D. Hunrique declarasse por successor dos reinos de Portugal a El-Rei de Castella, pois o era.

El-Rei D. Henrique que se via perplexo em estes requerimentos, de uma parte justos, de outra rigorosos, que se não podiam determinar assim sem escandalo dos outros pretensores e alterações dos povos, respondeo que esse negocio era pesado, que primeiro o havia de cuidar mui bem e ouvir as auções das partes que tinham o mesmo requerimento, pera poder proceder com justiça e conforme ao direito e rezão.

CAPITULO CI

Comc El-Rei de Castella buscou todos os meios pera escusar guerras com Portugal

PORQUE o catholico Rei de Castella não faltasse em cousa alguma á obrigação de sua real magnificencia, ornada de todos os justos respeitos, buscou os meios possiveis pera escusar guerras com Portugal, e pera que com paz e amizade os portuguezes lhe entregassem o reino, que elle tinha que era seu, por as rezões acima ditas. E pera que isto se pudesse effectuar com gosto seu e bem commum da republica e dos pretensores, deu largas commissões ao duque de Ossuna e D. Cristovão de Moura, pera com partidos justos, honestos e proveitosos, se preitearam com os portuguezes que estavam em côrtes, ajudando se da virtude e santidade d'El-Rei D. Henrique, que desejava por paz e concordia compor as cousas pera bem dos reinos de Portugal; pera o qual tambem sua magestade mandou que assistissem a estes negocios e os ajudassem o licenciado Rodrigo Vasques de Aire, o doutor Molina, e o licenciado Gradiola, todos do seu conselho, por serem homens muito doctos e de muita prudencia; porque como elle era zeloso da justiça e entendia que sua magestade a tinha clara, folgaria de os portuguezes virem a preitear-se nas cousas que lhe fossem utiles.

Os embaixadores instando com grande diligencia no que sua magestade lhes mandava, não perdiam ponto por suas pessoas, parentes e amigas, tratar os negocios de concordia, pera o qual trataram por meio de muitas pessoas contentar o senhor D. Antonio com mercês e honras que sua magestade lhe fazia por de

sistir da pretenção, que se presumia não levaria ao cabo, de se querer mostrar filho legitimo, de legitimo matrimonio do Infante D. Luiz, além de ser negocio de muita dilatação, com demonstrações que com atrevimentos queria escurecer a justiça d'El-Rei de Castella e atalhar a execução d'ella; pera o qual sua magestade escreveu á Camara de Lisboa e a outras cidades, declarando-lhes sua tenção, que era por paz e amizade entrar e tomar posse dos reinos de Portugal, por ter entendido que eram seus por direito de herança; que lhes rogava não quizessem injustamente perturbar-lhe seu direito e justiça, por escusar vir o negocio a levar-se por armas, cousa que elle muito sentiria, por o amor que tinha aos portuguezes, e os parentescos com que estavam liados com seus vassallos, e assim por elle ser filho da Imperatriz portugueza, por a qual causa sampre fôra amigo dos portuguezes, como elles muito antes o haviam entendido e visto por experiencia; porque os maiores privados que tivera foram portuguezes; que isto bastava pera entenderem d'elle lhe seria Rei amigo e benino, pera os tratar como natural com muitas mercês e honras, e que com elles se subjectarem á rezão o obrigariam muito mais a os favorecer, além de sua natural inclinação ser mui magnificente em fazer mercês a seus vassallos, e elles por esse respeito e antigo amor que lhes tinha o deviam mais esperar; e que quando por esta via se não effectuasse sua pretenção com justiça, protestava diante de Deus á sua conta d'elles portuguezes fossem todos os males das guerras que elles mesmos sollicitavam e elle não poderia escusar: e fazendo o mesmo por meio de seus embaixadores com os mais senhores e fidalgos do reino, procurava mostrar-lhes claro sua justiça, e justificar com grandes offerecimentos seus respeitos, mostrando em tudo cla-

ramente quanto sua magestade sentia romper por armas com a nação e gente que sempre amou do coração, e cujo Rei em extremo desejava ser pera mais se communicar com mercês e honras.

Os letrados portuguezes, que viam claramente a justiça de sua magestade, sem contradicção alguma logo se renderam, e os nobres prelados e prudentes que enxergavam o zêlo de suas justificações, acompanhado de amor e grandeza real, movidos por justiça e consciencia, trataram a maior parte d'elles (que pesavam a importancia do negocio) subjeitar se e lançar se de pretenções mui duvidosas, principalmente por escusar guerras ao reino: de maneira que ainda em vida d'El-Rei D. Henrique e depois de sua morte teve sua magestade os principais votos dos letrados e nobres de Portugal, não aprovando, ou para melhor dizer aborrecendo as mais pertenções por menos justas: mas porque El-Rei de Castella via alguma inquietação nos povos e sentia o orgulho que o senhor D. Antonio trazia, com intento da pretenção do reino, a quem o vulgo muito amava, temendo-se do que depois se seguiu, e pera que com isso puzesse um freio aos portuguezes e estes se sometessem á rezão, em quanto seus embaixadores corriam em Portugal com concertos, mandou elle fazer gente de guerra por Espanha, Italia e Allemanha, ajuntando armas e munições pera formar exercito, como de feito fez, não parecendo a sua magestade que os portuguezes chegassem a estado de esperarem guerras, mas cahindo nos honrosos e proveitosos partidos que lhes offerecia não deixariam de os aceitar; porque taes eram elles pera o bem commum de todoo reino, e o particular de cada um, que todo o homem de entendimento claro e desapaixonado julgava que, com aceitarem a sua magestade por Rei, se recuperava o reino de seus infortu-

nios passados, com representação de um Rei tão conjuncto ao parentesco dos Reis de Portugal e amigo dos portuguezes, com que se temperaria a dôr das perdas que então se sentiam.

D'esta maneira movidos muitos portuguezes por estes e outros respeitos, não sómente não esperavam ser rogados a se entregarem a Castella, antes o desejavam e se offereciam a isso, com zêlo de justiça e do bem commum: quanto mais que entendiam que se o negocio se houvesse de averiguar por armas estava El-Rei de Castella mui superior nas forças, e Portugal mui mingoado e quebrado pera poder resistir: tanto, que muitos homens prudentes (ainda em vida d'El-Rei D. Henrique) com zêlo do bem commum, com clamores publicos diziam que se evitassem todas as pretenções e fossem aconselhados todos os pretensores a desistirem d'ellas, e se preiteassem com sua magestade, que era o que convinha ao bem commum do reino, e o contrario havia de resultar em damno d'elle e dos pretendentes, além dos portuguezes haverem de ficar rendidos por força, com que perderiam as mercês e beninidade que de presente sua magestade lhes offerecia, e viriam a cahir em sua desgraça e indinação, com que merecessem ser rigorosamente castigados, ficando todo o povo em aborrecimento a El-Rei pera não alcançar d'elle as honras e mercês que costumava fazer a seus vassallos.

CAPITULO CII

Como El-Rei mandou ajuntar côrtes pera eleger governadores que por sua morte ficassem com o governo, e juizes pera determinar a causa da successão

DEPOIS que os povos de Portugal estiveram desenganados que El-Rei D. Henrique nâc podia deixar filho herdeiro do reino, logo com muita instancia lhe tornáram a pedir tratasse de declarar successor dos reinos em sua vida, pera que a cousa não ficasse indecisa por sua morte, que seria isso causa de muitas guerras e dessenções, com que o reino se acabaria de assolar e perder.

El-Rei como era muito virtuoso e desejava acertar em todas as cousas, vendo quão justa petição esta era, não duvidou metter-se em negocio tão arduo e de tantos pretendentes, ainda que os desgostos que estes negocios promettiam lhe haviam de acabar e abreviar muito a vida; pera o qual mandou El Rei chamar a côrtes pera a cidade de Lisboa, onde foram juntos todos os tres estados, s. eclesiastico, da nobreza e povos.

Dando pois principio a estas côrtes, foi El-Rei aos paços da Ribeira a as ajuntar, o primeiro dia Abril de 1579, em o qual, na sala pera isso destinada, D. Affonso Castel-Branco fez o principio d'ellas, e do intento a que eram juntos alli os estados; os quais continuando com seus actos, estavam repartidos de maneira, que os prelados se ajuntaram na Sé, os nobres no convento do Carmo, os povos no de S. Francisco. Com esta ordem continuando com as côrtes, a que El-Rei com recados e avisos assistia, pera que as cousas corressem como convinha ao estado dos nego-

cios, ordenou que puzessem em effeito o a que eram chamados; mas porque a nomeação dos governadores que haviam de ficar em o governo do Reino por morte d'El-Rei, havia de ser com madura consideração pelas muitas partes que se requeriam pera os que tivessem o tal cargo, principalmente pera a determinação da successão que haviam de julgar, ia El-Rei na eleição devagar, com muito conselho e aviso, com o que os estados faziam: por tanto lhes mandou El Rei D. Henrique notificar que nomeassem quinze fidalgos pera elle d'alli escolher cinco governadores, dos quais El-Rei escolheu os seguintes: D. Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa, D. João Mascarenhas, Francisco de Sá, D. João Tello, Diogo Lopes de Sousa, governador da Casa do Civel, os quaes foram approvados por El-Rei e os estados, por serem homens de muita confiança nas consciencias e justos respeitos, com muito zêlo da justiça: mas porque o povo andava desconsolado por não saber quem o havia de governar depois da morte d'El-Rei, por que não houvesse com esta duvida algumas alterações, pareceu a El-Rei em sua vida declarar os governadores, e mandar-lhes tomar juramento, como de feito tomáram; e porque o negocio da successão havia de ser determinado por sentença, pera que caso tão importante fosse muito bem visto e examinado, ordenou El Rei que nas mesmas côrtes fossem nomeados vinte e quatro letrados, homens doctos e de boas consciencias, dos quais se haviam de escolher onze pera juizes, que dessem a sentença: mas porque nesta eleição dos juizes era necessario muito segredo, pera não serem sobornados ou molestados de tão poderosas partes, e sobre causa de uns reinos tão honrados, não quiz El-Rei que se publicassem, antes fizeram tres pautas cerradas, e se mettêram em tres

cofres, dos quais um foi posto na Sé, outro no convento de Santo Eloio, e outro na camara da cidade de Lisboa, pera que ahi estivessem a muito bom recado, e pera d'alli os tirarem quando fosse necessario serem abertos, depois da morte d'El-Rei, como se fez; em os quais cofres estavam mettidos o regimento e poderes que ficavam aos governadores, e a nomeação dos juizes, e nunca mais se abriram, nem tiveram effeito, por as guerras se tratarem antes que cheagassem a estado de darem sentença, como abaixo se dirá.

CAPITULO CIII

Como os Estados juraram de guardar os capitulos das côrtes

Porque o essencial das côrtes pera que os estados foram chamados se resolvia em dois pontos, um era em eleger governadores pera assistirem aos despachos do reino, e á sentença da sucessão d'elle, que era o que mais importava, outro que era tambem eleger juizes que haviam de dar a sentença, como ellas foram acabadas e se concluiram estas cousas mandou El-Rei aos Estados que jurassem guardar em tudo estes capitulos de obedecerem aos governadores e á sentença que se desse ácerca da sucessão; pera o qual acto todos juntos, se fez o juramento e auto na fórma seguinte:

Ao primeiro dia do mez de Junho do anno do Nacimento de Nosso Senhor Jesu Cristo de 1579 annos, segunda feira, na cidade de Lisboa, nas casas que fosam de Martim Affonso de Sousa, junto ao mosteiro de S. Francisco, nas quais ora está o muito alto e po-

leroso Rei D. Henrique nosso senhor, em presença le sua alteza, sendo presentes os tres Estados d'estes reinos, s. o Estado eeclesiastico, o Estado da nobreza e o Estado dos povos, que por mandado de sua alteza se ajudaram nesta cidade pera as côrtes, pera que sua alteza os chamou, cujo auto sua alteza nella fez o primeiro dia do mez de Abril d'este dito anno, e sendo outrosi presentes as testemunhas adiante nomeadas, e eu Miguel de Moura do conselho de sua alteza, o dito senhor me ordenou que de sua parte propuzesse e dissesse aos ditos Estados que a causa porque os mandou chamar a côrtes, como sua alteza lh'o já comunicou, foi pera tratar da quietação e assocego d'estes reinos, em caso que de sua alteza não ficassem descendentes, ou em sua vida não tomassem determinação na sucessão d'elles; e porque o caso e direito da sucessão está posto em justiça, e as partes que nella podem pretender direito são já requeridas, e corre a causa por seus termos ordinarios e juridicos, convinha que, pera effeito da dita quietação e assocego elles tres Estados, que presentes estavam, perante sua alteza, se unissem e conformassem em uma mesma determinação, jurando solemnemente cada um d'elles o juramento seguinte, na fórma nelle declarada, que me sua alteza mandou que lhe lesse.

Juramento. — Muito alto e poderoso Rei D. Henrique nosso senhor, juramos e promettemos pelo juramento dos Santos Evangelhos, em que corporalmente pomos nossas mãos, em presença de vossa alteza, que não reconheceremos por Rei nem por Principe d'estes Reinos e senhorios de Portugal, nem obedeceremos a pessoa alguma como tal, se não áquella sómente a que por justiça fôr determinado que pertence a sucessão d'elles, em caso que vossa alteza falleça sem descendentes, nem tomaremos voz nem bando por pes-

soa alguma, sob pena de quem o contrario fizer ser havido por tredor, desleal, imigo da republica e do assocego d'ella, e da sua propria patria, e como tal seja castigado no corpo, na honra, na fazenda e nas mais penas que os taes merecem: e assi juramos e promettemos pelo mesmo juramento que se alguma ou algum dos pretendentes da dita sucessão, por força de armas ou por qualquer outro modo illicito, ou que traga alguma perturbação ou inquietação na republica, quizer ou intentar haver a dita sucessão, lhe não obedeceremos, antes lhe resisteremos com todas nossas forças e poder; e outrosi juramos e promettemos pelo mesmo juramento de em tudo e por tudo obedecermos aos governadores e defensores d'estes reinos que por vossa altereza forem eleitos e declarados, d'aquelle numero d'elles, que por nossos Estados são nomeados nas pautas que pera isso fizemos assignadas por nós: e tambem juramos pelo mesmo juramento de estar pela sentença que os juizes que vossa alteza escolher e declarar (dos letrados conteudos nas pautas por nós assignadas) derem no caso da sucessão, não a determinando vossa alteza em sua vida, e de comprirmos e fazermos inteiramente guardar e comprir a dita sentença em tudo e por tudo.

Lido assi o dito juramento de verbo ad verbum, em voz alta e intelligivel, logo os ditos Estados fizeram o dito juramento, pondo suas mãos em um livro missal que estava aberto diante de sua alteza, com uma cruz em cima, no qual juramento se teve a ordem seguinte: jurou primeiro o Estado eclesiastico: e o arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, em nome do dito Estado e dos prelados que presentes estavam, adiante assignados, disse por si e por todos as palavras do dito juramento, e pôz as mãos no dito missal, dizendo: «eu assi o juro»: depois jurou o Es-

tado da Nobreza, e D. Diogo de Castro, um dos procuradores da Nobreza, em nome do dito Estado, e dos Titulos e Nobres que presentes estavam, disse por si e por todos as palavras do dito juramento, e pôz as mãos no dito missal, e depois cada um d'elles pôz tambem as mãos no dito missal, dizendo, «e eu assi o juro»: e depois jurou o Estado dos Povos, e Affonso de Albuquerque, um dos dois Procuradores d'esta cidade de Lisboa, em nome do dito Estado, e dos outros Procuradores dos lugares d'estes reinos, que presentes estavam, adiante assignados, disse pela dita cidade e por todas, as palavras do dito juramento, e pôz as mãos no dito missal, dizendo: «nós assi o juramos».

Por todos os Procuradores do reino não caberem bem todos juntamente na casa onde sua alteza estava, fizeram em sua pessoa o dito juramento, e vieram uns, e depois de sahidos, entraram outros, e pelos que assim vinham de novo tornou o dito Affonso de Albuquerque a fazer o dito juramento, dizendo todas as palavras d'elle em nome dos que assim eram presentes, e cada um d'elles pôz as mãos no dito livro, dizendo: «e nôs assi o juramos» conforme a o que fizeram os outros; e por este modo e ordem acabaram os ditos Procuradores dos povos de fazer o dito juramento, e do qual juramento, feito na dita fórma e pela dita maneira, mandou sua alteza fazer este assento e auto com esta solemnidade, como em tal se requer; e pera a todo o tempo constar do dito juramento, e como assi se fez pelos ditos Estados, em presença de sua alteza, se tiraram d'este assento e autos treslados autenticos, pera se lançarem na Torre do Tombo, e na camara d'esta cidade, e onde mais fôr necessario.

Testemunhas que a isto foram presentes, o doctor Simão Gonçalves Preto, chanceller mór d'estes reinos, e os doctores Gaspar de Figueiredo, Paulo Affonso,

Pero Barboza, e Jeronimo Pereira de Sá, desembargadores, e Gaspar Pereira, chanceller da casa da Supplicação, e o doctor Jorge Lopes, que serve de chanceller da Casa do Civel.

CAPITULO CIV

Como a cidade de Lisboa jurou os capitulos das côrtes

Como a cidade de Lisboa é a principal do reino em nobreza e grandeza, e por ser metropoli dos Reis de Portugal, houve El-Rei por bem que tambem os procuradores, vereadores, e mesteres fizessem o mesmo juramento por si, pela ordem e estilo que fizeram os estados, o qual juramento Manuel Telles Barreto, um dos vereadores, tomou e deferio em nome de todos, e de cada um em particular, pelo mesmo modo, e dizendo: «eu assim o juro.»

COMO O DUQUE DE BRAGANÇA TOMOU JURAMENTO

O duque de Bragança, que estava na côrte requerendo sua pretenção com muito calor, havendo mandado imprimir um livro dos pareceres de alguns letrados que entendiam o direito da successão vinha á senhora D. Catherina sua mulher, como pretensor que era, foi chamado ao juramento, que fez diante d'El-Rei na fórma seguinte.

JURAMENTO DO DUQUE DE BRAGANÇA

Muito alto e muito poderoso Rei D. Henrique meu senhor, eu D. João, duque de Bragança, juro e pro-

metto pelo juramento dos santos evangelhos, em que corporalmente ponho minhas mãos, em presença de vossa alteza, de em tudo e por tudo obedecer inteiramente aos governadores e defensores d'estes reinos e senhorios de Portugal, eleitos e declarados por vossa alteza (dos nomeados pelos estados d'elles, nas pautas que pera isso deram a vossa altesa), e isto em caso que vossa alteza não determine em sua vida a causa da successão dos ditos reinos, ou falleça sem descendentes; e outro sim juro e prometto pelo dito juramento, que por força, ou armas, ou qualquer outro modo illicito, ou que traga alguma inquietação ou perturbação na republica, não procurarei nem intentarei de haver pera mim, nem pera outrem o direito da successão e posse d'estes reinos, e fazendo o contrario, por mim ou por outrem, sou contente, e me obrigo e aceito desde agora pera então, de incorrer em todas as penas, em que conforme a direito incorrem aquelles que por força procuram de haver a posse de cousas a que pretendem algum direito; e tambem juro e prometto, pelo mesmo juramento, de estar pela sentença que vossa alteza, ou os juizes que vossa alteza escolher e declarar (dos nomeados nas ditas pautas) derem no caso da successão d'estes reinos, e de por minha parte cumprir e fazer cumprir e guardar a dita sentença em tudo e por tudo inteiramente: o qual juramento assim faço em meu nome, como vassalo que sou de vossa alteza, e tambem como marido e procurador da senhora D. Catherina, minha mulher, que é um dos pretendentes da dita sucessão.

CAPITULO CV

Como o senhor D. Antonio fez o mesmo juramento, e logo fez protesto de não ser obrigado por elle

O senhor D. Antonio que estava em Punhete depois que El-Rei o mandou sahir da côrte, foi por mandado d'El-Rei chamado viesse a jurar os capitulos das côrtes, o qual no mesmo dia que chegou a Lisboa lhe mandou El-Rei fosse fazer o juramento, e vindo ao paço aos treze dias de Julho, o fez da mesma fórma, e com a mesma solemnidade que o duque de Bargança. O senhor D. Antonio que entendia não poder conseguir seus ententos da pretenção do reino por via da sentença dada por El Rei e por os governadores que lhe haviam de suceder, ou por elles já terem entendido não ter justiça, ou por presumir que elles lhe eram suspeitos e lhe tinham odio, como cuidava que El-Rei lh'o tinha, determinou reclamar o dito juramento, pera o que logo no mesmo dia fez uma reclamação por escripto, assignada por elle, e a mandou intimar a Alexandre Fromentario (nuncio que então era em Portugal, no qual cargo sucedeo a El-Rei, que o tinha quando tomou o ceptro) por frei Mlguel dos Anjos, prior do convento de Nossa Senhora da Graça, da ordem de Santo Agostinho, em a qual referia ao nuncio como El-Rei seu senhor o obrigara a fazer aquelle juramento contra sua vontade, e elle aceitára por medo d'elle, por ser seu vassallo; mas que o reclamava por El-Rei seu senhor lhe ser muito suspeito e ter grande odio, e o mesmo lhe tinham os governadores que haviam de ser, e os juizes eleitos pera dar a sentença deviam contra elle ser sobornados, por onde não podia esperar que se

lhe guardasse justiça; e que pera prova d'isto, El-Rei seu senhor lhe mostrava tanto odio, que no mesmo dia que elle chegára á côrte de um caminho tão comprido pela força da calma, o mandára viesse tomar juramento, não o deixando descançar do trabalhoso caminho; e assim quando entrára no paço e beijára a mão a sua alteza, elle lhe não fizera as honras e cortesias acostumadas e devidas, nem lhe mandára dar cadeira, nem ter com elle outro algum comprimento; e que quando o vira tão severo em seu tratamento, não sómente não ousára queixar-se, mas nem repricára ao que lhe mandava, que tomasse o juramento, cousa que elle fizera contra sua vontade, assim pelas rezões acima ditas, como por elle não ser chamado ás côrtes, antes sua alteza as celebrou tendo-o degradado da côrte, e admittindo a ellas, e a andarem requerendo as suas pretenções as outras partes adversas, que eram o duque de Bragança, e os embaixadores d'El-Rei Philippe de Castella; e os mais das outros Principes que tinham a mesma pretenção, pelo que era em tudo manifestamente agravado por El-Rei, que pretendia e mostrava impedir-lhe toda a sua justiça e perseguí-lo com rigor: por tanto pedia a sua senhoria illustrissima, que nestes reinos tinha as vezes do Santo Padre, aceitasse sua reclamação, e por escripto désse fé do dia e hora em que a aceitava, pera a todo o tempo lhe valer, e pera anular o dito juramento, e lhe não prejudicar ao direito que tinha na pretenção do reino e na prova de sua legitimidade. O nuncio ouvida esta declaração, a aceitou, e por sua letra notou o tempo em que lhe fôra intimada.

CAPITULO CVI

Como El-Rei mandou ao senhor D. Antonio e ao duque de Bragança se sahissem da côrte

Tão alterado andava já o povo de Portugal com as differentes opiniões que entre elle havia, a qual dos pretensores se haviam de acostar, não faltando sollicitadores que por todas as partes acrecentassem esta divisão, que já as cousas começavam a romper, quasi sem pejo de se publicarem; por que não sómente uns aprovavam o pretensor a quem eram mais affeiçoados, ou fosse por assim o entenderem, ou (como era mais certo) por assim o quererem, sem discurso de rezão, nem zêlo de justiça, mas começavam a travar-se com palavras ameaçadoras de discordias, em que já as cousas se não podiam socegar, nem os animos andar quietos; porque como o apetite de reinar é tão cego pera não vêr os meios, e tão poderoso pera tentar os fins, que não sómente move com grande impeto aos que o pretendem, mas leva traz si todo o vulgo, mais cego do que é o que os guia: por tanto, sabendo El-Rei D. Henrique como este apetite de reinar começava já a lançar altas raizes pera produzir prejudicial fructo, ordenou de lhas arrancar, por que cessassem de crear ramos de tanto mal: assim mandou notificar ao dito senhor D. Antonio, que logo ao outro dia depois do juramento se fosse pera o Crato, e não ficasse em lugar nenhum menos de trinta legoas da côrte; e porque não parecesse que El-Rei queria favorecer ao duque, o mandou tambem que se sahisse da côrte, e deixassem seus procuradores e requerentes que sollicitassem seus negocios.

O duque de Bragança ainda que tinha sua casa em

Villa Viçosa, foi-se a Arraiolos, lugar de que é senhor. O senhor D. Antonio tambem se sahio pondo seu intento em ir-se pera Thomar; mas, porque El-Rei a este tempo se ia consumindo da velhice e enfermidade tisica, que cada vez mais crecia, ajudada com os desgostos que lhe davam os pretensores com seus requerimentos tão molestos, e em materia pera elle tão triste e pesada, e ficava nestes dias muito mal e quasi desconfiado da saude, o senhor D. Antonio, que sempre trazia os olhos postos na occasião de reinar, parecendo-lhe que se El-Rei morresse naquelles dias lhe ficava a porta aberta pera qualquer novidade, pera que sahisse com seu intento, ia pelo caminho com muito vagar, fazendo as jornadas mais pequenas, e detendo-se em cada uma alguns dias (posto que El-Rei lhe mandasse que dentro em oito dias estivesse no Crato) e esperando recado se El-Rei morria, segundo se presumia d'elle, pera fazer volta e metter-se em Lisboa, e acclamar-se Rei; mas como Deos ainda tinha alargado os limites da vida a El-Rei D. Henrique, houve por bem que convalecesse naquelles dias, e se achassse melhor. O senhor D. Antonio, indo assim com passo lento, chegou a Thomar, onde se aposentou algons dias, até d'ahi se ir pera Coimbra.

CAPITULO CVII

Como El-Rei D. Henrique mandou notificar a El-Rei de Castella e a seus embaixadores que jurassem as côrtes

Por que nas côrtes estava tomado assento nas principaes causas tocantes á successão do reino, como atraz fica dito, por El-Rei de Castella ser um dos pretensores, lhe foi notificado que por seus embaixadores fizesse o juramento que tinham feito os outros apponentes. El-Rei de Castella, como tinha conselho averiguado de letrados os mais famosos que havia em Castella, Italia e Allemanha, e em Portugal, que o direito dos reinos era seu, e como Rei absoluto não tinha superior que o julgasse, mas que elle podia executar a justiça, não quiz jurar os capitulos das côrtes, nem sujeitar-se a elles, por não pôr em duvidas a justiça que entendia tinha clara, e a todos os requerimentos que sobre este ponto lhe faziam não deferia, por se conservar na posse de seu direito.

Os seus embaixadores, posto que viam processar as auções dos pretendentes, nunca a cousa alguma contrariáram, senão instando em os reinos serem d'El-Rei de Castella, protestavam pela posse d'elles, por paz e por guerra, não cessando porém de usar de todos os meios de paz com justificações de partidos mui honestos pera o reino, concedidos mais por doação gratuita que obrigatoria, o que tudo faziam a fim de escusar guerras. Estava El-Rei de Castella tão assentado em os reinos lhe virem por direito, que não tratando os seus embaixadores algum acto judicial, não se occupavam mais que na execução, por concertos e capitulações, e seus capitães em ajuntar

gente pera com mão armada tomar posse com rigor de armas, quando os portuguezes não quizessem acceitar as mercês que El-Rei por beninidade commettia, as quais foram tantas e por tanta maneira, que bem se enxergava o zêlo do Rei catholico desejar muito atalhar as guerras, que por outra via se não podiam escusar; porque não ficou meio que não tentasse, pera com paz compor as alterações que já começavam lançar raizes com escandalos e discordias.

CAPITULO CVIII

De uma sentença que El-Rei D. Henrique deo contra o Senhor D. Antonio

Por que El-Rei D. Henrique tinha entendido como entre todos os pretensores do reino nenhuns tinham justiça que tivesse vigor, senão El-Rei de Castella e a senhora D. Catherina, por rezão de estarem em igual grão de parentesco, e em igual duvida da representação das pessoas, sendo sua magestade varão filho de femea, e a senhora D. Catherina femea filha de varão, ambos netos d'El-Rei D. Manuel, nunca se quiz nem se atreveo a inclinar a alguma das partes, assim por não escandalisar uns, como por não dar a entender o que sentia, antes da sentença; mas como elle era virtuoso e desejoso de evitar males que ameaçavam damnos ao reino, não dizia mais senão que se preiteassem, dando a entender que por justiça e força fazia El-Rei de Castella ventagem a todos pera haver o reino: mas por que El-Rei entendia quanto o senhor D. Antonio trazia o tento posto em haver o reino, e sollicitava por to-

das as vias, e já tinha havido uma sentença, que era filho legitimo do Infante D. Luiz, e d'elle sómente se temiam as discordias que podiam causar guerras, movido de grande zêlo de justiça, determinou cortar-lhe seus intentos, e impossibilital-o em suas pretenções, pera o qual impetrou do Papa Grigorio 13.° uma bulla de motu-proprio com comissão pera ser juiz na causa da legitimidade do senhor D. Antonio, e poder revogar a sentença que tinha alcançado secretamente, tendo-a por sobrepticia, e pera o poder castigar, por ser religioso da ordem de S. João, com perda das rendas e as mais penas da pessoa que lhe parecesse; por virtude do qual breve, com os prelados e desembargadores nomeados, s. D. Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa, D. Jorge de Ataide, capellão-mór bispo de Vizeo, D. Antonio Pinheiro bispo de Miranda, o doutor Paulo Affonso, o doutor Pero Barbosa, o doutor Jeronimo Pereira de Sá, e o doutor Heitor Pinto, deu a sentença seguinte: — Sentença contra D. Antonio.— Christi nomine invocato: vistos estes autos, e o breve de motu-proprio do mui Santo Padre Gregorio 13.° nosso senhor, ora na Igreja de Deos presidente, porque nos cometeu o conhecimento (?) da causa do pretenso matrimonio, entre o Infante D. Luiz meu irmão, que Deos perdoe, e D. Violante, mãi de D. Antonio, meu sobrinho e filho do dito Infante, e de sua legitimidade, por dizer que eram casados, e elle nacido de legitimo matrimonio, e a fórma em que Sua Santidade nos manda que procedamos na dita causa, que é sumariamente, sem ordem, estrepito, nem figura de juizo, olhada sómente a verdade do caso, et ex officio, e conforme ao dito breve, mandámos citar as partes a que o negocio tocava e podia prejudicar, que foram as mesmas que são na causa da sucessão d'estes reinos, que tambem se trata perante nós como Rei d'el-

les, e mandámos notificar ao senhor D. Antonio que em certo tempo nomeasse testemunhas e offerecesse todos os documentos de que se esperava ajudar, ao que se satisfez, e entre as testemunhas que nomeou, foram quatro que disseram de vista ao pretenso matrimonios, Bastião Braz, Luiz de Pina, Antonio Carlos, e Guiomar Gomes sua mulher, e assim offerecidos por sua parte documentos e escripturas que mandámos acostar aos autos; e foram perguntadas as ditas testemunhas, e outras muitas, que por sua parte foram apresentadas, pelo caso do pretenso matrimonio, e pelos artigos com que veio, pera se provar, e sua legitimidade; e visto o grande numero d'ellas, e seus ditos, e calidade da causa, e o que pelos ditos documentos e papeis constou, e fórma do breve, havemos por escusado e não necessario perguntarem-se mais testemunhas e fazerem-se outras diligencias, que por parte do dito D. Antonio, e D. Catherina minha sobrinha, uma das partes adversas se requeriam, por sem ellas bastantemente constar da verdade; e mandámos dar o nome das testemunhas ás partes; e vindo contradictas por parte da dita D. Catherina, lhas não recebemos, por não serem de receber, e houvemos por escusado e desnecessario dar vista ás partes, pera rezoar em final, vistos os autos, calidade da causa, e fórma do breve: e tomando por assessores os prelados e letrados abaixo assignados, e de seu parecer e conselho, vistos e examinados com elles os autos d'este processo, e como por todos elles se não prova o pretenso matrimonio entre o dito Infante e a dita D. Violante, por palavras de presente e de futuro, nem por outra via alguma, por não haver mais que o testemunho da dita Guiomar Gomes irmã da dita Violante, que certifica de palavras de presente, e seu marido Antonio Carlos, posto que diga que o Infante disse á dita

D. Violante que promettia a Deos de não haver outra mulher, não diz que ella dissesse as mesmas palavras, nem outras algumas, e Luiz de Pina e Bastião Braz, testemunhas que foram presentes, abonados pelo dito D. Antonio, dizem que tal casamento não viram, nem taes palavras ouviram, antes se affirmaram serem sobornados pera que dissessem o que não sabiam, e posto que prometteram de o dizer e deram d'isso escriptos, sendo perguntados com juramento, disseram a verdade, e o que fica declarado, pelo que o testemunho da dita Guiomar Gomes, além de ser singular, e de pessoa tão conjuncta e interessada, e muito suspeito de falsidade, e o mesmo o de seu marido Antonio Carlos, além de não concluirem seu dito, e encontrar-se um com o outro em muitas cousas, e tudo o mais que se alega e prova em favor do pretenso matrimonio e legitimidade, em que não ha proporção alguma, e a chamada sentença, por parte do dito D. Antonio offerecida, de um certo juiz da ordem de S. João, é manifestamente nulla, assi por ser dada por pessoa privada, e sem jurisdição em tal caso, nem de commissão, nem poder que tivesse de quem lh'o podia dar, além de conter em si manifestos erros, tomando fundamento dos autos, que nelles não ha, e ser dada sem as partes a que tocava serem ouvidas, e sem legitimo contradictor, pendendo já a causa da successão d'estes reinos, cuja dependencia e incidente é a da legitimidade, e ser feito todo o processo, e poblicada a sentença em termo de sete dias, pelo que fica entendido ser tudo nullo e maquinado, e mostra-se pelo proprio e original testamento do Infante, que foi visto declarar nelle, que o dito D. Antonio é seu filho natural, e como de tal o tratára em todas as partes do dito testamento e codicilho que nelle fallam, e na parte que assi o nomeia por filho natural

não estar riscado, o dito testemunho não é duvidoso, como se quer dizer, o que tudo visto, com o mais que dos autos consta, e as notorias rezões e argentissimas presunções que ha pera se não presumir o tal matrimonio de presente nem de futuro, nem nunca o haver, antes haver muito evidente presunção ser todo maquinado e falsidade, declaramos o dito D. Antonio meu sobrinho por não legitimo, antes illegitimo o sobredito pretenso matrimonio e legitimidade, e conforme ao breve lhe pomos perpetuo silencio; e por que tambem por Sua Santidade nos é commettido o castigo das testemunhas que neste caso achassemos culpadas, visto o que por estes autos se mostra contra Antonio Carlos e sua mulher Guiomar Gomes, mandamos que sejam presos, e da prisão se livrem da culpa que contra elles ha: e quanto a D. Antonio meu sobrinho, fica a nós reservado o poder de proceder contra elle, como fôr justiça, pelo modo que nos parecer, conforme ao dito breve.

CAPITULO CIX

Como o senhor D. Antonio houve outro breve do Papa que avocasse a si os autos da sua legitimidade

Como o senhor D. Antonio entendeo o zêlo que El-Rei D. Henrique tinha de lhe atalhar seus intentos e o que pretendia ácerca da legitimidade, e de todo exclui lo da sucessão do reino, com queixumes instantes se recorreo ao Summo Pontifice, dizendo como El-Rei o queria excluir da sucessão do reino, com odio que lhe tinha, elle e os do seu conselho, e pera de todo o inhabilitar houvera de Sua

Santidade um breve de motu proprio pera ser seu juiz na causa da legitimidade, sendo-lhe o senhor Rei muito suspeito, assi pelo odio que lhe tinha por muitas causas, como neste caso mais particularmente em elle se affrontar de poder-se julgar, nem ainda presumir, o Infante D. Luiz seu irmão haver sido casado com a mãi d'elle senhor D. Antonio, e com outros queixumes que os apaixonados custumam acumular ás suas petições pedia a Sua Santidade o favorecesse com justiça, ao menos em não cometter suas cousas a El-Rei, pois lhe era tão suspeito; mas pera que sua justiça fosse tratada com desengano, e examinada sem prejuizo dos pretensores, com igualdade de todos, que Sua Santidade avocasse a si os autos, e os julgasse como lhe parecesse justiça, por que, não a tendo, elle ficasse sem escandalo, pois sabia Sua Santidade haver de julgar o caso conforme a justiça e verdade, e tendo-a, ficasse sem suspeita de falsidade, como sentia El-Rei o presumia d'elle.

O Summo Pontifice inclinado a estes rogos, entendendo o breve do motu proprio concedido a El-Rei, haver sido mais largo do que sua tenção fôra conceder-lo, passou outro, em o qual mandava a El-Rei, como elle tinha entendido o breve que lhe fôra concedido pera entender na causa legitimidade do senhor D. Antonio Prior de Crato, fôra, por inadvertencia ou malicia dos notarios, com poderes mais largos de que elle concedêra; que pedia a sua alteza não usasse mais d'elle, que em preparar os autos e tirar testemunhas, e assim nesses termos lhos enviasse cerrados e sellados, pera que os julgasse, com final sentença no caso, e sendo dada, fosse nulla e de nenhum vigor, por quando elle a reservava a seu tribunal, visto que o negocio era importante a causa tão grave, entre pretensores tão poderosos.

El-Rei, como entendeu que todas as justificações do senhor D. Antonio tiravam a dilações e a não se tomar conclusão na sucessão, cada vez mais com zêlo de justiça se indignava contra elle, e julgava todos seus desenhos por prejudiciaes á republica e alheios de justiça, e quanto mais via estas negociações injustas e fraudulentas, tanto mais procurava atalha-las com justiça: quanto mais, que todos os homens prudentes e que queriam paz, estranhavam muito ao senhor D. Antonio taes intentos, pois sabidamente eram tudo invenções fundadas em cubiça de reinar, sem nenhuma apparencia de justiça, antes de escandalo. Além das razões que El-Rei D. Henrique apontou na sentença, onde o julgou por não legitimo, serem verdadeiras e claramente provadas, havia outras que o mais provam; porque sendo o senhor D. Antonio tido por não ligitimo, depois que naceo até o presente (sendo de idade de cincoenta annos) não tinha sua pretenção bom rosto de honestidade, em tal tempo, principalmente sendo elle em todo o tempo preferido do senhor D. Duarte, mais moço, e filho do Infante mais moço, consentindo elle, sem nunca alegar causa de legitimidade: além d'isso era notorio em todo o reino de Portugal como o Infante D. Luiz, seu pai, houve dispensação da Santa Sé apostolica pera elle poder ter beneficios ecclesiasticos, cujo impedimento era fundado sobre a falta de legitimidade do matrimonio, acrecentando a isto que o Infante seu pai não lhe deixou os bens que tinha da corôa, nem o condestabelado do reino, creando-o com muito amor, e como a quem desejava todo o bem; o qual, como era prudente e esclarecido em todas as virtudes christãs, com grande pureza de consciencia, não é de crer que quizesse prejudicar a seu filho, em o fazer de ligitimo bastardo, antes se elle não fôra tão temente a Deos

(de cuja santidade muitos religiosos tomavam exemplo) pudera ser que pelo amor que lhe tinha, o fizera pelo contrario: quanto mais, inda que agora sua legitimidade constára pelas mais calificadas testemunhas que houvera no reino, sempre a prova ficava suspeita e havida por machinada, e em todo o mundo se puderam alegar queixumes da parte dos pretendentes estrangeiros, como em Portugal se urdira uma falsidade, infame na honra, e injusta nas conciencias, pera lhes tirar seu direito, o que causára grande escandalo no mundo, e infamia no reino, com que os queixosos ficaram justificados diante de Deos e dos homens, e os portuguezes com pouco credito, dando isto grandes occasiões de dissensões de guerras, não sómente no reino, mas boliria toda a christandade, dando entrada a outros muitos males temporaes e espirituaes: as quais considerações fizeram tanta impressão no religioso peito d'El-Rei D. Henrique, que, rompendo o amor natural que tinha a seu sobrinho, que creou em sua casa, pondo os olhos na conciencia e no bem commum, procurou com zêlo de justiça atalhar todos os desenhos prejudiciaes ao serviço de Deos e proveito do povo.

CAPITULO CX

Como Diogo Botelho foi intimar o breve a El-Rei

Por que o senhor D. Antonio estava em Thomar, sem poder vir á côrte, por El-Rei lho defender, tinha nella a Diogo Botelho, o qual com muito calor e diligencia sollicitava seus negocios, requerendo-os com grande instancia. El-Rei sabendo quanta parte Diogo Botelho era em o senhor

D. Antonio prevalecer tanto em seus requerimentos e inculca-los por honestos ao Summo Pontifice, e fazer parecer ao povo que elle moslestava o senhor D. Antonio contra justiça, com que o povo começava a clamar e julga-lo por injusto nos aggravos que lhe fazia, e a accender-se mais no amor do senhor D. Antonio, e a inclinar-se á sua parte, soffrendo El-Rei isto com condição e virtude, repremindo a colera, pelo não castigar de poder absoluto, com que mais o povo se escandalisasse, buscava occasião como o pudesse fazer com auctoridade de justiça. Vindo pois o breve, que atraz fica dito, em que se annulava em parte o primeiro, e de todo se derogava a sentença que El-Rei tinha dado no caso da legitimidade, buscou Diogo Botelho maneira como com um notario o intimasse a El-Rei, com mais liberdade do que convinha diante de um Rei tão velho, e de tanta auctoridade e virtude. El-Rei escandalisado da substancia do negocio, e muito mais do modo que levou e das insolencias que faziam os parciais do senhor D. Antonio, mandou logo prender a Diogo Botelho na cova do Castello, aonde esteve tres dias.

Alguns fidalgos velhos amigos de Diogo Botelho, vendo como El-Rei estava aggravado d'elle pelo que fizera, e outras cousas que nesta materia tinha feito, o tiráram da colera com desculpas de elle fazer o que o senhor D. Antonio lhe mandava, pois era seu procurador, e sempre o servíra, alem da obrigação que tinha de amor e criação; por tanto pediam a sua alteza lhe mudasse a prizão em sua casa.

El-Rei, como era santo, e a quem não faltavam respeitos justos, e que quanto mais constante era em castigar culpas, tanto mais brando era com quasquer desculpas e rezões a se inclinar á clemencia, mandou soltar a Diogo Botelho do castello, e estivesse prezo

em sua casa: mas todavia, vendo El-Rei que não podia prevalecer contra os requerimentos do senhor D. Antonio, sollicitados por Diogo Botelho, o que tudo era a fim de dilatar a sentença da pretenção, pera perturbação da justiça dos pretensores e inquietação do reino, mandou a Diogo Botelho, que dentro em certos dias se sahisse da côrte e de seus reinos, sob pena de caso maior; o qual, não podendo al fazer, como era homem virtuoso e primoroso, posto que sobejamente sollicito em negocios, com muita cortesia, sem queixume nem palavra desconcertada, se foi logo pera Castella, onde na arraia d'ella esteve muitos dias em Valencia de Alcantara, pousado em o mosteiro de Mangaretes, de frades menores, até o senhor D. Antonio ser degradado fora do reino, e se ajuntou com elle, como logo diremos.

CAPITULO CXI

Como El Rei se foi pera Almeirim por caso da peste que então havia em Lisboa

PARECE que permittio Deos, pera mais merecimento do bemaventurado Rei D. Henrique, subir elle á dignidade real em idade e tempo quando lidando com seus cançados membros da velhice, já consumidos da enfermidade de tisicia, se lhe accrecentassem outros maiores desgostos que lhe agoniassem a alma; porque, não se sentindo nelle dia de saude, nem gosto, depois da nova do desbarate do exercito em Africa, e da morte d'El-Rei D. Sebastião, seu sobrinho, lhe recreceo outra magoa, de vêr que a ira do Senhor ainda não cessava com seu castigo,

renovando-o com cruel peste, que deu na cidade de Lisboa, e d'ahi se foi ateando em todo o reino, e via seus vassalos afligidos, sem lhes poder valer. Os medicos e alguns fidalgos que não punham o tento mais que na saude corporal, com arreceios do perigo persuadiam e pediam a El-Rei se sahisse da cidade, pois a peste ia lavrando com morte de muitos, lembrando-lhe além do perigo a que sua vida estava posta, então que ella era tão necessaria e desejada, que não convinha á pessoa real estar em cidade onde a peste andava já descoberta, salpicando em todos os bairros.

El-Rei antepondo o bem commum ao seu particular, não dava orelhas a estes clamores, posto que todos os dias pela manhã o guarda-mór da saude (que era o doutor Diogo Sallema, vereador de Lisboa) lhe ia dar conta de quantas pessoas haviam sido mortas o dia atraz; e crecendo cada dia o numero dos mortos, não se sahia nenhuma pessoa da cidade por verem que El-Rei não fazia abalo: todavia como os do conselho viram o incendio ir em muito crecimento, pediram a El-Rei se sahisse da cidade pera outras parte.

Affonso de Albuquerque, vereador que então era da cidade, sabendo o que os do conselho tinham assentado e El-Rei se ia inclinando a seu parecer, se foi ao paço, e disse a El-Rei diante dos fidalgos do conselho e outros muitos, quão mão acertado seria desemparar sua alteza a cidade em tal tempo, porque como a successão do reino estava em termos de cada um dos pretensores cuidar que tinha justiça, mui facil seria alevantar-se cada um com elle, se visse occasião disposta, e não via nelle outra mais liberal a quem se quizesse aproveitar d'ella, que sahir-se sua alteza de Lisboa, pois estava claro que como elle se fosse, no mesmo dia se havia de despejar de todos os homens nobres e poderosos, e geralmente de toda a

gente bonrada, e ella ficaria com as portas abertas a quem quizesse apoderar-se d'ella sem resistencia; e ainda se podia esperar entrar pela barra alguma frota de gente estrangeira ou cossairos, que a occupassem, e como em Lisboa era cabeça do reino e tinha em si muita riqueza, e todas as machinas de guerra, podia em tal tempo facilmente perder-se, e por ahi todo o reino; e quando isso não fosse, podia ser saqueada, com grande perda da publica temporal, e não menor do culto divino, e das religiões: que fazia lembrança a sua alteza como estas razões tinham muita força em tempo de tantos pretendentes, e eram avisos que se não deviam despresar, mas fazer muito caso d'elles; porque, como o apetite de reinar era cego pera não ver justos respeitos, e muito perspicaz em enxergar quaesquer occasiões pera sahir com seu intento, não havia que confiar em engenhos inquietos, nem que culpar juizos acautelados; quanto mais que este, de a cidade ficar despejada da côrte e dos moradores, estava incitando a quem a desejasse, ainda que estivesse mui descuidado.

El-Rei lançou tanto mão d'estes avisos que não quiz fazer abalo algum; com cuja presença a cidade estava emparada e conservada em união e paz; e tal foi o arreceio que geralmente todos os homens tinham do que acima fica dito, que, ainda estando El-Rei na cidade, não se davam por seguros, e provendo-se de armas e gente em suas casas, faziam repairos de portas fortes e dobradas com temor de haver algum alevantamanto e que a cidade fosse saqueada, e houvesse mais alguma gente desmandada que chegasse a fazer alguns aggravos nas pessoas.

Com estes temores andava a cidade cheia de confusão, pondo os homens em cobro suas fazendas, e mandando El-Rei tambem de noite pôr gente de

guarda na casa da India, nos almazens, alfandegas e outras casas publicas, o que acrecentava os receios em que a gente andava metida. Era vêr como a peste cada dia ia em maior crecimento, com muitas mortes, por mais diligencias que se faziam em levarem os enfermos de toda a sorte á casa da saude, pera preservar a cidade, a qual estava ordenada fora, e lhe fechavam as portas por não haver communicação e evitar a contagião: todavia quando El Rei vio que era já temeridade esperar mais rebates, com geral consentimento de todos se foi aposentar em S. Bento de Enxobregas, por ainda d'ahi dar alento á gente não desemparasse a cidade.

Andando El-Rei com esta carga de entretimentos aos hombros, acrecentando-se-lhe tambem cada vez mais sua enfermidade (o qual sómente em leite de mulheres se conservava, obedeceu ao chamado da morte, que o tinha apressado em Almeirim; o qual dizia, como lá se visse se havia de achar bem; e quasi esquecido dos inconvenientes que se seguiram de sua ida, instava com muito desejo o levassem a Almeirim. Os do conselho vendo o estado em que El-Rei estava, e a efficacia de sua ida, não pudera mal fazer, e logo se partiram pera Villa Franca, e d'ahi a Salvaterra, onde El-Rei esteve alguns dias, e d'ahi foi a Almeirim: mas como os governadores estavam nomeados, pera, como El-Rei morresse, succederem no governo e continuarem com elle, se foram todos a Almeirim com El-Rei, e juntamente com elles os embaixadores dos pretensores, e o duque de Bragança, que então foi chamado.

CAPITULO CXII

Como El-Rei mandou pelo meirinho mór prender o senhor D. Antonio

Com a ida d'El-Rei D. Henrique a Almeirim se mudou o senhor D. Antonio pera Coimbra, e se aposentou no convento de Santa Cruz, da ordem dos conegos regrantes; mas como o senhor D. Antonio era mui amado do povo, e principalmente dos estudantes d'esta universidade, por elle tambem ahi estudar e se crear, sendo moço, começou logo a haver alvoroço em todos, por uns, que tinham cheiro de letras, quererem-lhe com ellas provar o direito da sucessão, outros, que as aborreciam, ameaçar com armas a quem lho quizesse impedir: de maneira que ainda que o senhor D. Antonio não tivesse intento de fazer novidades, os estudantes como homens mancebos, em quem o fervor da colera tinha mais vigor que a madureza do juizo, começaram a bravosear com palavras mais usadas em exercitos, que aprendidas em escolas.

El-Rei D. Henrique que lhe diziam estas cousas e outras mais já sabidas dos sobornos que o senhor D. Antonio sollicitava, e outras acrecentadas dos imigos, enfadado por estas informações e outras que cada dia lhe diziam, juntas com os desgostos já atraz travados, principalmente da intimação do breve que lhe Diogo Botelho havia feito, determinou mandar prender ao senhor D. Antonio, assim por castigo das inquietações que tinha começado como por atalhar as que se esperavam; pera o qual, dando recado a D. Duarte Castel-Branco meirinho mór do reino, mandou fosse prender ao senhor D. Antonio onde quer que o achasse.

Partido o meirinho mór com alguns criados seus, e com Francisco Nunes de Paiva, escrivão da camara d'El-Rei, se soube o caminho do meirinho mór, com que o senhor D. Antonio foi avisado; o qual sahindo-se de Coimbra pera Entre Douro e Minho, não achando o meirinho mór recado d'elle em Coimbra, se tornou á côrte. El-Rei, insistindo no seu proposito, tornou a mandar o meirinho mór o buscasse onde estivesse; e o senhor D. Antonio, sabendo isto, andava-se desviando secretamente d'onde o meirinho mór o pudesse encontrar. O meirinho mór, ainda que era muito amigo do senhor D. Antonio, fez todas as diligencias possiveis, conforme ao que El-Rei lhe mandava, por se mostrar em tudo obediente e comprir com a obrigação de seu cargo. D'esta maneira discorrendo muitos dias e muitas jornadas, entre Douro e Minho, se tornou á côrte sem effecto algum: mas porque El-Rei temia que os estudantes da universidade de Coimbra fizessem algumas alterações que se podiam esperar de gente solta e mancebos, que poucas vezes enfream suas paixões com maduro juizo, nem medem os respeitos pela rezão, quando os apetites os impellem a distrahimento, mandou a Martins Correia da Silva a Coimbra, pera com a presença de sua pessoa temperar quasquer alterações que se movessem, com poderes de poder cartigar quasquer cousas dignas de pena, e assim aquietar o povo; ao qual se teve tanto respeito, e elle mostrou tal comedimento em seus concelhos, que tudo se aplacou, sem haver pessoa que fallasse palavra, nem fizesse mais desenho que de rezão e justiça.

O senhor D. Antonio, como sentio que El-Rei o mandava buscar segunda vez pera o prender, se veio metter secretamente em Lisboa, deixando sua casa em o logar de Escarrego, fingindo andar caçan-

do em outros lugares circumvisinhos, até saber como o meirinho mór segundariamente era tornado á côrte: então não se dando por achado de o meirinho mór o ter buscado, se tornou a Coimbra, e aposentou em Santa Cruz, onde estava.

CAPITULO CXIII

Como El-Rei mandou citar por carta de Editos ao senhor D. Antonio, e da falla que D. Francisco Pereira lhe fez

QUANDO El-Rei D. Henrique vio que a ida do meirinho mór não tivera effecto e o senhor D. Antonio não fazia caso de seus mandados, mas cada vez mais sollicitava os povos a seguirem sua voz, com manifesto aggravo da justiça dos pretensores, e grande semente de discordias e guerras, determinou usar de todo o poder real em atalhar-lhe os intentos, e pôr a republica em paz e quietação; pera o qual querendo proceder com todo o rigor de justiça, sem mostrar zêlo de vingança, quiz que o negocio fosse ordenado por termos e actos judiciaes, até ser concluido com toda a severidade das leis, sem nenhuma temperança de clemencia, e estando em Almeirim, mandou fixar em as portas do paço uma carta de editos, pela qual citava e chamava a juizo o senhor D. Antonio em termo de tres dias, pera responder ás culpas fulminadas, contra as quais queria proceder.

O senhor D. Antonio que não andava em publico, posto que logo teve aviso de seus amigos e criados que trazia na côrte, da carta fixada, e do theor d'ella, nunca quiz deferir á citação, nem acodir ao chamado

d'El-Rei, com temor de o mandar prender, e mais sabendo como nenhuma desculpa o havia de tirar do zêlo de o sentencear. D. Francisco Pereira, fidalgo velho e prudente, pelo amor que tinha ao senhor D. Antonio, e haver servido ao Infante D. Luiz seu pai, pesando-lhe d'elle em todo o discurso atraz haver seguido errados conselhos, e de vêr El-Rei tão indignado contra elle, quiz pôr-se no meio e fazer alguma reconciliação que temperasse a colera d'El-Rei; e indo a El-Rei lhe disse como elle não ia a desculpar as cousas do senhor D. Antonio deante sua alteza, pois elle as tinha por mal feitas e dignas de castigo, e se o senhor D. Antonio lhe tivera obediencia como elle lhe tinha amor, elle o pudéra ter bem aconselhado como amigo e reprehendido como velho, o que cabia muito bem nelle pelas suas muitas cãs, e o haver ajudado a criar menino; mas deixados seus erros, como de homem mal aconselhado, e mofino em não saber conhecer os amigos verdadeitos, lembrrva a sua alteza que era filho do Infante D. Luiz seu irmão, cuja irmandade toda a vida fôra unida em particulares affeições, aventejadas dos outros irmãos; e inda que não houvera este tão chegado parentesco e amor entre ambos, as virtudes tão esclarecidas do Infante D. Luiz eram merecedoras de por sua lembrança se perdoarem muitos erros a seu filho mal aconselhado; quanto mais que sua alteza tinha esta obrigação por si mesmo, pois de moço sempre o criou em sua casa com sua doctrina, com zêlo de lhe fazer todos os bens que podesse, e agora, que podia muito, não estava bem a sua real pessoa querer converter em mal todo o zêlo que havia tido de lhe fazer todo o bem; que pedia a sua alteza, deixado todo o rigor da justiça com que queria castigar suas culpas, como Rei o convertesse em cle-

mencia, em emendar seus erros como tio, que sempre o teve por filho, pois com brandúras o podia adquirir a si pera sua emenda, e com rigores o exasperava em o chegar ao estado presente, absente da côrte, em certa maneira homisiado, desfavorecido, e sobretudo perseguido, em tempo de tantos açoutes que Portugal tinha recebido, sendo o maior d'elles estar orphão de Principes, cousa que mais o lastimava; nem quizesse magoar novamente o povo portuguez, em tão mal tratar uma só faisca da casa real, com cujo escandalo se lhe renovavam as dôres, assim com a lembrança da morte de tantos Principes, como pelo amor que tinha ao senhor D. Antonio.

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME